

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM SOCIOLOGIA**

**TORCIDAS ORGANIZADAS E SOCIABILIDADE JUVENIL NO NORDESTE**

Amanda Farias dos Santos

MACEIÓ-AL

2009

**AMANDA FARIAS DOS SANTOS**

**TORCIDAS ORGANIZADAS E SOCIABILIDADE JUVENIL NO NORDESTE**

Dissertação apresentada para  
obtenção do Título de Mestre do  
Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia, do Instituto de Ciências  
Sociais, da Universidade Federal de  
Alagoas.

Orientadora: Profa. Dra. Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira.

MACEIÓ-AL  
2009

**Catálogo na fonte  
Universidade Federal de Alagoas  
Biblioteca Central  
Divisão de Tratamento Técnico**

**Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale**

S237t Santos, Amanda Farias dos.  
Torcidas organizadas e sociabilidade juvenil no nordeste / Amanda Farias dos Santos, 2009.  
231 f. : il.

Orientadora: Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira.  
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2009.

Bibliografia: f. 159-162.  
Anexos: f. 163-231.

1. Futebol – Brasil – Aspectos sociais. 2. Futebol – Nordeste, Brasil. 3. Violência nos esportes. 4. Torcidas organizadas. 5. Sociabilidade. I. Título.

CDU: 364.4:796.332



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS

Membros da comissão julgadora da defesa de Dissertação da mestranda AMANDA FARIAS DOS SANTOS, intitulada "TORCIDAS ORGANIZADAS E A SOCIABILIDADE JUVENIL NO NORDESTE", apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, em 17 de agosto de 2008, às 09:00hs no mini-auditório do Instituto de Ciências Sociais.



---

Profa. Dra. Ruth Vasconcelos Ferreira  
ORIENTADORA - PPGS/UFAL

---

Prof. Dr. Paulo Décio de Arruda Mello  
PPGS/UFAL

---

Prof. Dr. José Luiz Ratton  
PPGS/UFPE

## **DEDICATÓRIAS**

Dedico este trabalho à minha tão querida família, pelo incansável empenho e abnegação em cada passo de minha formação como pessoa e como profissional. À minha mãe, Arlete, minha sustentação, sempre presente e acreditando em meu potencial e meu sucesso. A meu pai Eronides, meus irmãos Fabrício e Nido, e minha avó, Audália, que complementam a base de uma vida calcada na generosidade, integridade e nos valores e respeito ao ser humano. E, por fim, ao futebol brasileiro que, por sua singular trajetória, inspirou-me a desenvolver um tema tão polêmico quanto o presente.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha querida orientadora Professora Dra. Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira, por sua paciência, disponibilidade, dedicação e qualidade profissional, que tornaram possível a realização desta pesquisa.

Ao Programa de Mestrado em Sociologia – PPGS-UFAL – por proporcionar-me a oportunidade de adquirir valiosos conhecimentos e uma formação humanística.

Ao Professor Dr. Paulo Décio de Arruda, pelo incentivo intelectual e generosidade profissional ao mostrar-me os caminhos de um trabalho árduo, porém, tão gratificante.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – Fapeal –, pelo apoio financeiro que concretizou o desenvolvimento deste estudo.

Ao meu companheiro Williams e ao meu filho David, pela força e o estímulo de seguir sempre.

A Deus, por conceder-me a graça de vivenciar momento tão sublime.

*“Algo que é tanto mais surpreendente quanto sempre ouvimos dizer que somos um povo sem espírito público e sem o devido cuidado com as coisas nacionais. Nada mais falso. Transformem a política num jogo de bola, dotem-na de regras claras, façam do presidente um condutor de vitórias e verão que o povo todo vai participar com gosto”.*

Roberto DaMatta

*“O nosso futebol mulato é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa ou a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal”*

Gilberto Freyre

## **RESUMO**

Investigamos, no presente trabalho, a sociabilidade vivenciada a partir dos grupos de Torcidas Organizadas de Futebol – TOFs – tendo como objeto de Estudo o Grêmio Recreativo Social e Cultural de Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, do Clube de Regatas Brasil (CRB), radicado na cidade de Maceió. Buscamos apreender, através de uma abordagem baseada nos princípios etnometodológicos, o real significado do que é ser torcedor hoje, utilizando como vieses básicos para a pesquisa as categorias de Sociabilidade, Masculinidade, Juventude, Identidade e Violência. Esta última com especial atenção devido às constantes polêmicas que envolvem as TOFs e os conflitos noticiados pelas diversas mídias. Aferimos que o fenômeno esportivo, ao tempo em que produz espaços de sociabilidade e troca, também oferece um campo de disputas que podem desembocar na prática da violência. Porém, constatamos que a realização dessa violência pode estar sujeita, muitas vezes, às singularidades e particularidades do comportamento grupal e na maneira com que este se identifica e internaliza seus valores e referenciais. Esse aspecto, verificado através da pesquisa de campo, não nos possibilitou associar as TOFs à violência de forma direta. Os processos de sociação, observados por meio de entrevistas semi-estruturadas com os diversos atores e da observação participante desenvolvida em diferentes momentos, permitiram-nos visualizar uma gama de fatores capazes de constituir um grupo social como os de Torcidas Organizadas, que produzem práticas específicas de uma coletividade, propiciando, com isso, uma série de possibilidades que interferem em seu atuar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol – Brasil – Aspectos sociais; Futebol – Nordeste, Brasil; Violência nos esportes; Torcidas organizadas; Sociabilidade

## **ABSTRACT**

We studied in this work the sociability of the organized groups of football fans. Our object of study was the Grêmio Recreativo Social e Cultural de Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, of the Clube de Regatas Brasil (CRB), rooted in Maceió. We understood, through an approach ethnomethodology, the real meaning of what is to be fan today, using the categories of Sociability, Masculinity, Youth, Identity and Violence. The latter with special attention because the constant controversies involving the fans and conflicts reported by various media. We believe that the sports phenomenon, in the time it takes spaces of sociability and exchange, also offers a field of conflicts that may result in the practice of violence. However, we found that carrying out such violence may be subject, often, to the particularities and uniqueness of group behavior and the way that it identifies and internalises its values and references. This aspect, verified by field research, don't permitted us to link directly the violence to the football fans.

The processes of *Sociação*, observed by means of semi-structured interviews with various actors and the participant observation carried out at different times, allowed us to view a range of factors capable of constituting a social group such as organized fans, producing specific practices of a community, providing a number of possibilities to interfere in his work.

**KEYWORDS:** Football – Brazil – Social aspects – Football – Northeast – Brazil – Violence in sports – Football fans - Sociability

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12

### CAPÍTULO I

1	Torcidas Organizadas como objeto sociológico.....	35
1.1	A origem de uma sociabilidade complexa das TOFs.....	35
1.2	O contexto de formação das TOFs.....	40
1.3	O desenvolvimento do esporte como pano de fundo.....	45
1.4	A lógica de mercado e as TOFs no Brasil .....	49
1.5	Violência urbana, conflitos e crise da modernidade.....	50
1.6	Atualidade das TOFs: novo cenário.....	54
1.7	Perfil e realidade das TOFs brasileiras.....	57

### CAPÍTULO II

2	As Torcidas Organizadas como um grupo social.....	63
2.1	Clube de Regatas Brasil.....	65
2.2	Comando Alvi Rubro.....	69
2.3	Operacionalização da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro.....	71
2.4	Relações e alianças entre as TOFs.....	73
2.5	O predomínio juvenil nas TOFs.....	74

### CAPÍTULO III

3	Juventude e os processos de identificação na contemporaneidade.....	76
3.1	Identidade social e atualidade juvenil.....	76
3.2	Perspectivas juvenis e conjuntura social.....	84
3.3	A construção social da masculinidade .....	88
3.4	Dúvidas e incertezas juvenis – um panorama .....	93
3.5	Pertenças e conflitos grupais .....	99
3.6	TOFs e conflitos .....	104

## **CAPÍTULO IV**

4	Violência, conflitos e comportamento nas TOFs.....	107
4.1	Um fato histórico: TOCV e violência.....	111
4.2	Relações inter-grupos e imprensa.....	114
4.3	A lógica dos grupos.....	118
4.4	Sociabilidade no grupo.....	123
4.5	Indivíduo x grupo.....	124
4.6	Heterogeneidade e coesão.....	130

## **CAPÍTULO V**

5	Efeitos de sentido.....	133
5.1	Comando Vermelho: uma simbologia criminosa?.....	142
5.2	O discurso, os sentidos e a ideologia .....	144

<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>150</b>
-----------------------	------------

<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>159</b>
--------------------------	------------

<b>ANEXOS.....</b>	<b>164</b>
--------------------	------------

## INTRODUÇÃO

Nosso tema de estudo trata das identidades coletivas a partir de um fenômeno de massa no Brasil, que são as Torcidas Organizadas de Futebol (TOFs). Para falar de torcidas organizadas, no entanto, sugerimos refletir primeiramente sobre o lugar que o futebol vem ocupando na sociedade. O esporte sempre esteve presente nos processos de socialização na história da humanidade, no entanto, a partir do século XX, transformou-se num dos fenômenos mais significativos, destacando-se como um meio de socialização que, além de proporcionar prazer aos participantes, favorece a atividade coletiva, o desenvolvimento da consciência comunitária, e, principalmente, constitui-se num importante veículo de construção de processos de identificação social (Tubino, 2001, p.16).

Constatamos, no entanto, que o fenômeno esportivo ao tempo em que produz espaços de sociabilidade e troca, também se constitui num espaço de disputas e rivalidades que, muitas vezes, resultam em atos de violência, seja entre as torcidas, seja entre os participantes dos jogos, nas mais variadas modalidades. Tanto é assim que a violência nos espetáculos esportivos foi pauta de discussão no ano de 1985, em reunião do Conselho da Europa, realizada em Estrasburgo, onde foi editado o Tratado de nº 20 (ver Tubino), que estabelece medidas para combater a violência no esporte, mas dedicando especial atenção ao futebol. Um dos resultados mais significativos deste encontro foi a discussão que produziu o entendimento de que o esporte deveria ser visto como um microcosmo da sociedade que o compreende, ou seja, uma reprodução da sociedade e dos padrões sociais que o envolve. Tubino (2001) diz que o conhecimento em profundidade dos jogos esportivos proporciona valiosas informações sobre a sociedade que o adotou.

*“Assim, no jogo esportivo, internalizado numa modalidade de esporte, estará representada uma sociedade em miniatura, contendo um intenso laboratório de condutas e comunicações*

*humanas, onde se conjugam problemas sociais relacionados às percepções e decisões, dinâmicas de grupos, estratégias e até ritualismos, tudo isto situado nas interações do plano do poder das iniciativas individuais com os sistemas de obrigações coletivas” (Tubino apud Parlebas, 2001, p. 31-32).*

Esse entendimento é muito pertinente para refletirmos sobre o futebol no Brasil, permitindo-nos reconhecer a importância que este esporte tem para a cultura nacional. A relevância que o futebol adquiriu ao longo do século XX na sociedade brasileira proporcionou mudanças na concepção e formulação da identidade nacional, como poucos povos tiveram a oportunidade de experimentar. A identificação do brasileiro com o futebol é tamanha que não podemos sequer falar dos elementos que o constituem sem fazer referência a tal esporte, trazido pelos ingleses, porém radicado aqui com uma moldura própria.

O futebol fez *habitat* na cultura nacional, e a partir dele podemos apreender muito do que forma e representa a dinâmica cultural do Brasil. O brasileiro levou o futebol para seu dia-a-dia e este passou a ser uma referência nacional. Apesar de todas as resistências e discriminações, por parte da elite brasileira, nas três primeiras décadas da chegada dessa nova prática esportiva, principalmente entre negros e pobres, o futebol conseguiu resistir a essa separação elitista e, por incrível que pareça, foram esses mesmos (negros e pobres) os que mais tarde acabaram se beneficiando com a novidade.

O caráter segregador impresso no novo esporte promoveu uma separação entre o povo brasileiro. As críticas eram muitas em torno de sua prática elitista, deixando grande marca entre os negros e mulatos que, aos poucos, foram se dissipando. Em 1923, o Vasco, que empregava jogadores do clube em seus armazéns, lojas e fábricas, venceria o campeonato carioca com um time pela primeira vez formado por brancos, negros e mulatos. “Pode-se dizer, assim, que os portugueses endinheirados do Rio de Janeiro iniciaram a “recolonização” do futebol brasileiro à sua maneira, sob o timbre da

mestiçagem, dando condições econômicas para arrancá-lo do modelo anglófilo” (Wisnik, 2008, p. 205).

O interesse pelo futebol de elite continuava crescendo no Brasil, impossibilitando que se mantivesse naquele isolamento classista. Os moleques e trabalhadores se contagiavam com o que viam nos campos ricos e que se expandiam pelas várzeas e clubes populares. Cresciam os times de fábricas como o Bangu, que já assimilava trabalhadores, inclusive negros, mas também os times de ferrovias inglesas, próximos às várzeas, onde já havia a mistura entre funcionários ingleses e operários brasileiros, como o Corinthians, que acabou se tornando o nome mais popular do futebol brasileiro, juntamente com o Flamengo. “Pode-se dizer, assim, que os dois times mais populares do Brasil surgiram de uma fissão originária em que o futebol elitista e branco partiu-se no futebol popular miscigenado” (Wisnik, 2008, p. 206-207).

O processo de popularização do futebol foi lento e árduo. A introdução dos negros e pobres no futebol foi problemática. A discriminação era tão grande que, ainda nos idos de 1970, muito tempo depois da profissionalização do futebol, deparamo-nos com o fato de que muitos jogadores, negros e pobres, eram impedidos de entrar pela porta da frente dos clubes, como é o caso do Fluminense<sup>1</sup>.

Ainda assim o futebol se inscreveu de maneira sólida na realidade brasileira, oferecendo ao seu povo uma forma promissora de mostrar suas habilidades físicas e esportivas, mas principalmente, a oportunidade de ascender socialmente por meio do trabalho e de suas potencialidades. Não é difícil imaginarmos o que os meninos pobres das favelas e periferias brasileiras escolheriam ao tornarem-se adultos; a resposta é quase unânime: “jogador de Futebol”. A idéia de que o futebol é o caminho mais “fácil”

---

<sup>1</sup> Em 13 de maio de 1914, num jogo com o Fluminense, que terminou empatado em 1x1, jogou pelo Tricolor, Carlos Alberto Fonseca, um dos dissidentes da crise Americana de 1913. Esse jogador, que por ser mulato, costumava empoar-se para se disfarçar, foi recebido pela torcida do América ao gritos de "pó-de-arroz". Resultado; originado na torcida do América, o apelido generalizou-se, e até hoje é dado, amistosamente, a todos que torcem pelo Fluminense. Disponível em ([www.caiazzo.com.br/Fluminense.html](http://www.caiazzo.com.br/Fluminense.html)) acesso em 23 mar. 2009.

para se conseguir “vencer na vida”, construir um futuro, ser respeitado perante as pessoas da comunidade, do lugar onde vive, do país a qual pertence, através do jogo de bola, é quase que uma representação coletiva nacional<sup>2</sup>.

O povo brasileiro sonha vencer uma Copa do Mundo como se esse feito fosse tornar o país mais próspero. Vencer o mundial, conquistar a vitória nas quatro linhas<sup>3</sup>, acaba sendo uma demonstração de força. O brasileiro tem no futebol a esperança, ainda que momentânea, de se sentir importante, potente, representativo e “igual” aos “outros”, ainda que seja nesse aspecto futebolístico. Esta percepção fica explícita na reflexão de DaMatta (1986), quando faz a seguinte assertiva: *“aqui, se podemos falar do futebol como ópio, temos que dele falar como um instrumento de resgate da cidadania e de uma confiança em nós mesmos que nenhuma outra instituição chegou a dar ao Brasil na mesma proporção”* (1986, p.91).

Com o pensamento de DaMatta (1986) podemos compreender também que o futebol é uma das poucas “instituições” com credibilidade nesse país. Credibilidade no sentido em que fortalece a auto-estima, faz-nos sentir importantes, referencia-nos perante os outros e dá-nos o direito de sonhar com um futuro melhor.

*“O segundo milagre do futebol é precisamente esse resgate da nossa própria alma por meio de uma atividade que nos traz confiança e nos permite penetrar no universo saboroso e nobre da vitória. E isso é mais do que crítico para as massas brasileiras que ano após ano somente têm experimentado sofrimento e desesperança”* (DaMatta, 1986, p. 91).

Por isso, estudar o futebol é adentrar no seio da cultura brasileira. É entender um povo, seus costumes, a imagem que faz de si e, muitas vezes, o sentido que esse povo dá à sua própria história. “Ora, num país onde a massa popular jamais tem vez e quando fala é através de seus líderes, dentro da hierarquização do poder, a experiência

---

<sup>2</sup> Não estamos discutindo o sentido ideológico desta representação, pois bem sabemos que a sociedade está fortemente dividida entre ricos e pobres, e que o desejo de ascensão social pelo esporte passa por questões de classe, e que a desigualdade social não fica nem um pouco alterada com a ascensão de uma centena de jogadores ao rol dos milionários.

<sup>3</sup> Expressão que denota o espaço referente ao campo de futebol, onde ocorrem as partidas.

futebolística parece permitir uma real vivência da horizontalização do poder ‘por meio da reificação esportiva’ (DaMatta, 1986, p. 113). Neste sentido, e concordando com o autor, entendemos que através do futebol podemos compreender um pouco da sociedade brasileira, pois compreendendo o lugar que este esporte ocupa na vida do povo brasileiro, talvez possamos até dizer que o povo brasileiro fala e se expressa através do futebol.

O interesse por essa prática esportiva no Brasil está sempre em ascensão, pois ela está cada vez mais presente no cotidiano do brasileiro. O pensamento de DaMatta, importante estudioso da cultura nacional, torna-se essencial para reforçar tal idéia e a relevância dos estudos sobre esse esporte. É também com essa noção de inexorabilidade entre o povo brasileiro e o esporte bretão que levantamos o tema de nosso trabalho: as Torcidas Organizadas de Futebol (doravante TOFs), que repercute hoje com mais ênfase no nosso cotidiano, e que sem elas, os espetáculos futebolísticos, no modo que o encontramos, não existiriam. As TOFs compõem o cenário dos campos produzindo momentos que enriquecem os já reconhecidos espetáculos futebolísticos.

As TOFs começaram a ganhar o formato que têm hoje a partir da década de 70. Nos anos 40, as torcidas tinham um caráter familiar, com forte presença de mulheres, crianças, idosos, pais e filhos que lotavam os estádios de futebol. As transformações vivenciadas no Brasil, com a industrialização e urbanização, modificaram este caráter familiar das torcidas, mudando não só o seu perfil, mas principalmente seu comportamento. As torcidas ganham o *status* de fenômeno de massa, passando a ser constituída hegemonicamente por jovens e grupos com características particulares, tema que discutiremos no capítulo três deste trabalho.

Segundo Pimenta (2000), as TOFs ganharam o caráter organizativo que conhecemos hoje a partir da forte influência do período de ditadura militar. Para este especialista, “as

*primeiras 'torcidas organizadas' [aqui se entende como "organizada", segundo ele, os grupos de jovens associados ao movimento de torcedores burocrático-militar] datam do fim da década de 60 e o começo da década de 70" (Pimenta, 2000, p. 41). Pimenta afirma ainda que "esta modificação se deu, segundo alguns pesquisadores, pelo surgimento de configurações organizativas com característica burocrático/militar, fenômeno esse essencialmente urbano que criou uma nova categoria de torcedor, ou seja, o chamado 'Torcedor Organizado'"(Pimenta, 2000, p. 41). Essas organizações foram se adaptando de forma progressiva aos espetáculos futebolísticos e ganharam ainda mais notoriedade a partir dos atos de vandalismo em que, por muitas vezes, acabaram envolvendo-se. Seguindo o movimento mundial das conhecidas lutas travadas pelos *hooligans* na Europa, podemos observar como marcaram de forma substancial o fenômeno da violência entre torcidas organizadas.*

A intenção em dissertar sobre o tema proposto surgiu em setembro do ano de 2005, quando o fenômeno da violência entre torcidas organizadas ganhou notoriedade no Estado de Alagoas, após partida entre CSA x CRB Master, evento onde mais de cem pessoas foram detidas, acusadas de agressões mútuas. Após este acontecimento, o tema da violência produzida pelas TOFs passou a ser alvo de interesse e discussão não só da imprensa local, mas também do Ministério Público, Polícias e sociedade como um todo (discorreremos sobre esta questão em tópico específico no capítulo 4). Esse fenômeno já existia também em Maceió, mas quando o fato passou a ganhar maior visibilidade por parte da imprensa, a sociedade e entidades governamentais começam a tomar posições mais claras a partir da própria pauta estabelecida pelos meios de comunicação de massa.

Com esse episódio, o Ministério Público Estadual iniciou seu trabalho tomando os depoimentos dos dirigentes das duas Torcidas Organizadas envolvidas que, vale ressaltar, são as maiores do Estado: Comando Alvi Rubro, do Clube de Regatas Brasil –

CRB – na época ainda Comando Vermelho, e Mancha Azul – do Centro Sportivo Alagoano – CSA. Após essas ações as duas torcidas foram impedidas de entrar nos estádios de futebol de Alagoas com camisas, bonés e adereços que representassem os grupos, sendo extintas oficialmente, por ordem judicial. Esta decisão revela a magnitude das TOFs bem como o quanto as mesmas interferem na dinâmica esportiva da realidade alagoana.

Apesar de nosso interesse em estudar as TOFs ter sido despertado pelas ações de violência perpetrada pelas TOFs alagoanas, não trabalhamos com a perspectiva de que existe uma vinculação essencialista e necessária entre a violência e as TOFs. Ou seja, a constatação de atos de violência como prática das TOFs foi importante para despertar nossa atenção pelo estudo das TOFs, porém, pretendemos investigar não somente a violência vinculada aos torcedores, mas principalmente focalizar o processo de constituição desses grupos, a forma de participação dos torcedores e o processo de sociabilidade e identificação vivenciado pelos mesmos. Para atingirmos esse objetivo escolhemos a Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, antiga Comando Vermelho, radicada na capital alagoana desde o ano de 1993.

Inicialmente a proposta da pesquisa estava centrada nas duas principais torcidas do Estado, a Comando Alvi Rubro, do Clube de Regatas Brasil, e a Mancha Azul, do Centro Sportivo Alagoano; porém, com o andamento dos trabalhos decidimos focalizar nossa análise apenas num grupo, a Comando Alvi Rubro. Esta opção deve-se ao fato de termos constatado, ao iniciarmos nossa pesquisa, que os torcedores tomados como fonte demonstravam certa “desconfiança” por imaginar que iríamos repassar as informações oferecidas ao grupo rival. Além do desconforto que passamos a sentir no processo de investigação, ficamos convencidas de que poderíamos problematizar as questões propostas em nossa dissertação tomando apenas um grupo como referência.

Optamos pela Comando Alvi Rubro por dois motivos: no início da pesquisa, Julho de 2007, o CRB, estava atuando pela série B do Campeonato Brasileiro e entendemos que, com isso, teríamos mais subsídios para realização da pesquisa de campo e a observação participante naquele dado momento, uma vez que o CSA não participava de nenhuma competição oficial no momento. Um outro fator que favoreceu a escolha foi o item acessibilidade; residimos em localidade próxima à sede da Torcida Alvi Rubra e ao Campo Severiano Gomes Filho, do CRB. Desta forma, o contato tanto com jogadores quando com torcedores seria melhor viabilizado, já que uma grande parte da torcida regatiana ou habita neste local ou transita quase que diariamente por ele.

Recortado o objeto de estudo e expostos os motivos práticos, passemos à delimitação dos objetivos do trabalho. Nosso intento foi investigar como os torcedores alvirrubros constroem significados acerca de si mesmos; entender os motivos que os levam a integrar tal grupo e o tipo de identificação que eles têm com os demais componentes e com a massa em geral. Visamos compreender o lugar da violência em suas ações, considerando que ela está sempre presente nos discursos e práticas cotidianas dos torcedores. Foi isto que definiu com que o tema da violência transversalizasse todo o texto. O foco de nossa análise, no entanto, é o processo de sociabilidade que os envolve. Assim, caracterizamos a TOF Comando Alvi Rubro em suas particularidades regionais e sociológicas e, ao mesmo tempo, discutimos o lugar da violência nesse tipo de agremiação. Nesse contexto, buscamos identificar o papel da mídia na divulgação de atos praticados pelas TOFs, revelando como os meios de comunicação local abordam a temática junto à população alagoana.

Sabemos não ser unanimidade, porém, relacionamos alguns profissionais da imprensa que fazem, muitas vezes, uma associação direta entre TOF e violência, sendo este também um discurso predominante no senso comum. Percebemos que este discurso

mediático produz representações e reforça certas estigmatizações em relação às TOFS. Essa realidade deixou-nos curiosos e influenciou em nosso mergulho no mundo dessa formação para estudarmos seus costumes e conhecermos sua rotina. A intenção era a de entender a realidade, ainda que provisória, dessa massa.

A torcida denominada Comando Alvi Rubro é um grupo majoritariamente composto por jovens, entre 15 e 25 anos, que buscam reforçar seus laços identitários, constituir-se como indivíduos ativos, que procuram no seio da massa de torcedores um lugar onde possam explicitar suas personalidades, exercitar-se como sujeitos de ação e, ao mesmo tempo, relacionar-se com os demais moldando suas redes de interações e significações. Para compreendermos o processo de constituição das torcidas, de associação dos integrantes, da sua permanência e relações inter e intra-grupais foi necessário explorarmos os temas relativos à Juventude. Assim como as categorias de Identidade, Masculinidade e também de Violência. Os estudos sobre o comportamento da massa, das multidões, também foram fundamentais na produção do presente trabalho.

Como já explicitava Fiengo (2003), os sociólogos e estudiosos do esporte têm direcionado atenção especial ao papel do esporte nos processos de interação social e produção da sociabilidade, operando tanto para a geração de capital social como também para o estabelecimento de vínculos comunicativos carregados de intensidade afetiva. Porém, como reforça, o esporte estaria deixando de ser uma prática desinteressada e lúdica para assumir o caráter de um grande ramo da indústria do entretenimento, sobretudo mediático. Coube-nos também mostrar essas transformações ocorridas no mundo do desporto que vão desembocar, inevitavelmente, na maneira como os torcedores organizados se comportam perante os seus, os grupos rivais e a sociedade. Não seria precipitado assumirmos que essa mudança no aspecto prático do

futebol, no processo de comercialização e hipermediatização, tem contribuído bastante para a caracterização do que é “ser torcedor organizado” hoje.

De acordo com Tubino (2001), os valores esportivos, desenvolvidos desde a antiguidade e consolidados no associacionismo e no “*fair play*”, vão sendo destruídos pelos aspectos pragmáticos do lucro. “*Deve-se também dizer que esta lógica do mercantilismo introduzida efetivamente no esporte, principalmente pelo maior chamamento do espetáculo esportivo, é também uma manifestação do mundo atual de sociedade de massa*” (Tubino, 2001, p.56).

O interesse dos pesquisadores pelos estudos culturais, principalmente a partir da década de 90, decorre do processo de formação de identidades socioculturais no marco dos espetáculos futebolísticos, no qual embasaremos esse trabalho. Nessa mesma direção, e vendo no mundo futebolístico um campo de disputa simbólica, que busca definir os sentidos identitários, podemos considerá-lo, na mesma medida, como um cenário de conflitos, entre os grupos sociais que buscam impor sentidos aos outros e, portanto, um lugar onde se disputa a hegemonia (Fiengo, 2003). Essa mesma percepção pode ser aplicada às torcidas, uma vez que o fortalecimento de seus grupos é trabalhado na busca da imposição e da força dos seus valores em detrimento dos rivais, da disputa pela citada hegemonia.

Reforçamos que os torcedores das organizadas buscam sua afirmação, seu sentido de pertencimento mediante a construção de uma auto-imagem que seja reconhecida pelos outros grupos como legítima. Ao mesmo tempo, entendemos que os torcedores trabalham para que essa imagem seja sempre respeitada e vista como um lugar sólido, respeitoso e, principalmente, temido. Nesses grupos, os indivíduos constroem e reconstróem suas identidades, reforçam suas redes de sociabilidades, encontrando referências que os façam sentir-se coesos.

O que significa torcer por determinado clube? O que representa para a vida desses jovens a participação em grupos organizados de torcidas de futebol? De que forma eles reforçam seus laços e vínculos afetivos nessa massa? Como eles se relacionam com os demais associados e de que forma essa relação atua na constituição e fortalecimento de suas identidades como torcedores e como cidadão? De que maneira eles exercem essa cidadania dentro do grupo? A relação intra-grupo seria um reflexo da realidade social? No decorrer da pesquisa tentaremos responder a essas indagações, pois imaginamos que esses questionamentos podem trazer-nos respostas para alguns dos dilemas sociais que envolvem a juventude e a sociedade como um todo.

Uma das hipóteses trabalhadas foi a percepção de que através das TOFs os jovens torcedores buscam construir uma imagem de si positiva, onde se visa valorizar a auto-estima em detrimento de um sentimento de inferioridade plantado pelas próprias condições sócio-psíquicas desses jovens. Baseamo-nos em estudo feito com jovens de periferia da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, onde Norma Takeuti (2002), faz uma análise das características das turmas formadas a partir dessa sociabilidade descrita e afirma que a integração a um grupo é uma necessidade no seu processo de identificação; as torcidas podem significar a procura da expressão das angústias e da energia vital. É uma busca de espaços, meios e signos que lhes ajudem a conquistar sua auto-estima. “A partir de suas possíveis pertenças grupais e/ou comunitárias, eles buscam construir suas referências identitárias, produzir a sua auto-estima (valorizar-se narcisicamente) e, para alguns jovens, “salvar-se” de um colapso” (Takeuti, 2002, p. 284).

Takeuti ressalta ainda que a grande maioria dos estudiosos da Juventude refere-se às “galeras” ou “turmas” como a uma idéia do “estar juntos” de jovens adolescentes

cuja *sociabilidade* estaria composta de atividades lúdicas e também transgressivas, porém, nem sempre necessariamente violentas.

*“As atitudes hards de certos jovens ou de grupos juvenis – quer sejam os movimentos hip-hop, funk, skin-head, punk, torcidas organizadas ou simplesmente galeras – fazem parte de uma dinâmica de visibilização e de valorização (de si e do grupo e, às vezes, de sua comunidade de pertença)” (Takeuti, 2002, p. 284).*

As identificações que os integrantes (em sua maioria jovens, como já citamos) possuem dentro de um grupo como esse podem ser de diversas ordens, mas vão sempre influir em seus atos e na maneira pela qual eles vêem o mundo. Assim, como a sua vida fora desse grupo tem grande importância no agir e na conduta desses jovens nos grupos e em comunidade. É certo que, como essa massa tem características heterogêneas, seria inviável traçar um perfil dessa juventude que compõe a Torcida Organizada de Fubetol - Comando Alvi Rubro. Mas uma discussão sobre alguns elementos fortemente presentes, como o da juventude, é fundamental para a compreensão do seu comportamento. Isso porque na grande maioria dos estudos sobre juventude, seja ela inserida em grupos constituídos ou não, sempre estão presentes, como já dito, outras categorias que detectamos serem cruciais dentro das torcidas, como Masculinidade, Violência e Identidade, ou Identificação, como preferem alguns.

Não se pode negar que os jovens menos providos de bens materiais e simbólicos encontram-se em um processo maior de vulnerabilidade social e são, muitas vezes, seduzidos às situações violentas com maior facilidade. Porém, o cerne da questão da violência e delinquência juvenil está muito mais no enfraquecimento dos processos de identificação em uma sociedade que não lhe oferece um sentido para o mundo e para a sua vida, do que basicamente numa explicação simplista de exclusão social.

*“Os jovens em situação de rejeição social simbólica sofrem-na, e talvez de maneira mais acentuada que os jovens de outros segmentos sociais tidos como “famílias estruturadas”, tendo em vista os numerosos obstáculos e*

*impasses nas suas trajetórias de vida – social, cultural e afetiva. Todavia, o que comumente se denomina crise ou fragilização das identidades atinge a juventude como um todo, que se vê diante de uma escassez de “ofertas” de modelos e de ideais sociais” (Takeuti, 2002, p. 238).*

Onde estão as referências dos jovens na contemporaneidade? Numa sociedade onde os valores de honestidade, integridade, legalidade ficam obscurecidos, como é o caso brasileiro, as identificações encontram-se ainda mais comprometidas e difíceis de acontecerem. “Diante da precariedade de uma ordem simbólica consistente em que não se disponibiliza modelos identificatórios, os jovens buscam, à sua maneira, com base em valores fetichizantes, produzir a sua existência que não estaria em conformidade com certas práticas existentes na sociedade brasileira” (Takeuti, 2002, p. 242).

Concordamos que a procura pelo entendimento do comportamento e das ações na Comando Alvi Rubro irá proporcionar melhores esclarecimentos sobre o fenômeno das torcidas organizadas no Estado como um todo, uma vez que nos deparamos com a escassez de material referente ao tema. Além disso, esse estudo explicitará uma realidade que é esportiva, mas que abarca também todos os campos da sociedade quando acordamos que a vida grupal pode ser um reflexo da vida social. Por isso, procuramos saber como acontece a relação desse grupo de TOF com a comunidade externa, que influências ele proporciona à sociedade, quais os reflexos sofridos e sua relação com o mundo que o cerca.

Buscando discutir esses elementos teóricos e a realidade empírica de nossa pesquisa, organizamos nossa dissertação a partir da seguinte estrutura: no primeiro capítulo, discorreremos sobre as TOFs no contexto da crise da modernidade que abarca sua constituição; formações e transformações; o processo de urbanização e industrialização vivenciado pelas cidades; a sociabilidade complexa vivenciada pelos jovens na atualidade, juntamente com a violência urbana que culmina na crise de

valores que afeta a juventude. Nossa intenção com esse capítulo foi apresentar a conjuntura na qual a juventude e as TOFs estão inseridas. No segundo capítulo, definimos as TOFs como um grupo social, expondo os elementos que compõem um grupo social, o histórico da torcida Comando Alvi Rubro, quem participa dessa formação, como ela foi originada, seu perfil sociológico, assim como a importância do Clube de Regatas Brasil no cenário esportivo do Estado.

No capítulo três, fizemos uma discussão sobre a presença marcante dos jovens nessa realidade e tentamos conjugar essa categoria com as noções pertinentes à identidade grupal, o papel das expressões de masculinidade e virilidade no contexto juvenil e esportivo e as relações de conflitos nesse meio. No quarto capítulo tratamos dos conflitos e comportamento das TOFs, onde buscamos evidenciar o que existe de mais essencial no comportamento das multidões como um todo. Damos grande ênfase também aos conflitos intra e inter Torcidas Organizadas como forma de explicitar os efeitos que tais atitudes acarretam no imaginário tanto do grupo quanto da sociedade, expondo a origem das rivalidades, a competição, e como desembocam em ações conflituosas, ou até mesmo agressivas perante o outro. No quinto, e último capítulo, coube-nos ressaltar que a violência não parte apenas de embates físicos entre os integrantes ou torcidas, mas que subsiste, na maioria das vezes, nos símbolos, linguagens e expressões advindos da própria massa. Através de algumas noções da análise do discurso procuramos traduzir seus reflexos nas ações e comportamento do torcedor.

Transversalizamos os conceitos-chave de nossa dissertação, de forma a reforçar as principais categorias do objeto estudado. Buscamos ainda conjugar as teorias abordadas com a análise dos dados empíricos colhidos por acreditamos que desta forma nos faríamos entender com mais precisão, o que facilitaria também os resultados

obtidos. Não esperamos aqui esgotar a abordagem do fenômeno de torcidas organizadas de futebol em Alagoas, mas pretendemos, a partir de uma análise social e conjuntural da Comando Alvi Rubro, trazer mais contribuições para os estudos pertinentes ao tema.

### **Metodologia do trabalho**

Nosso trabalho de campo foi iniciado com entrevistas semi-estruturadas, primeiramente com integrantes da diretoria da torcida e, logo depois, com associados das organizadas, não só da Comando, como também de torcidas conhecidas como “aliadas”. Acreditamos que a relação da torcida pesquisada com as “aliadas” e também com as “rivais” nos permitiu revelar o tipo de sociabilidade existente no grupo.

A observação participante foi realizada em jogos do Campeonato Brasileiro da série B do ano de 2007, e também do campeonato Alagoano de 2008. A ida aos jogos do Clube com integrantes da Torcida facilitou bastante a percepção do nosso objeto. Além disso, foi essencial também nossa presença em encontros realizados pela Organizada, como a festa em comemoração aos 14 anos de fundação da Comando Alvi Rubro. Realizamos um trabalho etnográfico nos estádios, nas localidades de grande trânsito da torcida citada e em suas reuniões. Entrevistamos também alguns profissionais da imprensa esportiva (radialistas e jornalistas), com o intuito de apreender sua percepção em relação às torcidas; assim como para identificar a maneira como as informações que envolvem esses torcedores são repassadas por eles. Importante ressaltar que preservamos os nomes das fontes e entrevistados, para evitar exposições de ambos os lados: pesquisados e pesquisadores.

Realizamos um aprofundamento do histórico do fenômeno Torcida Organizada no mundo futebolístico, através de um levantamento bibliográfico referente ao tema e de materiais cedidos pelos meios de comunicação, para depois caracterizarmos o objeto

em questão de forma mais específica. A partir daí, adentramos na vida desse grupo, verificando sua constituição e a forma de organização hierárquica. Mergulhamos no seu dia-a-dia, na rotina dos torcedores quando inseridos na massa, observando suas ações e relações vivenciadas; procuramos entender seu agir e pensar, a partir de seus aspectos mais peculiares. Para isso, abordagens qualitativas e interpretativas foram privilegiadas em detrimento da análise quantitativa. Trabalhamos com algumas noções de análise do discurso para observar as práticas e discursos dos torcedores como dos meios de comunicação. Essas noções nos ajudaram a entender os efeitos de sentido oferecidos pelas linguagens verbais e visuais transmitidas pelos torcedores, reforçando que “a cada materialidade discursiva, portanto, a tarefa do analista é a de reunir, em compatibilidade com o seu objeto, as noções que serão responsáveis por seus gestos de interpretação. E compartilhar de forma didática o dispositivo que guiou o seu gesto é um ponto muito importante em uma pesquisa” (Schwaab, 2007, p. 1).

Assumimos no trabalho a posição de Orlandi (2003) quando afirma que a Análise de Discurso “leva a sério a afirmação de “Saussure de que a língua é fato social. Pensamos a língua como fato e significamos o que é social, ligando a língua e a exterioridade, a língua e a ideologia, a ideologia e o inconsciente” (2003, p. 4). E, acreditando que “o sujeito não é origem de si e a situação não é a situação empírica mas lingüístico-histórica” (Orlandi, 2003, p.4), interpretamos aqui os discursos dos membros das organizadas como materiais produzidos a partir de uma subjetividade que é factual, porém, interligada por efeitos que são produzidos também através da memória que remete à sua história e ao seu lugar.

Com base no que foi exposto, e tendo em vista a metodologia aplicada a esse estudo, orientamo-nos em uma abordagem qualitativa, que privilegia as interações e os processos, ou seja, procuramos o caminho da etnometodologia, que acreditamos possuir

uma concepção singular da construção social, e na forma como os dados são recolhidos e tratados. Tal corrente se preocupa com os métodos utilizados pelo indivíduo para interpretar e pôr em ação na rotina de suas atividades práticas cotidianas a fim de reconhecer seu mundo, tornando-o familiar, ao mesmo tempo, que o vai construindo (Silva, Votre, 1997, p.2).

A pesquisa fincou suas bases na perspectiva etnometodológica, pois concebemos ser essa óptica o melhor caminho para a resolução dos problemas aqui expostos. Acreditamos ser possível a análise dos dados colocados, somente sob a visão interacionista, que reconhece as interações vivenciadas no cotidiano dos jovens a partir de suas compreensões sobre a realidade e as transformações pelas quais passam. Seus dilemas sobre a constituição da identidade, masculinidade, e até sobre suas condutas como sujeitos perpassam pelo sentido das construções e relações as quais vive.

Optamos por trabalhar com princípios da etnometodologia que “quer demonstrar, então, como em cada um dos domínios da vida social, a seu modo, os atores-membros se utilizam de etnométodos - lógicas e raciocínios específicos a organizações, ambientes e instituições particulares - para dar significado à sua existência e às relações que estabelecem entre si... A partir desses etnométodos eles constroem e interpretam a realidade a partir de sua própria experiência” (Ratton, 2001, p. 3). Ou seja, são os procedimentos que na vida cotidiana os indivíduos se utilizam para se relacionarem, estabelecerem significados para as relações e compartilharem a sensação de pertencimento a um mundo social estruturado e organizado (Ratton, 2001).

De acordo com Coulon (1995), a etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a etnometodologia será, portanto, o estudo dessas atividades

cotidianas, quer sejam triviais ou eruditas, considerando que a própria sociologia deve ser entendida como uma atividade prática. A etnometodologia analisa as crenças e os comportamentos de senso comum como os constituintes necessários de todo comportamento socialmente organizado (Coulon, 1995, p.30).

Ainda referindo-se à Etnometodologia, Rattou (2001) prossegue afirmando que durante parte substancial de suas vidas cotidianas os membros ordinários de uma sociedade estão envolvidos em descrever e relatar estados de coisas uns para os outros, o que o leva a supor que a sustentação da ordem social - tema tão caro à sociologia - deve estar relacionada fundamentalmente a esse conjunto de descrições cotidianas realizadas em linguagem ordinária e que constituem a maioria esmagadora das transações efetuadas pelos membros da sociedade (2001, p.4).

Pensando desse modo, privilegiamos as abordagens microssociais dos fenômenos e valorizamos as interpretações que passaram a ser o objeto essencial da pesquisa, deixando de lado a aplicação de questionários e utilizando uma das principais fontes da etnometodologia, o Interacionismo Simbólico. Tal corrente reconhece o verdadeiro conhecimento sociológico como adquirido na experiência imediata, nas interações cotidianas, e que o que “os atores concebem para si do mundo social constitui em última análise o objeto essencial da pesquisa sociológica” (Coulon, 1995, p. 14).

Para esta corrente, o conhecimento sociológico só é percebido pelo pesquisador a partir da observação direta e imediata das interações entre os atores sociais, das ações práticas dos atores e o sentido que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, pois nesses pormenores os atores constroem seu mundo social. Com essa percepção, procuramos mergulhar no mundo desses torcedores, conhecer o valor dado por estes à sua existência, reconhecer as prioridades do grupo a partir de seu agir e comunicar para, a partir daí, apreender o sentido do ser Torcedor Organizado, nosso

principal objetivo. Pois, concordamos que “se a sociologia pretende resgatar a realidade, deve tomar conta desses inúmeros contatos interacionais que se estabelecem entre os atores nas ações corriqueiras do cotidiano (Coulon, 1995, p.15).

São esses os referencias que fundamentam nossa pesquisa, por entendermos que o objeto estudado (torcedores) produz a realidade a partir de uma série de significações e trocas simbólicas, construindo seus valores a partir das relações vivenciadas cotidianamente e da comunicação que é exercida por estes a cada contato, como já exposto.

Indo mais além, o Interacionismo Simbólico ancora-se numa concepção teórica que considera que os objetos sociais são construídos e reconstruídos pelos atores interminavelmente (Guessser, 2003, p. 154). Ou seja, o significado social dos objetos se deve ao fato de lhes darmos sentido no decurso de nossas interações. Nesta perspectiva, defini-se a interação como uma ordem negociada, temporária, frágil, que deve ser permanentemente reconstruída a fim de interpretar o mundo (Coulon, 1995, p.16), como será colocado no corpo do texto.

A complementaridade dos conceitos produzidos no campo da etnometodologia apóia-nos também na construção do raciocínio do texto, e foram utilizados como base para exemplificar ações do cotidiano dos torcedores. A concepção de prática é um deles. Segundo Coulon, Garfinkel se volta para as atividades práticas e, em particular, o raciocínio prático no dia-a-dia. Pois, a observação atenciosa e a análise dos processos aplicados nas ações permitem pôr em evidência os modos de proceder pelos quais os atores interpretam constantemente a realidade social (Coulon, 1995, p.31-32).

Da noção de indicialidade pode-se definir todas as determinações que se ligam a uma palavra, a uma situação. É um termo técnico adaptado da lingüística. Isto significa que, embora uma palavra tenha uma significação trans-situacional, tem igualmente um

significado distinto em toda situação que é usada. Isto designa, portanto, a incompletude natural das palavras, que só ganham o seu sentido “completo” no seu contexto de produção, quando são “indexadas” a uma situação de intercâmbio lingüístico (Coulon, 1995, p. 33); o que poderemos notar mais a frente na comunicação das TOFs.

Também o conceito de reflexividade nos leva a compreender que as torcidas têm a capacidade de entender o processo em que estão inseridos. A reflexividade designa as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social. É a propriedade das atividades que pressupõem, ao mesmo tempo, que tornam observável a mesma coisa (Coulon, 1995, p. 41).

A partir da noção de “accountability” utilizamos a descritibilidade dos fatos apresentados pelas torcidas. Dizer que o social é “accountable” significa que ele é algo disponível, isto é, descritível, inteligível, relatável, analisável. A analisabilidade do mundo social, a sua descritibilidade e sua objetividade se mostram nas ações práticas dos atores. “Tornar o mundo visível significa tornar a minha ação compreensível, descrevendo-a, pois eu mostro o seu sentido pela revelação a outrem dos processos pelos quais eu relato” (Coulon, 1995, p 46).

Por fim, adotamos a noção de membro, por entendermos que os torcedores são membros de um grupo, que se filiam a uma instituição a partir do que delimitam suas ações e suas linguagens. Pois ser membro significa ter o progressivo domínio da linguagem institucional comum. Essa filiação repousa sobre a particularidade de cada um, sua maneira singular de enfrentar o mundo, de “estar-no-mundo”, nas instituições sociais da vida cotidiana. Uma vez ligados à coletividade, os membros não têm necessidade de se interrogar sobre o que fazer. Conhecem as regras implícitas de seus comportamentos e aceitam as rotinas inscritas nas práticas sociais (Coulon, 1995, pgs. 47-48).

A noção de sociação, de Simmel, também nos serviu de referência para compreendermos o fluxo incessante da sociedade, o qual demonstra que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. Para ele, “a sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, e que, de acordo com esse caráter fundamental não se deveria falar de sociedade, mas de sociação” (Simmel, 2006, pg.18).

Utilizamos em todo o texto, inclusive para justificar a linha metodológica aplicada aqui, a idéia de que o ser humano, em suas expressões, é determinado pelo fato de que vive interativamente com outros seres humanos, e por isso mesmo, acreditamos nas bases da etnometodologia como melhor caminho para a resolução dos problemas aqui propostos.

Justificadas as concepções aqui colocadas e o caminho metodológico que norteou o nosso trabalho, cabe-nos informar que optamos por realizar entrevistas semi-estruturadas e em dias alternados, para que pudéssemos captar falas das mesmas pessoas em momentos diversos e de membros das mais diversas posições dentro do grupo. O intuito era justamente capturar o sentido dado à realidade pelos atores, longe do “decorso de uma lógica pré-estabelecida, causalmente estabelecida a partir de uma ordem de fatos externos e fixos” (Guesser, 2003, p. 154).

Durante o trabalho mostramos o que de semelhante existe entre a Comando Alvi Rubro e as demais torcidas organizadas brasileiras, mas também explicitamos suas características particulares, suas singularidades formadas a partir de sua cultura. Como balanço da pesquisa de campo, que totalizou sete meses (agosto de 2007 a março de 2008), tivemos a oportunidade de conversar com 14 membros de TOFs, dentre estes seis da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro; três da TO Cearamor, Torcida

Organizada do time do Ceará; dois da TO Esquadrão Colorado, da Torcida do Sergipe; um da TO Fanaútics, da Organizada do time do Náutico, de Recife - as três últimas por serem torcidas aliadas à TOCV; e um da TO Mancha Azul, adversária da Organizada estudada.

Acreditamos ter sido de grande validade o contato com as aliadas, uma vez que essa condição requer um modo de operacionalização e de compreensão semelhantes. Dentre os entrevistados da TOF Comando Alvi Rubro, estão dois que compõem a diretoria e quatro membros com os mais diversos históricos, idades, tempo de torcida e posicionamentos.

Lembrando que os dois membros da diretoria foram entrevistados em dois momentos diferentes, e um desses, com o qual tivemos maior contato, pôde ser observado e “sabatinado” por diversas situações. Adotamos essa postura em sintonia com o que postula o Interacionismo Simbólico, particularmente na valorização do sujeito, da linguagem e da produção discursiva. Das torcidas aliadas os entrevistados eram basicamente da diretoria, uma vez que são esses que representam a TOF em outros estados, viajando em caravanas organizadas pelo grupo. No momento citado, estavam em Maceió para participarem da confraternização de 14 anos da TO Comando Alvi Rubro. Além desses, conversamos também com um ex-integrante e fundador da TO Inferno Coral, da Torcida do Santa Cruz, também de Recife, que hoje não participa mais das ações do grupo.

Como um dos nossos objetivos propostos, analisamos o discurso dos meios e profissionais de comunicação, entendendo que estes ajudam a formular os conceitos a respeito desses grupos na sociedade; procuramos conversar com quatro profissionais em atuação na mídia alagoana, dois jornalistas e dois radialistas. Obtivemos sucesso com três deles, dois jornalistas e um radialista, uma vez que o outro não respondeu a nosso

convite. É importante destacarmos ainda que outros membros da imprensa também foram observados e ouvidos informalmente durante a pesquisa de campo em estádios e eventos esportivos e também através de matérias coletadas na imprensa escrita, falada e da internet.

Por fim, nunca é redundante lembrar que o tratamento dado às informações coletadas nesse trabalho passou pelo olhar dos critérios etnometodológicos, por acreditarmos que “a atenção para a emoção, como fenômeno criado na interação social, é o elemento operador de alcance teórico mais social e relacional. E, nesse sentido, o que se privilegia são as falas e todos os tipos de práticas sociais como produtores da experiência e constitutivo das realidades” (Cecchetto, 2004, p. 92). Nestes termos, os princípios da Etnometodologia e do Interacionismo Simbólico constituíram-se em elementos importantes para a produção deste trabalho.

## **CAPITULO I**

### **1 - Torcidas Organizadas como objeto sociológico**

O objetivo desse capítulo é apresentar o contexto das formações de Torcidas Organizadas de Futebol (TOFs), desde a sua criação até os dias de hoje. O processo de urbanização e industrialização brasileiro influenciou na constituição desses grupos e favoreceu o surgimento de uma sociabilidade complexa, tomando como reflexo dessa realidade a violência urbana intensificada, principalmente, na segunda metade do século XX.

O interesse do texto que se segue é trazer elementos para a compreensão de uma realidade conturbada, mergulhada no excesso de informações e tão carente de entendimento e perspectivas que possam proporcionar ao indivíduo/membro uma convivência positiva com a sociedade e o mundo que os cerca. O propósito, com isso, é lançar instrumentos que nos façam adentrar no universo e nas ações dos membros da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, também conhecida como TOCV, e na imersão em possíveis práticas violentas.

#### **1.1 - A origem de uma sociabilidade complexa das TOFs**

Estudos pioneiros remetem à década de 40 a origem das torcidas organizadas no Brasil, quando era forte a presença de famílias e indivíduos socialmente estabelecidos nos estádios de futebol. A Charanga do Flamengo – reunião de torcedores em torno de um grupo musical que tocava marchinhas carnavalescas festejando nos estádios – foi fundada em 1942 por iniciativa do Flamenguista Jaime Rodrigues de Carvalho. Os são-paulinos, inspirados por Manoel Porfírio da Paz e Lauro Natel, fundaram a torcida do São Paulo F.C. (Pimenta, 2004, p. 264).

Um jornalista da área esportiva no Estado, remonta ao tema e reforça o fato de os espetáculos serem promovidos pelas famílias nos estádios, com seu colorido característico e as famosas charangas da época. Ele relembra também a "Charanga do

Jaime", que se notabilizou e virou também letra de música<sup>4</sup>. Em nível local, destaca as organizadas do Zé Emílio, do CSA, e a do Waldomiro, do CRB, formadas entre os idos de 70 e 80. "A bandinha do Emílio existe até hoje, mas todas essas naquele clima de espetáculo. Todas em clima muito romântico, avessas à violência", afirma o jornalista.

O formato tomado na época estava longe de possuir o caráter das Organizadas atuais. Aquele tipo de manifestação proliferou país afora, porém não era ainda considerado um movimento de torcida organizada nos moldes que a concebemos hoje, devido a sua falta de estrutura organizativa e, “naquele momento, o vínculo dos torcedores se dava com o clube de futebol e não com as torcidas propriamente ditas” (Pimenta, 2004, p. 265). Característica bastante marcante no formato das Organizadas atuais e bastante importante para se entender o contexto ao qual estão inseridas tais formações. Atualmente os torcedores estão ligados às Organizadas e sua relação com o clube acontece através destas.

Para Toledo (1996), posterior à fase romântica da uniformização de torcedores e da visibilidade dos *torcedores-símbolos*, que personalizavam e identificavam as

---

<sup>4</sup> Samba Rubro-negro (Intérprete: João Nogueira / Compositor(es): Wilson Batista - Jorge De Castro)

Flamengo joga amanhã  
Eu vou pra lá  
Vai haver mais um baile no Maracanã  
O mais querido  
Tem Rubens, Dequinha e Pavão  
Eu já rezei pra São Jorge  
Pro mengo ser campeão  
O mais querido  
Tem Rubens, Dequinha e Pavão  
Eu já rezei pra São Jorge  
Pro mengo ser campeão

Pode chover, pode o sol me queimar  
Que eu vou pra ver  
A charanga do Jaime tocar:  
Flamengo! Flamengo!  
Tua glória é lutar  
Quando o mengo perde  
Eu não quero almoçar  
Eu não quero jantar

torcidas, o surgimento das Torcidas Organizadas acompanhou algumas das mudanças ocorridas na época, impondo gradativamente outras formas de sociabilidade, de desfrute do futebol como lazer e hábito, fundamentando um outro modo de torcer diverso do comportamento anteriormente observado (1996, p. 26).

Ao longo dos anos essas torcidas (carnavalescas) foram sendo substituídas pela cultura jovem, “partidária”<sup>5</sup>. A torcida do Clube de Regatas Flamengo, no Rio de Janeiro, e a do Sport Club Corinthians Paulista, em São Paulo, constituíram-se em grupos que cresceram muito ao longo das décadas e estavam fortemente ligados ao *hooliganismo* europeu nos anos 80 e 90. Pimenta (2004) define as TOFs como agrupamentos de pessoas simpatizantes de um clube de futebol, sem fins lucrativos, estruturados de forma relativamente burocrática, com o objetivo de incentivar o time durante os jogos e defender a integridade do grupo nos momentos de confrontos físicos ou verbais com os adversários. Segundo o autor, essas pessoas são denominadas sócias da organização e promovem também eleições periódicas para eleger o quadro administrativo que, como afirma, é composto por: presidente, conselheiros e diretores, que promovem periodicamente interações e reuniões sociais na sede das agremiações (Pimenta, 2004).

Para Pimenta (2004) a estrutura administrativa das Torcidas Organizadas no Brasil assume aspectos militaristas, contemplando estratégias de confronto aliadas e táticas de ataque e de defesa. Sobre esse aspecto é importante ressaltar que durante o trabalho etnográfico realizado com a Comandante Alvi Rubro, nenhum de seus membros admitiu o planejamento de táticas para ataque aos adversários. Porém, quando interpelados sobre o assunto, explicavam serem os confrontos formas de defesa do grupo, onde os conflitos eram iniciados sempre pela torcida rival. Em contrapartida, o

---

<sup>5</sup> Este termo remete à idéia de organização hierárquica com propósitos e planos de ação definidos.

“caráter burocrático” está na linguagem desses grupos, na subdivisão e na maneira como eles vivenciam a hierarquia no coletivo.

Ao questionarmos sobre o papel da violência no grupo o rapaz M, de 21 anos, da TOF Comando Alvi Rubro, responde: *“Não, não precisa... E acontece porque às vezes bate de frente assim e não tem como evitar... tem que ir pra cima ou apanha... Ou vai pra cima ou apanha...”*. E diz ainda que quando ocorre o encontro de torcidas rivais é praticamente impossível evitar o confronto. *“Não tem jeito, é briga... Não tem jeito não. Se não der apanha... a gente anda na da gente, né? A gente anda no percurso da gente. Só porque sempre tem um mais espertinho que tem que vir pra cima, aí... rola madeira...”*

Partindo de uma abordagem etnometodológica podemos encarar esses membros das TOFs como sujeitos reflexivos em seu meio social. São capazes de interpretar suas ações, que são construídas a partir de suas interações rotineiras. Como afirmamos anteriormente, essa perspectiva valoriza a compreensão que estes têm da realidade que os cerca e a capacidade de compreensão e modificação de seu universo. Portanto, acreditando que as falas são cruciais para o entendimento da sociabilidade vivenciada por esses membros, podemos perceber que, ainda não assumindo a busca pela violência ocasionada pelos confrontos, esse elemento é um dos aspectos encontrados nessa realidade, que oferece sentido no imaginário coletivo do grupo como instrumento seja prático (de defesa), seja simbólico (discurso). O símbolo é importante para a formação da sua representação social, que discutiremos mais adiante.

A passagem acima citada, retirada de conversas com associados da TOF estudada, nos remete à fala de Bill Buford (1992) quando se reporta ao que fora seu objeto de estudo por quatro anos: os *Hooligans*. Apesar de ser uma realidade tão distinta

da que encontramos no Brasil, há uma identidade entre os discursos. Os *Hooligans* não reconheciam em suas práticas qualquer elemento de agressividade e violência.

*“Até então, cada um com quem eu falara tinha se dado ao trabalho de deixar claro que, embora pudesse parecer um hooligan, não o era de fato. Era um torcedor de futebol. É verdade: se alguém provocasse uma briga, ele não fugiria – ele era um inglês, não era? -, mas não andava à procura de encrenca. Todo mundo estava ali pela diversão, pela viagem ao exterior<sup>6</sup>, a bebida e o futebol” (Buford, 1992, p.46).*

Observem que os torcedores refletem sobre aquilo que fazem, ainda que não tenham plena consciência sobre o fato, de acordo com o conceito de reflexividade. “Ao falar, construímos ao mesmo tempo, enquanto fazemos nossos enunciados, sentido, a ordem, a racionalidade daquilo que estamos fazendo naquele momento. As descrições do social se tornam, assim que proferidas, partes constitutivas daquilo que descrevem” (Coulon, 1995, p. 41).

Parece que, tanto num caso quanto noutro há uma percepção dos próprios danos, de que as transgressões às regras de civilidade e os atos de vandalismo e violência, muitas vezes praticados por estes, são um ato ilegal e repreensível. O que nos leva a crer que tais sujeitos são conscientes de sua imagem no meio social. Essa sociabilidade complexa, por vezes expressa pela violência, pode aparecer também, segundo Buford (1992), como uma forma de protesto: “as partidas de futebol ofereciam uma válvula de escape para frustrações de natureza profunda” (1992, p. 12). Talvez esse trecho explique a consciência do ato delituoso ao mesmo tempo em que é praticado.

---

<sup>6</sup> Bill Buford refere-se à viagem realizada por ele e os torcedores *Hooligans* a Turim, na Itália, para a partida entre a Juventus de Turim e Manchester United, da Inglaterra, pela Copa da Uefa.

## 1.2 - O contexto de formação das TOFs

As Torcidas Organizadas como a conhecemos na atualidade formaram-se em paralelo com o aceleramento do processo de industrialização e de urbanização nos grandes centros do país. A transição do modelo de torcida organizada, para Pimenta (2004), deu-se na década de 60, quando os agrupamentos de torcedores nos estádios foram transferidos dos lugares mais privilegiados, as “sociais”, para os mais populares, as “arquibancadas”. Neste momento dá-se início a uma nova fase onde os torcedores passam a fazer parte do espetáculo do futebol televisionado, empunhando bandeiras gigantescas, faixas, adereços e exibindo coreografias ensaiadas, manifestações dificilmente vistas nos grupos anteriores. Segundo o autor, “na transformação de um modelo de agrupamento para outro, a violência em forma de arruaças, tumultos, brutalidades e vandalismo começa a ser utilizada como marca registrada dos torcedores fanáticos em oposição aos métodos adotados até então, considerados por eles pacíficos demais” (Pimenta, 2004, p. 265).

Ao contrário de Pimenta (2004), que faz uma associação clara entre TOFs e o fenômeno da violência, entendemos que a violência é uma possibilidade e não uma marca registrada destas. Ou seja, não necessariamente as TOFs agirão com violência e intolerância em suas práticas cotidianas. Devem-se observar, com bastante atenção, os noticiários a respeito das arruaças e vandalismo ocorridos em cenários urbanos. Não eximindo os grupos da autoria por muitos desses delitos, é imprescindível notar que muitas dessas ações são creditadas aos grupos por meio de informações oficiosas, mal apuradas ou preconceituosas. Por vezes, a pressa pela notícia prejudica a qualidade do trabalho da imprensa que, ocasionalmente, pode não se dar ao trabalho de checar os dados expostos nas matérias.

Como exemplo temos uma informação veiculada no *site* de notícias [www.alagoas24horas.com.br](http://www.alagoas24horas.com.br), de 23 de julho de 2008. Na reportagem, cujo título é “Vândalos apedrejam coletivos após jogo do CRB”<sup>7</sup> o repórter fala de dois coletivos que foram apedrejados em Maceió e que tiveram suas portas e janelas quebradas por vândalos “*que supostamente seriam integrantes da torcida organizada do CRB.*” A palavra SUPOSTAMENTE não dá credibilidade à informação e prejudica a imagem da Organizada, que poderia não ser responsável por tais brutalidades.

Essa tese pode ser compartilhada com a opinião da população que se manifesta através do próprio veículo digital. No espaço reservado à opinião do leitor internauta encontramos o seguinte comentário: “*há enganos tanto na matéria como nos comentários, tive o desprazer de presenciar a ação em pauta e não havia nada que identificasse integrantes de nenhuma torcida. Foram gestos gratuitos de vândalos mesmo sem motivação nenhuma. Eram adolescentes descontrolados e incentivados pelo despoliciamento e pela impunidade*” (23/07/2008).

Não queremos, com isso, desvalorizar o trabalho da imprensa, muito pelo contrário. Acreditamos ser essa categoria formada por profissionais, em sua maioria, comprometidos com a informação fiel à sua realidade. Porém, percebemos que os generalismos, muitas vezes aplicados ao tema, desembocam na formação de uma idéia negativa relativa às TOFs. Outro agravante desse quadro é o fato de muitos dos

---

<sup>7</sup> Segue a transcrição da notícia na íntegra:

Mais uma derrota do CRB no Campeonato Brasileiro da Série B e mais prejuízos para os donos de empresas de ônibus em Maceió. Enquanto as autoridades não tomarem medidas mais drásticas contra os vândalos, casos dessa natureza vão continuar acontecendo em Maceió. Na noite desta terça-feira, 22, mais dois coletivos foram apedrejados em Maceió. O ônibus da empresa Piedade, placa MUM 4245, que faz a linha Benedito Bentes/Centro, teve portas e janelas quebradas pelos vândalos, que supostamente seriam integrantes da torcida organizada do CRB. O fato aconteceu em frente à garagem da empresa Piedade, no Tabuleiro.

Segundo o motorista, Edmilson Dos Santos Lima, 52, foi uma bagunça muito grande. "Pessoas que estavam do lado de fora começaram a jogar pedras dentro do ônibus. Os de dentro responderam também, o ônibus estava cheio e uma passageira ainda saiu ferida", afirmou. A passageira ferida foi levada para o minipronto-socorro do Tabuleiro.

O outro ônibus foi o da empresa Cidade de Maceió, que faz linha Forene/Trapiche, também apedrejado por integrantes das duas torcidas organizadas. O ônibus de placa MUG 5844 teve o teto quebrado e a porta traseira danificada. Os dois casos foram levados para a Deplan II e ninguém foi preso ([www.alagoas24horas.com.br](http://www.alagoas24horas.com.br), de 23 de julho de 2008).

incidentes serem praticados por pessoas vestidas com a camisa do time do CRB, ou da Comando, sem serem torcedores registrados, ou seja, associados. Como no caso da vítima Jaelson Guilherme Bezerra, 21, torcedor do CSA, baleado após a partida entre CSA e Sergipe, no Estádio Rei Pelé. Segundo a própria imprensa ([www.alagoas24horas.com.br](http://www.alagoas24horas.com.br)) *o acusado seria um homem com a camisa do time rival*<sup>8</sup>, o CRB. O que, para muitos, acaba sendo identificado como torcedor organizado.

Propomos, com isso, oferecer elementos que ajudem o leitor a interpretar com cautela os fatos e as informações midiáticas. Longe de excluirmos a violência das ações desses torcedores, queremos ponderar o que é transmitido e mostrar que essa violência não deve ser o único instrumento identificador da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro.

A Gaviões da Fiel é considerada a primeira torcida organizada brasileira, fundada em primeiro de julho de 1969, com o fim de fiscalizar os dirigentes do SC Corinthians Paulista e apontar-lhes os erros. Foi a primeira a pautar-se por regras estatutárias, com eleições bianuais e registro civil em cartório, apresentando-se como pessoa jurídica, com responsabilidades e deveres legais. Esse fenômeno, que era restrito aos grandes centros do país, logo foi se alastrando pelos outros estados da federação, sendo possível presenciar a atuação destas por todo o território nacional (Pimenta, 2004), a exemplo da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, fundada em 1993 e com forte atuação até os dias atuais.

---

<sup>8</sup> Segue a transcrição da notícia na íntegra:

**Depois do jogo: Torcedor do CSA é baleado por regatiano. João Valentino do Nascimento foi atingido no tórax e está internado.**

Um torcedor do CSA foi baleado, ontem à noite, quando voltava para casa, depois de assistir a partida entre CSA e Sergipe, no Rei Pelé. O acusado seria um homem com a camisa do time rival, o CRB.

O crime foi registrado na Delegacia de Plantão 1. Jaelson Guilherme Bezerra, 21, contou aos policiais que ele e o amigo, João Valentino do Nascimento, 22, estavam voltando do jogo, na avenida Getúlio Vargas, na Serraria, quando foram abordados por dois homens em uma moto.

Como os torcedores do CSA estavam com a camisa do time, os ocupantes da moto teriam dito agressões e houve uma discussão. Depois, Jaelson Bezerra contou que um homem com a camisa do CRB desceu da moto e correu atrás de João Valentino. O rapaz disparou três tiros na direção de João Valentino, que foi baleado na região do tórax e encaminhado para a Unidade de Emergência Armando Lages ([www.alagoas24horas.com.br](http://www.alagoas24horas.com.br), 10 de julho de 2008).

O referido estudioso acredita ser o grau de truculência demonstrado pelo grupo e o poder expresso em suas ações um fator de atração de mais e mais adeptos. “É importante ressaltar que a violência, seja ela direta ou como defesa a ataques de outros grupos, é elemento constitutivo das vinculações de torcedores ao grupo” (Pimenta, 2004, p.267). Para ele, são justamente os desfechos trágicos que fomentam o crescimento das organizadas, por mais contraditório que possa parecer. “A violência sem limites estabelecidos pela ordem social tornou-se a nova marca registrada das organizadas, pelo menos no período da década de 1990, em que seus atos tiveram maior visibilidade na mídia em decorrência dos crimes cometidos” (Pimenta, 2004, p.269).

O autor prossegue afirmando que um membro de qualquer organizada conquista prestígio, respeito e confiança pelo uso da força, pela assiduidade e pela agressividade. À medida que demonstra capacidade tanto de resistir aos confrontos quando de ocupar territórios nas ruas e nas arquibancadas. Reforça que no mundo atual a violência faz parte das experiências de determinados grupos de jovens, como um elemento intrínseco e indispensável.

É certo que, segundo Toledo (1996), as brigas e transgressões praticadas pela torcida também são fatores que contribuem para o crescimento destas. “Porém esse fator não deve ser considerado como o único ou, em alguns casos, o preponderante já que, por exemplo, há algum tempo os Gaviões da Fiel têm evitado confrontos abertos com outras torcidas e nem por isso deixaram de prosperar enquanto organização de prestígio junto aos torcedores” (Toledo, 1996, p. 107-108). Concordando com Toledo (1996), entendemos que a atração pelo lúdico e a necessidade de vivenciarem um sentimento de pertencimento a um grupo faz com que os jovens se integrem às TOFs.

Mesmo admitindo a presença da violência nas TOFs, Toledo (1996) faz as seguintes ponderações: “certamente, esses indivíduos vivenciam experiências comuns

que não podem ser, todavia, reduzidas somente a um discurso normativo sobre violência, expressos nos jornais como *foram criados para bater*. Não obstante, a violência é um fenômeno próximo e constante entre os torcedores, sobretudo entre aqueles que são oriundos das camadas populares. Violência enraizada no meio urbano em que vivem, quer seja objetivada nas ações dos órgãos expressivos do Estado, nas relações cotidianas, nas imagens veiculadas na mídia, nas condutas autoritárias que perpassam nas instituições em geral, entre as quais aquelas vinculadas mais diretamente ao futebol (Federações, clubes) e que, sob esse aspecto, as Torcidas Organizadas e os indivíduos que a elas convergem não estão descolados desta realidade” (Toledo, 1996, p. 32).

Torna-se imprescindível reforçarmos a necessidade do conhecimento da literatura produzida até hoje sobre essas agremiações, uma vez que vão nos proporcionar mais subsídios para pensar um fenômeno tão difundido na contemporaneidade, principalmente pelos meios de comunicação. Ao longo deste trabalho, pretendemos expor as peculiaridades encontradas no objeto pesquisado, sem deixarmos de considerar os aspectos históricos e globais dessa categoria de torcedores. Por isso, expomos também no presente texto idéias de autores que, apesar de não aceitas em sua integralidade pelos pesquisadores em questão, são importantíssimas tanto para traçar o histórico do tema quanto para confrontar os argumentos e enriquecer a pesquisa. Como se pode observar, estamos dialogando também com autores que apresentam divergências em relação ao tema, uma vez que entendemos ser importante trabalhar esta literatura.

Sendo assim, apesar de concordarmos com algumas das teses propostas por Pimenta, não encontramos, no trabalho de campo empreendido, elementos suficientes

que nos autorizem estabelecer uma associação necessária entre as TOFs e a violência praticada por seus membros.

A proposta de nosso estudo está baseada, então, na busca pelo entendimento da sociabilidade e pelo que é atribuído como essencial para a formação dessa TOF. Desta forma, procuramos conhecer os elementos oferecidos por seus integrantes e entender sua atuação como reflexo do que é disseminado e vivido dentro dessa coletividade. Ou seja, as características particulares de suas trocas e a dinâmica de sua socição nos termos postos por Simmel.

### **1.3 - O desenvolvimento do esporte como pano de fundo**

A participação dos torcedores no futebol tornou-se mais “problemática em razão de um contexto mais complexo e dinâmico que aquele vivido pelos torcedores-símbolos desde a década de 40” (Toledo, 1996, p.30). Dos anos 80 para cá, sabe-se que, no Brasil, o comportamento do torcedor nas arquibancadas dos estádios de futebol ganhou outra forma.

Toledo (1996) entende a emergência dessas torcidas vinculadas ao surgimento do futebol profissional e ao processo exacerbado de crescimento das cidades, principalmente nas décadas de 50 e 60. Essas transformações teriam culminado, segundo ele, com as novas formas de sociabilidade, emoções e estilo de vida da massa trabalhadora.

Caracterizando esses grupos “enquanto organizações burocratizadas, com relativa autonomia dos clubes” (1996, p.27) o autor relaciona também o surgimento das organizadas ao grande impulso dado pelo Campeonato Brasileiro e pela conquista do tricampeonato no México, já na década de 70. Vale ressaltar que, para Toledo (1996), em período de repressão militar, esses torcedores teriam buscado nas organizadas um espaço de participação popular cerceada aos partidos políticos e a outras formas de

associacionismo. Explica que, para muitos, o movimento de emergência das primeiras torcidas fez parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período da ditadura militar vivenciado no país. E, portanto, juntamente com outras formas de organização e associação, formaram canais de participação populares diante da ausência de partidos e representações legais (Toledo, 1996, p.28). Elas (as TOFs) “regulamentam e socializam regras, valores e condutas, estabelecendo relações de poder, acionando certos instrumentos simbólicos a partir de uma vivência concreta” (Toledo, 1996, p. 32). Talvez essas características nos ajudem a entender o comportamento dos torcedores no processo inicial de sua constituição.

Como veremos no capítulo 3, esses grupos podem funcionar como um abrigo, proporcionando a esses jovens a segurança e o lugar que estes desconhecem em outros espaços sociais. O comprometimento dos membros com a Organização funciona, muitas vezes, de forma semelhante àquele implementado nos compromissos diários, como o do trabalho e o da família, propiciando uma relação em comum no interior do grupo. Os grupos de torcedores não são homogêneos, já se diferenciam por estratificações sociais, idade, status etc. São formados por pessoas comuns que assumem diversos outros papéis na sociedade; membros de todas as classes frequentam o ambiente das TOFs. Porém, essas torcidas garantem coesão enquanto grupo na medida em que, além da organização burocrática, partilham de um “certo estilo peculiar de conceber e externar as paixões pelo futebol, tomando-o como uma dimensão importante da vida de cada um que ali se dispõe a vivenciá-lo desta, e não de outra maneira” (Toledo, 1996, p. 81). Muitas vezes, a relação com a TOF torna-se tão importante quanto a própria vida pessoal e familiar.

Esse aspecto está diretamente ligado ao conceito de sociabilidade, empregado por George Simmel (2004). O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele

ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade. Ou seja, para a sociabilidade, se colocam de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidade da vida, a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia (pgs.64-65).

Um dos dirigentes da Torcida Organizada do Ceará, a Cearamor, nos relata que muitos desentendimentos conjugais já ocorreram devido aos compromissos externos com a TOF. *“Eu, por mim, o amor pela Cearamor é o mais forte de tudo. É como eu falo com a minha boca, eu falo com o meu coração. Conversa de torcida, a gente passa seis anos conversando... dez anos, você não vai parar de falar tão cedo. Relembrando...”* E complementa: *“Ninguém vai... ninguém vai amar... Todo relacionamento tem as suas intrigas e as suas cobranças... No meu caso aqui, não sei como o meu celular não tocou ainda, que tá tocando de meia em meia hora aqui... A mulher de tanto perguntar: Ei, que hora tu vem? Não sei o que... Ela sabe que... Ela já disse faça uma escolha: você quer eu ou quer o Ceará? Eu, não, foi bom te conhecer... rrsrrrs”*.

Tal relato reforça os argumentos de Toledo (1996) quando não desvincula o mundo esportivo das relações vivenciadas pela sociedade. Não existe autonomia entre o futebol e as práticas sociais, ele está condicionado ao nosso contexto histórico, cultural e político. A idéia de Toledo (1996) vem ao encontro da citada por Tubino (2001), exposta na introdução deste trabalho, quando vê o esporte como um microcosmo da sociedade, com os padrões sociais que a envolve. A ligação pela Torcida pode

funcionar, muitas vezes, como o complemento de uma falta que não é preenchida na rotina de seus integrantes quando estão fora do grupo.

Apesar de reconhecermos as diversas dimensões que possuem as formações de TOFs, como expomos acima, o fenômeno das TOFs é freqüentemente lembrado em detrimento da violência. O auge da visibilidade midiática atingida pelas organizadas no Brasil surgiu com a batalha campal do Pacaembu, entre palmeirenses e são - paulinos, em 20 de agosto de 1995, na final da Supercopa São Paulo de juniores. Na confusão, que aconteceu após a vitória do Palmeiras, houve um saldo de 110 feridos. Um torcedor - Márcio Gasparin da Silva- morreu. A partir daí, a maioria das torcidas organizadas de São Paulo migrou para o Carnaval depois de enfrentar problemas com a Justiça devido a vários casos de violência nos estádios.

Na capital alagoana, como realçamos anteriormente, o tema teve bastante relevância no ano de 2005, num episódio onde mais de 100 pessoas foram detidas, após uma partida entre os times do CSA e CRB de Master. Foi nesse período que se percebeu maior atenção, por parte do poder público e da mídia, à violência praticada “pelos Organizadas”. Pimenta (1997) explica que, “no processo de desenvolvimento da sociedade brasileira, os grupos sociais foram se atomizando, ocorrendo o fenômeno da diluição das relações interpessoais, cuja trajetória abre espaço às relações de agressividade e de violência diversas” (Pimenta, 1997, p.22).

Mas na visão de muitos dos torcedores, a responsabilidade do episódio desastroso não foi exclusivamente dos membros das duas principais TOFs alagoanas. O que Pimenta (1997) credita apenas à diluição das relações interpessoais, os integrantes da Comando relacionam à incapacidade de ação da Polícia. Um dos representantes da Organizadora que estudamos, de 21 anos, dá a seguinte versão em relação aos conflitos ocorridos em 2005: “*Conseguiram extinguir a Comando e a Mancha em 30 dias. A*

*gente teve uma briga, por falta de capacidade da Polícia. Porque tinha dois anos sem ter clássico. Pegaram um jogo de coroa aí divulgaram pra passar na televisão o jogo. Não colocaram policiamento capacitado no momento, aí aconteceu aquele confronto entre as torcidas. Aí quem pagou foi quem? Quem pagou foi as torcidas.”*

Sobre a extinção das principais TOFs alagoanas, que ocorreu no mesmo ano em decorrência do confronto citado, outro dirigente de 29 anos expõe: “...ninguém bota culpa em cima de Polícia. Ninguém bota culpa em cima de televisão. A corda só arrebenta para o lado mais fraco. E naquele momento foram as torcidas organizadas. Em 30 dias a reportagem em Rádio, televisão e jornal. Uma atrás da outra. Três, quatro reportagens por dia. Fizeram um julgamento sem defesa. A gente não teve tempo nem de se defender. Em 30 dias arranjaram um juiz e o cara extinguiu as torcidas até hoje, né? Aí a gente fez o quê? A gente veio com outra formação, outro padrão, outro Instituto. Aí foi, e tamo aqui novamente. Por que, porque é uma paixão. Torcida é uma paixão”, explica.

#### **1.4 - A lógica de mercado e as TOFs no Brasil**

O consumismo e o aspecto mercadológico do esporte também reforçaram esse conturbado cenário. A radiografia do futebol na atualidade indica que para a elite dominante atual que administra os clubes o espetáculo objetiva atrair expectadores consumistas e não apenas satisfazer os torcedores fiéis. Com isso, de acordo com Agostino (2002), “a perda da influência direta sobre o clube marca o início da marginalização do torcedor” (2002, p.235). No mercado capitalista do esporte os clubes perdem a afetividade e adquirem a fidelidade consumista do torcedor. E o mesmo interesse parece operar nas Torcidas Organizadas, caracterizadas nacionalmente pela inexistência de vínculos com os times, traçando um perfil de burocratização e

militarização, onde o objetivo é mais de crítica do que de apoio às equipes (Pimenta, 2004).

Nesse cenário, a estrutura mercadológica das TOFs torna-se bastante evidente e segue o modelo mercantil globalizado, começando a gerar renda que, segundo seus membros, é totalmente destinada à manutenção da Organização, com gastos em viagens, entre outros. Das TOFs que entrevistamos, a Cearamor demonstrou ser a mais organizada no aspecto estrutural e financeiro. No trecho a seguir, de um de seus dirigentes, de 27 anos, pode-se ter essa idéia:

*“Existem pessoas que são funcionários das torcidas, né? Normal, carteira assinada e tudo. Existem outras pessoas que a gente faz uma política lá de loja, agente faz política franqueada. A gente compra material do preço mais barato pra vender, certo? E essas pessoas, lógico, que se elas têm uma loja ninguém vai fazer uma loja só pra não ter fins próprios. E existe, tem o presidente, né, que ele ganha, ele ganha pra ser o presidente, que ele vive em função da torcida. Ele tem que ganhar da torcida mesmo, realmente. Existe mais dois, três funcionários, eu, no caso, sou diretor de caravana...”*

Como se pode observar, é vasta e complexa a rede de relações que se constituem na organização dos grupos como as TOFs. Vários são os ingredientes que compõem tal fenômeno, porém a grande maioria dos autores concorda que o advento dessas formações ocorre em um momento de severas mudanças sociais e culturais em cenário nacional e isso, de certo, contribuiu para modelar o perfil destes grupos.

### **1. 5 - Violência Urbana, conflitos e crise da modernidade**

Tomando como foco a violência praticada no formato delineado especialmente neste século, partimos do princípio de que ela tem contribuído de forma imprescindível para as citadas mudanças comportamentais e posicionais da atualidade, não sendo possível assim, desvincularmos os eventos agressivos da complexidade de estilos de vida e situações existentes numa grande metrópole.

Toledo (1996) refuta a hipótese dos que concedem ao comportamento do torcedor aspectos de irracionalidade. Ele vê no embate entre os torcedores uma dramatização social e uma expressão ritualizada de práticas e representações do cotidiano. A partir daí, não há como dissociar o futebol moderno das grandes transformações pelas quais passou e ainda passa a vida urbana.

*“A Violência Urbana diz respeito a uma multiplicidade de eventos que parecem vinculados ao modo de vida das grandes metrópoles na modernidade tardia. Esses eventos podem reunir na mesma denominação motivações e características muito distintas, desde vandalismos, desordens públicas, motins e saques até ações criminosas individuais de diferentes tipos, inclusive as não-intencionais como as provocadas por negligência ou consumo excessivo de álcool e outras drogas... Violência Urbana e incivilidade tornam-se assim, na segunda metade do século vinte, duas faces da mesma moeda” (Misse, 2006, p.12).*

O aumento da violência criminal no Brasil, acima da taxa de crescimento da população, tem sido atribuído por especialistas ao elevado índice de urbanização entre os anos 50 e 80, à criação de grandes bolsões de pobreza urbana nas periferias das grandes cidades. Segundo Misse (2006), a violência também se associa “à enorme desigualdade econômica e social do país, à eclosão de um individualismo de massa nos grandes centros urbanos e à incapacidade dos aparelhos estatais da justiça de acompanharem essas transformações e modernizarem sua intervenção preventiva e punitiva”. Assim, segundo ele, “as violências dizem muito sobre a complexidade de uma sociedade e sobre o estado em que se encontram suas instituições. Dizem mais ainda sobre o modo como a modernização vem se desenvolvendo em países pós-coloniais (...)” (Misse, 2006, p.106).

Essa multiplicidade de eventos dá forma ao agir das TOFs e à maneira com que elas se integram e atuam como grupalidades, uma vez que as colocamos aqui na categoria de grupos sociais. Tais eventos dizem muito sobre as condutas praticadas por seus membros, já que estas estão associadas à realidade brasileira e como as sociedades

apreendem e lidam com suas transformações, seus valores, novos “ideais” e perspectivas.

Mas o que entendemos por violência é suficiente para rotularmos as condutas agressivas praticadas nas TOFs? Os perfis e as motivações daqueles que incidem em atos danosos nas TOFs possuem caráter singular daqueles que a cometem fora desse universo? O estudo em questão não nos permite associar, de forma direta, a violência às ações da TOCV. Pois enquanto presenciemos agressões em alguns momentos da Comando Alvi Rubro, na mesma medida nos deparamos com comportamentos positivos e atitudes compatíveis com o cumprimento das normas necessárias a uma convivência social pacífica e equilibrada.

Propomos, então, a compreensão de que a agressividade expressa por alguns integrantes da TOCV e das TOFs em geral, pode estar relacionada às transformações complexas vivenciadas pelas sociedades; às relações conflitivas inerentes à multiplicidade de sujeitos e idéias; à intolerância na convivência com o diferente; ao desrespeito em relação ao processo de democratização da sociedade; à condição de desesperança e falta de perspectivas da juventude contemporânea (melhor expostos no 3º capítulo deste trabalho), dentre muitos outros fatores que surgem com o panorama mostrado acima.

Para Toledo (1996), é preciso reconhecer que sociabilidade e conflito estão imbricados em uma só dinâmica imposta pela competição esportiva. Se o futebol é um provedor de formas e padrões de sociabilidade na metrópole, ele também é, concomitantemente, a manifestação de conflitos, preferências, paixões, excessos e violências. “Seguramente o futebol apresenta inúmeros temas e dimensões das sociedades contemporâneas: política, organização burocrática, interesses econômicos, a expansão do fenômeno da violência urbana etc” (1996, p.100).

Toledo (1996) reforça também que a sociabilidade engendrada pelo futebol impõe um *jogo de diferenças* sempre aberto a negociações, aos conflitos, aos imprevistos, ao possível, à violência, ao mesmo tempo de afirmação diante do outro. Desta forma, é impossível também excluirmos o fator violência das competições esportivas, por seu caráter de disputa e embates. Estas são características das sociedades modernas ocidentais, de mercado, assentadas nos parâmetros da individualidade e de um *liberalismo positivo* (regras universais). O autor conclui dizendo: “não é à toa que o futebol se desenvolve primeiro neste tipo de sociedade” (Toledo, 1996, p.103).

Concordando com Elias (1990), acreditamos que os conflitos nascem das diferenças entre os seres humanos. São esses conflitos, ou seja, a impossibilidade de administrá-los, que fazem insurgir a agressividade entre as pessoas. E esse talvez seja um ponto chave na presente observação. Vale supor que em ambientes onde o respeito ao outro como detentor de direitos é desconhecido, ignorado ou mesmo fragilizado, maiores as possibilidades de intensificação dos conflitos. Junto a isso, faz-se necessário lembrar a necessidade da busca de auto-afirmação em meio a um conturbado cenário alienante e alienador, que obriga o sujeito à sua individuação sem proporcionar os meios viáveis a tal intento. Este é um papel que talvez as torcidas exerçam na vida desses jovens: “constituidora” de sujeitos ativos e reconhecidos socialmente.

Possivelmente habite na dificuldade de negociação desses conflitos o descontrole da agressividade nos grupos em geral e, em especial, nas TOFs. Essa impossibilidade de aceitar o diferente, de admitir sua existência, de almejar sua eliminação a todo custo, e de evitar a alteridade pode acarretar graves conseqüências no tecido social. É assim que a multiplicidade de idéias e o debate democrático dão lugar à intolerância e as possibilidades de entendimento se dissipam. Neste cenário, os diferentes tornam-se inimigos e não adversários, como já alertava a pesquisadora Ruth

Vasconcelos (2007). Na realidade, a hierarquia e o respeito existentes intra-organização são inversamente proporcionais àqueles relacionados à torcida rival.

“Esta relação com o outro é sempre potencialmente ameaçadora e ao mesmo tempo fundadora. Ameaçadora porque coloca à tona a ambivalência do conflito e situações de violência contidas nos momentos de festas reuniões sociais, jogos. É fundadora porque cada jogo instaura e reafirma a diferença simbólica entre torcedores”(Toledo, 1996, p.104-105). Assim, entendendo o conflito como algo imbricado nesse “jogo”, acreditamos que a incidência ou não de momentos que desembocam em atitudes agressivas e, por conseguinte, violentas perante os outros grupos vai depender em muito do tipo de identificação compartilhado pelo grupo, no que ele entende como mais relevante para si e nas possibilidades de negociação e enfrentamento das diversidades, que são vivenciados em coletividade.

Apesar de criticar alguns pontos relativos às conceituações entre agressividade e violência sob a óptica de Freud, a qual discutiremos mais adiante, Costa (2003) concorda num aspecto bastante pertinente para o caso citado: atribuir à “agressividade” toda a responsabilidade pelo aparecimento da violência da história e na cultura não convence. Para ele “o que existe é um instinto agressivo que pode coexistir perfeitamente com a possibilidade do homem desejar a paz e a possibilidade do homem empregar a violência” (Costa, 2003, p. 35).

## **1. 6 - Atualidade das TOFs: novo cenário**

Há cerca de 60 anos os estádios brasileiros são freqüentados por torcidas organizadas de futebol. Poder-se-ia afirmar que as facções foram surgindo e se modificando através das gerações, criando uma divisão interessante. A já citada Charanga do Flamengo, fundada por Jaime de Carvalho em 1942, foi a “primeira geração” de torcidas organizadas do Brasil. Nos anos da repressão, veio a “segunda

geração”, surgidas entre 1967 e 1970, mas ainda seguindo o modelo da primeira geração, não inovando, apenas tentando se afirmar num período difícil de cerceamento da liberdade. A “terceira geração” surgiu nos tempos da abertura, por volta de 1977 até 1983: é a última formação das grandes torcidas brasileiras (Monteiro, 2005, p. 77).

Como se pôde perceber, justamente nessa terceira geração muitas mudanças ocorreram no cenário nacional e o modelo de torcedores se transformou. Nesse novo quadro pôde-se notar a forte presença dos delitos e atos violentos que envolvem os torcedores e a imagem negativa que esses conseguiram deixar no imaginário coletivo.

Uma das fortes impressões deixadas pelas Organizadas modernas e que parece caracterizar essa marcante transição está na fala de um de nossos entrevistados, ex integrante e um dos fundadores da Torcida Inferno Coral na década de 80, principal Organizada da Equipe do Santa Cruz, do Recife, quando ainda se chamava Santa Amante. Hoje com 39 anos, ingressou na Torcida com 14 e permaneceu nesta por quase uma década. Afastou-se em 89 por motivos pessoais, até que foi convidado em 1990 para refundar a Organizada. A refundação ocorreu entre os anos de 1990 e 1992, com a fusão das Torcidas Santa Amante, Santa Amor e Guerrilheiros Tricolor, resultando na então Inferno Coral. Um ano após a nova formação decidiu deixar o grupo.

Ele nos conta que um dos motivos de sua desistência foi a mudança de filosofia, a disputa de poder que ali havia. *“O pessoal não via mais o jogo... Muita briga, muita confusão”*, afirma. Seu pensamento reflete um pouco do já expresso aqui, quando associa as mudanças nas TOFs às transformações sociais. *“As torcidas mudaram. A sociedade tornou-se mais violenta. A violência no futebol é concomitante com o processo de violência na sociedade, o tráfico e o crime organizado”*, opina.

Diz que nos 10 anos de Santa Amante, nunca teria visto ninguém fumar maconha. *“As torcidas eram compostas por estudantes que iam aos estádios para*

*torcer, para se divertir, diferentemente dos dias atuais*”, afirma. E é ainda mais enfático: *Jamais colocaria meu filho em Torcida Organizada, são gangues e se comportam como tal*”.

Reforça ainda o dito anteriormente por Pimenta: *“Vi a Força Jovem e a Inferno cantando canções militares... Refletem a militarização; andam em colunas duplas como um agrupamento militar realmente*”, afirma o ex-integrante que por dois anos serviu ao Exército. Ele atribui essa característica à forte influência do crime organizado. *“Elas surgem mais violentas na década de 90 e florescem quase que análogas ao crime organizado... Não adianta extinguir, não resolve... Tem que fazer trabalho de investigação pra extinguir...”*, afirma.

O ex-integrante cita também o trabalho feito com os *Hooligans* na Inglaterra como forma de minimizar essa violência, com a utilização de câmeras nos estádios e o levantamento das fichas dessas pessoas. De acordo com o ex-integrante, essa seria uma das medidas, uma vez que *“eles se apóiam na certeza da impunidade”*. Mas reconhece a importância das TOFs para os clubes. Enfoca as demonstrações de amor ao clube, os cânticos, as coreografias, porém faz uma ressalva: *“muitas não são TOFs, são gangues, que têm de ser afastadas. Tem que ter trabalho judicial, policial e social”*, complementa.

Demos relevante atenção a esse depoimento devido ao fato de o entrevistado possuir a visão de quem participou, de certa forma, de dois momentos das TOFs e de quem também sofreu por conta da violência. No ano de 2000, na decisão do terceiro turno entre Santa Cruz x Sport, quando o Sport já havia praticamente vencido o turno e a torcida do Santa Cruz não era significativa na partida, afirma ter sido agredido, juntamente com mais cinco colegas ao sair do estádio.

É fato que a violência é um fenômeno que não pode ser desprezado nesse meio, mas não é particular, está no seio da sociedade, transversaliza-se com muitas temáticas, caminha com a complexidade inerente a uma nova época e se expande por outros campos sociais, refletindo, inclusive, no atuar das TOFs. Deixemos claro aqui que não nos cabe provar a veracidade da relação entre as TOFs modernas e o processo de militarização no Brasil, tampouco problematizar sobre o Crime Organizado. Pois, da mesma forma que temos opiniões como as de Pimenta (1997), que afirma possuírem as TOFs influências do período militar, deparamo-nos também com idéias como as de Toledo (1996), de que as TOFs surgiram exatamente para se contraporem ao cerceamento da liberdade, imposto pelo militarismo. De forma imparcial pretendemos, com tais exposições, mostrar a multiplicidade de idéias e vertentes inerentes a essas formações que torna seu entendimento tão complexo e diversificado.

Cabe- nos, então, apenas buscar os elementos que se assemelham nas assertivas dos autores e depoimentos dos componentes, para avaliar os impactos e significações que esses dão ao pensamento e à práxis das formações de TOFs modernas. Uma vez que tais ações e discursos fazem parte da prática desses grupos, de como eles refazem suas realidades a partir de elementos advindos de suas interações. Esse é o fator básico para a compreensão etnometodológica, que nos propomos realizar.

### **1.7 - Perfil e realidade das TOFs brasileiras**

Outro aspecto bastante curioso no Brasil, diferentemente do ocorrido na Europa, Inglaterra e Alemanha em especial, é a questão da ideologia, ou melhor, da falta de ideologia precisa para se justificar as agressões nos campos de futebol; fator esse reforçado pelo rabino Henry Sobel (2007): “Não existe no Brasil um problema de anti-semitismo como tem na Europa e mesmo em alguns países da América Latina. O que acontece são atos isolados” (Sobel, 2007, p. 2).

Na mesma direção, Pimenta (2004) verifica que o que diferencia o *hooliganismo* dos demais movimentos de torcedores organizados é a afinidade político-ideológica de extrema direita e a quase ausência de burocracia na organização. Não possuem uma estrutura com quadro associativo e registro formal em cartório, como as torcidas organizadas brasileiras. Além disso, não aceitam candidatos com posturas e estilo de comportamento diferente dos adotados pelo grupo (2004, p.255). O perfil da violência entre torcedores no Brasil é diferente do de outras regiões do mundo, uma vez que é moldada por uma realidade política, econômica e cultural diferenciada. É praticada conforme as características particulares a uma dada sociedade. É marcado por um estilo próprio de desenvolvimento, por lutas e conquistas diferenciadas, uma exclusão social intensa e aspectos bastante peculiares.

Nas Organizadas brasileiras não existem restrições ao ingresso: o negro, o branco, o pobre, o rico, jovem ou não, todos são admitidos como torcedores. Na TOCV, mais especificamente, pode-se constatar a presença de policiais, estudantes, comerciários dentre outros que reforçam o aspecto heterogêneo do grupo. Assim, para muitos as torcidas organizadas podem possuir um papel que vai além do proposto, como um ambiente de (re) construção de suas identidades e fortalecimento de suas relações sociais. Sem ideologia clara, cada integrante pode agregar sentidos e expectativas à TOF pertencente, o que vai depender das singularidades da formação e das “necessidades” de cada membro.

Na interação com os demais, o indivíduo pode encontrar coesão e sustentabilidade, sensações que talvez não possua na vida em sociedade ou no meio familiar. Como afirma Pimenta (1997) “a violência entre as Torcidas Organizadas também permeia a rede de relações formada por um tecido social débil. A maioria dos

filiados às Torcidas Organizadas é de jovens, em média de 13 a 22 anos de idade, e buscam a construção de suas identidades sociais” (Pimenta, 1997, p.21).

Da mesma forma, Toledo (1996) apresenta seu diagnóstico: “O futebol, sobretudo para estes torcedores organizados, não consiste tão-somente num momento de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um *estilo de vida próprio*. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de cada torcida, estes indivíduos referendam condutas específicas diante dos outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano (...) Desta forma, pode-se afirmar que a experiência de muitos daqueles que integram e vivenciam uma Torcida organizada com o futebol não se restringe tão somente à lógica do binômio *tempo de trabalho - tempo livre*” (Toledo, 1996, p. 114).

Como já assinalamos, o caráter de burocratização tem contribuído para a mudança de comportamento do Torcedor, sendo isto o que diferencia as TOFs brasileiras das demais do mundo. O cenário mundial futebolístico sofreu fortes modificações após a acentuada mercantilização entre os jogadores e equipes. A qualificação dos times para Clube/Empresa favoreceu uma estrutura montada para o mercado, como já dito, que anteriormente não existia, e os jogadores passam a ser negociados como mercadorias. Estes profissionais, que anteriormente eram identificados por estarem em seus “times do coração” e nestes fizeram carreira (exemplo Rogério Ceni, goleiro do São Paulo; Danrlei, goleiro do Grêmio, Pelé, do Santos e Zico, no Flamengo, que passaram mais de 10 anos num clube), hoje se deparam com a idéia da mudança constante nos clubes a partir da venda de seus passes. Esse caráter burocrático, que ocasiona um maior distanciamento torcedor/clube, e o troca-troca de times pode influenciar também no comportamento do torcedor brasileiro

que, normalmente, é fiel à sua equipe e não se conforma com a perda acentuada de jogos. O que não justifica, é claro, reação violenta por parte do time perdedor.

Muitas vezes, quando não se consegue reverter a má fase, vem a revolta e conseqüentemente, as depredações, agressões, as ameaças; a não aceitação diante de resultados negativos etc. A partir daí o amor se transforma em ódio. A soma de muitos fatores com os quais os torcedores têm de lidar constantemente pode despertar os impulsos agressivos. O indivíduo, no grupo, expressa a agressividade a partir do momento em que expõe seus sentimentos e traços mais inibidos.

De acordo com Monteiro (2003), as torcidas organizadas expressam seu descontentamento de diversas formas e com diversos graus de intensidade, desde a simples vaia até a agressão física a dirigentes e jogadores ou mesmo contra o patrimônio dos clubes e o aparelho público urbano. Em sua pesquisa sobre uma das mais importantes Torcidas do Flamengo, a Raça Rubro-Negra, Monteiro (2003) explica que a agressão pode ser um dos instrumentos utilizados pelas TOFs para demonstrar descontentamento com o time.

Nos comentários feitos a partir do apanhado teórico do Sociólogo Georg Simmel e do Psicanalista Sigmund Freud, expressos no quarto capítulo deste trabalho, constatamos que os atos de violência física em grupo são praticados pela “vontade coletiva”. O sujeito inserido em um grupo é influenciado por diferentes estímulos e age de maneira oposta àquela individual. O que faz Augusto de Sá (2007), acreditar que “esses jovens reunidos sejam capazes até de matar uma pessoa em um ritual de crueldade, o que normalmente não fariam se estivessem sozinhos” (Sá, 2007, p. 6).

Então, porque muitos desses torcedores chegam a organizar brigas e enfrentamentos nos estádios, às vezes até regularmente, via *internet*, através de *Blogs*, *Sites* e outros sítios virtuais? Por que tais ações são, muitas vezes, premeditadas por

indivíduos quando ainda encontram-se fora da coletividade? Costa (2003) ressalta que o ato de violência premeditada é a maior prova de que a violência não está necessariamente vinculada ao emocional. Nesses casos, diz ele, não é impossível creditar ao excesso de emotividade e à perda do controle emocional a responsabilidade pela violência, como é impossível dissociá-la da razão. O ato calculado de violência não dispensa a razão: ao contrário, solicita-a. (Costa, 2003, p.37)

Sá (2007) nos traz um ponto importante sobre a discussão. Para ele a massificação não acontece somente quando a pessoa está no meio das demais. A massificação é tomada de um sentimento sempre que algo se relaciona ao tema da paixão que as une, que pode ser uma ideologia, um gosto musical ou um time de futebol. Reforça que, no caso do futebol é uma coisa abstrata, pois a relação é com o símbolo e não com jogadores ou a forma de jogar da equipe. E prossegue afirmando: nos casos que não envolvem a violência de caráter ideológico, como parece ser a praticada por torcedores brasileiros, “a melhor maneira de evitar a violência dos grupos é a conscientização de pessoas sobre as circunstâncias que levam à massificação, momento em que agem movidas por um ímpeto comum e não por razões próprias” (Sá, 2007, p. 6).

Em levantamento feito por entidades européias sobre as causas da violência antes, durante e depois dos espetáculos esportivos, encontramos razões como: exibicionismo para os meios de comunicação; consumo de álcool e drogas pelos assistentes; grandes massas em contraposição a espaços reduzidos; atitudes e manifestações de dirigentes; tensão reprimida dos expectadores; anonimato nas massas populares; leis inadequadas; a não separação de torcidas rivais; descontrole na venda de ingressos; permissão para entrada de objetos que podem ser lançados; paixão pelas equipes em disputa; público próximo aos atletas; erros dos árbitros; policiamento

precário; passividade anterior pelas autoridades e dirigentes esportivos, entre outros (Tubino, 2001).

Mas, seria insuficiente o apontamento dessas proposições sem se reconhecer um indicador essencial para a análise, e que é base para o raciocínio do texto em execução, como veremos adiante: o atual processo de fragilização das identificações, a falência dos níveis de sociabilidade existentes nos grupos e entre seus atores, decorrente das transformações sociais em curso, que adentram no universo coletivo. Assim, não só os fatores diretamente relacionados ao esporte devem estar aqui notificados; mas ainda aqueles exteriores às praças esportivas e que produzem o indivíduo enquanto agente responsável e produtor da sua realidade.

## CAPÍTULO II

### 2- As torcidas organizadas como um grupo social

Nosso intuito neste capítulo é investigar mais a fundo nosso objeto de estudo (a Torcida Organizada Comando Avi Rubro) para que possamos entender o funcionamento e a sociabilidade do grupo. Feito uma introdução a respeito do contexto ao qual estão vinculadas as TOFs, vale agora destrincharmos o funcionamento da TOF em questão, iniciando por localizá-la a partir da conceituação dos agrupamentos presentes na sociedade. Como pensa o professor Pedro Alves, o agrupamento é próprio da natureza humana. A espécie humana necessita da vida em sociedade para sobreviver. Por isso, os indivíduos formam e participam durante sua vida de variados agrupamentos. Dentre os principais estão a *Massa*, o *Público*, a *Multidão*<sup>9</sup> e os *Grupos Sociais*.

Daremos maior atenção à categoria de Grupos Sociais por entendermos que esta nos desperta superior interesse e sobre a qual trataremos neste trabalho. Os Grupos Sociais são o tipo de agrupamento cujas características estão vinculadas as formações de Torcidas Organizadas. A razão disto, segundo Alves, é que “os grupos sociais são uma reunião de duas ou mais pessoas, associadas pela interação, e, por isso, capazes de ação conjunta, visando atingir um objetivo comum”. (Alves, p.10) Os mais conhecidos são a

---

<sup>9</sup> Alves define **Massa** dando como exemplo as “pessoas que assistem ao mesmo programa de televisão, vêem o mesmo anúncio num cartaz ou lêem em casa o mesmo jornal. A massa é formada por indivíduos que recebem, de maneira mais ou menos passiva, opiniões, que são veiculadas pelos meios de comunicação de massa” (ALVES, p.11). A massa **não obedece a normas**, sua formação é espontânea e consiste num agrupamento grande de pessoas desconhecidas. A partir desse pensamento, podemos notar que os grupos de TOFs não se encaixam no conceito de massa, como muitos acabam pensando.

O **Público**, segundo o autor, “é um agrupamento de pessoas que seguem os mesmos estímulos. É espontâneo, amorfo, não se baseia no contato físico, mas na comunicação recebida através dos diversos meios de comunicação teatral formam o público. Todos os indivíduos que compõem o público recebem o mesmo estímulo.”

Já a **Multidão**, para ele, é caracterizada pela **falta de organização**. “Apesar de poder ter um líder, a multidão não possui um conjunto próprio de normas, e seus membros não ocupam posições definidas no agregado” (ALVES, p. 10). A multidão é anônima, ou seja, as características pessoais de seus componentes não importam; possui objetivos comuns; são indiferenciados, os membros da multidão são iguais; e há proximidade física, uma vez que seus componentes se aproximam uns dos outros, com contato direto e temporário. “Um grupo de pessoas observando um incêndio ou um grupo que se encontra na rua para brincar o carnaval são exemplos de multidão” (ALVES). Mas apesar de essa categoria de agrupamentos sociais se assemelhar aos aspectos das TOFs e, muitas, vezes estar presente nos estudos sobre as torcidas, a falta de organização que o caracteriza é pontual para a excluirmos de tal raciocínio.

família; o grupo vicinal – vizinhança; o grupo educativo – escola; o grupo religioso – Igreja; grupo de lazer – clube ou associação; o grupo profissional – empresa e o grupo político – Estado, partidos políticos.

Esses grupos coincidem nos seguintes aspectos: 1- pluralidade de indivíduos, ou seja, na permanência do coletivo; 2- na interação social que o grupo proporciona; 3- na comunicação; 4- na Organização (na qual estão assentadas); 5- na objetividade e exterioridade – os grupos sociais são superiores e exteriores ao indivíduo; 6- no conteúdo intencional ou objetivo<sup>10</sup>; 7- na consciência grupal - maneiras de pensar, sentir e agir próprias. Sobre este aspecto Alves destaca que “existe um sentimento mais ou menos forte de compartilhar uma série de idéias, de pensamentos, de modos de agir; um exemplo disso é o torcedor que, quando fala da vitória de seu time, diz: ‘Nós ganhamos’” (Alves, p.10)). Tais grupos também se caracterizam pela continuidade - grupos que têm certa duração.

Esses mesmos grupos são classificados ainda em Grupos primários e Grupos secundários. Os Grupos primários são “aqueles em que predominam os contatos primários, isto é, os contatos mais pessoais, diretos, como a família, os vizinhos. Os Grupos secundários são os grupos sociais mais complexos, como as igrejas e o Estado, onde são reforçados os contatos sociais que são realizados de forma pessoal e direta – mas sem intimidade – ou de maneira indireta, através de cartas, telegramas, telefone etc (Alves). Nesta passagem podemos notar mais um exemplo de sociação, onde os contatos são realizados por meio das interações e relações diretas e por meio de objetivos em comum.

Mas existem também os grupos intermediários, onde as formas de contatos sociais, primárias e secundárias, se alternam. Creditamos a esse último, os grupos

---

<sup>10</sup> Destacamos que as TOFs unem-se em torno de certos valores.

intermediários, o lugar das TOFs, uma vez que nela subsistem ambos os tipos de contatos, aquele amigável, mais íntimo e, ao mesmo tempo, têm de se relacionar também de maneira formalizada, como Organização legalizada e hierarquizada que prima por suas regras internas e seu ordenamento.

Encontramos também em Freud uma outra classificação dos tipos de grupos que se diferenciam entre Artificiais e Efêmeros. Os Artificiais são do tipo Igreja e Exército; e os Efêmeros são os grupos momentâneos. O fato é que, se analisarmos sob essa perspectiva, as TOFs não firmam suas bases num lugar único e fixo. Sua atuação é mutável, inconstante. Sua formação e características oscilam com frequência entre as duas categorias aqui colocadas, pois as torcidas possuem uma organização e hierarquia, a exemplo dos grupos artificiais que têm uma permanência no tempo e, ao mesmo tempo, agem como se não os tivessem nos momentos em que atuam, nos momentos mais célebres de sua existência, nos campos de Futebol, quando realizam o ato de torcer. Pois tudo o que é vivido e sentido dentro de um estádio de futebol normalmente é passageiro e fugaz, portanto se enquadram na categoria de grupos efêmeros. As emoções vividas nesses ambientes são bastante diferentes das vivenciadas no dia-a-dia dessas pessoas, apesar de fazer parte substancial da mesma.

Frente a estas categorizações, assumimos a posição de que as TOFs são Grupos Sociais Intermediários, que têm aspectos de grupos artificiais e efêmeros, que abarcam, ainda que parcialmente, a realidade dessas organizações e as flexibilizam. Vejamos a seguir como nasceu a Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, nosso objeto, e o percurso seguido por seus membros nesses 15 anos de existência.

## **2.1 - Clube de Regatas Brasil**

A Comando Alvi Rubro nasceu da paixão dos torcedores pelo Clube de Regatas Brasil - CRB. De acordo com os registros do Museu dos Esportes de Alagoas, em 1911,

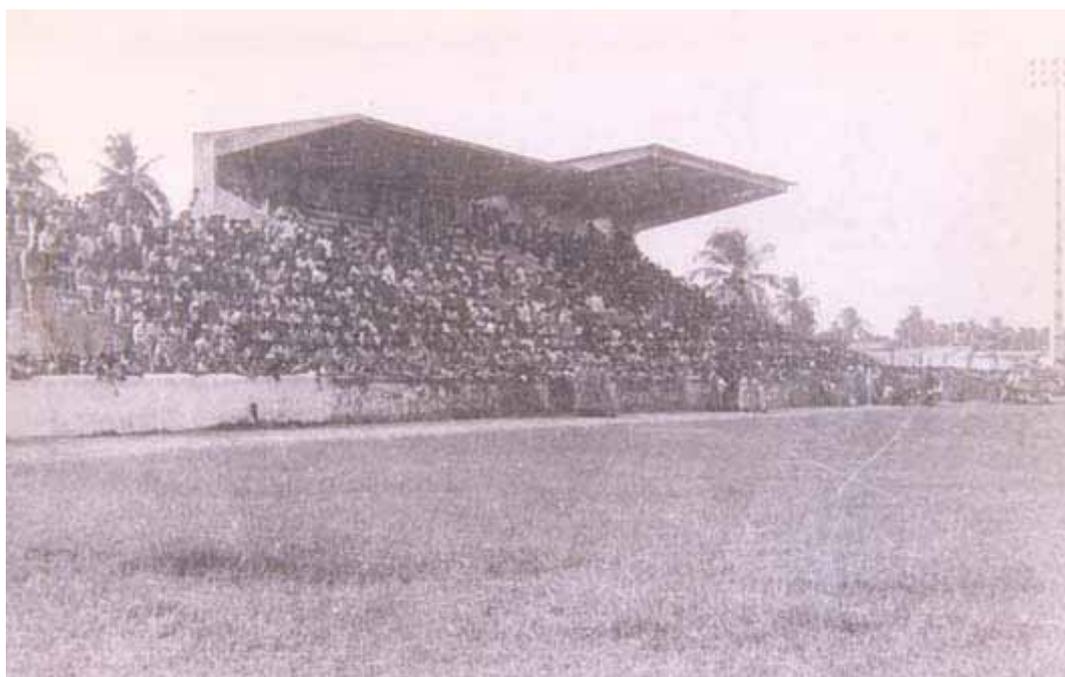
o CRB fundara-se, inicialmente, como Clube Alagoano de Regatas. Uma agremiação totalmente vazia de meios para cumprir o seu destino. A jóia era de um mil réis, e a mensalidade de quinhentos mil. Sua sede era situada na rua do comércio, 138, Centro. Apesar de se chamar Clube Alagoano de Regatas, não possuía yoles nem baleeiras, nem remadores. Entre seus fundadores estavam o jovem Lafaiete Pacheco, Antônio Bessa, Celso Coelho e Alexandre Nobre. O primeiro procurou junto aos companheiros, um aumento nas mensalidades, mas a idéia não foi aceita pela maioria. Desse mal entendido, nasceu o CLUBE DE REGATAS BRASIL.

Lafaiete Pacheco, autor da idéia, juntamente com Antônio Viana e mais sete rapazes fundaram o novo clube em Alagoas. Na rua Jasmim, ainda na Pajuçara, no dia 20 de setembro de 1912 foi fundado o CLUBE DE REGATAS BRASIL, com o lema - Esporte pela Pátria Forte. Além de Lafaiete Pacheco e Antônio Vianna, assinaram a ata de fundação os seguintes desportistas: João Luiz Albuquerque, Waldomiro Serva, Pedro Claudino Duarte, Tenente Julião, Agostinho Monteiro, Francisco Azevedo Bahia e João Vianna de Souza. Seus primeiros passos foram dados na regata. Por meio de Lafaiete Pacheco, o CRB comprou sua primeira yole em Santos. Cada sócio fundador contribuiu com cem mil réis e os outros cem foram tomados emprestados. Duzentos mil réis foi o valor da yole. O dinheiro foi remetido através do Banco de Pernambuco e a yole pelo navio Itapetinga. A primeira garagem foi no quintal da casa de Antônio Vianna, um dos fundadores (Museu dos Esportes, 2009).

O futebol foi introduzido na vida do CRB através dos irmãos Gondin juntamente com Lauro Bahia, José Leite e Abelardo Duarte. Começaram jogando "rachas" no meio da rua e logo sentiram a necessidade de trocar as ruas por um local mais adequado para a prática do novo esporte. O lugar escolhido foi o mesmo onde hoje se encontra o

estádio Severiano Gomes Filho, no ano de 1916. O terreno pertencia à dona Maria Torres que o arrendou ao CRB por trezentos mil réis. Era um terreno com altos e baixos. Foi necessário que os dirigentes, jogadores e torcedores trabalhassem para transformá-lo num campo de futebol<sup>11</sup>.

O clube possui muitos títulos em seus arquivos. São títulos que não foram conquistados apenas no futebol. Muitos troféus se devem ao esporte amador. O voleibol, o basquetebol, o futebol de salão, que já inscreveram páginas memoráveis e inesquecíveis. O CLUBE DE REGATAS BRASIL foi campeão da cidade nos anos de 1927 - 1930 - 1937 - 1938 - 1939 - 1940 - 1950 - 1951 - 1961 - 1964 - 1970 - 1973 - 1977 - 1978 - 1979 - 1983 - 1986 - 1987 - 1992 - 1993 - 1995.



Estádio Severiano Gomes Filho – Pajuçara

---

<sup>11</sup> Todas as informações contidas neste tópico estão referenciadas no site [www.museudosportes.com.br](http://www.museudosportes.com.br)

Em 1917, na gestão de Pedro Lima, começaram as obras de construção do Estádio propriamente dito - as arquibancadas de madeira. Haroldo Zagalo, pai de Mário Jorge Lobo "Zagalo", ex-jogador e técnico da seleção brasileira, transmitiu seus conhecimentos para os jogadores, assim como um alemão chamado Peter juntou-se à turma, fazendo avançar o futebol na Pajuçara. Até o ano de 2008 era o único representante alagoano no cenário futebolístico nacional, disputando o Campeonato Brasileiro Série B. Atualmente o CRB disputa a série C do Campeonato.



Museu dos esportes – Fundador Lafaiete Pacheco

De acordo com a fonte citada, o futebol chegou em Alagoas no ano de 1908, por estudantes alagoanos que faziam seus cursos superiores no Recife e em Salvador. Entre esses estudantes se encontravam Manoel de Melo Machado, que cursava medicina na Faculdade de Salvador. Vindo a Maceió em férias, ele convocou amigos acadêmicos de medicina e direito para formar o Alagoano Foot Ball Club. Como aconteceu com a inserção do futebol no Brasil, novos interessados foram surgindo e o futebol passou a ser disputado quase que exclusivamente pela elite. Com o tempo, as “peladas” começaram a ser praticadas também pelos menos favorecidos economicamente. Iniciando, assim, a íntima relação que tem hoje o alagoano com o futebol.

## 2.2- Comando Alvi Rubro

A Comando Alvi Rubro nasceu como Comando Vermelho em 11 de agosto de 1993, um ano após a criação da maior rival, a Mancha Azul, da vontade de quatro amigos em formar uma torcida que pudesse “empurrar” o CRB em campo, proporcionando um espetáculo para aqueles que assistem aos jogos. Desde então o grupo foi crescendo, conquistando cada vez mais adeptos e se tornando um dos maiores do Estado de Alagoas. Seu nome, segundo um dos dirigentes, surgiu da idéia de aglomerar uma massa de pessoas comandadas – daí viria a expressão COMANDO. O adjetivo VERMELHO derivaria das cores da equipe Alvi Rubra, formada também pelo branco. O grupo tem como símbolo o desenho de uma caveira, alusão feita, segundo ele, à idéia da morte. O que comunga também com o lema introduzido entre os torcedores: “CRB até a morte”<sup>12</sup>.

Como afirmamos, as duas principais torcidas do Estado tiveram suas atividades temporariamente suspensas em novembro de 2005. A partir daí a torcida do Clube de Regatas Brasil (CRB) trocou de nome e passou a se chamar Grêmio Recreativo Social e Cultural de Torcida Organizada Comando Alvi Rubro. De acordo com a Diretoria, a mudança na nomenclatura da Organizada foi essencial para a existência jurídica do grupo. Como as duas torcidas foram impedidas naquele ano de usarem seus adereços e materiais nos campos de futebol, eles foram obrigados a legalizá-la sem seu nome de formação, até então Comando Vermelho.

Durante nossa pesquisa de campo, que se prolongou por sete meses, a Torcida Organizada Comando Alvi Rubro passava por uma série de mudanças. Sua sede foi transferida, e ainda em obras, dava início ao recadastramento de seus integrantes. Para o novo local estava prevista a criação de uma *Lan House* com vistas a informatizar os

---

<sup>12</sup> Ver imagem na página 141, capítulo 5.

trabalhos, juntamente com a instalação de uma loja onde se comercializaria artigos da Organizada, já em funcionamento. Ao todo a Torcida possuía cerca de 2.500 associados antes da mudança de nomenclatura.

O presidente e o vice-presidente assumem o cargo por um período de seis anos. Só podem concorrer às chapas os associados e só têm direito a voto os sócios em dia com o pagamento das mensalidades. O presidente da Organizada dedica-se exclusivamente à torcida, devido às atividades administrativas realizadas pela Diretoria; enquanto que seus componentes fazem parte dos mais diversificados universos profissionais. Como já dissemos, a heterogeneidade dentro do grupo é imperativa e flagrante.

Além das 12 diretorias já instituídas, no ano de 2007 foi formada também uma nova que abarca os projetos sociais do grupo. Os dirigentes fazem questão de ressaltar que pretendem, com essa nova iniciativa, melhorar a imagem que a sociedade tem sobre a TOCV. Eles afirmam investir na realização de eventos beneficentes que possam arrecadar alimentos e roupas para serem doados a comunidades carentes da capital alagoana.

*“O que acontece, a gente realiza vários eventos, igual agora dia 15 vai tá acontecendo a festa de 14 anos da Torcida, né? Dia 15 de setembro. Então a gente vai arrecadar alimentos. A gente tem a intenção também de fazer uma festa do dia das crianças. Tudo pra melhorar a imagem da torcida com pais e mães, que estão preocupados. \_”Ah meu filho está na torcida organizada”. Mas Torcida Organizada não é isso tudo que falam não. Tá entendendo? Torcida Organizada é amigo, é festa, é diversão. No domingo passado a gente fez um evento aqui, que a gente arrecadou os alimentos e teve mais ou menos presentes aqui em torno de 700 pessoas, né? Então foi um evento bacana e a torcida vai tá sempre fazendo evento, aí divertindo todo mundo e ajudando a quem precisa”. (fala de um dirigente)*

Eles fazem uma advertência no tocante às imagens e aos textos inseridos nas páginas eletrônicas, comunidades em *sites* de relacionamentos, como o *Orkut* e *Flogs*<sup>13</sup>,

---

<sup>13</sup> Ver nos anexos I e II as páginas eletrônicas.

que mostraremos no último capítulo deste trabalho. Segundo os dirigentes, a Torcida não se responsabiliza pelo que é incluído nesses sítios. Ressaltam que, muitas vezes, os próprios integrantes ajudam a construir a imagem que existe hoje desses grupos. “*Aí não é a toa que você chega no Flogão e cê vê uma foto lá com dois caras com revólver na mão, aí cê fala que é a torcida, mas não é? (integrante de 21 anos)... Às vezes eles entram nos sitezinho de arma, pega as fotos, meio mundo de fuzil, meio mundo de granada e bota no flog. Faz uma montagem...*” (integrante de 29 anos).

A Diretoria reafirma que o objetivo do grupo está longe do tema violência. De acordo com seus dirigentes o intuito é unir pessoas com o mesmo propósito: a paixão pelo CRB, incentivar a equipe na arquibancada. “*A gente tá lá por uma paixão, o que a gente puder fazer pelo clube a gente faz. Uma campanha pra ajudar o clube, se for pra cobrar a gente cobra, se for pra ajudar a gente ajuda. Porquê, na verdade, a nossa paixão é o clube, né?*” (integrante de 29 anos).

### **2.3 - Operacionalização da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro**

Nos dias de jogos a TOCV tenta fazer um trabalho integrado com a Polícia Militar de Alagoas para evitar transtornos. As Organizadas dos clubes que vão atuar reúnem-se antes da partida para traçar um esquema que procure evitar o confronto entre os integrantes das TOFs rivais e os ajude a chegar ao Estádio com segurança.

*“Porque a rivalidade existe em todos os meios. Tanto no futebol, como na Capoeira, no Judô, qualquer esporte, até mesmo dança existe uma rivalidade. Qualquer coisa existe rivalidade. A gente procura o quê? Seguir uma meta pra poder não se encontrar as duas torcidas. Pra poder evitar o máximo possível o confronto. Porque a gente tá pra fazer a festa na arquibancada e não pra se matarem, né?”. (um dos diretores)*

Em dias de clássico a torcida se reúne na sede e segue em direção ao campo, acompanhados por duas viaturas da PM. A trajetória seguida pela Comando é traçada de forma a evitar o encontro com os torcedores da Mancha Azul. Normalmente eles

seguem pela orla marítima até a entrada do Estádio Rei Pelé (onde comumente são realizados os clássicos entre CSA x CRB). Os membros afirmam que, quando ocorrem incidentes graves entre os torcedores, agressões físicas, a Diretoria normalmente não consegue identificar o agressor. Não tem o controle de tudo o que acontece. Foi citado um confronto que ocorreu no bairro Feitosa, onde o Ônibus em que estava a TOCV foi apedrejado, segundo eles, por torcedores do CSA. Um regatiano veio a falecer nesse incidente, vítima de tiro. Essa questão pôde ser problematizada com a fala de um jornalista esportivo de um dos jornais de circulação de Maceió:

*“...seus líderes [das organizadas], que normalmente são pessoas mais sensatas e de boa índole, não têm controle sobre a massa de jovens integrantes das organizadas, até porque existe o fator econômico embutido aí também. As organizadas vendem material ligado à sua marca, então acho que a preocupação com quem compra e quem entra é um caso a se pensar, pois a organizada quer lucrar, não importa como. Só sei que eles não têm controle, infelizmente”,* resalta. (Jornalista esportivo)

A preocupação em evitar fatos como esse foi novamente vista às vésperas do primeiro clássico estadual no Campeonato Alagoano de 2008, realizado em 23 de março, quando o Comando de Policiamento do Interior reuniu-se com representantes e integrantes das torcidas do CSA e CRB, para apresentar os detalhes do plano de segurança para a partida. O jogo foi disputado em Arapiraca devido à impossibilidade de liberação total das dependências do Estádio Rei Pelé. Parte da imprensa caracterizou os preparativos como “Uma verdadeira operação de guerra”,<sup>14</sup> uma vez que os torcedores ligados às duas torcidas seriam monitorados desde a saída de Maceió, seguindo rotas diferenciadas, até a entrada do estádio Estádio Coaracy da Mata Fonseca, no agreste alagoano.

Sobre o assunto, o membro da Diretoria afirma: “*Nem eu nem ele [refere-se à diretoria da Mancha Azul] quer que haja o confronto. A gente já sentou pra almoçar,*

---

<sup>14</sup> Expressão utilizada no portal [www.esportealagoano.com.br](http://www.esportealagoano.com.br) (ver anexo)

*pra discutir sobre torcida. A gente procura o quê, evitar o máximo possível o confronto”.*

#### **2.4- Relações e alianças entre as TOFs**

A relação da Comando Alvi Rubro com o Clube de Regatas Brasil é aparentemente amistosa. Porém, a Diretoria faz questão de enfatizar que a torcida é independente e não recebe regalias do time. A única concessão seria o desconto de 50% na compra dos ingressos.

A Comando possui alianças com torcidas em praticamente todo o território nacional, principalmente no nordeste. Como afirmamos, tivemos a oportunidade de participar, através de observação participante, das comemorações dos 14 anos da TOCV, realizada no campo que pertence ao CRB, no Bairro Pajuçara. Conversamos com membros de algumas das “aliadas” dos regatianos, como a Cearamor, Torcida Organizada da equipe do Ceará, Esquadrão Colorado, do time do Sergipe e Fanáticos, do Náutico de Pernambuco e notamos que a intensidade das relações é recíproca. As torcidas se ajudam de forma semelhante nos locais onde seus times atuam.

Apesar de o clube visitante, no caso o Ceará, ter vencido o CRB no dia anterior por 4 x 0, o relacionamento era bastante amistoso entre os grupos. Um dos diretores da Cearamor ressalta:

*“Uma coisa que é bom salientar, que quando o CRB vai jogar em Fortaleza, no caso agora, agente foi com 70, 80 pessoas... A gente foi pro jogo e não foi ninguém do CRB. A gente como torcedor do Ceará, a gente foi prestigiar o CRB lá no PV<sup>15</sup>. E graças a Deus o CRB chegou à vitória, né? Se tivesse aqui, né?... acho que eles fariam a mesma coisa pela gente”. (fala de Diretor)*

---

<sup>15</sup> Estádio Presidente Vargas, pertencente à Prefeitura Municipal de Fortaleza. Está localizado na Rua Marechal Deodoro, 1187, Ceará.

## **2.5-O predomínio juvenil nas TOFs**

Como pudemos ver, as características que dão à TOCV formato de grupo social estiveram presentes nessa breve apresentação do objeto estudado. Embora esteja longe dos padrões de organização e estabilidade de torcidas maiores e mais representativas, como a já citada Cearamor, a Comando representa bem a pluralidade de indivíduos, que forma o coletivo; a organização, hierarquização e objetividade necessárias a essa categoria, no envolvimento com um objetivo comum, e pela continuidade que marca o grupo. Outro aspecto que reforça a coletividade em questão é a constatação da forte presença de jovens entre os membros da TOF. O que nos fez despertar para uma questão pertinente: a necessidade de se investigar mais a fundo a categoria de juventude, o que pode contribuir para o entendimento do objeto proposto. Deixemos claro que essa predominância de jovens está na grande maioria das TOFs e foi reconhecida também na Comando Alvi Rubro.

É necessário relatarmos que grande parte dos entrevistados durante a pesquisa e nossa observação participante é de pessoas inseridas na faixa etária de 15 a 25 anos, o que nos leva a imaginar que a busca pela caracterização da juventude pode dizer muito sobre essas formações e sobre o caráter que elas têm hoje, principalmente em tempos de crise de valores, como introduzido no primeiro capítulo, onde os jovens são os que mais sofrem com tal realidade.

Portanto, dedicamos o próximo capítulo ao tema da juventude brasileira. Seus anseios, seus aspectos transitórios e permanentes, sua comunicação, suas formas de identificação, suas marcas, o papel da agressividade e da violência, a sociabilidade, suas angústias, aliado ao contexto esportivo e ao valor que este tem em suas vidas. Uma vez que o objetivo deste trabalho é conhecermos a realidade das TOFs, em especial, da

TOCV, faz-se imprescindível adentrarmos no universo dos jovens, parcela majoritária nesses grupos.

## **CAPÍTULO III**

### **3 - Juventude e os processos de identificação na contemporaneidade**

Como afirmamos, a abordagem do tema Juventude torna-se importante para o estudo que propomos realizar, na medida em que as TOFs são, em sua maioria, formada por jovens e a compreensão desta categoria social passa a ser crucial para o conhecimento desta coletividade e da Sociabilidade que os constitui.

Sabemos não ser possível delimitar um perfil exato desse grupo, que possui características tão complexas e heterogêneas. Porém, a discussão sobre alguns elementos que compõem sua dinâmica torna-se fundamental para a compreensão do comportamento deste, isso porque na maior parte dos estudos relativos à questão, seja ela inserida em grupos constituídos ou não, sempre estão presentes os elementos de Masculinidade, Conflitos, Violência e Identidade. Possivelmente, assim, a vida grupal, e em especial nas TOFs, poderá ser melhor apreendida. Seguindo esse caminho analítico, onde identificamos essas dimensões, temos mais chances de entender a dinâmica da vida grupal, em especial, das TOFs.

#### **3.1- Identidade Social e atualidade juvenil**

Durante a pesquisa de campo tomamos vários depoimentos pontuais para análise. Um deles foi o do garoto que iremos chamar de SJ, base da presente elaboração reflexiva. No momento da entrevista ele trabalhava há mais de um ano na loja oficial da Comando Alvi Rubro, porém compunha o quadro de associados da torcida desde 2002. O jovem de 18 anos ingressou no grupo com 12 e o mesmo reconhece que a torcida foi uma referência durante toda a sua adolescência.

Veremos, a partir do seu depoimento, como em sua postura demonstra sentir-se membro do grupo, ao tempo em que expressa reflexividade com relação ao seu

reconhecimento enquanto membro da TOF. A partir dessa condição de membro, SJ identifica-se com os anseios e perspectivas desta.

Ao questionarmos quanto a seu ingresso e permanência pelo longo período dentro do grupo, seu depoimento veio de encontro a muito do que se ouve do senso comum sobre esse assunto. É certo que aspectos como amor ao clube, incentivo à torcida fizeram parte da sua resposta, mas o principal motivo e também o mais valorizado por ele foi o fator AMIZADE. De acordo com SJ, o que o motivou a entrar na Comando foi a rede de amizades que ele havia feito e a expectativa de ampliá-la estando organizado na TOF. Sobre o assunto SJ diz: *“filiei-me primeiro pra torcer, porque gostava do time mas, principalmente, por causa dos amigos. Eu tinha muitos amigos aqui, então um dia resolvi entrar e depois fiz mais amigos ainda...”*. A rede de relações constituída no grupo e pelo grupo produz a adesão e permanência dos membros das TOFs.

A respeito da “família” ele ressalta: *“minha família não queria que eu entrasse no grupo, por causa do que a mídia e as pessoas falam sobre a violência. Por isso eu quase abri mão da Comando”*. Esta fala reforça o que já anunciamos anteriormente sobre a imagem negativa que, muitas vezes, a mídia transmite em relação às TOFs. Outro aspecto relevante em sua fala é o fato de ter ganhado respeitabilidade dentro do grupo em decorrência do longo período de filiação. Ele trabalhava há cerca de um ano vendendo os produtos da Comando. *“Essa cargo (vendedor da loja da TOCV) é de confiança. Você adquire respeito pelo tempo que passou aqui...”*, diz.

Essas falas revelam a dimensão da reflexividade do jovem SJ, que reconhece as alterações produzidas em sua vida após filiar-se e tornar-se um membro da TOF, sendo este um fator que cria obstáculos para a participação de jovens.

É flagrante o tipo de identificação que esse jovem encontrou na Organizada, que não existe somente a partir do desporto, e não funciona exclusivamente como mecanismo “extravasador” da violência, mas um lugar de desenvolvimento da sociabilidade. Acreditamos que a organizada também pode ser um lugar onde as pessoas podem reconhecer-se como sujeitos ativos e fortalecer suas relações sociais vivenciadas diariamente. É o que nos aponta Takeuti (2002).

*“São diversos os estudos sobre as experiências grupais juvenis no Brasil, os quais indicam que o jovem, por exemplo, ao buscar integrar uma galera, estaria procurando um lugar em que ele poderá ser reconhecido pelos outros. A galera, a turma de rua, o grupo de jovens (torcidas organizadas, punks, funks, carecas...), seriam todos um lugar de tentativa de regulações psíquica e social” (Takeuti, 2002, p. 284).*

As palavras de SJ são representativas na medida em que expressam uma realidade que é comum no meio pesquisado. Com relação ao tema da violência e dos conflitos entre esses grupos, que por sinal perpassa todo o nosso trabalho, trazemos La Taille (2000) ressaltando que “o comportamento do homem depende, e muito, do contexto no qual ele se encontra” (Taille, 2000, p. 117). A autora afirma que, na maioria dos casos, o que determina a ação do ser humano é menos o tipo de indivíduo que ele representa que o tipo de situação ao qual se encontra. Ou seja, as pessoas não são sempre iguais a si mesmas, seja qual for o lugar em que estiverem, elas são suscetíveis ao contexto<sup>16</sup> e nós, pesquisadores, dependemos da análise deste para compreendermos o comportamento dos indivíduos. Assim, como as palavras são indiciais, categoria importante no estudo na etnometodologia, a análise das situações as quais estão inseridas os indivíduos são imprescindíveis para o entendimento das ações pessoais.

---

<sup>16</sup> E esse contexto não fala por si só, ele também depende, e muito, dos aspectos que levam à subjetividade do indivíduo, de seu histórico de vida, da importância dada por ele a determinados elementos e valores, que podem influenciar ou não no tipo de conduta praticada.

O que nos lembra as teorias expressas no próximo capítulo, onde Simmel e Freud reconhecem que o grupo exerce uma influência decisiva na ação dos sujeitos, impelindo-os a praticar ações que se estivessem sozinhos não cometeriam. Ou seja, o ambiente das torcidas torna-se propício a alguns tipos de comportamento que só são praticados em coletividade. Inclusive o da reciprocidade entre seus membros e, possivelmente, o de fortalecimento da identidade pessoal, como exposto pelo jovem SJ.

Ao mesmo tempo, o contexto da torcida transformou-se, para ele, num lugar de formação da sua personalidade de maneira positiva. *“Fiquei mais homem, mais responsável, mais adulto. Minha vida é a Comando, foi aqui que eu me formei como ser humano e me transformei no que sou hoje”*, afirma SJ.

O jovem, que passa a maior parte de seu dia entre as ações da Organizada, lembra do início, ao ingressar no grupo, quando sofreu severas críticas da família. Como expomos, ele reconhece que a família não autorizava seu ingresso na TOCV com receio de toda a violência que os parentes acreditavam existir na dinâmica das TOFs. Mas insistiu e permaneceu. Ao indagarmos sobre a relação torcida e violência, o garoto responde: *“Violência existe, mas gente boa também existe. Em todo canto tem violência, veja a situação do senado! Violência não existe só na torcida não, tem no mundo todo”*. Essa reflexão deixa espaço para pensarmos numa certa aceitação e banalização da violência que, de fato, transcende a realidade das TOFs.

Como afirmamos anteriormente, as torcidas organizadas são marcadas pela heterogeneidade de seus membros. Ou seja, os desejos e anseios de um não são necessariamente os dos outros em particular, e a reação das pessoas não acontece de maneira uniforme e linear. Abordando os grupos jovens como um todo, Takeuti (2002) nos oferece a seguinte reflexão:

*“Esse mundo juvenil referido não é homogêneo, tanto quanto a sociedade quer imaginar e gostaria que fosse, para o seu próprio sossego. A homogeneização que eles rompem torna-*

*se matéria preocupante para a sociedade, visto que eles embaralham as cartas que insistem em permanecer arrumadas no tablado social, supostamente organizado sob a ótica da dualidade clássica: “ricos” versus “pobres”, “in” versus “out”, “meninos de família” versus “meninos de rua”, “honestos” versus “desonestos”, e assim por diante. A heterogeneidade no interior de um subgrupo incomoda, pois dificulta a apreensão onde se quer aplicar tratamentos institucionais uniformes” (Takeuti, 2002, p. 294).*

Essa postura analítica contrapõem-se ao pensamento restrito que atribui as causas da violência apenas à condição sócio-econômica dos sujeitos. De acordo com Takeuti (2002), é comum a referência a “galeras” ou “turmas” como a uma idéia de adolescentes cuja *sociabilidade* conteria ações lúdicas, transgressivas, mas nem sempre violentas. Essas são características de uma juventude que procura espelhar-se em referenciais que possam lhes garantir o alento em um mundo que não lhes proporciona as expectativas pertinentes à fase em que se encontram. Por sua própria essência, a juventude é composta de elementos marcantes relativos à atração pelo perigo, pelas transgressões e pela prepotência. “Predomina nas representações sobre os jovens, de todas as épocas, o caráter ‘periculoso’, a sua potencialidade virtual para cometer excessos em relação às suas prescrições sociais, assim como para adotar atitudes de rebelião em relação à ordem e aos valores vigentes” (Takeuti, 2002, p. 286).

As características juvenis são sempre semelhantes em todos os momentos da humanidade. “Aprontar”, de maneira grave ou leve, é uma característica da sociabilidade juvenil que atravessa várias culturas, épocas e sociedades (Takeuti, 2002, p.286). Tomamos o depoimento de um associado à Comando Alvi Rubro que dizia fazer parte da TOCV desde 1993, ano de fundação do grupo. Em entrevista realizada no dia da comemoração aos 14 anos da Organizada, o membro, que chamaremos de AB, afirmava que, quando jovem, ao adentrar no grupo, “vivia metido em confusões” com integrantes da torcida adversária, Mancha Azul. “*Eu brigava porque eu gostava... pra mim era um esporte, um hobby*”. “*Gostava de dar porrada na Mancha Gay, nos*

*manchete... os torcedor normal do CSA não, o torcedor da manchete... Dos gay...Ai eu ia pra cima mesmo, pra quebrar mesmo, rasgar camisa, tomar material dele, dar porrada”.*

Hoje, trabalhando formalmente na capital alagoana, ele diz que continua associado, mas com outros interesses: o de acompanhar os jogos do clube e obter momentos de lazer, longe das “confusões”.

*“Eu to agora naquela, tem que ser na paz, né? Quando eu era pivete eu era meio... marginal não que eu nunca assim matei, nunca usei drogas nem nada, nunca fui bandido. Mas gostava de brigar, coisa de adolescente. Agora não brigo mais porque não posso, por causa do meu trabalho... trabalho numa empresa ai...”, afirma.*

Nas descrições que encontramos na estrutura sobre os “bailes de corredor” e “festivais ou concursos entre galeras”, pode-se raciocinar da mesma maneira, uma vez que admitimos ver ressaltar “nessa formação grupal específica, o “gosto da aventura e do risco” que leva os jovens a procurar a “turma” na qual eles possam melhor identificar-se, de maneira a assegurar um sentimento de segurança e pertença grupal. Segundo Takeuti (2002), “é o prazer da briga ou da curtição em tirar uma onda com boys de outra turma rival”, o que une esses jovens nessas ações, muitas vezes, violentas (Takeuti, 2002, p. 294).

No depoimento de AB nota-se que, na fase juvenil, havia mais sentido e era mais instigante participar das brigas entre as duas torcidas. Não era preciso um motivo claro, bastava ser do grupo rival para merecer sofrer opressões e incômodos. Takeuti expõem alguns sentimentos que perfazem a vida do jovem e que podem ser um estímulo para o confronto.

*“Vontade de transgredir, impelindo os jovens para ações perigosas, não somente contra as pessoas na sociedade, mas contra eles próprios. O prazer da provocação e do desafio a cata de “presepadas” (proezas), a ânsia de aventuras, o gozo*

*de emoções fortes (por vezes, mortífero) organizam suas inúmeras façanhas quotidianas. Nelas combinam-se em suas condutas a compenetração e o desinteresse, o empenho e a irresponsabilidade, o cálculo e a improvisação, a seriedade e o ridículo, enfim, a vida e a morte” (Takeuti, 2002, p. 301).*

Desde quando se tem conhecimento da literatura referente à juventude, algumas práticas, apesar de tempos distintos, possuem características semelhantes, que parecem envolver o universo juvenil: a vontade de transgredir, a necessidade de afirmação, a emoção do perigo, a dificuldade de vislumbrarem um fim para sua existência. Esses, entre outros fatores, são agregados ao tema que, apesar das mudanças conceituais e das diversidades temporais, geográficas e históricas, continua sempre apresentando uma juventude que tem tais elementos como condição de existência.

*“Hoje em dia, a passagem de alguns jovens para a vida adulta é um verdadeiro dobrar de “cabo das tormentas” (via de riscum). Aventura por aventura, envolvem-se então com os amigos, em cada esquina da vida, nas excitações do cotidiano: os excessos de velocidade com as motos, os esportes radicais, as festas rave, as aventuras sexuais, o consumo de drogas etc. Nessas “esquinas da vida”, celebram-se muitas das novas sensibilidades das culturas jovens” (Pais, 2006, p.11).*

Os jovens vivem uma fase intermediária, entre a infância e a idade adulta e, nesse ínterim, buscam a solidificação de suas identidades. É nesse momento que suas identificações são mais urgentes. Identificações essas ainda mais difíceis de serem reforçadas nos tempos atuais, em termos locais e também globais. As sociedades passam por um processo de fragilização das identificações, os laços valorativos e amorosos estão mais esgarçados; as pessoas, e muito mais os jovens, perdem seus ideais e referências na mesma proporção em que avançam no campo técnico e científico. Num tempo onde as liberdades são ovacionadas, os jovens encontram-se em conflito: a conquista da liberdade pode representar o distanciamento do aconchego familiar, que lhes proporcionava segurança e abrigo.

Abordando as especificidades do contexto histórico em que os jovens estão inseridos hoje, Coelho faz o seguinte diagnóstico:

*“O estoque identificatório de que o sujeito atual dispõe é quase nenhum. Os padrões identitários não são mais marcados, as referências se perderam e a depressão, tomada por muitos como sintoma maior de nosso tempo, tem, sem dúvida, muito a ver com esse vazio de identidade e de identificações. Sociedade em que o indivíduo e sua autonomia valem mais do que a comunidade que o abriga e o patrimônio cultural herdado... Sociedade sem herança, indivíduos órfãos de ideais e de verdades simbólicas que correm simplesmente atrás da sedução das imagens que lhes são propostas de inúmeros modos”* (Coelho, 2006, p. 179).

Os jovens buscam no grupo vivenciar os laços grupais que podem lhes devolver o amparo e conforto perdidos. Assim como tantos outros tipos de grupos sociais, as Torcidas Organizadas de Futebol podem operar, para a maioria de seus associados, como instrumento a partir do qual vivenciam o acolhimento, o pertencimento, o amparo e o conforto identitários. Essa experiência do grupo com todo o processo de identificação pode ser um elemento esclarecedor para compreendermos porque os torcedores privilegiam suas torcidas em detrimento da equipe.

O sujeito necessitaria construir uma identidade, ainda que passageira, fugaz, como preenchimento desse vazio. Coelho (2006) levanta um debate lembrando o paradoxo descoberto pelos estudos sobre a comunidade, de Zigmunt Bauman. Para ele, nos deparamos com um paradoxo quando procuramos um sentimento de comunidade, a partir das sensações de aconchego, segurança e confiança proporcionados, e necessitamos também dos prazeres advindos da busca pela liberdade. “A comunidade de hoje, fragilizada por esse caráter negociado, encontraria na identidade sua substituta” (Coelho, 2006, p. 181).

Por outro lado, os elementos perigosos muitas vezes estruturam a relação dos jovens com a sociedade, dando visibilidade aos mesmos. Visibilidade e reconhecimento que normalmente não encontram fora da coletividade. Takeuti (2002) levanta uma

discussão bastante pertinente: a da estetização da violência, na qual a mídia possui papel importante, que acarreta no jovem uma busca pela visibilidade, de sua existência social. “Nas violências ritualizadas, nas performances, nas “encenações”, nas “coreografias”, todas públicas, a violência constitui-se em uma forma de expressão e afirmação de subjetividades, quer ela esteja associada ao lúdico, ao gozo ou à criminalidade hard” (Takeuti, 2002, p. 297). Sobre este aspecto, Pimenta (2006) também reforça a idéia de que “o torcedor, na formação ‘organizada’, não é mais um mero espectador do ‘jogo’. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo, é protagonista. Vide suas vestimentas e bandeiras (estético), cantos e coreografias (lúdico), sentimento de pertencimento e representação da guerra contra os rivais (simbólico)”... “Um acontecimento, como diria Jean Baudrillard, ‘performático’”(2006, p.46).

A análise do comportamento dos jovens nas TOFs deve considerar, portanto, a necessidade que sentem de dar visibilidade ao roubo juvenil. Muitos outros requisitos, todavia, podem e devem ser observados nesse sentido e o comportamento dos jovens deve ser analisado por muitos ângulos tendo em vista seus anseios, desejos, perspectivas, ambiente aos quais estão inseridos, principalmente em dias em que as referências dos jovens e adolescentes diluem-se com mais rapidez.

### **3.2 - Perspectivas juvenis e conjuntura social**

Outro aspecto importante na formação da discussão da identidade juvenil diz respeito à questão estrutural. Taile (2000) aponta a pesquisa sobre o comportamento e as práticas sociais das classes populares no Rio de Janeiro, onde analisa que, há duas décadas, os mecanismos de ascensão social eram menos estreitos.

*“O sonho de um pai era que seu filho tivesse o curso ginásial completo; assim, pelo menos, seria um trabalhador semi-especializado... O que se vê depois de vinte anos é o grande bloqueio dos mecanismos tradicionais de ascensão... Todos os mecanismos tradicionais da ascensão, através da herança, através da inserção pela escolarização, estão bloqueados. Isso gera uma tensão muito grande entre o querer estar e a*

*possibilidade de estar inserido numa situação minimamente digna” (Taile, 2000, p. 124).*

Para a autora, é por essa razão que muitos desses jovens optam por uma via mais fácil para conseguir essa ascensão. Segundo ela, esses jovens cariocas são muito atraídos pela lógica da violência que passa pela afirmação de uma identidade masculina, da honra, da força, da virilidade, da vontade sem restrições, do mando e, pela capacidade de, por meio da inserção numa atividade do narcotráfico, ter dinheiro para poder adquirir aquilo que permitirá sua participação na sociedade.

A participação na sociedade por meio de atividade ilícita é um caminho procurado por muitos jovens na conquista de poder, respeito e reconhecimento. Essa vinculação estabelecida comumente entre pobreza e violência se realiza quando pensamos nas constantes pressões e relegações vividas pelos sujeitos que não respondem às exigências normativas como sucesso profissional, padrão de consumo, “realização” pessoal. “A perda de estima de si e a vergonha que disso decorre podem ser, em muitos casos, paralisante desencadeadora de condutas agressivas ou (auto) destrutivas” (Takeuti, 2000, p 241).

Problematizando a questão, Cecchetto (2004) lembra os trabalhos de Eric Dunning, quando descreve as raízes sociais da violência masculina a partir da análise do comportamento de alguns fãs de futebol na Inglaterra. Para ele, os padrões de violência encontrados em tais grupos correspondem a uma “configuração social específica dos setores mais ‘rudes’ das classes trabalhadoras. Assim é que, dada a dificuldade de alcançar significado, estatuto e gratificação e formar identidades satisfatórias no campo da escola e do trabalho, os indivíduos próximos ao fundo da estrutura hierárquica demonstrariam uma disposição mais acentuada para, com maior frequência, confiarem na intimidação física e na luta” (Cecchetto, 2004, p.106).

Esse pressuposto diz respeito àquela aceção de que alguns setores das camadas populares seriam atingidos com mais lentidão pelo processo civilizatório, exibindo um “limiar de repugnância” relativamente elevado quanto a testemunhar e participar de atos violentos.

*“Um dos efeitos desse processo seria a atribuição de maior prestígio aos homens de comprovada capacidade para lutar, sendo a rivalidade violenta uma fonte importante de significado e de dinamização da emoção agradável. O prazer experimentado por esses grupos em infligir danos físicos aos adversários potenciais é um componente fulcral em sua configuração de masculinidade” (Cecchetto, 2004, p. 107).*

Tentamos, no entanto, desmistificar a assertiva de que os conflitos e agressões que desembocam em ações violentas persistem nas camadas mais abastadas da população. Para isso apresentamos a idéia de Monteiro (2003) que, em recente estudo sobre a torcida organizada de uma equipe carioca, verificou a permanência de uma cultura masculina agressiva entre os seus integrantes. Mas, ao contrário do que afirma, a literatura referida, são jovens das camadas média e alta da sociedade carioca que têm se envolvido com a violência.

Takeuti (2002) constatou também que entre os praticantes de lutas marciais, há a emergência de um padrão agressivo em um grupo que está igualmente configurado como de camadas média e alta da cidade. “Nesse sentido, é bom ressaltar que o campo esportivo pode ser utilizado como lugar de exibição do “etos guerreiro”, do ideal de masculinidade macho de uma maneira exacerbada, desregrada, sem controle” (Takeuti, 2002, p.108).

Distanciando-nos, por ora, do cenário esportivo, temos os inúmeros fatos, denunciados pela mídia, de jovens com estruturas familiares aparentemente sólidas, envolvidos em casos de extrema brutalidade. O caso emblemático que surpreendeu todo o país foi o da doméstica que em 2007 foi espancada num ponto de ônibus no Rio de

Janeiro por um grupo de jovens universitários. O argumento que utilizaram para se isentarem da pena foi o de que a confundiram com uma prostituta. Essa postura revela não só a agressividade dos jovens de camada média como sua visão discriminatória, pois deixaram transparecer que em sua concepção, se a mulher fosse garota de programa, seu gesto estaria justificado.

Outro exemplo é o crime cometido contra a menina Isabella Nardoni, que durante muito tempo foi pauta principal nos noticiários e programas de TV no primeiro semestre de 2008. Os principais suspeitos de sua morte brutal são o pai e a madrasta, ambos vindos de famílias tradicionais, com oportunidades que a grande maioria dos brasileiros desconhece. A violência se alojou principalmente nos grandes centros urbanos e não pode ser enquadrada em estratificações, gêneros ou quaisquer rotulações. Neste sentido, concordamos com Takeuti (2002) ao afirmar que essas práticas agressivas podem ser explicadas a partir do processo pelo qual passa o país, com a dessensibilização da sociedade para questões referentes à vida humana e à violência, ou seja, à sua banalização, fruto de um longo processo de fragilização dos valores sociais e do respeito ao próximo.

A despeito das diferenças entre as realidades estudadas por Takeuti e por nós, entendemos que seus argumentos nos servem para refletir o dia-a-dia das TOFs e como os jovens agem neste contexto. Retornando ao debate esportivo, percebemos que algumas características permanecem tanto num caso como no outro. Vemos que o desejo da afirmação de uma identidade masculina e a busca pelo reforço da virilidade são pontos em comum tanto nas TOFs cariocas, alagoanas, como de qualquer outra localidade do país.

### 3.3 - A construção social da masculinidade

A idéia de masculinidade na composição do tecido social não é recente. No Debate contemporâneo sobre a Masculinidade, Cecchetto (2004) expõe a riqueza da literatura em relatos sobre a infância e a adolescência de meninos “transformados” em homens pelos jogos ou esportes viris. O esporte é tido como uma espécie de antídoto para a feminilização, um *locus* propício para a construção da masculinidade, porque apresenta aspectos de competição, violência e combate que, mesmo ritualizados, são considerados atributos da masculinidade (Cecchetto, 2004, p.77).

É possível admitirmos que muitas das aproximações entre violência e torcidas organizadas podem estar vinculadas à idéia da construção de uma “masculinidade agressiva”, principalmente entre os jovens, masculinidade essa construída cultural e historicamente pelas sociedades. Observamos na conduta de muitos dos integrantes da organizada que pesquisamos a percepção desta conduta que expressa masculinidade como uma estratégia para denotar “superioridade” em detrimento da inferiorização de um grupo adversário, com ofensas e ataques à sua virilidade. Fazendo referência aos esportes violentos, Cecchetto (2004) ressalta a presença de uma “cultura viril” entre os jovens, onde a força física passa a ser o símbolo da masculinidade e, conseqüentemente, da sua superioridade.

*“O que deve ser ressaltado nesse processo é a exaltação de uma cultura viril em que a força física, a tenacidade e a riqueza orientam valores da masculinidade descrita como hegemônica. O esporte e também o lazer são áreas onde é possível construir e exibir marcas para estabelecer uma hierarquização nas masculinidades através do culto á força física” (Cecchetto, 2004, p.79).*

Monteiro (2003) comenta essas demonstrações de superioridade entre as torcidas e delega as manifestações de violência praticada por esses integrantes como construtos de um “Étos Guerreiro”, que ele descreve como um tipo de comportamento que

privilegia o confronto violento, a agressividade viril e a demonstração de superioridade física sobre o outro.

*“Adquirir status, respeito, poder e domínio sobre os outros membros do grupo ou sobre os que de algum modo com ele se relacionam e interagem também faz parte dessa crescente presença do Etos Guerreiro em nossa sociedade ou pelo menos nas torcidas aqui pesquisadas. Mostrar-se mais forte, mais valente, mais macho e mais brigão é uma característica marcante dos membros das torcidas organizadas” (Monteiro, 2003, p.110).*

As demonstrações de reforço da masculinidade também são aspectos pontuais, indispensáveis para se compreender o sentido dado pela Comando Alvi Rubro a suas ações. Os ataques à honra e à masculinidade do grupo oponente, a Mancha Azul, encontram-se presentes em grande parte dos gritos de guerra, canções e palavras de ordem da Comando Vermelho. As palavras, quase sempre de insulto e depreciação, indicam o sentido que a organização pretende transmitir de si própria, bem como de seu adversário. Os “Mancha Gay”, como são chamados os integrantes da Mancha Azul, acabam tendo que conviver com esse rótulo que, muitas vezes, move os conflitos vivenciados por ambos os grupos. As composições transcritas abaixo são reveladoras da estratégia que a Comando usa para depreciar a torcida adversária.

*1- VAI COMEÇAR A FESTA.....E A CIDADE  
AVERMELHOU... AVERMELHOU .... ENTÃO... VAI  
BATERIA PODE ESCULACHAR SOLTE O SOM DA  
FESTA PARA OS MANCHA-GAY CHORAR... A  
MANCHA É GAY É GAYYYY)*

Em nossa sociedade a expressão “Gay” é associada a uma imagem de fragilidade. Assim, ao dizer que os “Mancha é Gay” vão chorar, associam o grupo ao universo feminino e ao mundo gay.

2- *FUNK CHAMA A SAMU*

*Domingo eu fui pro jogo*

*Foi lá no trapichão*

*O galo de virada*

***Calou** os "mancha" cuzão*

*A mundiça se calou*

*Foi maior "azuação"*

*Gritei a mancha é gay*

*e cadê o banderão.*

*O trapichão é nosso*

*O azulão **tomou no cú***

*Antes de ir pra casa*

*cantei o chama a samu..*

*Calar* é uma postura de imposição e superioridade. *Tomar no cú* traz o entendimento da questão da homossexualidade e da posição passiva.

3- *Galera chama samu, espanca mais...*

*eu perguntava para mancha cu, a trovoa cu e a bagay no trapichao a cv eh rei!!!*

A linguagem utilizada para a comunicação dos integrantes dessa TOF denota a forma como eles se reconhecem enquanto grupo e os valores a partir dos quais definem o grupo rival. Os elementos da masculinidade, que se expressam tanto verbalmente quanto gestualmente, e o comportamento viril fazem parte da construção de uma identidade que se reconhece superior. Vejamos outro exemplo:

*" Rema, Rema, remador,*

*vou botar no cú, do tricolor*

*se o tricolor for sapatão,*

*vou botar no cú do azulão*

*Se a canoa não virar olê, olê olá, eu chego lá*

*Se a Canoa não virar eu chego lá"*

Essas composições foram extraídas de comunidades criadas no Orkut (*site de relacionamentos*) pelos torcedores. É importante lembrar que a diretoria da TOCV não

reconhece esses sítios e indica como oficial somente o endereço [WWW.comandoalvirubro.com.br](http://WWW.comandoalvirubro.com.br). Cecchetto (2004) nota que “através dos termos “atividade” e “passividade”, encontramos atribuições de dominação e submissão, instaurando uma relação hierárquica: atividade, o ato de penetrar outro homem, sempre é “apresentada” como uma forma positiva de auto-afirmação masculina e significa poder em relação à passividade” (Cecchetto, 2004, p.54). A partir dessas reflexões de Cecchetto, pode-se pensar nos torcedores da Comando como ativos, aqueles que mandam no “jogo”, e os seus adversários, os Mancha, aqueles passivos, comandados, derrotados. Entendemos que a presença do argumento “vão tomar no cú”, na linguagem dos membros, reforça essa dimensão de passividade e submissão a todo instante.

É importante destacar a indicialidade presente nas falas dos torcedores. Como havíamos discutido anteriormente, “embora uma palavra tenha uma significação trans-situacional, tem igualmente um significado distinto em toda situação particular que é usada (...) Isto designa, portanto, a incompletude natural das palavras, que só ganham seu sentido ‘completo’ no seu contexto de produção, quando são ‘indexadas’ a uma situação de intercâmbio lingüístico” (Coulon, 1995, p. 32). As músicas ganham um sentido de agressividade quando cantadas no contexto dos estádios e dos jogos, explicitando um claro confronto e rivalidade com o grupo opositor.

O sentido atribuído pelo grupo, o da superioridade e o da atividade, foi construído contextualmente, com palavras, jargões e expressões retiradas da situação e do histórico de cada torcedor e do grupo em geral. Apesar de serem reconhecidos também fora daquele ambiente, elas ganham o sentido propostos pelos sujeitos somente nesta situação.

No processo de sociação as TOFs constroem uma realidade que reforça permanentemente a divisão entre os superiores e os inferiores neste universo esportivo.

São valores que vão sendo indicializados pelos jovens em suas canções e que dão significado às suas práticas rotineiras, e passam a compor o universo representacional de todos que compõem o grupo.

Sobre isto, Toledo (1996) afirma que “as ambigüidades sexuais que alimentam o imaginário ao redor da figura do veado remetem àqueles que estão sendo xingados ao universo feminino e frágil, hostil, portanto, ao universo popular masculino predominante no futebol” (1996, p. 25). Em seu estudo com torcidas organizadas em São Paulo o referido autor admite tais atributos recaírem sobre as classes mais abastadas identificadas idealmente nos são-paulinos [...], “os frescos, pó-de-arroz e cuzões” (Toledo, 1996, p.25).

Mas isso não ocorre de forma linear. Esses indivíduos possuem formas diferentes de lidarem com os sentimentos advindos dos embates, nas rixas violentas e nas experiências lúdicas grupais. Essas maneiras são ditadas por meio de uma série de ações cotidianas relacionados à idade e à própria construção de gênero dos participantes. Por isso, o simbólico encontra-se tão presente nas representações dos sujeitos.

*“Nesse processo, as idéias sobre o lazer, o esporte e a violência apresentam configurações singulares, embora basicamente uma explosão física, a dimensão do simbólico se faz presente no prazer experimentado na “emoção briga”, na paixão de atacar e destruir o “inimigo”; no esporte e nas formas controladas das contendas e rivalidades, o poder da palavra e o orgulho de ser “educado” são o aspecto mais característico, embora a expressão física não esteja totalmente ausente. Tais expressões integram um conjunto de ações e sentimentos que são criados e experimentados nesse contexto e utilizados também como um recurso comunicativo entre os indivíduos” (Cecchetto, 2004, p.90).*

Os debates em torno da construção social da masculinidade e virilidade caminham junto também no que diz respeito ao elemento corpo e suas expressões. Segundo Cecchetto (2004), o corpo se apresenta como *locus* da dominação de gênero,

como forma de violência simbólica. Ele representaria o esforço habitual de garantir presença no “patético jogo viril”. Esse pode ser um caminho coerente para pensarmos as expressões físicas (estéticas) de torcedores como forma de garantir seu espaço e permanência nesse jogo. Isto nos faz pensar que a masculinidade possui aspectos sociais em várias culturas, afirmando que socialmente nenhum menino “nasce homem”, mas “torna-se homem”, como nos explica Gilmore (2004, p.76). “A identidade masculina não está assegurada somente por atributos atômicos, como a posse de um pênis ou uma musculatura desenvolvida, mas sim pela filiação do indivíduo a um grupo e a determinados valores e condutas considerados masculinos” (Cecchetto, 2004, p.76).

A dimensão corporal passa a ser extremamente valorizada no universo das identificações juvenis e o “Etos Guerreiro” pressupõe o confronto, a agressividade e a superioridade física.

*“Seja porque o uso do corpo é um critério imperante na definição dos estilos, seja porque o que se sugere é a importância dada à aparência ou às marcas no corpo dos adeptos das três modalidades de lazer, o corpo está ligado diretamente à temática da identidade, da sociabilidade, da violência e das relações entre os sexos” (Cecchetto, 2004. p.73).*

### **3.4 - Dúvidas e incertezas juvenis – um panorama**

As análises de Takeuti (2002) apontam para possíveis insuficiências dos processos identificatórios no universo juvenil. Segundo ela, o mundo hoje vive uma crise no campo das identificações imaginárias sociais globais que possibilitam nutrir (apoiar) as significações imaginárias sociais das entidades específicas, socialmente instituídas, e que têm um peso determinante no processo identificatório, como por exemplo, a família (p. 242.). Ou seja, as referências e valores que um dia norteavam as atitudes pessoais e em coletividade estão esgarçadas, e os laços que fortaleciam as condutas individuais e, principalmente as juvenis, foram encurtados e fragilizados.

O que leva também ao enfraquecimento dos processos de identificação que, para a autora, representa a perda “do suporte dos interditos sociais que, quando comprometido, concorre para o extravasamento das pulsões destrutivas, das “perversões sociais”, as quais emergem, na sociedade atual sob múltiplas facetas” (Takeuti, 2004, p. 243). Assim, é possível que as atitudes de arrogância e a necessidade de impor o medo constituam-se em expressões dos mecanismos de defesa individuais face aos sentimentos de humilhação, de vergonha e de revolta resultantes de uma experiência social negativa (Takeuti, 2002, p. 254).

Tal raciocínio nos remete à discussão realizada em uma das reuniões do Núcleo de Estudos sobre a Violência no Estado de Alagoas (NEVIAL), onde um dos participantes nos chamou atenção. Bacharel em Direito e professor universitário ele comunga com a idéia acima lembrando que, muitas vezes, esses jovens apenas reproduzem a violência que recebem no meio social. Citando sua experiência docente ele diz que muitos são obrigados a conviver com uma rotina dura e as práticas agressivas poderiam representar uma forma de resistência.

“Muitos não tiveram carinho e atenção na infância, ou foram bastante reprimidos, acostumando-se, assim, com esse tipo de tratamento. Tanto que se você tratá-los de uma maneira diferente e tomar uma postura oposta àquela a qual vivenciam, eles ficam bastante sensibilizados” (fala do membro do Nevial). A carência afetiva, a falta de limites e o preconceito vivido por muitos jovens<sup>17</sup> também são formas de violência que podem desembocar num cenário cada vez mais perverso.

Esses elementos formam um quadro complexo. As atitudes violentas podem ser também um sintoma de um desejo de pertencimento e auto-afirmação por parte dessa

---

<sup>17</sup> Entenda-se aqui os jovens como categoria formada pelas mais diversas características, classes e históricos sociais, em sua heterogeneidade.

juventude ou mesmo um pedido de socorro. Podemos observar esta questão no depoimento de SJ exposto no início do capítulo.

Seria coerente acreditar que as relações vividas e constituídas pelos jovens integrantes das torcidas organizadas, as sociações e trocas simbólicas também seriam responsáveis pelos processos de identificação pelos quais eles passam durante sua vida. Quando vimos acima a fala de SJ ao afirmar que “em todo canto tem violência”, entendemos que:

*“A violência é uma constante social desde a origem da humanidade. Nos primórdios da civilização encontra-se a violência fundadora original (Freud, Totem e Tabu). Ela sempre fez parte dos diferentes padrões de sociabilidade. O que difere é a relação dos homens face a ela, de acordo com cada sociedade e época. Ou seja, cada sociedade institui a sua significação para a violência, passando a fornecer os “padrões” de comportamentos aos indivíduos que dela fazem parte” (Takeuti, 2002, p. 166).*

Não sem razão, diante da realidade vivenciada nos últimos tempos, o jovem tem trazido o estigma da violência em sua sociabilidade. Essa herança não vem na sua carga genética, mas sim por ser essa faixa etária que vive uma condição potencial de transformação. Cada vez mais as estatísticas apontam para um maior índice de criminalidade urbana entre os jovens e adolescentes<sup>18</sup>. E quando se trata de jovem em situação de pobreza a realidade é mais agravante. É comum nos depararmos com pesquisas que situam a delinqüência, a violência e a criminalidade entre os jovens de baixa ou nenhuma escolaridade, dos segmentos mais pobres da sociedade. E já sabemos que, para a grande maioria da população, a juventude pobre é discriminada, porque é tida como responsável pela violência nos grandes centros urbanos.

Trabalhamos com a compreensão de que nenhum segmento social está isento da prática da violência. Isso porque estamos lidando com um problema que envolve a condição humana, independente de estrato social. Além da quase ausência de

---

<sup>18</sup> De janeiro a Abril de 2009 a Secretaria de Defesa Social de Alagoas registrou 12.103 ocorrências delituosas no Estado. Somente os homicídios somam 657 ocorrências.

mobilidade social, onde ter estudo já não garante inserção no mercado de trabalho, está muito presente em nossa sociedade a “insegurança ontológica”<sup>19</sup> pela qual passam os jovens.

São muitas as incertezas vivenciadas nos dias atuais que proporcionam um profundo medo do futuro. O tema da violência já faz parte do imaginário constituído dos jovens, como afirma Novaes (2006). “Mesmo que nem sempre os jovens tenham sido atingidos pela violência urbana, o tema faz parte do imaginário socialmente construído. É um marco geracional importante. Entre os jovens de hoje há o temor expresso da morte prematura” (Novaes, 2006, p. 110-111).

Novaes (2006) lembra ainda que quando na juventude se fala de riscos, transgressões, se está fazendo referência a um ponto de vista histórico onde os limites são testados justamente porque os jovens estão, “em termos biológicos, mais longe da morte”. Na geração atual encontramos um paradoxo, pois na medida em que se alarga cronologicamente o tempo de ser jovem, ampliando-se a expectativa de vida da população em geral, também se “generaliza um sentimento de vulnerabilidade dos jovens frente à morte” (Novaes, 2006, p. 111).

Essa realidade continua sendo reforçada diariamente a partir dos problemas apresentados pela sociedade contemporânea. As sensações de “vazio”, próprias da experiência humana, vão se tornando mais agudas. Coelho (2006) lembra da questão da impossibilidade de construção de identificações sólidas e de uma identidade permanente, como principal característica do vazio contemporâneo (Coelho, 2006, p.178). As identificações e os padrões identitários das quais os sujeitos necessitam se dissipam. E com essa falta os indivíduos “tentam arrumar uma identidade que lhes

---

<sup>19</sup> Insegurança Ontológica – Termo que contrapõe a tão almejada “segurança ontológica”, utilizado por Giddens. A segurança ontológica, isto é, o “ser no mundo”, “se refere à crença que a maioria das pessoas têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes” (Giddens, 1991, p. 95). Ela diz respeito ao sentimento que temos sobre a continuidade das coisas e das pessoas; um sentimento inculcado desde a infância e que se vincula à rotina e à influência do hábito. A necessidade de “segurança ontológica” produz um novo ambiente de confiança (Id, 1991, 104).

permita viver os instantes, identidades adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige volatilidade, mudanças, trocas, descartabilidade” (Coelho, 2006, p. 179). As pessoas buscam hoje na formação de suas identidades o fortalecimento que encontravam na comunidade, como refúgio contra a insegurança do mundo contemporâneo.

O anseio pela segurança possibilitou, por certo, a permanência de SJ na TOCV. O encontro com essa sensação de pertencimento a um grupo, portador de uma identidade, ainda que provisória, foi o que o fez permanecer na coletividade e vivenciar uma experiência positiva dentro dele. Quando se ouve “*A CV é minha vida, minha paixão*”, algo mais significativo está embutido. A CV lhes proporciona uma referência de identificação, uma identidade que os fazem assumir responsabilidade e os localizam no contexto social. Tal formação discursiva os coloca em um contexto onde esses jovens são referências para alguém ou algo e têm seu “lugar no mundo”.

Em seu estudo com fã-clubes, Coelho (2006) explica que o pertencimento a essas comunidades (de fãs-clubes) atua no sentido de propiciar ao indivíduo “um sentimento ilusório de segurança e solidariedade, que seria o “círculo do aconchego” mencionado por Bauman – o que propicia um caminho possível para se lidar com os sentimentos de vazio causados pelas dificuldades identificatórias que marcam a experiência do sujeito contemporâneo. O mesmo raciocínio pode ser aplicado aos grupos de torcedores, uma vez que a formalização de sua participação na TOF, através de fichas, carteirinhas, produz um sentimento de pertencimento buscado por muitos associados.

Nesta mesma direção analítica de valorização do grupo para constituição da identidade, Velho (2006) dá ênfase à família e ao parentesco como construtos de um domínio onde a hierarquia é estruturante. Para ele, as relações de parentesco

estabelecem limites e precedentes a partir das regras em que os indivíduos estão subordinados.

*“No entanto, na sociedade moderno-contemporânea, a difusão de valores individualistas gera contradições, pois a ênfase no valor-indivíduo contrapõe-se à hierarquia familiar e tradicional. Assim, a família nuclear moderno-contemporânea vive o paradoxo de produzir indivíduos, ao mesmo tempo que mantém, mesmo que precariamente, uma dimensão de englobamento” (Velho, 2006, p. 195).*

Nesse contexto, a formação das identidades torna-se precária, dificultando ainda o processo conflituoso inerente à própria condição juvenil. Aliada a essa falta de referência juvenil, está a “falta de perspectivas” do mundo moderno, onde tudo ganha uma efemeridade, ampliando a sensação de insegurança e abandono. O que antes parecia consistente, estável, agora assume uma dimensão de mobilidade, altamente vulnerável e eminentemente modificável. Realidade essa aplicada tanto ao contexto global quando aos jovens membros das TOFs. A conseqüência dessa modernização acelerada é a perda do sentido de si, não daquele sujeito fixo, imóvel, do iluminismo, mas a perda do sujeito como indivíduo, como fazendo parte de um todo que se diferencia, que tem seu papel constitutivo e diferencial no mundo. É a sensação de um indivíduo desindividualizado, sem base. É uma crise de existência que pode levar a resultados ainda mais conflituosos e torturantes.

Como agravante temos um homem, segundo Hall (2005), obrigado a assumir várias identidades. E ele deixa de lado aquela idéia de um ser fixo e passa a aceitar-se como inconstante e multifacetado, atribuindo esse quadro a crise de identidade vivenciada na contemporaneidade.

*“As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim, a chamada crise da identidade, é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de*

*referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Hall, 2005, p.7).*

A crise das identidades, reforçada num contexto de crise da modernidade, apresenta uma juventude em conflito e ávida pela sensação de conforto e segurança, ainda que passageira. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo, que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas.”(...) “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 1998, p. 13).

Muitos são os sentimentos e sensações de insegurança que perpassam o universo juvenil neste momento atual, e é nesse contexto que seguem o caminho de formação de suas identidades e identificações. As TOFs, como grupos sociais, aparecem nesse cenário como uma opção viável nessa busca de construção de um eu “permanente”, “estável” e “confiante”.

### **3.5 - Pertencas e conflitos grupais**

Os conflitos e incertezas refletem-se inexoravelmente nos grupos, que são também reflexos desse quadro de crises. O papel dos grupos sociais na constituição dos indivíduos é de fundamental importância para sua formação e em seu atuar perante a comunidade. Tais grupos podem “ditar” e “direcionar” as ações de seus componentes enquanto coletividade, traçando seu perfil no espaço social.

Souza (2005), debatendo as teorias de Sigmund Freud sobre a inclinação originária do ser humano para o mal, a agressão, a destruição e a crueldade, refere-se às *forças anímicas contrárias* apontando para a importância da presença do outro na constituição do humano e na proteção ao sentimento de desamparo original.

Souza também reforça a idéia de que na massa, o indivíduo se distancia da experiência trágica do desamparo; a massa encontra coesão na identificação dos

integrantes e pela sujeição às determinações de um líder, uma causa ou uma idéia. E essa massa<sup>20</sup> passa a ter um sentido especial para esse indivíduo, sentido semelhante àquele dado à família, o qual, muitas vezes, esse indivíduo desconheceu durante sua formação. Fator indicador do processo de sociabilidade encontrado neste ambiente.

*“Quando os indivíduos se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de socialização são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal” (Simmel, 2006, p. 64).*

A autora explica as situações de pânico como expressões do rompimento ou da fragilidades dos laços libidinais e a perda da eficácia dos códigos simbólicos, vivenciada quando um perigo real ameaça a todos e “os laços recíprocos se rompem e surge uma angústia imensa, sem sentido” (Souza, 2005, p. 52). A partir desta interpretação da autora, podemos encontrar alguns sinais do que ocorre nos tumultos vivenciados pelas TOFs. Quanto mais fortalecidos forem os laços grupais dos indivíduos, menor a probabilidade de seus interesses particulares sobressaírem-se.

Sobre o que produz a coesão dos grupos, recorreremos mais uma vez a Souza (2005): “se o que une o grupo é o “amor”, todos os que não fazem parte dessa grupalidade podem ser alvo de crueldade, intolerância e violência” (Souza, 2005, p. 52). Segundo a autora, quando o grupo está coeso os aspectos agressivos são dissociados e projetados na “estrangeiridade” dos outros grupos. Essa relação nos remete ao discurso de AB, que expressa sua vontade de eliminar a torcida rival simplesmente por não pertencer àquela a qual faz parte.

No relato abaixo o torcedor utiliza-se de sua reflexividade para explicar o que os mobiliza para o confronto com o grupo rival:

---

<sup>20</sup> Esse termo está substituindo o de GRUPO devido à denominação da autora.

*“Não, é rixa... a mesma coisa ele faz com a gente, quando pega um da gente os azulinos faz a mesma coisa... Sem motivo nenhum... basta ver a gente com o material da Comando, vai pra cima pra dar na gente e tomar... Ai quando a gente vê desconta, vai apanhar, é? Se você vem passando numa rua, ai um cachorro vira lata, né? Um pitbul não que um pitbul vai arrancar seu pedaço, se ver um vira lata mesmo, pequenininho e te morde, cê num vai chutar não? Pronto, e a mesma coisa, os menchete são vira lata, eles vêm morder a gente, vai revidar também não? Ai se der pra revidar bom, se não der a gente marca num exemplo, se tiver dois clássicos CSA x CRB. Ai CRB x CSA a gente apanhou, no outro clássico a gente vai pra descontar... Ai era assim... o motivo da briga era esse ai...”(integrante de 29 anos)*

O trecho revela as bases de diferenciação dos grupos, a constituição do sentimento de rivalidade com os adversários, que passam a ser vistos como inimigos. Esse caráter elementar, para Souza, se manifestará no “narcisismo das pequenas diferenças” e se sustenta na “perfeição” ilusória do eu ou do grupo. Esse processo de identificação e oposição ao grupo rival define o “fechamento narcísico” do grupo sobre si, resultando na perda do valor do espaço público como palco de reconhecimento das diferenças, das discussões e de mudanças (Souza, 2005).

Tal idéia pode ser entendida como atos intolerantes que, segundo Vasconcelos (2007), são incompatíveis com os princípios democráticos porque os atos violentos e intolerantes eliminam do sujeito que sofre qualquer possibilidade de fazer uso de sua força para garantir-se íntegro. “A violência suprime um dos atores como sujeito” (2007). Assim, se o grupo tenta eliminar seu oponente ele perde o caráter democrático e, conseqüentemente, produz uma postura autoritária e violenta em relação ao outro.

Numa posição inversa, Vasconcelos (2007) valoriza o “pluralismo agonístico”, como condição de vitalidade e exercício da democracia em sua radicalidade. Para isso relembra a distinção feita por Chantal Mouffe, entre “agonismo” e “antagonismo”, que se enquadra na tese da perda do valor do espaço público. Para Mouffe, as diferenças que se traduzem em antagonismos abordam o “outro” diferente como um inimigo que deve ser eliminado e não como adversário que deve ser respeitado em sua diferença;

contrariamente, as diferenças que assumem um caráter agonístico vêm o diferente como adversário e não como inimigo. Com o adversário admite-se a legitimidade das diferenças, não buscando eliminá-las. Assim, o objeto da política democrática seria “transformar um ‘antagonismo’ em ‘agonismo’” (Mouffe, 2007, p. 8). Este sentido foi expresso por alguns dos integrantes da TOCV, refletindo essa perspectiva antagônica, de eliminação do outro, do diferente.

Para Vasconcelos “contrariando a cultura de violência que tem sustentado, historicamente, as práticas que justificam a eliminação do ‘outro’ em função de conflitos e divergências no campo subjetivo, político, social etc, a cultura democrática propõe que o ‘outro’, o diferente, seja visto com um ‘adversário’ e não como um ‘inimigo a ser destruído’. A abordagem do ‘outro’ como ‘adversário’ e não como ‘inimigo’, possibilita vê-lo como um “inimigo legítimo, um inimigo com quem temos em comum uma adesão partilhada aos princípios ético-políticos da democracia. (Vasconcelos, 2007, p. 9).

Contrariamente à tese exposta vemos, na prática de alguns integrantes, a necessidade de eliminação, ainda que simbólica, do outro, uma vez que esses grupos são vistos como inimigos e não como adversários, necessários à prática competitiva. O membro da TOCV, de 18 anos, demonstra sua impossibilidade de delegar ao outro grupo os mesmos direitos e a importância que ele acredita possuir. Quando perguntado sobre a relação dele com a torcida rival, no caso a Mancha Azul, ele responde: “*Rapaz, com as rivais não tem boquinha não, é pau, e pau... Porque quando os prego vê quer embaçar, quer tomar a festa... Vai pra porrada... tomar a roupa dos caras. Se tiver com a camisa do CRB os cara quer tomar, então a gente tem que tratar do mesmo jeito, né? Toma de lá, toma de cá também. Fazer o quê?*”.

E reforça ainda: “A mancha não tem nem o que falar veio. Pra mim é vergonha, a nossa é Comando Alvi Rubro, só isso mesmo...” Outro membro da TOF, de 21 anos, também demonstra esse sentimento de rivalidade, afirmando ser impossível conviver com a Mancha Azul: ... *assim, eu vejo a Mancha como uma torcida rival, né? Tem que disputar, assim, o reino em Maceió... Porque não dá pra ser duas de uma vez só. Tem que ser uma ou outra*”, conclui.

Vemos, portanto, que vivemos num processo de esgarçamento das relações sociais positivas e num processo de fragilização das identificações no mundo contemporâneo. É possível, de acordo com Souza, encontramos grupos homogêneos<sup>21</sup> e que experimentem uma vivência grupal onde se possa reforçar estratégias de reconhecimento para se contrapor à estigmatização e à hegemonia de outras categorias.

As palavras do repórter que entrevistamos reflete a compreensão de com a dinâmica dos grupos rivais resulta na explosão da violência entre as TOFs no mundo contemporâneo:

*“Mas dos anos 80 até hoje um fenômeno nacional explodiu a índices alarmantes, em quase todos os níveis na sociedade, e o futebol foi atingido em cheio. E esse fenômeno chegou às “organizadas modernas”, repleta de jovens das classes mais pobres à média. E, infelizmente, esses mesmos jovens, boa parte deles, é claro, para não generalizar, levou esse espírito de violência para as organizadas e, podemos afirmar, sem nenhum constrangimento, que as torcidas organizadas viraram uma “boa causa” para eles tornarem as torcidas em facções, termo muito ligado a questões policiais, uma espécie de extravasamento de seus ímpetos bestiais e de uma aparente rebeldia sem causa, revolta, em quais quebrar vidraças de ônibus, brigar com torcidas rivais, apedrejar o patrimônio alheio, confronto com a polícia e até fazer uso de entorpecentes virou espécie de “lugar comum”. Mas devo reconhecer, que, quando eles querem, sabem fazer festa, mas isso tem se tornado cada vez menos freqüente, infelizmente”* (repórter).

---

<sup>21</sup> A expressão “homogêneo” é empregada referindo-se à “homogeneidade narcísica”, que decorre no sentido dado á coesão no texto, a qual se refere a autora, e não em relação às particularidades e singularidades dos indivíduos. Souza refere-se à importância da construção dos lócus sociais e redes solidárias nos espaços grupais, alertando, no entanto, para o perigo do fechamento do grupo e da rivalidade produzida pelo “narcisismo das pequenas diferenças”.

É importante ressaltar que a grupalidade tanto pode ser um suporte para o domínio das pulsões destrutivas, como para contribuir com transformações necessárias da realidade, quanto uma via para a liberação da impulsividade e da violência (ver Souza 2005). As ações praticadas por uma grupalidade não necessariamente estão voltadas para a liberação da agressividade e impulsos negativos direcionados a formações rivais. Essa coletividade expressa suas predisposições a partir dos tipos de identificações vivenciadas pelos seus integrantes, pelo caráter da sociabilidade construída no espaço compartilhado e, ainda, pela existência ou não de interditos intragrupais capazes de obstruir as deliberações violentas ou intolerantes dentro dos mesmos. O que talvez seja refletido na consistência identificatória e nos valores que esses grupos, em especial os de TOFs, adquirem.

*“Talvez a decisão sobre a via a ser tomada dependa daquilo que a cultura sustenta como maior valor simbólico e dos espaços de reconhecimento possíveis. Grupos que suportem a diferença, a multiplicidade de traços, que não percam a referência com um coletivo mais amplo, que não se paralitem na homogeneidade narcísica, tem mais possibilidades de se desviar da violência” (Souza, 2005, p. 56).*

### **3.6 - TOFs e conflitos**

Segundo Pimenta, as ações violentas e conflituosas praticadas por torcedores influenciam no estilo de vida dos jovens e podem ter relação com as instabilidades produzidas pelas micro-organizações, provocadas pelo poder de mando do complexo industrial brasileiro. Para o autor, uma das conseqüências desse cenário seria o esvaziamento da noção do coletivo na formação dos jovens.

*“O conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, prevalecendo o interesse do capital e, de alguma forma, esse processo interferiu na identidade social dos jovens que ganham expressividade através da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa entre os rivais” (Pimenta, 2000, p. 42).*

Porém, o pesquisador faz questão de afastar o reducionismo das explicações e justificativas econômicas, afirmando que violência não é coisa “exclusiva da pobreza”. Ele persiste na idéia de se entender a violência como expressão do esvaziamento do sujeito social que, diminuído em sua capacidade de filtragem, constrói a identidade e as identificações, tendo a violência como elemento estruturante. Pimenta (2000) explica o fenômeno da violência na sociabilidade juvenil a partir de três aspectos: a) a juventude, cada vez mais esvaziada da consciência coletiva; b) o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; c) o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos. Para ele “a violência, nos moldes pensados no texto<sup>22</sup>, estruturam a identidade e as identificações produzidas ‘no’ e ‘pelo’ grupo” (Pimenta, 2000, p. 48).

Apesar de reconhecermos o esvaziamento da consciência coletiva entre os jovens e o reforço ao individualismo no mundo contemporâneo, características já discutidas durante essa explanação, não creditamos à violência, como dissemos, um caráter essencialista. Muito menos tivemos elementos que nos levassem a crer na insuficiência de condições materiais e econômicas como base para se pensar tais atos agressivos ou mesmo para a inserção dos jovens na TOCV. Conseguimos diagnosticar essa inclusão, ora como motivos de mero apoio ao clube, ou lazer, ora por desejo de pertencimento a um grupo “coeso” e forte capaz de reforçar seus laços, já fragilizados na sociedade e, muitas vezes, como forma não só de construção e fortalecimento de suas identidades, mas sim de exercerem esse “direito identitário”<sup>23</sup> num ambiente onde são reconhecidos e legitimados pelos demais. Causando um sentimento de reconhecimento social, o qual não era sentido fora do grupo. Em outros momentos também pudemos

---

<sup>22</sup> Torcidas Organizadas de Futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. Carlos Alberto Máximo Pimenta.

<sup>23</sup> Termo nosso que quer significar a possibilidade real e legal de exercerem suas habilidades e possibilidades subjetivas.

constatar indícios de todos esses fatores reunidos, ou de alguns deles em um mesmo caso.

Esperamos ter conseguido, nesse capítulo, explicitar alguns dos problemas experimentados pela sociabilidade juvenil. Na certeza de que era necessário um estudo mais apurado dos jovens e seus problemas, procuramos tratar daquelas categorias mais visadas no mundo juvenil que entendemos ser crucial para sua constituição, principalmente a da violência, que tanto os afeta. Somente assim, pensamos ser possível estudar as TOFs, uma vez que essa juventude forma a base desses grupos. No capítulo seguinte vamos abordar algumas questões que revelam os conflitos, que provocam situação de violência entre os torcedores organizados, que acreditamos não serem de caráter distinto dos conflitos vivenciados nas outras esferas sociais, porém, possuem configurações específicas.

## **CAPÍTULO IV**

### **4 - Violência, Conflitos e Comportamento nas TOFs**

Após a delimitação de alguns elementos complexos que compõem a realidade juvenil brasileira, nos aprofundaremos, neste capítulo, nos conflitos como fator relevante para entendermos o estágio em que se encontram os jovens na atualidade, em especial, os membros que compõem as Torcidas Organizadas de Futebol, TOFs, a partir do trabalho de campo desenvolvido com a Comandante Alvi Rubro. A violência, fruto do fracasso da negociação dos conflitos, é vista aqui como um elemento que ajuda na compreensão da atual conjuntura desses grupos e nas representações construídas pela sociedade com o advento desse fenômeno.

Inúmeros são os fatores constitutivos das grupalidades, que ganham maior complexidade quando compostas por jovens e adolescentes. Em se tratando dessa realidade não podemos trabalhar com unicasalidades para compreender a violência entre os jovens membros das TOFs. Há muitos caminhos analíticos que podem nos conduzir para entendermos porque eles, como membros das TOFs, explicitam sua agressividade em tantos atos de intolerância.

Norbert Elias (1990) sugere em “O processo civilizador” que demos atenção para as formações históricas e sociais, para que seja possível entender as redes de relações e os conflitos entre os grupos. As relações de poder ajudam a explicar a violência como algo socialmente aprendido, portanto, não como algo inato ao sujeito. Para Elias, o surgimento e o desenvolvimento do esporte, como exercício controlador da violência, possuíam o caráter civilizador (Elias, 1990). Se admitirmos que a violência é socialmente aprendida, diversas são, assim, as possibilidades de sua manifestação.

As condutas de violência também assumem vários e contraditórios formatos na dinâmica de uma TOF. Cecchetto (2004) associa essas práticas às relações de poder

vivenciadas pela sociedade. A violência é múltipla em possibilidades e expressões, não sendo possível indicarmos espaços onde ao menos uma dessas formas não esteja presente. Ela está por todos os lados, seja fisicamente, seja discursivamente. E no âmbito esportivo, em especial, no âmbito do futebol não poderia ser diferente. Como o mais popular esporte da atualidade, não há como ignorar a presença, às vezes marcante, destes atos dentro e fora dos estádios. Mas seria precipitado, como já fizemos questão de destacar, desconsiderarmos as relações que decorrem da violência no âmbito esportivo com os acontecimentos pelos quais passa a sociedade e seus atores. Por isso, entendemos ser essa violência um braço daquela exercida nos mais diferentes meios sociais; um reflexo do conturbado processo de sociabilidade vivido nos tempos modernos e na impossibilidade de concedermos ao outro igualdade de oportunidades.

Murad (2007), uma das personalidades do cenário da sociologia nacional, enfraquece muitas das ditas “inquestionáveis” opiniões sobre a violência no campo esportivo, quando mostra que a violência não é elemento constitutivo do esporte e vive-versa. Para ele, o esporte em todos os períodos históricos, é praticado como forma de conter a agressividade e promover a união entre os praticantes e até entre povos distintos. Pensamento que parece ter bases Norbertianas.

*“A violência é uma constante estrutural, mais ou menos generalizada na história da humanidade. É a isso que chegamos, tomando-se como referenciais diferentes tempos históricos, distintos espaços sociais, diversos sistemas culturais e variadas simbologias humanas. A violência acompanha a história desde sempre, segundo pode-se depreender dos estudos acumulados pelos conhecimentos e saberes teológicos, míticos, filosóficos, artísticos, científicos e tecnológicos” (Murad, 2007, 167).*

Alguns estudiosos defendem ser a violência inerente ao futebol desde suas origens. Muitos são os relatos que afirmam ser o futebol recheado de eventos legendários e históricos que apontam para o lado violento e agressivo de seus praticantes. De acordo com Giulianotti (2002), a história diz que essa prática veio com a

disputa dual, em que os grupos representavam identidades coletivas, nações, localidades geográficas e culturas específicas. Ele refere-se a relatos onde os jogadores participavam de partidas de futebol com punhais que acabavam ferindo de forma acidental e também intencionalmente adversários e companheiros de equipe (Giulianotti, 2002). Eram comuns socos, pontapés e golpes de lutas, ossos quebrados, ferimentos graves e morte.

*“Até hoje predomina a oposição binária em que cada jogador está comprometido com uma batalha pessoal com o seu número oposto, o seu marcador, e seu desempenho num jogo e sucesso na equipe dependerá de sua capacidade de superar seu rival. Também em cada cidade estão presentes, geralmente, dois clubes de futebol, representando classes ou grupos diferentes. Neste antagonismo estão embutidas velhas questões de etnia e classe, expressando a animosidade entre a classe dominante”* (Giulianotti, 2002, p. 189).

Essa idéia comunga com o posicionamento tomado por um repórter esportivo que, ao comentar a origem da violência no âmbito futebolístico, afirma:

*“naturalmente é jogo, competição. Vamos nos reportar ao antigo Coliseu em Roma, onde carnificinas foram promovidas para entretenimento da população. Homens e feras se digladiando, sangue e lágrimas na arena. Lá estavam todos. Ricos e pobres. Nobreza e a plebe. Os estádios de futebol são arenas modernas. Vez por outra surgem ecos desse sentimento de confronto, vitória e derrota. Morte e vida. Por isso, considero que quando o azul e o vermelho<sup>24</sup> se enfrentam, muita coisa está em jogo. O acirramento e a ira afloram. A rivalidade é o combustível”* (fala do repórter).

Etimologicamente “por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). A violência consiste, tem por finalidade destruir, ofender e coagir. Pode ser direta ou indireta” (Bobbio, 1995, p.1291). Mas sabemos, não é somente à agressão física que podemos chamar de violência. Ela pode manifestar-se também com outros formatos.

---

<sup>24</sup> Refere-se às equipes do CSA e CRB, da capital alagoana.

Pois expressa-se, muitas vezes, nas mais sutis relações vividas em coletividade, também delineadas como relações de poder.

*“Não obstante, não é só na eliminação física que se realiza o ato expulsor. Essa é a sua face mais óbvia, mas não a única e nem sequer a mais típica nessas últimas décadas. A própria civilização desloca a violência externa à coação interna, mediante a regulação de leis, costumes e moralidades. Regulação que, longe de qualquer pensamento maniqueísta, tem de ser analisada no contexto do aumento de cadeias, como também no marco dos dispositivos de construção de sujeitos e regimes de verdade” (Duschatzky e Skliar, 2001, p. 121).*

Deteremo-nos, por ora, aos aspectos práticos e admitimos que a violência, apesar de “ter caminhado quase que de mãos dadas com a história da humanidade”, segundo alguns estudiosos, se apresenta no século XXI com uma audácia nunca vista. O processo de urbanização das cidades, as migrações, o avanço das tecnologias juntamente com a globalização transformou fortemente o cenário mundial e nacional e deu nova cara à civilização e seu desenvolvimento.

*“Os dados quantitativos e as informações qualitativas referentes a todos os países e a todas as instituições apontam para o fato de que as violências humanas recorrentes atingiram um patamar inimaginável de sofisticação e velocidade diante do emprego das novas tecnologias bélicas e de comunicação por imagem e rede nas últimas décadas” (Murad, 2007, 178).*

Os meios pelos quais a violência se manifesta e é instrumentalizada estiveram cada vez mais sofisticados e diferenciados no século XX. Nesse cenário está o futebol, que também se desenvolveu de forma muito acelerada nos últimos cem anos, especialmente a partir da década de 50, com a profissionalização dos jogadores.

Apesar das discordâncias teóricas aqui colocadas, identificamos um ponto consensual entre os autores de diversas correntes e linhas metodológicas: a violência, no modelo ao qual assistimos hoje, transferiu-se para os estádios de futebol devido a uma série de anseios e mudanças de comportamentos, como dissemos, por parte dos atores do espetáculo, tanto dos jogadores, quanto dos torcedores.

Passemos, então, a apresentar alguns elementos obtidos a partir da nossa pesquisa de campo, onde podemos demonstrar de que forma essas transformações influenciaram no modelo de sociabilidade vivenciado pelos jovens na atualidade, em especial, no esporte e como a violência é encarada e praticada pelos grupos de TOFs.

#### **4.1 – Um fato histórico: TOCV e a violência**

Em setembro de 2005 a TV Gazeta de Alagoas completava 30 anos de existência e promoveu, no Estádio Rei Pelé, um reencontro com grandes nomes da história do futebol alagoano. O marketing em torno da partida foi grande, uma vez que as duas torcidas – do CRB e do CSA - teriam a oportunidade de rever em campo ídolos que marcaram época no Clássico das Multidões, como Joãozinho Paulista, Coca, Silva, Edson, Paranhos, Jorginho Siri, Peu, Jacozinho, Rommel, entre outros.

Esse momento marcava também o retorno do CSA à primeira divisão do Campeonato Alagoano, do qual ficou de fora por dois anos subsequentes. À época, o time do CSA vinha com uma seqüência de maus resultados na Copa Alagipe (Campeonato onde participam times alagoanos e sergipanos), onde, por algum tempo, ficou “segurando a lanterna” do Grupo B. Como expomos anteriormente, após o clássico deu-se início ao tumulto, que foi encerado com um saldo de mais de 100 pessoas detidas. Impossível mensurar as motivações para o ocorrido, mas é coerente admitirmos que o razoável espaço de tempo em que esses dois grupos ficaram sem se enfrentar tenha aguçado os ânimos de seus torcedores. Muitos dos membros da TOF citam esse fato como atenuante para o ocorrido.

Como afirmamos, alguns integrantes da Comando creditam a extinção das TOFs alagoanas à falta de preparo do policiamento. Eles também reprecendem a ação do Ministério Público, ao extinguir a atuação das TOFs. O jovem de 21 anos alega: “*eu*

*acho isso uma besteira porque mesmo se extinguir a torcida, não vai ter outra do mesmo jeito? Pronto a Comando Vermelho e Mancha Azul, teve a Extinção da Comando Vermelho, foi criada a Comando Alvi Rubro agora... E o da Mancha eu não sei... Ai eu acho isso uma besteira por parte das autoridades assim...”*

Fala semelhante ouvimos de um membro da Mancha Azul: *“E a Mancha ainda tá proibida de entrar nos estádios por conta da liminar do Ministério Público, e pressão, pressão mesmo da imprensa que queria extinguir as torcidas e não combaterem a violência... Não acaba a violência extinguindo a torcida. Você acaba punindo quem pratica a violência. Você tem que punir quem cometeu os crimes pra que não cometa mais. É... exemplo em São Paulo passou quase 10 anos sem entrar a torcida organizada nos estádios e não acabou, e não acabou com a violência...”*

Os torcedores argumentam que os confrontos ocorrem normalmente por motivos de provocação por parte da torcida adversária: *“acontece porque às vezes bate de frente assim e não tem como evitar... tem que ir pra cima ou apanha... Ou vai pra cima ou apanha... Não tem jeito é briga... Não tem jeito não. Se não der apanha... a gente anda na da gente, né? A gente anda no percurso da gente. Só porque sempre tem um mais espertinho que tem que vir pra cima, aí... rola madeira...”*(integrante da TOCV).

Diferentemente do pensamento do senso comum, os atos de agressão não são vistos como privilégios de torcedores, uma vez que nada indica que a violência praticada por estes seja de caráter diferenciado daqueles praticados por um cidadão comum. Assim também o diz Souza (2005), quando expressa ser mais inquietante e mais absolutamente necessário reconhecer que “a disposição para a violência está em todos nós. Ela está na origem da cultura, no mito do assassinato do pai primordial<sup>25</sup> que

---

<sup>25</sup> “O pai primordial monopoliza as mulheres – portanto, o prazer – e submete os filhos. Eles odeiam o pai e combinam entre si matá-lo e devorá-lo. Unidos pela culpa do parricídio, formam um clã com tabus de parricídio e incesto que são auto-impostos. Deixam de lutar pela sucessão do pai primordial, pois compreendem que tais lutas são inúteis. Isto ao leva a estabelecer uma união entre si, uma espécie de contrato social. Aparece então a primeira forma

a funda, no ódio primordial que surge como sombra da imagem narcísica, e na aniquilação repetitiva dos dominados pelos dominadores” (Souza, 2005, p. 29).

Num diálogo com um dos membros da Comando Alvi Rubro, ao levantarmos o tema da violência física contra os integrantes da Torcida Mancha Azul, ao ter sido visto circulando em “território inimigo”, obtivemos o seguinte comentário: “*não tem como deixar passar, o pessoal tem ódio mesmo. A violência vem de dentro. O cara já tem a violência dentro de si, e quando acontece um episódio desse, parte pra cima mesmo*”, enfatiza. Este depoimento deixa transparecer uma certa naturalização da violência inter-torcidas. Mas, é importante trabalharmos com a idéia de que apesar de constitutiva dos sujeitos, a violência não pode ser a regra nas relações civilizadas.

“O fato de a violência fazer parte da constituição do psiquismo não pode nos levar a diluir seu impacto e atenuar seu horror. Desta forma, é preciso pensar que destino será dado à agressividade, própria dos sujeitos humanos, e as circunstâncias que favorecem a irrupção incontrolável e generalizadora no tecido social, do abuso da força em detrimento de outras formas possíveis de resolução dos conflitos e da diferença” (Souza, 2005, p. 28). Necessário se faz recorrer às instâncias e mediações sociais que nos levam a interditar tais atitudes, sejam elas físicas ou psíquicas.

Quando Tubino (2001) propõem relativizarmos a violência no espaço esportivo, considera que os atos de vandalismo em espetáculos de futebol iniciaram-se, quase sempre, fora das áreas de competição. Como ruas, bares, *internet* e outros encontros sociais.

Atribuímos à fragilização dos laços identificatórios grande responsabilidade nas práticas violentas que também conduz ao enfraquecimento dos valores e das relações

---

de organização social acompanhada pela renúncia às satisfações instituais; pelo reconhecimento de obrigações mútuas; por instituições declaradas sagradas, que não podem ser dissolvidas, em suma, começam a surgir a moralidade e a lei (MacIntyre apud Costa, 2003, p. 45-46).

sociais positivas. Como vimos, somente o fortalecimento desses laços, que são culturais, poderia evitar a explosão das pulsões destrutivas entre os indivíduos. Essa realidade nos põe diante de alguns dilemas: como evitar tal problema em uma conjuntura onde esses vínculos estão demasiadamente fragilizados? Que projetos identificatórios nossa sociedade oferece, principalmente para sua juventude?

Tais questões podem ajudar a encontrar elementos de compreensão para parte do comportamento violento dos jovens na contemporaneidade. Quando esses laços emocionais estão enfraquecidos as atitudes ofensivas estão mais sujeitas a virem à tona; e esta possibilidade se agrava quando os jovens estão em aglomeração.

#### **4.2 - Relações inter-grupos e imprensa**

Um dos fatores que podem desembocar nesses confrontos são as provocações que, por diversas vezes, são “plantadas” em outros cenários, e não, necessariamente, nos estádios e seus arredores. O simples fato de um azulino circular nas proximidades<sup>26</sup> da torcida regatiana pode ser motivo da explosão de atos violentos.

Durante nossa observação participante, antes de entrarmos no estádio Rei Pelé, na partida entre CRB x Barueri, no último jogo pelo Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão de 2007, em Maceió, deparamo-nos com um verdadeiro arrastão promovido por torcedores da Comando. Eles gritavam palavras de ordem e iam ao encontro dos torcedores da Mancha. A partida sequer havia começado, o que nos deu a impressão de ser uma ação com intuito de demarcação de território, o “território Alvi Rubro”.

Tubino (2001), seguindo explicações de sociólogos e psicólogos na área esportiva, reforça como causa das agressões levadas para as disputas esportivas, as experiências frustrantes que as pessoas vivenciam. A violência nas praças esportivas, que até bem pouco tempo era apenas um prolongamento dos ânimos em função da

---

<sup>26</sup> Ou seja, nos bairros que compreendem a região da Pajuçara e adjacências, onde se localiza a sede da Comando Alvi Rubro e a concentração do Clube do CRB.

própria disputa, permanece após o término das partidas. Atualmente, diz ele, acontece o contrário. Existe toda uma preparação entre os grupos para uma outra “guerra”, que se inicia nos insultos gratuitos e geralmente estende-se até as agressões físicas após o jogo.

Um outro episódio que presenciamos em nossa pesquisa de campo aconteceu quando chegávamos ao Estádio Rei Pelé, para a partida entre CRB x Santa Cruz, pelo campeonato Brasileiro da 2ª divisão. Cerca de 40 minutos antes do início da rodada percebemos um motorista de uma das Rádios que estava dando cobertura à partida chingando por ter sido atingido, com uma pedra, por torcedores da equipe do Santa Cruz. Havia um corte superficial na testa do motorista.

Era clara a revolta da vítima, que se perguntava o porquê de tanta violência. Inconformado com a cena, o repórter do mesmo veículo fez um relato do acontecido no ar e demonstrou toda a sua indignação com um discurso onde se posicionava a favor da total eliminação jurídica das Torcidas Organizadas de Futebol:

*“...isso não pode mais acontecer. A polícia é insuficiente no local. Se não houver mais policiamento, um policiamento reforçado vai haver mais confusão com certeza. Faço um apelo para o reforço do policiamento. É por isso que sou contra a existência dessas torcidas organizadas. Não concordo com a atuação dessas torcidas nos estádios”.*

Essa idéia, que também está presente no senso comum, não foi construída gratuitamente. Fator atenuante para a imagem que possui a sociedade dessa violência exacerbada nas TOFs está numa realidade bastante complexa e difícil de ser percebida por aqueles que não se envolvem com os pormenores da questão. Além dos elementos aqui citados, existe também outro agravante: muitos associam-se às Organizadas no intento de buscarem mais espaço e “liberdade” para impor a força perante os outros componentes e até para encontrar respaldo em práticas ilícitas, escondendo-se por trás da multidão, que forma a TOF. Essa realidade dificulta ainda mais a possibilidade de reconhecimento e aceitação das TOFs perante a sociedade.

Essa avaliação está presente na literatura que pesquisamos e também entre a imprensa esportiva e alguns membros das TOFs. Essa postura agressiva “no meio da multidão” diminui as chances de identificação do agressor, o que reduz a possibilidade de o agressor ser punido pelo seu ato. Arent (2001), sobre esta questão, faz a seguinte reflexão: “onde todos são culpados ninguém o é; as confissões de culpa coletiva são a melhor salvaguarda possível contra a descoberta dos culpados... a melhor desculpa para fazer nada” (Arent, 2001, p.48). A atitude de violência gratuita pode ser conferida pelo membro de uma TOF:

*“...Agora, não era briga por causa do time, era briga porque é como se fosse um exemplo, duas gangues, duas gangues que gostam de brigar uma com a outra... de galera... Como trio elétrico, bairro contra bairro... por exemplo a Coréia brigava com os cara do Vergel, quando tinha Festival da Pipoca, lembra? Aí brigava, aí pronto... E a mesma coisa Comando e Mancha, briga, briga como se fossem rivais assim, duas gangues...” (membro de 29 anos).*

Mas afirma ser minoria aqueles que procuram as TOFs somente pela violência:

*“...é minoria... Nem todo mundo vai não, porque pra você ver, você pode até ir pro jogo do CRB... agora não que o CRB deu uma recaída... Quando o CRB tiver bom, que tá ganhando, que dá um monte de gente mesmo, que fica em cima e em baixo a Comando... Cê pode olhar que ali tem pra mais de mil cara ali... pulando... Na hora do arrastão da rua se você vê 500, 600 e muito... Então não vai nem a metade... Agora os cara que vão com a metade vai com o instinto de brigar mesmo, no meu caso quando eu ia... Agora hoje eu não vou. Se eu tiver com dinheiro sobrando eu pego um táxi, eu pego um ônibus ou vou pra casa de pé... Eu não vou brigar porque também... Primeiro eu não posso por causa do meu trabalho e segundo porque eu já to um cara maduro, né?”(integrante de 29 anos).*

A questão da violência, dentro e fora dos grupos, surge a partir de múltiplos fatores. Um olhar superficial pode resultar em motivações e generalizações que não nos interessa fazer enquanto pesquisadores. O problema das infiltrações de membros nas TOFs deve ser tratado com bastante cautela, uma vez que esse dado traz mais complexidade à realidade vivenciada nas TOFs. Na maioria dos discursos percebemos grandes semelhanças a respeito das motivações de violência gratuita. Muitos ressaltam

com veemência que aqueles que se infiltram no grupo são os que fazem a má fama das Organizadas.

*“Olhe, e também não é nem as torcidas... Tem gente, muitos que gostam. Como te falei, pra você... Às vezes a maioria diz que briga mesmo, pra dizer a verdade, pra resumir a história, pra dizer a verdade, às vezes não são nem da Comando, nem cadastrado e. Às vezes eles se infiltram nas torcidas... Eu falei que é, é. Não adianta escutar, tem cara que gosta de brigar, como eu no caso, eu gostava..... Só que não é maioria dos componentes... Alguns que gostam e às vezes esse algum que gostam...Um exemplo, se tiver 50, e 50 que tem a carteira e 30 que não é nem cadastrado... Pronto, nesse caso de ônibus, eu falei de briga, mas no caso que apedrejam ônibus... Quem apedreja ônibus não é os cara que é cadastrado, é os cara que não são cadastrados na torcida. Às vezes é maloqueiro que vai ali pra vender alguma coisa, vender alguma droga, roubar e bagunçar, quebrar o vidro do ônibus, mas não é da torcida, não são cadastrado... Às vezes é maloqueiro que vão lá e se infiltram... A camisa tá ali pra vender pra qualquer pessoa, compra quem tem dinheiro”, explica.*

Há um consenso entre os sociólogos que estudam os fenômenos esportivos, particularmente os que pesquisam o fenômeno dos grandes grupos, que muitos praticantes de delitos estão infiltrados nas torcidas para a prática de tais ilicitudes. Outro grande problema no que concerne à imagem das TOFs perante a sociedade está em como as informações são transmitidas pela imprensa. De acordo com Pimenta (2004), a maioria dos cronistas e dos dirigentes esportivos enxergam na pobreza a causa da violência e vandalismo, atribuindo esses atos para uma pequena parcela de “marginais” que gerenciam as ações de violência entre os agrupamentos de jovens.

Na pesquisa pudemos verificar aspectos desse discurso, tanto entre os comunicadores, como entre os órgãos institucionais. Muitos creditam a violência à pobreza; outros à falta de estrutura familiar e emocional; à desesperança no futuro; ao uso de drogas; ao extravasamento dos instintos agressivos; à identificação com o grupo; às atitudes agressivas praticada por esses grupos. Porém, reconhecemos ser ainda muito forte o estigma que reforça a seguinte equação: TOF = Violência + Pobreza.

Além desses fatores que podem formar uma sociabilidade complexa e, muitas vezes, violenta entre os grupos existe ainda um ponto crucial que merece ser explorado, que é o comportamento grupal, ou seja, a sujeição pela qual passam os indivíduos quando envolvidos num coletivo.

### **4.3 - A lógica dos grupos**

O movimento de torcidas organizadas ainda não existia no contexto histórico vivenciado por Simmel e Freud. Todavia, o detalhamento com que foram expostos os temas referentes aos grupos autorizam-nos a utilizá-los como ferramentas de compreensão do mundo coletivo. O estudo dessas características grupais é essencial para o entendimento das ações de uma TOF.

A importância desse fenômeno já era considerada pela própria psicologia, como admitiu Freud em seu livro “Psicologia dos Grupos e Análise do Ego”:

*“É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desses indivíduos com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (Freud, 1974, p. 91).*

Simmel (2006), indubitavelmente, soube reconhecer também o caráter psicológico das massas que influencia o comportamento grupal. Para ele, a partir dos processos de socialização, as ciências sociais tomaram para si a obrigação de estudar os grupos entendidos como unidades. Era clara a necessidade de trazer esse enfoque para o questionamento sociológico a partir do qual buscou entender as diferentes características na formação do sujeito em sociedade e na vida individual. Segundo ele era preciso tratar a unidade grupal “como se ela fosse um sujeito com vida, leis e características internas próprias” (Simmel, 2006, p. 40).

A primeira importante questão levantada por Simmel é de extrema relevância para nosso estudo, e vem no sentido de ressaltar a determinação dos grupos em contraposição à hesitação do indivíduo. O que significa dizer que as certezas são mais presentes entre os grupos. Embora possam oscilar entre seus intuitos, os grupos são sempre mais determinados em suas ações. Se transportarmos esse pensamento para as TOFs fica claro perceber porque a formação de torcedores, apesar de heterogênea, comporta alguns aspectos que podem ser vistos como homogêneos. As ações desses integrantes são sempre semelhantes em grupo, seja na hora de xingar o juiz, de insultar o time adversário, ou mesmo de comemorar. O agir coletivo se sobrepõe ao individual como forma de “contágio”.

*“Os grupos sociais, em contrapartida, mesmo que mudassem com frequência suas orientações de ação, estariam convencidos, a cada instante e sem hesitações, de uma determinada orientação, progredindo assim continuamente; sobretudo saberiam sempre quem deveriam tomar por inimigo e quem deveriam considerar amigo. Entre o querer e o fazer, os meios e os fins de uma universalidade, há uma discrepância menor do que entre os indivíduos” (Simmel, 2006, p. 40).*

O referido autor relaciona as atitudes determinantes nos grupos àquelas mais primitivas existentes no indivíduo, às quais não existem hesitações. Talvez esteja embasada aqui a crítica de Toledo (1996), já exposta anteriormente. Porque, segundo Simmel, nas ambições primitivas, o indivíduo não escolhe e não hesita. Freud, citando Le Bon, comunga com esse pensamento quando diz que:

*“Sejam quem forem os indivíduos que o compõem, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seu modo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato de haverem sido transformados num grupo, coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento. (Freud, 1974, p. 96)... O sentimento de responsabilidade, que sempre controla os indivíduos, desaparece inteiramente” (Freud, 1974, p. 97).*

Quando essa noção de impossibilidade desaparece tudo é possível de acontecer, inclusive, uma explosão de violência contra a torcida rival. De acordo com Simmel, as ações da sociedade possuem um propósito muito mais definido do que a dos indivíduos. Ainda que mudassem o direcionamento de ação, dificilmente os indivíduos não acatariam as decisões propostas pelo grupo.

Essa idéia é tão presente no universo social na atualidade, que muitos tendem a responsabilizar a coletividade por atos de extrema imprudência, muitas vezes, do poder público ou administrativo de instituições. Como exemplo, citemos o que ocorreu no Estádio da Fonte Nova, em Salvador, pelo Campeonato Brasileiro da 3ª divisão do ano de 2007, jogo no qual o Bahia Futebol Clube ascendeu à série B do Brasileiro. Uma parte da arquibancada superior desabou matando sete pessoas e deixando 85 feridas. A direção da Sudesb (Superintendência de Desportos da Bahia e empresa que administrava o estádio) acabou por desviar o foco do problema e responsabilizar os torcedores que invadiram o campo logo após a partida. Desta forma ninguém fica responsabilizado, pois na ação grupal é difícil se apontar o verdadeiro culpado.

Outro aspecto de seu pensamento que merece atenção é o que diz respeito ao significado sociológico da semelhança e diferença entre os grupos. Ainda que admita ser de extrema validade a busca pela semelhança entre os componentes de uma unidade, o autor confere grande importância à diferença. “Bastaria dizer que, para a ação no âmbito das relações do indivíduo, a diferença perante outros indivíduos é muito mais importante que a semelhança entre eles. A diferenciação perante outros seres é o que incentiva e determina em grande parte a nossa atividade” (Simmel, 2006, p.26).

E não é difícil provar tal assertiva. Nos Estádios de futebol são constantes os comportamentos que denotam o interesse pela diferenciação individual perante o grupo. A TOCV possui cerca de 14 Pavilhões, que seriam tipos de sub-grupos divididos a

partir da localização geográfica dos bairros da capital. São grupos formados no interior das torcidas que visam obter controle de uma parcela da Organizadora. Porém, essa divisão pode denotar ainda o desejo implícito de diferenciação.

Corroborando com o que aponta Simmel, a TOCV está subdividida em pavilhões que representam as comunidades. Basta que analisemos as faixas colocadas no estádio em dias de jogos, fazendo referência a esses sub-grupos existentes dentro da TOCV. Quando acessamos as Comunidades direcionadas à TOCV no *Orkut* se percebe, através dos cânticos, gritos de guerras e frases, as tentativas dos Pavilhões em demonstrar superioridade, não só às torcidas adversárias, mas também aos outros da própria Comando. Coaduna-se com a afirmação de Simmel: “é como se cada individualidade sentisse seu significado tão somente em contraposição com os outros, a ponto de essa contraposição ser criada artificialmente onde antes não existia” (Simmel, 2006, pgs. 46-47).

Citemos, para exemplificar, um trecho extraído da Comunidade da Torcida – Pavilhão 3: “*essa comunidade é pra quem é do p3 só moral..bonde sinistro, bonde do terror quem entra na comando é maconheiro e pinchador*”. Estas divisões dentro de um mesmo grupamento, como é o caso das TOFs, já foram analisadas por Simmel como um elemento comum às associações.

*“Percebe-se assim, que associações – desde grupos legislativos até agremiações com fins de diversão – com pontos de vista e objetivos unificados, após algum tempo, se desmembram em facções que se relacionam entre si da mesma maneira que, quando unidos, se mobilizariam contra um grupo de tendência radicalmente diferente” (Simmel, 2006, 46).*

É sabido que Simmel nunca realizou estudos sobre o comportamento das TOFs. Fazemos essas análises a partir das proposições destes autores porque ambos trataram da ação grupal com a atualidade pertinente a questão. Poderíamos agora dizer que essa busca pela diferenciação tem início já na própria base dos grupos, em sua origem, do

desejo de se destacar dos demais torcedores comuns. Essa óptica pode ser percebida também pelos profissionais da imprensa, estando presente no comentário de um dos radialistas entrevistados. Para o repórter, os integrantes dessas facções buscam ocupar um espaço diferente do torcedor sem organização que vai voluntariamente aos estádios com o intuito de torcer e admirar os seus jogadores preferidos. E reforça:

*“Tudo começa com um grupo de vizinhos, amigos, colegas de trabalho, etc. Vão aos estádios, torcem juntos e voltam juntos para casa. No entanto, alguns grupos se aprimoram e desenvolvem uniformes, camisas, bandeiras, papel nas cores do clube, gritos de guerra e outras coisas mais. Daí, começam a apresentar algo diferente dos demais. Seguindo uma lógica natural, esse grupos passam a serem notados pela verdadeira massa e a conquistarem adeptos”* (radialista, 2008).

Todo grupo para constituir-se como tal também precisa de alteridade. Deve mostrar-se mais forte, superior, mais imponente. Um grupo sem adversários não se sente coeso. A rivalidade é condição essencial para sua existência. E para reconhecer-se como unidade potente ele precisa valorizar suas qualidades e ressaltar as “fraquezas” do outro. Esse foi um dos aspectos mais frequentes no grupo estudado, que coincide com o pensamento de Henríquez (2006).

*“O amor não basta, é necessário que o ódio esteja presente, ódio componente da pulsão de morte em sua vertente de pulsão de destruição dirigida ao exterior. Uma organização para existir e durar precisa então construir inimigos(..). Qualquer grupo só pode existir num campo generalizado de guerra. Assim fazendo, ele cria valores novos e consolida os laços de reciprocidade entre seus membros. O grupo também precisa da alteridade para constituir-se como tal”* (1996, p.65).

E imprescindível que essa superioridade seja demonstrada e reforçada a cada instante. Em um de nossos encontros com integrantes da TOCV, ficou explícita a necessidade de vitalidade nas torcidas. “A torcida precisa de número, quanto maior, melhor”. O interesse pela grande “multidão”,<sup>27</sup> e até pela “democratização” a qual seus

---

<sup>27</sup> Multidão como expressão comumente utilizada no sentido de aglomeração de pessoas com um fim determinado, não no sentido real de grupo utilizado no texto.

dirigentes primam, advém da compreensão de que número impõe respeito e valoriza o grupo. Mas é certo que, sem a alteridade, sem a imagem formada de um outro sujeito, um adversário, um rival, oponente, esse grande número de pessoas não teria a quem dirigir sua competitividade e rivalidade. É em relação ao outro que um grupo existe e persiste, traçando suas ações, seus objetivos e suas estratégias. Para tanto, um dos artifícios mais utilizados pela Comando, e também pela maioria das TOFs, é a desvalorização da torcida adversária através de agressões verbais. São muitos os xingamentos e ataques que tentam atingir a virilidade do adversário.

Essas agressões e os ataques à honra e à “masculinidade” da torcida rival são também uma forma de reforço da unidade e identidade grupal, como expomos no capítulo 3. Entendemos que o termo “Mancha Gay”, atribuído aos torcedores azulinos (CSA) pela Comando, é usado para enfraquecer e fragilizar o oponente e mostrar a “superioridade” da TOCV.

#### **4.4 - Sociabilidade no grupo**

Tomando como referência o pensamento de Simmel, observamos que a sociedade baseia-se nos processos de interações sociais que o autor denomina de sociação. Esse processo de interação e mudanças constantes é o que cria os sistemas existentes na sociedade, e que a constitui enquanto coletividade. É o que está escrito em sua reflexão abaixo transcrita:

*“As interações duradouras, aquelas que já tenham sido objetivadas em forma que se constituem em unidades perfeitamente caracterizadas, como: Estado, família, corporações, Igrejas, classes, associações etc. Além destas, porém há inúmeras formas de relação e modos de interação entre os seres humanos que aparecem em casos isolados de maneira insignificante, mas que, inseridos nas formalizações ditas oficiais e abrangentes, sustentam mais que tudo, a sociedade tal como a conhecemos” (Simmel, 2006, 16).*

Aqueles tipos de interação que fazem parte do dia-a-dia das pessoas, contidos nas relações humanas mais simples, como a conversa, os jogos, e as relações menos pretensiosas, também formam e atuam na constituição das instituições como um todo. Muito mais do que as decisões operacionais, as ações desprentensiosas e as trocas simbólicas fazem desses grupos (as TOFs) o que eles representam hoje. Esse é o pressuposto predominante nas teorias Interacionistas e Etnometodológicas, sobre as quais expomos nossa pesquisa e a partir das quais valorizamos as formações discursivas formuladas pelos membros das TOFs. São essas relações que formam as TOFs e que, aliada às suas ações, ajudam a compor o tecido social.

Os indivíduos possuem ligações muito próximas e exercem influências constantes uns sobre os outros. As interações são determinantes para a constituição dos grupos; seu contato com os outros formam e transformam essa unidade. A esse processo Simmel chama de sociação, como assinalado anteriormente. Em muitas formações coletivas, e mais especificamente nas de Torcidas, são os processos de sociação que formulam sua base. Ousamos afirmar que é nesse processo de sociação que os indivíduos afirmam-se e se individualizam, criam e recriam estímulos indispensáveis para suas ações diárias. Nem sempre o lema de “Torcer e empurrar o time” vigora como fundamental, por isso acreditamos ser no processo de sociação e mais do que isso, na sociabilidade existente, que esses grupos se fortalecem a partir das particularidades encontradas na coletividade.

#### **4.5 - Indivíduo x Grupo**

Entre tantos pontos convergentes nas leituras dos pensadores aqui citados, apresentamos um em especial: a constatação de que os indivíduos agindo isoladamente têm mais capacidade de reflexão crítica que quando estão inseridos no grupo. Assim, pretende-se uma superioridade do indivíduo em relação ao grupo.

*“Pode realmente acontecer que se fale com desprezo do “povo” e da “massa” sem que, com isso, o indivíduo se sinta atingido, pois realmente não é dele que se trata: quando se considera o indivíduo em si e em seu todo, ele possui qualidades muito superiores àquelas que introduz na unidade coletiva” (Simmel, 2006, 48).*

Isso porque, para Simmel (como também para Durkheim) o grupo não seria a soma dos indivíduos, mas um novo fenômeno que aparece dos fragmentos de cada um que coincidem com os demais e esses fragmentos seriam os mais primitivos, aqueles que ocupam o lugar mais baixo no desenvolvimento. Sendo assim, o grupo tenderia a demonstrar as reações mais primitivas. E, por isso, o indivíduo nesse meio não agiria mais em seu nome e suas características não mais seriam explicitadas, mas sim aquelas características que o faz semelhante aos demais que, segundo o autor, seriam as mais inferiores.

Essa nova unidade, na qual se transformou o grupo, é bem menos complexa do que o indivíduo. Simmel diz que ela (a nova unidade grupal) possui idéias simples e talvez por isso tenha sido concedido a ela o caráter primitivo. Citemos um fato referente à partida entre CRB x Barueri, pelo Campeonato Brasileiro (segunda divisão) de 2007, em que identificamos o que está sendo exposto. Entre os torcedores era perceptível a alegria e satisfação com a iminente vitória da equipe. O jogo finalizou com o placar de 4 x 1. O time regatiano não corria mais risco de rebaixamento e a tranquilidade já imperava. Era dia de festa, e todos estavam em clima de comemoração. Diferentemente de outras partidas em que o clima era de constante tensão, quando a equipe brigava pelos pontos necessários à sua permanência na série B, o momento era de descontração. A torcida adversária não representava nenhuma ameaça para a “Comando”, uma vez que não existia nenhum histórico de rivalidade entre ambas.

A alegria, os cânticos, as demonstrações de afeto para com o time e seu torcedor, os abraços, expressões de um grupo realizado, eram gestos que dificilmente se poderia

presenciar entre os indivíduos em sua vida particular. O que era dito naquele momento, só podia ser dito naquele momento, o que era feito em tal situação, não era possível nem permitido ser realizado em outro ambiente, levando-se em conta os padrões valorativos vigentes na sociedade. O grupo se constitui num personagem com características próprias de uma formação coletiva, assumindo posturas mais simples, emotivas e sendo mais enfático em suas atitudes. No contexto grupal a vergonha, as inibições e os raciocínios mais complexos dão lugar à descontração e à afetividade momentânea e fraterna, expressa em abraços e beijos entre os membros das TOFs.

Simmel sustenta que o sentimento, em contraposição ao intelecto, é o que existe de mais primário e universal. Segundo ele, no âmbito do sentimento fica patente o recuo do nível individual diante do social. Entre as “massas” aglomeradas dentro de espaços fixos o estudioso sente que “há algo que se poderia chamar de nervosismo coletivo: uma sensibilidade, uma paixão, uma excentricidade freqüentemente próprias das grandes massas, raramente demonstradas em qualquer um de seus integrantes considerado isoladamente” (Simmel, 2006, 52). Muito próprio pensarmos as ações coletivas das TOFs tomando como referências as reflexões de Simmel:

*“As massas também se caracterizam por estímulos causais que produzem enormes efeitos, pela alavanca da maioria dos impulsos de amor e ódio, pela excitação às vezes totalmente incompreensível, na qual ela, sem refletir, se precipita do pensamento à ação, arrastando consigo o indivíduo, sem qualquer resistência” (Simmel, 2006, p.52).*

Enquanto Simmel dava atenção para os efeitos que o sentimento provoca na ação dos grupos, Freud destaca o sentido da Sugestionalidade. De acordo com o que vimos, podemos constatar que a massa é sugestionada a agir pela “ordem” das lideranças, podendo levá-lo a assumir tanto comportamentos negativos como positivos, na mesma proporção.

*“Somente ele [o sentimento] explica os crimes de massa, a respeito dos quais, posteriormente, cada participante*

*isoladamente declara sua inocência – com consciência subjetiva limpa e também não desprovidos de razão objetiva, uma vez que a predominância excessiva dos sentimentos destrói as forças do espírito que habitualmente sustentam a consciência e a estabilidade da pessoa, e, portanto, sua responsabilidade” (Simmel, 2006, 54).*

Essa sugestionalidade pode ajudar na explicação do fenômeno da violência entre os torcedores, mas não pode ser responsabilizada unicamente por tal fato. É certo que a sugestão pode levá-los a cometer atos que não fariam fora daquele ambiente. Quando a emoção se sobressai à consciência do indivíduo ele pode ser capaz de cometer ações impensadas. É a sugestão que faz com que os sujeitos ajam de acordo com o desejo do grupo e abstraia suas “vontades” como ser uno. O espaço entre o pensar e o agir fica tão precário que o membro perde a capacidade reflexiva. Por outro lado, ainda segundo Freud, no grupo as ações generosas estão mais suscetíveis a realização do que no plano individual; enquanto que com os indivíduos isolados o interesse pessoal é quase imperativo, nos grupos ele muito raramente aparece (Freud, 1974).

Para Freud, um indivíduo tem seus padrões morais elevados por um grupo. Simmel concorda quando diz que “o arrebatamento da massa pode ser direcionado também para um lado eticamente valoroso: é capaz de produzir um entusiasmo nobre e uma dedicação irrestrita que não eliminam seu caráter distorcido e irresponsável” (Simmel, 2006, p. 54). Observando os momentos de euforia vivenciados pelos fanáticos torcedores, podemos concordar que, em grupo, as pessoas estão mais predispostas a atitudes arrebatadoras e impensadas; o que não significa dizer que essas ações estejam sempre voltadas a atitudes agressivas. As ações negativas assumidas pelo grupo dependerão das circunstâncias e dos estímulos recebidos pelos mesmos.

Enfatizando a diminuição do inconsciente nos fenômenos de massa, Simmel e Freud nos ajudam a compreender o comportamento dos grupos, considerando que a ação destes é díspare da ação individual. “Sabemos hoje que, por vários processos, um

indivíduo pode ser colocado numa condição em que, havendo perdido inteiramente sua personalidade consciente, obedece a todas as sugestões do operador que o privou dela e comete atos em completa contradição com seu caráter e hábitos” (Freud, 1974, p. 99).

A imprevisibilidade da ação dos grupos, particularmente das TOFs, nos faz concordar que os membros assumem posturas que, isoladamente, não assumiriam, fazendo com que, inclusive, não se sintam responsáveis por seus atos quando inseridos no contexto grupal.

*“A multidão é impulsiva, versátil e irritável e se deixa guiar quase exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heróicos ou covardes, mas são sempre tão imperiosos, que a personalidade, inclusive o instinto da conservação, desaparece ante eles. Nada nela é premeditado”* (Freud, 1974).

Esse aspecto é crucial na medida em que é possível constatar que as motivações para a prática de atos agressivos podem ser estimuladas pelo grupo e pelo processo de identificação vivido pela coesão do coletivo. União, força, referências, vontade de poder, superioridade, potência, auto-afirmação, identidade são adjetivos que embasam os grupos e que atraem tantos adeptos em momentos coletivos. Identificamos que os jovens são extremamente atraídos por estes contextos, pois vivenciam um processo de construção de suas identidades que ficam fortalecidas pelos laços de pertencimento e os estímulos e sugestões estabelecidos pelo grupo.

Outro aspecto importante para refletirmos as ações dos grupos diz respeito à tendência de os membros deixarem em suspenso seus próprios valores em favor da vontade coletiva. Assim, o membro atua como parte do grupo e não mais como um sujeito “isolado”. Enquanto algumas características somem, ou estão suspensas, outras aparecem e o personalizam. Freud compara esse processo ao da Hipnose:

*“Em seu caso, como no do sujeito hipnotizado, ao mesmo tempo em que certas faculdades são destruídas, outras podem ser conduzidas a um alto grau de exaltação. Sob a*

*influência de uma sugestão, empreenderá a realização de certos atos com irresistível impetuosidade. Essa impetuosidade é ainda mais irresistível no caso dos grupos do que no sujeito hipnotizado, porque, sendo a sugestão a mesma para todos os indivíduos do grupo, ela ganha força pela reciprocidade” (Freud, 1974, p. 99).*

Para ilustrar o que estamos discorrendo no campo teórico, trazemos o relato do comportamento das torcidas do CRB (Comando Alvi Rubro) e do Santa Cruz (Inferno Coral) na partida realizada no estádio Rei Pelé, conhecido como Trapichão, pela 22ª rodada do Campeonato Brasileiro série B, onde tivemos a oportunidade de fazer uma observação participante. O estádio estava repleto de torcedores e as duas torcidas divididas em locais reservados. A separação geográfica não surtiu o efeito desejado; ao invés de acalmar os ânimos dos torcedores, esquentava ainda mais a disputa, que se revelava em provocações e xingamentos de parte a parte.

Os gritos de guerra, o som da bateria, as músicas pareciam estar sendo cantadas quase que exclusivamente para provocar o torcedor adversário. Não bastasse a tradicional rivalidade regional existente entre os times, os membros da torcida do CSA, arquiinimiga do CRB, uniram-se aos torcedores da Inferno oral. O clima de rivalidade ampliara-se, tornando o ambiente ainda mais favorável ao descontrole e ao embate corporal. O time do Santa Cruz iniciou ganhando, mas o CRB empatou e depois virou o jogo. A situação ficou muito tensa e o conflito ficou inevitável.

As torcidas se agrediram invadindo mutuamente os espaços reservados às torcidas rivais. Como estávamos localizados entre os torcedores regatianos, presenciamos alguns “arrastões”. Foram vários os momentos de conflitos em que a Polícia Militar teve que atuar com intensidade. Numa mistura explosiva de sentimentos de medo, raiva, entusiasmo e insegurança os elementos de rivalidade não bastavam para explicar o que ocorria. Através do contágio, da sugestionalidade, atos imprevisíveis poderiam ocorrer, anulando o verdadeiro sentido daquela reunião.

Corroborando com a tese de Freud, aquela situação demonstra que a massa “vai diretamente a extremos: se uma suspeita é expressa, ela instantaneamente se modifica numa certeza incontrovertível; um traço de antipatia se transforma em ódio furioso” (Ibid, p.102). Esta dimensão de tensão com a vivência coletiva fica claramente expressa nas palavras de um profissional da imprensa que entrevistamos.

*“Os estádios de futebol são arenas modernas. Vez por outra surgem ecos desse sentimento de confronto, vitória e derrota. Morte e vida. Por isso, considero que quando o azul e o vermelho se enfrentam, muita coisa está em jogo. O acirramento e a ira afloram. A rivalidade é o combustível. Por causa da onda de violência e dos arrastões promovidos pelas tais organizadas muitas famílias deixaram de frequentar estádios de futebol. Os gritos desafiantes, provocantes. A cólera nos gritos desafiantes e a paixão potencializada pelo álcool e pelas drogas acabam por formar uma combinação explosiva. Ou seja, do jeito que o diabo gosta. Basta um insulto, um olhar, um empurrão desprezioso e o cenário está pronto” (fala de radialista, 2008).*

#### **4.6 - Heterogeneidade e coesão**

A complexidade da torcida e sua heterogeneidade é outro ponto relevante para a análise do comportamento desses grupos. Ele pode ser guiado por um objetivo central. Porém, no momento de sua constituição, no engajamento de cada membro, podem estar ocultos diversos interesses e motivações incapazes de serem reconhecidos por completo. Essas possíveis motivações podem ser desconhecidas até mesmo pelo próprio membro.

Os grupos de torcedores são formações coletivas com um fim específico, porém cada pessoa cumpre um papel diferente na organização e dá um sentido especial à sua própria participação. As causas da adesão e permanência podem ser de diversas ordens, como por exemplo, amor pelo time do coração, por uma questão de tradição familiar (aí estão incluídos fatores como orgulho, virilidade, aceitação, amor a um ente querido), disputas físicas, ideológicas, econômicas, rivalidades regionais, reconhecimento social, identificação pessoal e grupal etc. Torcer pode ser apenas um pretexto. Vejamos o que

diz uma jornalista, que participou da fundação da Mancha Azul, quando indagamos sobre a importância das torcidas para seus membros:

*“Para muitos integrantes, as torcidas representam TUDO! Muitos até idolatram mais a torcida do que o próprio clube por qual torcem. É como uma religião, envolve fanatismo e paixão. Como já fiz parte de uma TO, a Mancha Azul (fui uma das fundadoras), que antes era Força Jovem, eu pude perceber isso em muitos componentes. O q acho errado, porque eles têm que colocar o clube em primeiro lugar, porque sem o clube, a torcida não tem razão de existir” (Jornalista, 2008).*

Um integrante da Mancha Azul, torcida rival à Comando Alvi Rubro, comunga com esse pensamento, que também esteve presente em muitas das falas dos associados regatianos, como exposto durante a discussão. *“Pra maioria é tipo assim, uma religião. Isso é tudo pra eles, né? A torcida tá até em primeiro do que o clube, né? Muitos entram primeiro na torcida pra depois começar a gostar do time.”* Reforço ao argumento de que o pertencimento a um grupo de TOF pode, por vezes, significar a busca da afirmação compartilhada com os demais componentes, e não somente a participação efetiva nos espetáculos futebolísticos.

Durante nosso trabalho de campo pudemos observar, por diversas vezes, esse aspecto de heterogeneidade do grupo. As torcidas não fazem restrições nem seleções para o ingresso de seus participantes e a única exigência é o pagamento de uma taxa mensal, além da apresentação dos documentos necessários, para se tornar Torcedor Organizado. *“A torcida é democrática”*, afirma um dos membros.

Para se associar é necessário apenas apresentar uma foto, xérox da identidade, xérox do comprovante de residência e, se for menor, autorização do pai, mãe, ou responsável. Não há restrições. A diversidade de perfis é aguda. Pessoas de todas as classes, ocupações e idade fazem parte do quadro da Organizada. Mas é forte a presença de jovens no grupo. *“Temos Famílias, crianças, marido, mulher, crianças... Policial*

*civil, policial federal... mas o que predomina hoje é adolescente assim... De 18 a 19 anos... de 18 a 25”.* (fala de membro da Diretoria)

Pessoas das mais diversas idades, segmentos sociais, dos mais variados interesses integram as TOFs. Porém, na medida em que o jogo começa, essas diferenças se dissipam, ainda que por instantes, e o que prevalece é basicamente a vontade de ver seu time a frente da tabela. Essa coesão torna o grupo homogêneo por alguns instantes.

As questões aqui expostas sobre a operacionalização dos grupos vieram no sentido de propiciar o entendimento do que existe em comum em seu comportamento sob a óptica de alguns autores clássicos reconhecidos, tanto na área da sociologia como na da psicologia. Com essas reflexões definimos alguns elementos para analisar o mundo das TOFs.

É preciso lembrar que essas teorias não são aceitas aqui como regras que devem ser seguidas, mas sim como ingredientes que podem ser utilizados para se pensar o fenômeno. Até porque mergulhamos no campo das trocas simbólicas e das interações vivenciadas pelos seus integrantes e constatamos que qualquer tipo de enquadramento determinista nos levaria a conclusões falsas e precipitadas. O que nos autoriza reafirmar que muitos são os fatores que dão forma a essa coletividade, como os que vamos expor no próximo capítulo, que trata dos efeitos de sentidos produzidos pelas manifestações discursivas, práticas e performances das torcidas; um tema que entendemos ser crucial para o estudo das TOFs.

## **CAPÍTULO V**

### **5 - Efeitos de sentido**

As Torcidas Organizadas animam as multidões nos estádios de futebol por todo o mundo e empolgam a festa, empurram o time, contagiam a torcida e servem também como demonstrações de auto-afirmação dentro e fora dos gramados. Os gritos de guerra, hinos, as palavras de ordem, as canções, as rimas são elementos importantíssimos na constituição e atuação das Torcidas Organizadas de Futebol e funcionam, muitas vezes, como fatores determinantes na condução da partida, como também no comportamento coletivo.

Para Monteiro (2004), além de ser uma forma de afirmação da masculinidade por parte dos membros de uma TOF, essas expressões servem para apresentar retrocessos do processo civilizatório que se observa em vários setores da vida coletiva. Pensamento semelhante ao de Simmel e Freud, que comparam o comportamento impulsivo coletivo às ações mais primitivos dos homens. O fato é que os efeitos que as palavras, jargões e a linguagens utilizadas pelas torcidas proporcionam no ser e agir desses sujeitos são suficientes para modificar condutas grupais e é esse o real interesse do presente capítulo.

Nosso intento, contudo, é revelar os efeitos de sentidos que têm essa comunicação no comportamento das TOFs, pois estes ajudarão a compor o tipo de sociabilidade compartilhada pelo grupo e o lugar que a violência ocupa nesse ambiente. Os significados que tais elementos dão às práticas dos grupos são imprescindíveis para se compreender a sua atuação.

Como assinalamos anteriormente, as expressões que compõem as canções na Comando Alvi Rubro são, normalmente, de insultos depreciativos em relação ao adversário e normalmente indicam a imagem que a organização quer passar de si

própria, como também como quer que seu inimigo seja visto. Nesse caso, grande parte dessas criações vão no sentido de atingir a honra do adversário, colocando em dúvida sua masculinidade e virilidade. Os “Mancha Gay”, como os membros da TO Comando Alvi Rubro denominam os integrantes da Mancha Azul, torcida do CSA, acabam tendo que conviver com esse rótulo, que muitas vezes, é motivo de agressões de ambas as partes.

Esse sentido está presente não só nos gritos de guerra e cânticos, como também na rotina desses componentes. Onde quer que esteja, essa linguagem, utilizada para a comunicação intra-grupo, denota a forma como eles se reconhecem enquanto coletividade, como eles enxergam o outro, e representa uma espécie de “*habitus*”<sup>28</sup> viril entre os membros. Os aspectos da masculinidade, que se expressam tanto verbalmente quanto gestualmente, e o comportamento viril fazem parte da construção de uma identidade que se acha permanente e superior, o que envolve também uma questão de gênero.

Em muitas das composições que formam o repertório da Comando estão explícitas as tentativas de intimidação do adversário. A esse capítulo damos fundamental importância ao conceito de indicialidade, uma vez que essas palavras e expressões são utilizadas no contexto das TOFs e ganham um sentido próprio neste ambiente. As palavras possuem uma incompletude natural e vão ganhando forma durante a produção e manifestação por parte dos sujeitos. Portanto, as expressões ofensivas proferidas por um “Mancha” ou por um “Comando” só ganham o significado pretendido se ditos naquele momento, com aquelas personagens e naquela realidade. Apesar de serem palavras do conhecimento geral e de serem entendidas pela maioria

---

<sup>28</sup> *Habitus*, segundo Pierre Bourdieu, é um sistema de disposições incorporadas que engendra ações, sentimentos, visões de mundo, etc. e lhes confere uma certa coerência. BOURDIEU, Pierre A economia das trocas simbólicas (org. Sergio Miceli). São Paulo, Perspectiva, 1992.

das pessoas de uma sociedade, perdem a razão de ser se retiradas daquela situação de intercâmbio lingüístico. Esse é um dos princípios da etnometodologia, básicos para o entendimento da metodologia em questão.

Apesar de não serem reconhecidas pela Diretoria da TOCV, não podemos deixar de considerar que as páginas virtuais as quais tivemos acesso são construídas por torcedores dos mais diversos pavilhões<sup>29</sup> e esse conteúdo expressa as representações apreendidas a partir da Organização a qual integram.

Destacamos as expressões de depreciação da imagem do grupo rival, que também produzem o efeito de intimidação. A construção do medo, do terror, as ameaças também estão presentes; o que não deixa de ser também uma forma de violência: a violência verbal e simbólica. Vejamos o que estamos afirmando nas construções a seguir, extraídas de comunidades produzidas por torcedores:

***TOCV NA FITA!!!!***

*Quando vou pro estádio vou com muita adrenalina*

*Eu levo **rojão e bomba** na minha muchila*

*De beka vermelha **invadimos** de mulão*

*Com muita **revolta** e muita disposição*

*Na TOCV só tem leke **sinistro***

*Baixada, Clima Bom, Osman Loureiro e u bixo*

*Feitosa, Pajuçara em Fernão Velho é o **terror***

*Toda Alagoas é **COMANDO VERMELHOOO***

*Pode, pode xegar **batendo***

*Na TOCV só tem brother veneno*

*OOOOO abre passagem a **COMANDO AE o terror** desta cidade!*

---

<sup>29</sup> Pavilhões – Termo utilizado para identificar os sub-grupos constituídos pelas TOFs de acordo com os bairros e comunidades.

***Funk do arrastão***

*Pode chorar!*

*pode chorar!*

*La vem o lado b*

***apavorando o lado a (2x)***

*torcida cv rei*

*faz safado **passar mal***

*está em todo canto*

*do sertao ao litoral*

*nosso bonde é o **terror***

*os "manchete" sao "fregues"*

*já foi feita a união*

*do jaça e do P3*

*a nossa torcida*

***estremece o trapichão***

*e se você duvidar*

*então veja o **arrastão...***

*sai,sai da frente,sai que a comando é **chapa quente**.(2x)*

*ooooo abram passagem,a comando aê,o **terror** dessa cidade.(2x)*

A linguagem (grifo nosso) e os códigos apresentam a disposição para o confronto e a “convicção” da vitória grupal. Essas palavras de ordem expressam o desejo de eliminação do outro; o que nos leva a crer que para os membros da Comando os torcedores do CSA são inimigos e não adversários; inimigos que precisam ser eliminados. Essa postura compromete a legitimidade da competitividade, tornando a disputa um lugar de negação dos conceitos democráticos, uma vez que nesse ‘jogo’ somente um sobrevive. Isso retira, ao menos no campo simbólico, a possibilidade da existência do diferente.

Faço nossas as palavras de Toledo (1996): “Satíricos, jocosos, ofensivos, engraçados, alguns criativos, enfim, estes cantos e *gritos de guerra* traduzem uma série de visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre

torcedores de futebol” (Toledo, 1996, p. 64-65). Toledo realça que, além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas, codificadas em músicas e versos, retiradas da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes (1996, p. 65).

Para o referido autor, os palavrões fazem parte de padrões de condutas e comunicação na expressão dos conflitos, negociações e protestos. Tais padrões de comportamento verbal, segundo ele, reportam-se de maneira dramática, sempre aos temas de características da sociedade brasileira, como a representação de uma certa proeminência da condição masculina, códigos de sexualidade, relações de mando e obediência, estereótipos sociais, desigualdades e hierarquias (Toledo, 1996, p. 72). Assim, os palavrões incorporam-se ao espetáculo como mais uma via de expressão das emoções, alegrias, tristezas e tensões. “O que importa ali, de fato, é sempre exagerar, demarcar e estabelecer as diferenças entre as torcidas, entre os times, as torcidas contra as PM, juízes” (Toledo, 1996, p. 72).

Outro aspecto a ser notado é que essa comunicação expressa por muitas TOFs parece remontar à comunicação de uma organização militar e, muitas vezes, ao sistema carcerário. Esse último mais fortemente presente devido ao nome do grupo. Não podemos deixar de registrar que o “Comando Vermelho” é o nome de uma facção criminosa do Rio de Janeiro. Palavras como “rojão”, “bomba”, “invasão”, “terror”, “chapa quente”, “pavilhão” e sua própria nomenclatura reafirmam o argumento aqui exposto.

A característica burocrático/militar induz seus componentes a se comportarem como se estivessem num campo de batalha, onde vencer a torcida adversária é, muitas vezes, mais importante que a competição esportiva em si. O que interessa é derrotar o

inimigo, por vezes, tomar sua camisa e queimá-la, como expressão de superioridade. “TORCIDA É FORÇA,” assim um membro definiu a TOCV. Apesar de reconhecermos esses elementos constitutivos das TOFs não comungamos com a idéia de Pimenta quando afirma terem as TOFs sofrido influência do regime militar.

Como nosso objetivo é perceber os efeitos de sentido das palavras e expressões das TOFs, recorreremos à Orlandi, que além de considerar os efeitos do dito, reconhece os efeitos do não-dito no contexto da linguagem.

*“Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender... Esses sentidos têm a ver com o que foi dito ali, mas também em outros lugares, assim com o que não é dito, e que o poderia ser dito e não foi” (Orlandi, 1999, p.30).*

Além de tudo o que seus membros expõem em suas práticas discursivas através de músicas e gritos de guerra, existem os significantes que nos remetem a outros contextos que trazem na memória discursiva. Os termos rojão, bombas, invasões, pavilhão são significantes que nos remetem a outros contextos; têm uma memória discursiva vinculada ao cárcere e aos campos de batalha.

*“Os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (Orlandi, 1999, p.39).*

Portanto, é natural que tais palavras utilizadas pela CV remetam a outros contextos, particularmente ao ambiente de batalha, de guerrilhas e de conflitos, onde essas expressões são comumente utilizadas. As expressões *Comando Vermelho* e *Pavilhões* remontam ao contexto do Sistema Prisional. “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (Orlandi, 1999, p33). Nestes

termos, o jogo de sentido produzido pela própria denominação da TOF do CRB já traz a marca do crime organizado dentro dos presídios.

É válido, contudo, que analisemos o que está contido no discurso desses integrantes. Quando os torcedores gritam as palavras de ordem: “Quando vou pro estádio vou com muita adrenalina, eu levo rojão e bomba na minha muchila”, nos remete ao contexto do campo de batalha. Apesar de não fazerem parte de uma organização militar nem para-militar agem como se fossem. Essa postura reforça no imaginário do torcedor alguns signos que evocam e estimulam a agressividade.

A passagem da palavra ao ato não é algo que possa ser controlado; tudo dependerá do contexto e das disposições subjetivas dos membros. O que é certo é que se cria um ambiente potencialmente explosivo. Da mesma forma que as palavras de ordem podem gerar situações de violência, podem servir apenas para reafirmar a coesão do grupo, impondo “respeito” perante o adversário. Ou seja, a linguagem utilizada pelo grupo pode ser interpretada como uma situação potencial de ação violenta, mas também como elementos simbólicos que os ajudem a construir um ambiente forte e coeso, a partir das representações expressas pelas práticas discursivas.

Gostaríamos de chamar atenção para o fato de que da mesma forma que essas canções, gritos de guerra, expressões podem exprimir situações potenciais de violência; podem também assumir um outro caráter sem qualquer conotação de agressão ou insulto; apenas para explicitar amor pelo clube. A seguir transcreveremos alguns trechos de canções criadas por membros que formam os pavilhões da TOCV, retiradas das comunidades do grupo no Orkut (*site*) que demonstram os sentimentos de identificação que os mantêm coesos na TOF.

### ***TOCV Pavilhão 1***

*CRB não é apenas um time ..é um TIMÃO!  
COMANDO VERMELHO não apenas uma torcida ... uma é á  
torcida!*

*Ser REGATIANO é ter mais uma religião ..  
Ser REGATIANO é ir além de ser ou não seR o primeiro ..  
Ser REGATIANO é tbm ser um pouco mais BRASILEIRO!*

*O gostoso de ser REGATIANO,  
não é vencer ..  
não é ganhar títuloS ..  
não é gozar dos adversárioS ..  
O goStoso de ser REGATIANO?!  
é seR REGATIANO!*

*O CRB supeRa a razão,  
é um sentimento difícil de explicaR  
e que torcedores rivais não entendem,  
É por isso que odeiam E SECAM tanto o GALO  
pq não sentem essa paixão!*

*E para REGATIANO não há derrota ou vitória:  
o CRB é maior, e acabou!*

*CRB: o MELHOR time DE ALAGOAS ..  
tem a maior torcida organizada do ESTADO ..  
que tem o maior bandeirão do ESTADO ..*

*é mesmo, Ser REGATIANO é um Privilégio  
POR ISSO CARREGO NO MEU PEITO O MEU TIME  
APAIXONADO...  
SOU TOCV A MAIOR DO MEU ESTADO!!!  
...:CRB:::MINHA PAIXÃO ETERNA  
CRB ATÉ A MORTE!*

Os sentimentos expressos de paixão que superam a razão fazem com que se identifique o “ser regatiano” como uma religião. Com este material discursivo temos a nítida sensação de que pertencer à Comando Vermelho parece muito mais do que ser torcedor de uma equipe de Futebol. Como mesmo já diz o lema da organizada: “Vivo seremos respeitados, mortos seremos lembrados, somos COMANDO VERMELHO e nunca seremos COMANDADOS!”. Estar associado ao grupo funciona como um pacto

de fidelidade e lealdade eterna. Este verbete está fortemente embutido nas idéias de muitos dos seus integrantes. “A Comando Vermelho pra mim é um orgulho. Em primeiro lugar a minha Torcida Organizada, primeiramente, e depois....”, explica um jovem de 18 anos. Assim, a comunicação realizada por seus torcedores é uma expressão do ser Comando Alvi Rubro e de suas disposições, que age a partir do poder simbólico<sup>30</sup> e que potencializa a coesão no grupo.

Reconhecemos a força e a eficácia da linguagem expressa na formação discursiva do grupo como algo fundamental. É importante realçar que a comunicação do grupo acontece no campo verbal, virtual e em gestos e expressões visuais que produzem múltiplos sentidos ao grupo. Por exemplo, a caveira e a foice, que compõem os símbolos na bandeira da torcida Alvi Rubra, denotam sentidos macabros; são significantes de morte que mostram um aspecto sombrio no imaginário social. Não podemos desconsiderar que todo discurso remete à memória dos significantes (caveira, foice), que contribui para o entendimento do membro da TOF, no caso específico.



Símbolo da Comando Alvi Rubro

Todos os símbolos inseridos na bandeira, de acordo com a diretoria da TOF, indicam o lema da Organizada: “*CRB até a morte*”. “*Nosso lema é CRB até a morte.*”

---

<sup>30</sup> Poder Simbólico no sentido do reconhecimento, respeito e prestígio de sua força junto ao grupo.

*Por isso que a gente usa a morte em várias bandeiras, camisas. Entendeu? Porque a gente tem que usar a morte. Porque o lema é CRB até a morte”,* ressalta o representante. Quando indago sobre os desenhos ele responde: *os desenhos...A gente tem vários desenhos... No caso a gente usa Bob Marley, usa Zumbi dos Palmares...”* Mas, de acordo com ele, o desenho oficial é *“o mapa de Alagoas, o escudo do CRB no meio, e a morte em cima, representando que “Alagoas tem dono”.*

### **5.1 - Comando Vermelho: uma simbologia criminosa?**

Considerando que o objeto de nosso estudo é a TOF do CRB, entendemos de fundamental importância discutirmos sobre a origem do nome “Comando Vermelho”, como se autodenomina a TOF do CRB. Comando Vermelho, pela história, é o nome de uma organização criminosa do Brasil. Antes chamado Falange Criminosa, o CV foi criado entre 1969 e 1975 no Rio de Janeiro por Rogério Lemgruber e outros encarcerados no Instituto Penal Cândido Mendes, mais conhecido como presídio da Ilha Grande ou “Caldeirão do Diabo”. A proposta era lutar contra as condições subumanas pelas quais os presos passavam.

O Comando Vermelho teria sua origem na reunião de presos políticos com os presos comuns na galeria B do presídio da Ilha Grande. Os presos comuns haviam sido condenados de acordo com a lei de Segurança Nacional, quando o governo militar tentou equiparar os revolucionários de esquerda à criminosos.

A partir daí nasceu um respeito e admiração por parte dos presos comuns à organização, disciplina e companheirismo existentes entre os revolucionários de esquerda, o que lhes permitia sobreviver àquela situação de encarceramento. Os presos comuns e revolucionários passaram a partilhar experiências, tendo os primeiros adquirido o *modus operandi* das guerrilhas revolucionárias. A organização interna dos presos contra os excessos das autoridades carcerárias foi uma das bases da Organização,

juntamente com a proibição de ataques, roubos ou violência física e sexual entre os presos.

Segundo a literatura sobre o tema, teria sido no início dos anos 80 que os primeiros presos foragidos da Ilha Grande começaram a pôr em prática todos os ensinamentos que haviam adquirido a partir da convivência com os presos políticos, organizando e praticando numerosos assaltos a instituições bancárias, algumas empresas e joalherias<sup>31</sup> (2007). Os presos não eram inocentes, mas aprenderam o sentido de planejamento, táticas e estratégias com a convivência com os presos políticos.

Algumas características da Comando Alvi Rubro e da maioria das torcidas pesquisadas acabam por assemelhar-se ao ordenamento do Sistema Carcerário. A subdivisão dos bairros por Pavilhões é uma delas, por sabermos que as divisões existentes nas penitenciárias são denominadas de pavilhões. As propostas são divergentes. Porém esse imaginário coletivo pode, de alguma maneira, influenciar na dinâmica da torcida, pelo processo de vinculação pela história e pela memória. É o dito que produz o não dito, e vice-versa. “O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente)... De todo modo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam.” (Orlandi, 1999, p.82)

Os elementos expostos indicam a vontade de poder vivenciada pela Organizadora. O comportamento viril, a masculinidade e as expressões advindas de organizações militares dão à Torcida uma suposta impressão de legitimidade de poder. Ainda assim, a Diretoria não associa o nome da torcida com nenhuma outra Organização. Indagado sobre o assunto, um dos membros da Diretoria explica: “*é um grupo de pessoas, reunidas, comandadas, material vermelho, em prol do CRB, né?*” Para seus representantes o nome, assim como os discursos, justificam-se pela sua realidade e atualidade e não possui qualquer outra influência externa.

---

<sup>31</sup> As informações contidas neste tópico estão referenciadas no site ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Comando\\_Vermelho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Comando_Vermelho))

Longe de adentrarmos na polêmica sobre a origem do nome “Comando Vermelho”, nosso estudo visa apreender o sentido que se atribui às ações do grupo, a seu *modus operandi* e como eles lidam com as significações a eles relacionadas. A maneira como se percebem e como enxergam o diferente revela muito da proposta compartilhada e, nisso, os signos e a comunicação praticada são instrumentos básicos. Entendemos que esses símbolos e significantes relacionados à morte, à crimes e à violência podem produzir um efeito que predispõe as TOFs a se envolverem em situações de violência e, muitas vezes, a agirem com agressividade.

## **5.2 - O Discurso, os sentidos e a Ideologia**

Ainda que o grupo pesquisado, assim como a maioria das TOFs no cenário nacional, não possua características ideológicas claras, não desconhecemos tal caráter na formação do discurso. Concordamos com a assertiva de Pêcheux quando afirma: “Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Pêcheux, 1975. P. 30). Ou seja, a comunicação exercida pelos componentes das TOFs está, efetivamente, imbricada de idéias relativas à visão que cada um possui do seu universo social. Essa comunicação não é neutra, ao contrário, está carregada de significações.

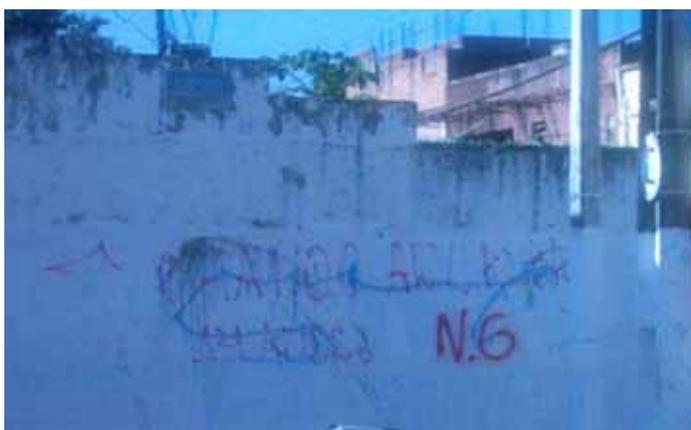
Vejamos um exemplo. As duas principais torcidas de Maceió – Comando Alvi Rubro e Mancha Azul – têm a prática rotineira de pichar, ou seja, deixar sua marca nos muros da cidade. Uma forma de demarcar território e mostrar presença no maior número possível de regiões na cidade. É comum depararmo-nos com as pichações formadas pelas siglas CV (Comando Vermelho), MA (Mancha Azul) ou Comando/ Mancha, principalmente nos bairros próximos às sedes dos clubes (CRB e CSA). A prática de inserção das iniciais da TOF nos muros da cidade explicita a dinâmica de disputa e rivalidade entre as TOFs. Geralmente os membros da CV cobrem as letras da

MA e vice-versa, como na forma de revelar superioridade. Quanto mais próxima a pichação estiver da sede do clube, maior é a demonstração de força e do caráter ofensivo da Organizadora. Isso porque as siglas nas pichações são uma forma de eternizar a existência do grupo nos locais onde são deixadas e vivenciar uma experiência prática de obtenção de controle desses pontos.

Observemos as fotografias feitas de muros localizados no bairro da Pajuçara, região onde está sediada a TOCV.



Há uma inscrição em azul com as letras MA (Mancha Azul) que está rasurada com um X e ao lado as letras CV (Comando Vermelho)



Pichações como estas podem ser encontradas por toda a capital alagoana. Quanto mais “territórios” demarcados, maior o poder simbólico do grupo. Opinando sobre os writers na cultura grafite, Pais (2006) afirma serem estes uma forma de

institucionalização dos espaços de afirmação simbólica. “É o que acontece quando determinadas claque (“torcidas”) desportivas grafitam nas cercanias do estádio da equipe rival como forma de superioridade simbólica. A grafitagem no espaço rival significa sua apropriação em termos simbólicos” (Pais, 2006, p.14).

Para Arce (1997), pichar lugares difíceis confere popularidade e respeito, mas também pode ativar a rivalidade, sobretudo quando esta já existe em outros âmbitos sociais (Arce, 1997, p.133). Como dissemos, as pichações em “território inimigo” podem valorizar a ação do pichador, além de reforçar a suposta superioridade do grupo. Porém, ao invés de incitar a agressividade entre tais, o autor argumenta que elas são capazes até de reduzi-la, uma vez que “essa nova dimensão das batalhas urbanas teve uma importante participação na atenuação dos níveis de violência entre esses setores jovens, na medida em que as rivalidades são canalizadas para o território simbólico” (p.133), o que acredita ser um dos aspectos pouco avaliados e submetidos à reflexão.

Além desse tema, Arce (1997) também desmistifica o fato de os grafiteiros fazerem parte das classes privilegiadas da sociedade ou de famílias desestruturadas. “O certo é que o fenômeno grafiteiro abriga muitos jovens pertencentes a família não desintegradas, assim como muitos garotos que são excelentes alunos”(Arce, 1997, p. 129). O que ajuda a pensar também a atuação dos membros da TOCV nesse tipo de atividade que, nem sempre, merecem os rótulos que lhes são conferidos.

O autor admite que o fenômeno grafite insere-se no processo de crise das identidades sociais. De acordo com Arce, os jovens, através dos grafites, reconstruem velhos referenciais de identidade e os utilizam num novo contexto; contexto esse que os tira dos espaços de expressão tradicionais e os oferecem espaços nos quais eles participam de maneira ampla e livre; sem censuras moralistas. A imprensa, os jornais, TVs, rádios, revistas, e mesmo a sociedade lhes negam a visibilidade, realidade bastante

presente na rotina das TOFs alagoanas, assim, restam os espaços de expressões alternativos. Esta também é a percepção de Toledo (1996):

*“As pichações, como verdadeiras sintaxes, revelam uma dada individualidade torcedora, que poderíamos defini-la como tendo estratificada, por onde é veiculado o pertencimento à torcida e à cidade, nas sua diferenças simbólicas e sociais. Tais grafismos, transgressões na própria maneira como são veiculados, reproduzem, de modo ampliado nos espaços físicos e públicos da cidade, a dimensão dupla no conflito e da sociabilidade dramatizada a partir dos desdobramentos das partidas de futebol. É como se reproduzissem a disputa, só que agora entre bairros, pedaços, cidades diversas, dentro de uma mesma metrópole”* (Toledo, 1996, p. 44).

Assim como os grafites, a camisa também se constitui num símbolo bastante representativo das TOFs, chegando a possuir um grande valor na dinâmica das organizadas. Da mesma forma que a camisa da Organizadora é considerada um dos objetos mais sagrados para o grupo, senão o mais importante, “tomar” a camisa do adversário torna-se uma das maiores expressões de potencialidade e coragem para a maioria das TOFs. Conquistar os símbolos do “inimigo”, possuí-los e destruí-los são rituais que ajudam a reforçar o que se compreende como superioridade grupal.



A imagem acima foi captada no aniversário de 14 anos da TOCV, dia 15 de setembro de 2007. É a socialização da captura do símbolo da TOF rival, Mancha Azul, sua representação maior.

De acordo com a análise de Toledo (1996), a camisa da torcida expressa o pertencimento ao grupo; revela o afeto ao time tanto quando à própria torcida. Ela

demarca diferenças, delimita espaços, reitera identidades, solidariedades e oposições. Sua eficácia consiste no uso pelas ruas, trajetos até os estádios e mesmo dentro deles. A camisa demarca entre os torcedores, segundo Toledo, uma certa *distância simbólica* entre aqueles que a usam dos torcedores comuns. “Assim, o simples fato de se encontrar um *independente*<sup>32</sup> na rua suscita, por parte de muitos, uma inquietação, temor, ódio, respeito maiores que se encontrasse um torcedor comum vestido com a camisa do time” (Toledo, 1996, p.58). Transcreveremos as reflexões de Toledo, que vêm reforçar os argumentos a respeito do peso simbólico dos adereços utilizados pelas TOFs:

*“Camisas, bandeiras e bonés servem de troféus a serem disputados pelos torcedores. Um motivo de humilhação para qualquer Torcida Organizada é ver suas bandeiras, ou qualquer outro adereço coletivo que a represente (as faixas, por exemplo) em poder de terceiros. Este tipo de prática, ou seja, roubar bandeiras dos outros, é sempre motivo para acirrar os ânimos entre as Torcidas Organizadas (...) Com as camisas das Torcidas Organizadas acontecia algo similar. Roubá-las significava, antes de se popularizarem pelo comércio informal da cidade, ter em suas mãos um objeto valioso na medida em que eram escassas e comercializadas somente entre os sócios”* (Toledo, 1996, p. 59).

Os adereços são instrumentos de identificação que reforçam os laços e vínculos entre os participantes das torcidas. Neste sentido estão os cânticos, os gritos de guerra e adereços como instrumentos fundamentais que reforçam a necessidade de identificação entre os jovens. Importante neste momento lembrarmos esta discussão e chamar a atenção para o fato de que as TOFs podem ser vistas como espaços de reconhecimento fundamentais para a constituição da sociabilidade de toda uma geração de jovens na contemporaneidade.

Realçamos que a noção de membro, referida por Coulon (1995) e reforçada constantemente durante o texto, nos possibilitou ver o torcedor não apenas como uma pessoa que respira e pensa, mas uma pessoa dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a faz capaz de inventar dispositivos de

---

<sup>32</sup> Referência a uma das Torcidas Organizadas pesquisadas pelo autor, no caso em destaque, a Torcida Independente Tricolor, do São Paulo Futebol Clube.

adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca. “É alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe “naturalmente” a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar” (1995, p. 46). O principal fator de reconhecimento dos membros de um grupo é a linguagem que passa a ser a sua referência e a expressão de sua identidade coletiva.

A noção de membro vai muito além do que imagina o senso comum. Muito além da adesão de um indivíduo a um grupo. A idéia que pretendemos compartilhar no trabalho é a de um membro que está-no-mundo das instituições sociais da vida cotidiana a partir de sua maneira de enxergá-lo e de suas particularidades.

Como já afirmamos no início de nossa dissertação, uma vez ligados à coletividade, os membros não têm necessidade de se interrogar sobre o que fazem, ou seja, aceitam as regras e rotinas inscritas nas práticas sociais. Este sentimento de pertencimento os insere numa ordem institucional e os inscreve num universo de reconhecimentos que os torna um “ser pertencente”. Essa é a característica básica para a sociabilidade, da qual insistentemente discorremos.

Assim, podemos reiterar, com as palavras de Pais: “tantas vezes designadas como “culturas de margem”, o que estas culturas juvenis reclamam é a inclusão, pertencimento, reconhecimento. Daí suas performatividades, que não por acaso, se ritualizam nos domínios da vida cotidiana mais libertos dos constrangimentos institucionais – os do lazer e do lúdico (espaços lisos)” (2006, p.14-15).

Todas as práticas expressas através dos membros das TOFs nos apontam para o nosso argumento central de que as Organizadas são espaços de sociabilidade onde os jovens constroem identidades e identificações que os fazem sentir-se pertencentes, enquanto membros, a um grupo que ajudam a constituir, mas ao mesmo tempo, que os constitui.

## CONCLUSÃO

A intensa exposição midiática sofrida pelas Torcidas Organizadas Brasileiras a partir da década de 90, com a constante visibilidade da violência praticada por integrantes, levantou uma questão pontual: o lugar das TOFs nos espetáculos futebolísticos. Necessárias ou descartáveis? Extingui-las ajudaria a diminuir os alarmantes índices de violência nos estádios ou estaria ferindo um direito constitucional de livre expressão e associação?

As experiências de extinção das Organizadas não produziram efeitos significativos com relação às práticas de violência relacionadas ao esporte. No Brasil, e em Alagoas particularmente, não se percebeu qualquer redução de ações violentas em torno dos espetáculos esportivos a partir da extinção oficial desses grupos. A violência continua existindo nesse cenário porque, como expusemos, ela não é privilégio dos esportes e sim um fenômeno com fatores sociais inegáveis. O esporte, e o futebol em particular, é apenas mais uma esfera de manifestação dos conflitos sociais que assolam toda a sociedade.

Porém, problematizar a questão do crime ou das infrações praticadas por torcedores organizados não foi a proposta do presente trabalho. A pesquisa focalizou as relações e interações vivenciadas pelos torcedores com o intuito de descobrir como se reconhecem entre si e o que, a partir desse processo, se formava como primordial para sua existência, ou seja, qual era a base da existência das Torcidas pesquisadas, em especial, a Comando Alvi Rubro. Investigar o papel e os efeitos da violência intra e inter grupos também foi foco de nossa proposta. Para compreendermos as formas de sociabilidade dos integrantes das TOFs, estudamos a Torcida Organizada Comando Alvi Rubro que está, juntamente com a Mancha Azul, entre as torcidas mais expressivas do Estado de Alagoas.

No período em que desenvolvemos nosso trabalho de campo, verificamos algumas particularidades na forma de atuação dessa Organizada que ajudaram na compreensão do que a constitui enquanto coletividade. Mais do que isso, constatamos que não existe uma relação necessária entre a dinâmica das TOFs com atos de violência. As ações coletivas respondem a momentos constituídos no calor das emoções, podendo seguir uma direção destrutiva ou construtiva. Em se tratando de ações grupais, o imponderável estará sempre presente.

Na rotina desses integrantes constatamos elementos que reforçam atitudes muito presentes na juventude como a masculinidade e a virilidade exaltadas, características próprias dos grupos de torcedores pesquisados também em outras regiões, reconhecidas, muitas vezes, como motivadoras da agressividade através da busca de uma suposta superioridade. Porém, esses fatores, por si só, não indicam a disposição para o confronto, pois outros elementos também encontrados no grupo estudado viabilizaram um entendimento diferente sobre suas condutas.

Não podemos desconsiderar os aspectos da indicialidade e da reflexividade para compreendermos as atitudes que envolvem os membros das Organizadas. A cada acontecimento são produzidas ações e reações que exigem uma contextualização e a consideração reflexiva dos atores envolvidos.

A relevância do futebol para o povo brasileiro é algo já internalizado nacionalmente e, porque não, mundialmente. Foi elemento constitutivo de sua cultura, especialmente no século passado, quando se desenvolveu e tomou as feições hoje delineadas, no sentido da profissionalização. Mas assim como o futebol está inquestionavelmente associado à História das terras Tupiniquins, estão também, talvez na mesma proporção, as formações de Torcidas Organizadas de Futebol. Com um perfil diferenciado daquele da década de 40, com caráter estritamente familiar, as TOFs

modernas caminharam de mãos dadas com o crescimento do futebol como um todo, mas também herdaram as marcas do complexo processo de urbanização e desenvolvimento das cidades, e hoje representam tanto o que existe de positivo como também os reflexos e entraves produzidos por esse novo cenário.

As TOFs brasileiras possuem características muito peculiares à realidade social a qual estão inseridas e seu percurso está vinculado às mudanças que estão condicionadas às questões políticas e econômicas pelas quais o país foi submetido. As Torcidas Organizadas de Futebol, como é próprio dos grupos sociais, refletem o conturbado percurso seguido pelo país e reforçam ainda uma necessidade de pertencimento e visibilidade em meio a uma realidade cada vez mais problemática, que não proporciona os meios pelos quais seus cidadãos possam reafirmar-se como sujeitos ativos. As TOFs aparecem como lugar seguro, onde é possível construir alicerces e firmar a base para uma vivência social reconhecida no tecido social.

A TOFs modernas tiveram origem na década de 70, auge do processo ditatorial brasileiro, e começaram a mostrar a cara em meados dos anos 80. Vieram, provavelmente, influenciadas pelo ambiente político de então; ao contrário do que se pensava, sem o caráter ideológico que marcava a época e que é característico desse tipo de agrupamento em outros países, principalmente os do continente europeu. Elas surgiram, aparentemente, sem ideais políticos claros, porém, para muitos estudiosos do tema, carregadas de significações do berço em que foram geradas. Como afirmou Toledo (1996), a emergência das torcidas está vinculada ao surgimento do futebol profissional e ao processo exacerbado de crescimentos das cidades, principalmente nas décadas de 50 e 60. Para ele, durante a repressão, os torcedores buscavam nessas Organizações sua inserção popular, impedida aos partidos políticos e a outras formas de

associacionismo. Era uma maneira de se representar e buscar afirmação quando os direitos políticos eram cerceados.

Pimenta (2000) atribui também à repressão militar a forma de operacionalização e hierarquização das Organizadas Modernas. Seus novos padrões de comportamento, vestimentas, cânticos, transgressões às regras sociais, a virilidade, a linguagem militar, o respeito aos mais experientes e a violência foram legados deixados pela ditadura e que foram incorporados, segundo o autor, na forma de atuação das TOFs. Esse último aspecto bastante ponderado no presente trabalho, uma vez que se percebeu que a questão da violência está vinculada a múltiplos fatores que não nos autorizam vinculá-la exclusivamente às ações dessas Organizações.

Compartilhamos o argumento de Misse (2006), que atribuiu o fenômeno da violência nas TOFs à nova realidade constituída com o processo de urbanização e a industrialização vivenciada em várias regiões do Brasil. A violência urbana, que atinge a sociedade e abarca diversos tipos de condutas nos mais diferentes grupos sociais, assumindo múltiplos formatos, é característica de uma conjuntura criada a partir das transformações provocadas pela industrialização do país. Não podemos desconsiderar que a violência praticada pelos torcedores tem um caráter eminentemente urbano.

Mostramos também, a partir da análise do comportamento dos grupos, subsidiada por Simmel e Freud, que as pulsões destrutivas, mais características das ações em grupo, proporcionavam o entendimento dessas grupalidades, subtraindo do sujeito a responsabilidade por seus atos.

Aliado a isso, expomos ainda que algumas práticas referentes à juventude possuem elementos semelhantes e singulares. A vontade de transgredir, a necessidade de afirmação, a emoção pelo perigo, a dificuldade de vislumbrarem um futuro para sua existência, constituem uma categoria que, apesar da diversidade temporal, continua

fazendo parte do ser jovem. Através das TOFs os jovens buscam o fortalecimento de suas identidades para sustentação da instabilidade e vulnerabilidade vivenciadas neste tempo da existência.

Na atualidade, os jovens deparam-se com uma grande dificuldade de manterem e reforçarem suas identificações. A crise de valores fragiliza os processos de identificações entre os jovens, tornando-os mais vulneráveis pelo enfraquecimento dos laços sociais e dos ideais e referências valorativas que dão suporte a suas ações. Neste sentido, as Organizadas passam a ser a sua base, o seu esteio, a sua “religião”. A complexidade vivenciada pela juventude expressa-se pela tensão e o paradoxo de desejarem viver a liberdade ao tempo em que têm que abrir mão do abrigo e aconchego familiar.

A integração e identificação com um grupo podem lhes proporcionar a sensação de abrigo e aconchego vivenciada no espaço familiar. Por isso, desenvolvemos no texto a idéia de que as Torcidas Organizadas de Futebol podem oferecer, para muitos, a percepção do envolvimento atribuído ao seio familiar.

Esse pensamento está presente não só nos discursos dos torcedores e no entendimento apreendido no trabalho de campo. Encontramos resquícios dessa idéia também nas falas da imprensa e de outros profissionais entrevistados. O que nos faz compreender que as formações de TOFs no Brasil são muito mais complexas do que se imagina e possuem motivos outros além daqueles mensurados muitas vezes. As respostas não serão encontradas unicamente em âmbito esportivo.

Importante explicitar que tal raciocínio não é uma máxima na presente pesquisa. Muitos são os fatores aos quais os indivíduos se apegam para filiareem-se às TOFs, o que é confirmado por sua característica heterogênea. Há uma heterogeneidade de intenções, de motivações, de perfis sociais e pessoais daqueles que constituem uma Torcida

Organizada. O argumento acima reforça a visão de que, a partir da fragilização dos processos de sociabilidade e das identificações produzidas entre os membros, esses grupos podem representar muito mais do que uma massa que apóia e incentiva um clube de futebol. As interações vivenciadas por seus integrantes expressam de forma contundente o que estamos afirmando.

Em outra direção, porém, ainda tratando do fator heterogeneidade, a inserção de integrantes nesse tipo de agrupamento pode significar também o espaço real para a prática de ilicitudes por parte de alguns que encontram nesse grupo a impessoalidade necessária a um tipo de postura ofensiva e violenta. A heterogeneidade citada nas linhas anteriores explica muitos dos atos pelos quais as TOFs brasileiras ficaram marcadas pelo signo da violência. Essa diversidade de condutas e posturas também distingue aqueles que praticam a violência dentro das TOFs e aqueles que vêem as TOFs como um local de reconstrução das suas identidades ou mesmo aqueles que desejam somente um momento de lazer compartilhado.

Seu aspecto diversificado faz parte do processo democrático e as Organizadas, quando não limitam nem discriminam a participação dos componentes, trabalham com esta perspectiva. Além do elemento de “impulsividade”, que fica mais evidenciado no espaço do grupo, tornando-o mais propenso a ações inesperadas, existe o fato de que muitos dos atores de agressões associam-se apenas como forma de viabilizar e facilitar suas práticas violentas. Esse dado permite-nos colocar a análise das TOFs num outro patamar de compreensão.

Longe de adentrarmos nos pormenores dos fatores que favorecem a violência, faz-se necessário destacar que a propensão para a agressividade está presente em todo e qualquer indivíduo. Porém, o fato de estes sujeitos estarem em grupo, ficam mais vulneráveis a cometê-la; mas não significa que cometerão necessariamente. Como

muitos pesquisadores demonstram, há muitas mediações e interditos que impedem a explosão da violência, criando uma distância entre a propensão e sua efetividade.

E o que são esses interditos? Como já colocado, têm suas bases na força das identificações entre os sujeitos, no que eles compreendem como fundamental para seu convívio e no estágio em que se encontram internalizadas suas significações e trocas simbólicas. Num ambiente onde a fragilização das identificações é preponderante, provenientes de um histórico conflituoso, as vulnerabilidades individuais e grupais tornam-se mais suscetíveis.

Outro atenuante desse processo é o tipo de linguagem utilizada pelos membros das TOFs. Na Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, assim como na maioria das TOFs brasileiras, é marcante o tipo de comunicação socializada interna e externamente; comunicação essa que também contribui para uma condição de agressividade entre seus membros e os membros de outros grupos. As palavras de ordem e de reforço da rivalidade e superioridade grupal vêm em conjunto com as expressões relativas a um ambiente de batalha e de guerrilhas. Os códigos compartilhados pelos torcedores da Comando Alvi Rubro os remetem para um contexto onde os conflitos são travados em nome de uma soberania: as guerras e, por vezes, o Sistema Carcerário.

Essa forma de socialização de códigos influencia no modo com que esses componentes se expressam e externam sua visão de mundo e práticas cotidianas. Demonstram ainda como vêem a realidade, como se relacionam e como compartilham seus bens simbólicos e idéias. E está, de alguma forma, relacionado com a maneira de agir e atuar dessa coletividade.

Essa comunicação, as relações com as torcidas “amigas”, ou melhor, “aliadas”, e sua operacionalização remontam a um ambiente que, apesar de não estar objetivado

como atualidade, aparece enquanto memória. Essa memória discursiva, de alguma maneira, deixa resquícios significativos para a compreensão de seu comportamento.

O discurso é apenas uma das instâncias que nos ajudam a entender um grupo que constitui uma Torcida Organizada de Futebol. Esta, assim como muitas outras aqui dispostas, é imprescindível para compreendermos o *modus operandi* de uma TOF, que não está fechada em si mesma. A dinâmica de uma TOF expressa não apenas aquilo que acontece no universo esportivo; requer a consideração de outras instâncias que compõem a complexa e paradoxal Sociedade contemporânea.

Por fim, o trabalho de campo realizado fez transparecer uma realidade não muito animadora. A constituição dos indivíduos, em especial, a da juventude alagoana focada numa parcela da população, aquela parcela inserida em um grupo de torcedores de futebol, está cada vez menos estruturada e sem perspectivas.

A insegurança está no âmago da construção da sociedade, na base da formação dos sujeitos, na insuficiência de valores e motivações que os permitam vivenciar uma experiência de vida positiva, não só no grupo de TOF, que parece funcionar como a esperança do preenchimento dessa falta, mas sim em todos os locais onde se possa estar inserido. Em todas as esferas sociais onde os indivíduos possam mostrar sempre a mesma referência, a mesma “cara”, a mesma “identidade” e possam também agir com a coerência de um sujeito que se entenda formador e transformar da realidade em que vive e do mundo ao qual pertence. “Na falta de identificações, tentam arrumar uma identidade que lhes permita viver os instantes, identidades adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige volatilidade, mudanças, troca, descartabilidade” (COELHO, 2006, p. 178).

Concluimos este trabalho sem colocarmos um ponto final na discussão a que nos propomos realizar. Ao contrário, abordamos campos de reflexão que precisam ser

aprofundados e revisitados posteriormente. Mas entendemos que nosso espaço analítico foi importante na medida em que assumimos outras possibilidades de interpretação e compreensão das TOFs no universo esportivo, considerando toda a complexidade em questão. Muitos outros pontos podem e devem ser estudados a partir do presente estudo. A discussão desenvolvida nestas páginas esteve voltada para a análise da formação e atuação da TOCV; sabemos, porém, que muitos outros aspectos precisam ser explorados mais detalhadamente como: a análise da formação hierárquica no espaço das TOFs, as relações de mando-obediência, as disputas e conflitos internos, enfim, o funcionamento organizacional da Comando Alvi Rubro.

O estudo desenvolvido teve caráter inicial em termos locais e fincou suas bases nas relações entre as TOFs e a sociedade, assim como em suas identificações e processos de sociabilidade. Concluímos, então, este trabalho com a esperança de termos dado um norte para um longo caminho que, com certeza, será percorrido na busca por um melhor entendimento da realidade desses grupos no Estado.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ALVES, Pedro. Conceitos Básicos de Sociologia. Disponível em:  
<[http://paginas.terra.com.br/arte/sagarana/sociologia/conceitos\\_de\\_sociologia.pdf](http://paginas.terra.com.br/arte/sagarana/sociologia/conceitos_de_sociologia.pdf)>  
Acesso em 15 março de 2008.
- ARCE, José Manuel Valenzuela. Vida de Barro Duro: Cultura popular juvenil e grafite. Editora UFRJ. Rio de Janeiro. 1999.
- BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. UNB. Brasília. 1995.
- BUFORD, Bill. Entre os Vândalos: a multidão e a sedução da violência. Companhia das letras. São Paulo. 1992.
- COELHO, Maria Claudia. Juventude e sentimento de vazio in Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Jorge Zahar Editor, 2006.
- CECCHETTO, Fátima Regima. Violência e Estilos de Masculinidade. FGV. Rio de Janeiro. 2004.
- COSTA, Jurandir Freire. Violência e psicanálise. Edições Graal. Rio de Janeiro. 2003.
- Comando Vermelho. Disponível em  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Comando\\_Vermelho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Comando_Vermelho)>artigo da Wikipédia "Economia">.  
Acesso em< jan. 2008>
- DAMO, Arlei Sander. Resenhas. Disponível em <  
[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_31/rbcs31\\_resenhas](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_31/rbcs31_resenhas)> Acesso em  
5 março. 2007.
- DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR, Carlos. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Autêntica. Belo Horizonte. 2001.
- DAMATTA, Roberto. Explorações – Ensaio de Sociologia Interpretativa. Rocco. Rio de Janeiro. 1986.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Uma história dos costumes. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1990.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1993.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. IMAGO. Rio de Janeiro. 1974.
- FIENGO, Sergio Villena. El fútbol y las identidades: Prólogo a los estudios latinoamericanos in Futbolologías: Fútbol, Identidad y Violencia em America Latina. Clacso. Buenos Aires. 2003.

- GERCHMANN, Léo, Et Alii. *Movidos a Ódio*. 8ª Edição. São Paulo. 2007.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Unesp, São Paulo, 1991.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Nova Alexandria. São Paulo. 2002.
- GUESSER, Adalto H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala in *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* Vol. 1, nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-168. Disponível em < [http://www.emtese.ufsc.br/h\\_Adalto.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/h_Adalto.pdf)> Acesso em 01 out. 2008.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 1998.
- HENRIQUEZ, E. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1996.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Autores Associados. Campinas, SP. 2001.
- MACROSCÓPIO. Uma entrevista interessante a Zygmunt Bauman. 2007. Disponível em < <http://macroscopio.blogspot.com/2007/07/uma-entrevista-interessante-zygmunt.html> >Aceso em 8 out. de 2008.
- MIGNON, Patrick. Uma exceção francesa: um futebol sem Hooligans? In *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. COSTA, Maria Regina da e SILVA, Elisabeth Murilho. Educ. São Paulo. 2006.
- MUSEU DOS ESPORTES. Disponível em: < <http://www.museudosesportes.com.br/alagoano>> Acesso em 02 nov. 2007.
- MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro Negra!*. FGV. Rio de Janeiro. 2003.
- MISSE, Michel. *Crime e Violência no Brasil Contemporâneo: Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana*. Lumen Juris. Rio de janeiro. 2006.
- MURAD, Maurício. *Violência e Futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. FGV. Rio de Janeiro. 2007.
- NOVAES, Regina. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias in Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Jorge Zahar Editor. 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discursos: princípios e procedimentos*. Pontes. Campinas, SP. 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. Unicamp. Campinas. 2003. Disponível em: <[http://www.discurso.ufrgs.br/evento/conf\\_04/eniorlandi.pdf](http://www.discurso.ufrgs.br/evento/conf_04/eniorlandi.pdf)> Acesso em 30 set. 2008.

OLIVEIRA, Alberto. Disponível em: <[www.esportealagoano.com.br](http://www.esportealagoano.com.br)> Acesso em 17 março. 2008.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de Futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. São Paulo em Perspectiva. São Paulo. 2000.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Brutalidade Uniformizada no Brasil in Faces do Fanatismo. PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). Ed. Contexto. São Paulo. 2004.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis in Culturas jovens: Novos mapas do afeto. Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugenio (org.) Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2006.

PÊCHEUX, M. Les Vérités de La Palice. Maspero, paris, trad. Brás. Semântica e Discurso, E. Orlandi ET alii, Editora da Unicamp. São Paulo. 1975.

RATTON, José Luiz de Amorim. Senso comum, linguagem, ação e ordem: uma introdução à Etnometodologia. Recife. UFPE. 2001. Disponível em <<http://www.ufpe.br/eso/revista4/ratton.html>> Acesso em 30 set. 2008.

SCHWAAB, Reges. Pensando noções da análise do discurso in Diagrama: análise crítica e informações sobre jornalismo. NUPEJOR/UFRGS. RIO GRANDE DO SUL. 2007.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da & VOTRE, Sebastião Josué. Etnometodologia e Educação Física. 1997. Disponível em <<http://www.geocities.com/Athens/Styx/9231/etnometodologia.html>> Acesso em março 2008.

SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. Violência: uma multiplicidade de sentidos e de questões. Casa do Psicólogo. São Paulo. 2005.

SIMMEL, George. O nível social e o nível individual in Questões Fundamentais da Sociologia. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Maria Suely Paula. As inquietações da Modernidade. 2004. Disponível em <<http://www.cefetrn.br/dpeq/holos/anterior/artigos/art13.htm>> Acesso em set. 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença in Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Vozes. Petrópolis, RJ. 2004.

TOLEDO, Luis Henrique de. Torcidas Organizadas de Futebol. Autores Associados. São Paulo.1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcidas Organizadas de Futebol. Autores Associados/ANPOCS, Campinas, 1996.

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões Sociais do Esporte. Cortez Editora. São Paulo. 2001.

TAKEUTI, Norma Missae. Do outro lado do espelho: A fratura social e as pulsões juvenis. Engenho de Sonhos. Relume-Dumara. Rio de Janeiro. 2002.

TAILLE, Yves de La. Violência: Falta de limites ou valor?: uma análise psicológica in Juventude em debate. Cortez Editora. São Paulo. 2000.

VELHO, Gilberto. Juventudes, Projetos e Trajetórias na sociedade contemporânea in Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Jorge Zahar Editor, 2006.

VASCONCELOS, Ruth. O Enfrentamento da violência na atualidade: o lugar da democracia na construção de movimentos sociais de pacificação da sociedade brasileira in Educação e Movimentos Sociais: Novos Olhares. Editora Alínea. Campinas, SP. 2007.

WISNIK, José Miguel. Veneno Remédio: o futebol e o Brasil. Companhia das Letras. São Paulo. 2008.

# ANEXOS

## ANEXO I –

Página eletrônica de uma das Comunidades da Comando Alvi Rubro. Disponível em<

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=19324666>> Acesso em 16 de jul. 2009.



**orkut** Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades

### T.O.C.V. Pavilhão 1 (OFICIAL)

Início > Comunidades > Outros > T.O.C.V. Pavilhão 1 (OFICIAL)

descrição: **Vergel Ponta Grossa, J.Leão e PRADO se Tu Bater de Frente Tu Vai ser é derrubado, Eu Sou é do P.1 Onde Tudo Começou, Si Ligaa Mancha Gay Olhaa Aê o Seu TERROR !**

**UuuuuuH... é o P.1 UuuuuH... é o P.1 Caçador de Cú Azul**

idioma: **Português (Brasil)**

categoria: Outros

dono: **dj Jajá RTS COMANDO É PASSADO!!!**

moderadores: **•Grandão•**

tipo: **pública**

privacidade do conteúdo: **aberta para não-membros**

local: **maceio, alagoas, 570140, Brasil**

criado em: **23 de agosto de 2006**

membros: **539**

**T.O.C.V. Pavilhão 1 (OFICIAL)**  
(539 membros)

- participar
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- eventos
- membros

#### fórum

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Deixe um salve e o seu comando.	7	13/07/09
<input type="checkbox"/> INVASAO A ARACAJU	1	31/05/09
<input type="checkbox"/> [ON] 100% LADO B - MP3	1	28/05/09
<input type="checkbox"/> amo pelo time	1	25/05/09
<input type="checkbox"/> Comando No Pavilhão 1 no classico	0	

[ver todos os tópicos >>](#)

## ANEXO II –

Página eletrônica de um dos Blogs da Comando Alvi Rubro

Disponível em <<http://www.comandoalvirubro.blogspot.com/>> Acesso em 16 de jul. 2009.

The screenshot shows a Blogger blog page with a red background. At the top, there is a navigation bar with 'PERQUISAR BLOG', 'SINALIZAR BLOG', and 'Próximo blog-'. On the right, it says 'Criar um blog | Login'. The main header features a large image with the 'COMANDO ALVI RUBRO' logo on the left and a stadium scene on the right with the text 'TORCIDA ORGANIZADA COMANDO ALVI RUBRO'. Below the header, the date 'SÁBADO, 11 DE JULHO DE 2009' is displayed. The first post is titled 'PAVILHÕES SAÍDA DOMINGO' and contains three paragraphs of text about stadium events. To the right of the text are two circular logos: one with a skull and the text 'COMANDO ALVI RUBRO', and another with a shield and 'CRB'. Below the text is a poll titled 'VOCÊ VAI PARA O PRÓXIMO JOGO DO GALO?' with two options: 'Sim' (80 (80%)) and 'Não' (11 (10%)). Below the poll, it says 'Votos até o momento: 95' and 'Enquete encerrada'. The second post is titled 'PREVIA FESTA 16 ANOS' and contains several paragraphs of text. To the right of the text is a circular logo with the text 'TORCIDA ORGANIZADA NÃO É VAGABUNDO!'. Below the text is the heading 'ENDEREÇO DA SEDE:' followed by the address: 'Sede Social: R. Araujo Bivar, 121 - Pajuçara (Ao lado do campo do CRB); Horário: Seg a Sex das 09h00 às 18h00; Sábado das 09h00 às 16h00; Telefone: (82) 3235-3263'.

### ANEXO III-

Entrevista com representante da Torcida Organizada Mancha Azul, na sede pertencente à Organização / Maceió, agosto de 2007. O chamaremos de “R” para preservar sua identidade.

AF. Qual é o nome oficial da Torcida?

R. Grêmio Recreativo Torcida Organizada Mancha Azul. Que, aliás, no nordeste é o tipo que existe como Instituição. As outras não existem como Instituição.

AF. Como assim?

R. Porque a gente tem o Estatuto e tem o CNPJ. Uma entidade civil sem fins lucrativos. Se compara a uma associação, a um clube. Não um clube de futebol porque a gente não tem, é...

AF. O que diferencia, são pré-requisitos... O que é?

R. Não porque cada entidade tem que ter seu CNPJ e seu estatuto, não é? E uma torcida organizada não é diferente. É, aconteceu há dois anos atrás a confusão no jogo de Master da TV Gazeta... E a Mancha ainda tá proibida de entrar nos estádios por conta da liminar do Ministério Público, e pressão, pressão mesmo da imprensa que queria extinguir as torcidas e não combaterem a violência... Não acaba a violência extinguindo a torcida. Você acaba punindo quem pratica a violência. Você tem que punir quem cometeu os crimes pra que não cometa mais. É... exemplo, em São Paulo passou quase 10 anos sem entrar a torcida organizada nos estádios e não acabou e não acabou com a violência...

AF. No jogo de São Paulo x Palmeiras, não é?

R. É, teve aquela confusão São Paulo x Palmeiras... Teve, teve várias... Houveram várias confusões. E lá o Ministério Público, o Fernando... (não conseguimos identificar), ele tinha uma idéia errada, né? No início, que acabando com as torcidas acabava com a violência. Depois ele descobriu que isso não era verdadeiro, ele reconsiderou e, inclusive, o Ministério Público daqui de Alagoas usou o mesmo processo, copiou o processo deles, mesmo ele tendo mudado de opinião, mudado de idéia depois, o Ministério Público copiou o processo e pediu a extinção da... Até o processo aqui pelos advogados mas... Em São Paulo aconteceu a confusão com a Mancha Verde e a Independente, aí foram dois processos distintos, um processo pra um e um processo pra outro. Aqui fizeram dois processos pra uma torcida que existem, né? E outro pra uma que não existe, no mesmo processo.

AF. No caso a do CRB...

R. Do CRB, ela não existe juridicamente. Aí pediram a extinção. Pra isso não é fácil. O CRB quer trocar de nome. Porque não tinha nada, até hoje eles também não existem

como Comando Alvi Rubro. Por isso é complicado. Eles têm advogado e tão na justiça até hoje.

AF. Ainda continuam sendo impedidas, né, de entrarem nos estádios?

R. É, de entrar nos estádios continuam.

AF. E como vocês operacionalizam isso, não entram como torcida, mas.../

R. Não, a gente entra sem uniforme, né? Não pode uniforme, não pode nada que caracterize a Mancha, né? Nem bandeira, nada... por enquanto tá proibido.

AF. Nada que caracterize... Quantos integrantes tem a Mancha, ao todo?

R. No momento cerca de três mil integrantes.

AF. Todos cadastrados?

R. Não, cadastrados tem cerca de dois e quinhentos, mais ou menos.

AF. E os outros...?

R. Os outros porque entraram recente e a gente não tá fazendo cadastro por conta disso. Só quando voltar atuar.

AF. Outra coisa, como é a questão da hierarquia da torcida? Eleição...

R. Tem uma diretoria de dois em dois anos...

AF. Dois anos...

AF. Como que é composta, presidente...

R. Presidente... São 12, composta de 12 a diretoria. Presidente, vice-presidente e 10 diretores.

AF. A eleição é de dois em dois anos?

R. Isso.

AF. Outra coisa. Quantos anos tem a Torcida?

R. Vai fazer 15 anos agora em outubro.

AF. A questão da filosofia, o que é a Torcida Mancha Azul, porque que ela foi formada...?

R. Foi formada... Surgiu primeiro da união de duas torcidas: Força Jovem e Brasões Azulinos, na década de 80. Em 92 houve a fusão e foi... E incentivar o CSA, né? O objetivo é esse...Incentivar o Clube.

AF. O que vocês não admitem de forma alguma pra os integrantes, o que vocês orientam, como que é a relação com os integrantes da Torcida?

R. No Momento fica complicado... A gente não sabe quem vem pro estádio. A gente não tem condições, a gente, nosso prédio não comporta todo mundo pra fazer reunião, reuniões... E fica complicado isso aí...

AF. Vocês têm algum tipo de... De alguma forma evitar confusão...?

R. Não... A orientação é evitar confusão, né? Evitar justamente quebra de ônibus... Ter coerência que é não incitar o clube adversário.

AF. Às vezes acontece, mas, claro, não é a orientação de vocês...

R. Claro que não. Acontece e não é só nas torcidas organizadas. Acho que a violência tá em todo setor da sociedade. É complicado isso aí, né? É questão do policiamento que tá na rua, na hora dos jogos... Não são todos os jogos, não é? Normalmente nos jogos quando tem a torcida adversária, que existe confronto. Aqui em Alagoas eu acho que só entre CSA e CRB...

AF. A rivalidade...

R. Algumas torcidas no interior, mas não chega a ter briga de torcida porque lá...

AF. Pessoalmente, como você vê essa violência? Não tem nada a ver com a questão do grupo, não é? É uma questão mais individual...?

R. É individual, mas quando a pessoa tá no grupo, tá organizado tem que ter cuidado pra não procurar confusão... Também tem isso, né? Mas cabe também ao policiamento, né? Ela não sabe trabalhar nos estádios...

AF. A polícia não está preparada pra trabalhar com...?

R. Não, pra você ver aqui quase não tem violência. A violência é restrita a CSA x CRB. O estádio Rei Pelé é um estádio fácil de se trabalhar. Aconteceu aquela confusão dentro do estádio por conta do portão que teria que ter sido fechado. A orientação da diretoria tanto da Comando quanto da Mancha de fechar esse portão. Na reunião que sempre acontece nos jogos do CSA x CRB, acontece reunião. Agora não tá acontecendo mais porque eles não reconhecem a gente como torcida. O que é decidido na reunião da PM, nem sempre a PM, o comandante passa para os comandados, mas eles não absorvem isso aí. Aí o que acontece, no lado da arquibancada do CSA, que é a arquibancada maior do Rei Pelé, tem uma circulação maior, e a Polícia fica ali naquele local, na arquibancada embaixo e fica repelindo. É proibido entrar com a camisa, mas alguns burlam a vigilância e entram com a camisa, e o que é que eles fazem. Ao invés de colocar pra foram que seria o ideal, eles tomam a camisa, eles pedem e não devolvem.

AF. Tomam a camisa...

R. Tomam é a camisa e o que tiverem. Alguns comandantes eles colocam pra fora. A maioria eles tomam a camisa e não devolve. O que ta acontecendo nesses dois anos. Vai fazer dois anos em outubro ainda...

AF. Outra coisa, pra integrar a torcida tem algum tipo de exigência?

R. Não, a exigência é ser maior de 18 anos tem que preencher o formulário. Se for menor tem que ter a autorização dos pais; o pai tem que assinar o formulário de inscrição.

AF. E preencher o formulário, né? E que tipo de documento pede?

R. Não, só pede comprovante de residência. No formulário pede identidade, CPF, mas a gente não pede, só pede uma cópia do comprovante de residência.

AF. Pra pessoas que integram, tem toda faixa etária, todo tipo de profissão...? Tem uma predominância?

R. A predominância é mais de estudantes, né? De jovens, de 14 por diante. Mas tem muita gente, tem advogados, tem estudante de direito, tem médica, tem todo tipo.

AF. O que você acha que significa a torcida pra essas pessoas?

R. No momento, a torcida vem perdendo torcedores por conta de não estar jogando. Mas a Mancha Azul ela consegue inverter isso esse papel. Por ser a maior torcida do estado ela consegue adquirir os jovens que estão iniciando, que procuram clube torcer. Antes tinha muita gente que torcia por clubes de São Paulo, do Rio. Agora eu acho que ainda existe isso, mas bem menos. Que tá procurando torcer pelos clubes da terra.

AF. Mas pra esses integrantes.... É como se fosse uma família, a vida... Porque existem torcedores que são fanáticos e às vezes a torcida passa a ser parte da vida dele e pra outros é como se fosse uma diversão. Como você vê isso?

R. Pra maioria é tipo assim, uma religião. Isso é tudo pra eles, né? A torcida tá até em primeiro do que o clube, né? Muitos entram primeiro na torcida pra depois começar a gostar do time. Por conta de o time ta jogando, né? Eu, há quatro anos... (não foi possível compreensão). Em 2003 jogou só menos de um mês.

AF. Isso reflete na atividade do torcedor, com relação a sentimentos ou é independente de você gostar do time?

R. Não é independente. É paixão a mais quando o time passa por dificuldades. A paixão aumenta pelo time. Como eu te falei, acho o CSA só não tá perdendo muitos torcedores por conta da Mancha, né?

AF. Além do que você falou, tem algum outro tipo de atividade a Mancha? Paralela às Torcidas... Eventos?

R. Temos eventos, festas de outras torcidas que comparecem, alguns jogos, aqui no nordeste. Como em Aracajú, a gente vai e alguns trabalhos sociais. São pouco por conta da... A torcida já é uma torcida pobre, não é? A maioria não tem condições de manter, mas a gente sempre faz. A Casa de Marilac a gente já ajudou. A gente faz uma doação mensal pra Apala, de R\$ 50,00. A casa de Marilac é um lar aqui em Bebedouro. Tem uma creche também na Cambona. Que sempre a gente tá presente.

AF. E a relação da torcida com o time, com o CSA, como que é?

R. Com o time é. O time não tá jogando, né? Quando tá bem, tá bem com tudo né? Quando tá mal, a torcida sempre cobra.

AF. Tem postura crítica, né?

R. Exatamente.

AF. E com relação a... Porque agora é difícil falar porque não tá atuando, mas nos jogos vocês têm descontos pra jogos?

R. Tem, no caso o CSA nos passa os ingressos. Que no caso é ingresso de arquibancada e a gente vende com preço de geral. E nós repassamos pro CSA no final do jogo. Repassamos o que é cobrado, não é? A cota no final do jogo. Normalmente é no final do jogo.

AF. Com relação á eleição. Como é a eleição na torcida? Quem tem direito a voto...

R. Têm direito a voto os associados que estão em dia com a mensalidade. É sempre por aclamação. Nunca houve uma disputa eleitoral na Mancha. É aclamação.

AF. Quando é a próxima eleição?

R. A próxima eleição é no próximo ano em outubro.

AF. E a taxa do associado?

R. Seis reais.

AF. Seis reais por mês.

R. É. Mas a inadimplência é 99 por cento.

AF. 99?

R. É a gente sobrevive mais da venda de material, camisa...

AF. E como que é essa venda?

R. A venda é aqui. Tem boné, camisa....

AF. Com relação ao histórico de Torcida, você quer reforçar alguma coisa? Você tem alguma material da criação...Filiação?

R. Quem formou a Torcida foi eu, Eduardo, Fernanda Medeiros da Gazeta, a irmã dela.

AF. Essa questão da violência, ela veio mais a tona com esse incidente, no evento de Master. Antes disso, você lembra se essa violência era tão marcada assim?

R. No início era pior. Não tinha policiamento na rua. Em 95, 96, tinha muita confusão na Siqueira Campos, mas não era noticiada assim. Veio à tona também por conta da imprensa, do Plantão de Polícia, Plantão Alagoas, na época era Plantão de Polícia. Que começou a divulgar algumas brigas depois do jogo. Mas eu acho que também aconteceu só uma quebra de ônibus só isso. (risos)

AF, Não aconteceu o pior, né?

R. É, até aqui nunca houve morte. Voltando a falar da questão do policiamento, aqui é proibido bambu. As bandeiras são proibidas há um tempão. E no Rio de Janeiro que é muito mais violento, lá em permitido. O único lugar que é permitido em é lá em São Paulo e Alagoas. No Atlético Paranaense o próprio time, eles proíbem as torcidas, lá é ultra, e tem a Fanáticos, que é a maior que tem. Aí eles proibiram durante um bom tempo a entrada, o próprio clube, proibiu a entrada de bandeiras e de faixas. Voltaram com o tempo, mas não voltaram os bambus ainda.

AF. O que você acha da proibição?

R. A proibição... Quem vai com o bambu não vai brigar... Cada um é responsável... tem que responsabilizar quem comete os atos, pra que não cometa novamente.

R. Na Europa existe um vídeo chamado... Foi feito antes da copa do Mundo, que mostra as confusões que tem na Itália, na França. E é coisa que a imprensa não mostra, tudo amador, não mostra por conta disso. Até na Copa, a TV não mostra, ela já tira pra que não incentive as pessoas a cometerem isso aí. E conseguiram, na Alemanha conseguiu acabar com os *Hooligans*, né? ...

AF. Na Alemanha e na Europa existe uma ideologia, né, por trás das torcidas. Aqui é diferente. Como você ver isso?

R. Lá é a questão de partido político, né? Até mesmo os carecas, não é, que são os *Skinheads*. E eu acho que tem que fazer isso.

AF. Mas aqui, você acha que...?

R. Não aqui é outra visão.

R. Aqui é a questão da punição, né? Existe até um projeto, tem até a Heloísa Helena participando... Ano passado a CBF promoveu um encontro com o Ministério Público Federal e alguns Ministérios Públicos Estaduais sobre a questão da violência nos estádios. E a CBF decidiu que não vai mais pedir a extinção das torcidas, porque está mais do que provado que não acaba com a violência.

AF. Qual a sua opinião, da Mancha, com relação à visão da imprensa sobre essa violência das torcidas? Como você ver a ação da imprensa?

R. O que acontece é que a imprensa aqui ela não exerce a... discrimina... quer dizer, joga a notícia e não procura se comunicar com as torcidas... Pra eles a gente existe só pra... Teve uma matéria no jornal Extra que eles falaram sobre os *Flogs*. Que existiam os *Flogs*, que tinha componente que... não sabe quem é...

AF. Mas não é oficial...?

R. Não, não é da entidade, né? Não é oficial, e alguns deles colocam armas... E eles não procuraram... Eles associaram os *Flogs* à torcida. É do torcedor organizado? É. Mas não é da entidade.

AF. Não é a filosofia da entidade...

R. Exatamente. Não é um site oficial da torcida. E fizeram essa matéria e não ouviram nem a Mancha nem a Comando.

AF. E com relação ao trabalho da imprensa, sobre violência de torcida...

R. A maioria discrimina a gente... Cai em cima.

AF. A maioria rotula?

R. É... não entende muito como é torcida organizada... Pensa que só existe marginal na Torcida. Em toda a sociedade existem boas e más pessoas... Tem que ver não só um lado, tem que ver também o outro lado também. A questão não é colocar só a culpa nas torcidas. Tem culpa, tem. Agora tem que juntar todo mundo... O Ministério Público entendeu que teve a oportunidade de tentar acabar com a violência... Existe uma união no Nordeste, uma união, no caso da Mancha... Sergipe... Não Nordeste todo porque tem Estado no Nordeste que praticamente não existe, Piauí... Existe torcida, mas são pequenas. Na Bahia, com a Bamor, do Bahia, Sergipe... Pernambuco é com a Inferno Coral do Santa Cruz, na Paraíba é com a de Campina Grande, do Botafogo de Campina Grande; Rio Grande do Norte, é com a Máfia Guerrilheiros, do América, Fortaleza é com a TUF, do Fortaleza. Aí essa união... quando lá tem reunião com as torcidas rivais, aí, pra gente que é aliado deles, é rival da gente também. Aí em Recife, se for o jogo CSA x Santa Cruz, não tem confusão. Mas se for CSA x Sport, tanto aqui tem como lá também. Tanto Sport como Náutico, existe isso.

AF. No caso de vocês, Náutico e Comando...

AF. Mas quando eles vêm de fora, você acha que existe prática de violência quando eles vêm de fora?

R. Já ouve...

AF. Porque é aliada da outra torcida?

R. Também. No caso a Mancha Verde de São Paulo e Galoucura, do Atlético Mineiro. Até onde a gente sabe, no Rio de Janeiro tem a Ira e Força Jovem, e essas torcidas elas têm uma amizade coma Fúria do Botafogo. Aí elas não brigam. Aconteceu uma confusão com a Força Jovem e a Ira numa festa aí e ficaram meio balançado isso aí. Como aqui tem a Mancha Negra do ASA com o Botafogo.

AF. São aliadas. Mancha Negra é a oficial do ASA?

R. Do ASA, é.

#### ANEXO IV –

Entrevista com dois integrantes da Torcida Comando Alvi Rubro: integrante X, um dos representantes da Organização, e integrante Y, integrante de uma das Comissões do grupo. Sede da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, Pajuçara, ao lado do estádio Severiano Gomes Filho, do Clube de Regatas Brasil – CRB / Maceió, 20 de agosto de 2007, às 14 horas.

1 – Qual o nome de vocês?

Integrante X, 29 anos

Integrante Y, 21 anos.

2- Quanto tempo tem a torcida, quantos integrantes?

X. A torcida está fazendo seu 14º aniversário, de Comando, de Comando Alvi Rubro, aproximadamente um ano e seis meses, devido à extinção da Comando Vermelho.

A.F. A Comando Vermelho foi extinta mesmo, não é, e vocês modificaram?

X. Foi extinta mesmo.

A.F. A Comando Vermelho não pode atuar.

X. A Comando Vermelho não atua de forma alguma, e nada que lembra ela. E a gente está com a nova torcida Comando Alvirrubro...

A.F. Mas com a mesma formação?

X. É, no caso, é Gênio Recreativo Social e Cultural de Torcida Organizada Comando Alvi Rubro. Estamos com a documentação todinha já com advogado onde a gente já deu entrada e faltou algumas clausulazinhas. Creio que em menos de um mês a gente já vai tá registrado. Estamos com um novo cadastramento, né? Começamos um novo cadastramento está com três meses onde a gente está com aproximadamente com 280 pessoas cadastradas em dia.

A.F. Até hoje, não é?

X. É, até hoje. E o cadastramento está em aberto. Na torcida nem uma média de, no mínimo, cerca de 2 mil a 2. 500 torcedores.

A.F. Mas esses torcedores são os mesmos de antes... A Comando Vermelho...

X. Não, algumas pessoas fazem parte ainda e muitas pessoas são novas, né? Os novos, a maioria...

Y. Tem muito novo que saiu da outra torcida (CSA) pra essa. Existe uma migração do torcedor do lado adversário pro nosso lado.

A.F. Por quê?

Y. Por causa do time, da torcida...

X. Na verdade hoje a gente, hoje a rivalidade da gente não existe. E, no alagoano a rivalidade é com time do interior, como Coruripe, com o próprio ASA... Na verdade nosso adversário aqui do Estado tá acabado... Totalmente falido

A.F. Não tá, no caso, no campeonato...

X. Hoje ele é 5° no Brasil, né, na série B ele é o 5°.

A.F. O 5° hoje, ah por que eles ganharam ontem, não é? Ontem não, sábado.

A.F. Quantos integrantes tinha a outra, a anterior?

X. A gente tinha uma ficha de cadastramento de 1.500 pessoas.

A.F. Mas essas pessoas, vocês acham que elas vão... Porque vocês estão fazendo o recadastramento, não é?

X. Tem muita gente que vai voltar...

Y. É porque essa questão de recadastramento ela vai ficar mais, como é que eu vou te falar, vai ficar mais correta, quando a gente vai, ele vai te falar do Projeto da nova sede, que a gente tem intenção de uma Lan House, né? Aí vai ser tudo no computador, aí vai ficar mais organizado, não é?

A.F. Ou seja, vai ficar mais regularizado, não é?

A.F. E como é essa questão do recadastramento, está sendo para a adesão do torcedor?

X. A pessoa que quer entrar como sócio precisa de uma foto, xérox da identidade, xérox do comprovante de residência, se for menor, autorização do pai ou da mãe, não é?

A.F. Agora como é a questão também da hierarquia, das eleições?

X. A gente tem eleição de seis em seis anos. Só pode abrir chapa quem for sócio em dia e só tem direito à votação sócio em dia.

A.F. Mas como que é composta (a torcida)?

X. Ah, presidente e o vice, né? E o presidente e o vice monta sua diretoria. Aí tem, diretor de Relações Públicas, tem diretor financeiro, tem diretor de material...

Y. De faixa, bateria, tem diretor de bateria também.

X. A diretoria é formada de 12 pessoas.

A.F. 12 pessoas... Atualmente ela tá com 12?

X. Humhum

A.F. Vocês querem acrescentar mais alguma coisa sobre a composição das torcidas?

Y. Nessa questão aí eu, como presidente, eu acho que eu entro na parte social da torcida. Por que até quando eu conversei com ele eu deixei claro que eu queria mexer com o projeto social da Torcida.

A.F. E como que é esse Projeto? Esse projeto é novo?

Y. É. Já teve alguns mas ficou um tempo sem ter então, começou esse agora mas pra tocar pra frente.

A.F. E como que é?

Y. O que acontece, a gente realiza vários eventos, igual agora dia 15 vai ta acontecendo a festa de 14 anos da Torcida, né? Dia 15 de setembro. Então a gente vai arrecadar alimentos. A gente tem a intenção também de fazer uma festa do dia das crianças. Tudo pra melhorar a imagem da torcida com pais e mães, que estão preocupados. \_”Ah meu filho está na torcida organizada”. Mas Torcida Organizada não é isso tudo que falam não. Ta entendendo? Torcida Organizada é amigo, é festa, é diversão. No domingo passado a gente fez um evento aqui, que a gente arrecadou os alimentos e teve mais ou menos presentes aqui em torno de 700 pessoas, né...? Então foi um evento bacana e a torcida vai ta sempre fazendo evento, aí divertindo todo mundo e ajudando a quem precisa.

A.F. Então é meio que pra desmistificar a imagem que as pessoas têm da Torcida?

Y. Com certeza, e ajudar a quem precisa, né? Porque, pelo que eu senti dele e eu também senti quando a gente foi doar, eu senti um grande prazer de ta ajudando, ver a felicidade do pessoal que a gente tava ajudando.

X. Tem tudo foto no nosso site.

A.F. Vou dar uma olhadinha no site, você me dá o endereço?

X. [WWW.comandoalvirrubro.com](http://WWW.comandoalvirrubro.com)

Y. Qualquer coisa que der errado você digita no Google lá que acha. Tem muito flogão, ma no meio do flogão tem o site oficial.

A.F. É, eu já dei uma olhadinha. Esse flogão não é de vocês?

X. É porque flogão qualquer pessoa faz.

Y. Mas aí as informa..., foto de projeto social, foto de evento, foto de jogo é no site.

A.F. O que tem de oficial...

Y. É no site.

Y. Porque no flogão cada um bota o que quiser...

Y. Aí não é a toa que você chega no Flogão e cê vê uma foto lá com dois caras com revólver na mão, aí cê fala que é a torcida, mas não é?

A.F. Eu vi, inclusive essas fotos saíram no jornal. No Primeira Edição.

Y. É outra coisa que às vezes o próprio componente ele em vez de querer melhorar a imagem da torcida ele até prejudica.

X. Às vezes eles entram nos sitezinho de arma, pega as fotos, meio mundo de fuzil, meio mundo de granada e bota no flog. Faz uma montagem...

Y. Aí acaba... Ele mesmo que devia...Pô, tudo na amizade, né? Aí prejudica, né?

A.F. É importante que vocês reforcem isso.

X. Com certeza... Vamos deixar daqui a uns dias lá (site), né ...? Um ofício lá pra quem entrar ver que não tem nada a ver com a torcida.

A.F. Qual é a filosofia... O que vocês entendem por Torcida Organizada? A torcida que vocês compõem, que vocês formam? Qual o objetivo, o propósito? O que é permitido e não é?

X. Rapaz, o objetivo, o objetivo é juntar pessoas, né? Que gostem, que sejam apaixonadas pelo CRB. Que todos nós somos apaixonados pelo CRB. E ajudar o CRB na arquibancada, né? Ser, no caso, o 12º torcedor, o 12º jogador. A gente tá lá por uma paixão, o que a gente puder fazer pelo clube a gente faz. Uma campanha pra ajudar o clube, se for pra cobrar a gente cobra, se for pra ajudar a gente ajuda. Porque, na verdade, a nossa paixão é o clube, né?

A.F. Como vocês orientam? Assim, o que vocês não concordam que os torcedores façam? Porque vocês não têm controle de tudo, né...?

X. A gente trabalha, a gente faz o máximo possível, a gente trabalha com a polícia. Já tivemos varas reuniões com o major Luna, onde a gente pede, a gente procura evitar o confronto, né? Porque a rivalidade existe em todos os meios. Tanto no futebol, como na Capoeira, no Judô, qualquer esporte, até mesmo dança existe uma rivalidade. Qualquer coisa existe rivalidade. A gente procura o quê? Seguir uma meta pra poder não se encontrar as duas torcidas. Pra poder evitar o máximo possível o confronto. Porque a gente tá pra fazer a festa na arquibancada e não pra se matarem, né?

A.F. e como vocês evitam essa situação? Pras torcida não se encontrarem?

X. A gente procura seguir, né? A gente sai daqui dia de jogo de clássico. A gente chama os integrantes da gente todos pra aqui pra sede, onde a gente segue duas viaturas e sai todo mundo junto... aí no caso a gente traça a nossa trajetória pra evitar o confronto. A gente traça a trajetória todinha. Vai com duas viaturas em direção ao campo. A gente procura pegar a beira da praia e seguir em frente à nossa entrada. E isso evita confusão.

A.F. E quando acontece esse tipo de agressão, como vocês se comportam diante dos torcedores. Depois vocês chegam a conversar com eles?

X. Geralmente a gente nunca fica sabendo de quem é. A gente fica sabendo que aconteceu confusão em bairro tal ... Exemplo: teve um confronto no Feitosa, foi apedrejado um ônibus aí a gente ficou sabendo que foi no Feitosa, mas agente não sabe quem tava no ônibus.

A.F. Não se chaga a saber.

Y. ...A torcida perdeu um componente...

X. É verdade, a gente perdeu um componente hoje deve está com 15 dias. A gente voltando do jogo no próprio Feitosa. Quando chegou no terminal do Feitosa o ônibus foi apedrejado por torcedores do CSA e ele veio a falecer.

Y. Tiro.

A.F. Foi tiro?

Y. Parece que foi tiro.

A.F. Dentro do ônibus, né?

A.F. É uma tristeza, né?

A.F. Vocês não têm o controle da situação, né?

A.F. E quantos integrantes são? 280 cadastrados, hoje né?

X. Cadastrados, mas na arquibancada dá em média de 2000 pessoas. Que não são cadastrados...

A.F. Mas vocês têm idéia de quantos torcedores no total existem, no total, em Maceió, em Alagoas?

X. Rapaz é complicado. Porque varia muito da campanha do clube. Se o clube vier bem, aí vai ter no estádio 18 mil, 16 mil torcedores, onde 30% é torcida organizada.

A.F. Mas no Estado todo, em Alagoas, no total, você tem a idéia de uma média de torcedores do CRB?

X. Do CRB deve ter uma média de 3 mil, 3 e 500. (organizados)

X. 30% dos 18 mil no Estádio são organizados.

X. A gente tem muito vídeo da gente na arquibancada. Aí dá pra você fazer uma média. Se você quiser na sua pesquisa fotos e vídeos a gente consegue.

A.F. vou querer, com certeza.

Y. A gente vai cobrir o arrastão que vai ter, né ....?

A.F. Vai ser onde?

X. A gente vai sair daqui em direção ao estádio no jogo CRB x Santa Cruz.

A.F. Antes do jogo.

X. É isso. Agora dá aproximadamente...

Y. È muita gente.

X. É, homem, mulher, criança...

Y. Como teve da última vez com trio elétrico, lotado.

X. A gente tem gravado isso daí.

Tem em DVD e tem em fotos. Tem ele e tem a da Feijoada. Tem também o da festa passada. Tudo a gente tem gravado.

A.F. Eu vou querer depois. Fotos também.

X. No site você tem tudo.

A.F. Vídeos, vocês têm também?

X. Vídeos só no youtube.

A.F. Como é que eu acho os vídeos?

X. Clique em Comando Vermelho... Comando Alvi Rubro... Você entra nos vídeos e coloca TOCV.

A.F. Todos os vídeos que você falou estão lá?

X. Humhum.

A.F. Outra coisa. Existem restrições para integrar a torcida ou qualquer pessoa pode aderir?

X. Qualquer pessoa que queira se cadastrar, com foto, identidade e comprovante de residência a gente cadastra.

A.F. Qual é o perfil das pessoas que se cadastram... Que idade, o que faz cada um?

X. Na verdade a gente não tem um perfil determinado. Por que a gente tem crianças com a autorização dos pais...

Y. A gente tem gente de 40 anos, 45...

X. Universitários...

Y. Família, crianças, marido, mulher, crianças...

X. Policial civil, policial federal...

A.F. Esses que já estão cadastrados, não é?

X. Já estão cadastrados.

A.F. Mas crianças de qualquer idade?

X. Com a autorização dos pais.

A.F. Mas o que predomina? Ou não existe predomínio nenhum?

Y. Hoje é adolescente assim... De 18 a 19 anos... de 18 a 25.

X. A gente convida você sábado pra estar na arquibancada com a gente. É com Santo André.

A.F. Você é integrante de alguma comissão da torcida (pergunta feita a Y)?

Y. Agora eu estou mexendo com o Projeto Social.

A.F. Algum tipo de ideologia a torcida tem?

X. A gente tem o lema da gente que é “CRB até a morte”.

A.F. Mas o que significa isso? Assim, o que eu tenho identificado nas torcidas no Brasil é que não tem essa direção nacionalista, como muitas na Europa. Aqui no Brasil eu não tenho identificado essa linha ideológica, elas são mais livres nesse sentido. Não têm firmado um conceito a ser seguido. Vocês aqui seguem algum tipo de ideologia, ou não é a questão de torcer pelo clube e é isso?

X. Na verdade a gente é movido por uma paixão, não é? A nossa paixão é o CRB. O que a gente puder fazer pelo clube a gente faz. Onde a gente puder tá, em todos os jogos a gente também acompanha.

A.F. E qual é a relação de vocês com o CRB, o time?

X. A gente tem um contato legal com a diretoria, com os jogadores. A gente tem uns atritozinhos, mas também tem um contato legal. Eu converso com todos os diretores. É um jogo bem aberto mesmo.

Y. Alguns apóiam, outros não.

A.F. Por que uns apóiam e outros não?

Y. Aí às vezes é porque o cara não simpatiza com a torcida ou com algum componente. Mas a maioria da diretoria, pelo que eu sinto, apóia mesmo.

A.F. Mas vocês recebem algum tipo de ajuda deles?

X. Não, a gente não recebe. A única regalia que a gente recebe, que não é regalia, é que a torcida tem direito de comprar meia entrada. No caso, se o ingresso é R\$ 16,00 a gente compra a R\$ 8, 00. Só isso.

A.F. Essa questão da violência. Como é que vocês enxergam isso? Acho que vocês já falaram um pouquinho. Porque até mesmo dentro do campo, não necessariamente o torcedor organizado, mas dentro do campo também.

X. Rapaz é uma questão de rivalidade.

A.F. Vocês não atribuem à torcida e sim ao individual de cada um.

X. Eu creio que seja... Vai muito da pessoa, da índole da pessoa, né? A gente vê briga em todo canto. Você chega assim no meio do Senado e os senadores saem no pau lá. Não é questão de violência... vai muito da índole da pessoa, do estado de espírito naquele momento, a adrenalina sobe. Tudo isso né? É o momento.

A.F. E a paixão também.

X. A gente teve uma reunião com o Ministério Público, aí o Capitão chegou pra mim e fez: - “naquele momento você sai de si, ficam irracionais”. Eu digo, ó a gente vai movido por uma paixão. Às vezes os seus policiais estão lá a trabalho, sai batendo em todo mundo e eles lá deixaram de ser racionais. É o que, uma paixão? Vocês alegam o quê agora no momento?

A.F. Não é prioridade das torcidas organizadas...?

X. Com certeza. Hoje em dia a sociedade é violenta. Você vê a questão de drogas. O desemprego. O social no Brasil e aqui em Alagoas acabou. As mazelas. As pessoas passando fome. Passa direto aí no fantástico. Toda reportagem aqui de Alagoas ou ladrão ou é as pessoas passando fome morrendo...

Y. Os funcionários em greve.

A.F. Outra coisa. O que vocês acham que significa a torcida pra esses jovens de uma maneira geral. Como será que eles vêem a torcida. O que ela é pra vocês, pra vida de vocês?

X. Olhe, repare. Antes de eu ser de torcida organizada eu ficava olhando assim a torcida organizada e dizia: \_ Pô, que negócio massa, bonito. Chama atenção. A pessoa entra aí vira uma paixão. É um vício, é torcer pelo sei time. Vibrar. Você vê assim a evolução da torcida. Aí você quer fazer uma festa cada dia mais bonita. Você quer fazer uma festa de fogos, quer fazer uma festa de balão. Quer levantar o bandeirão. Só pra gente levantar um bandeirão, pra fazer um bandeirão custa em torno de três mil reais, que sai do bolso de cada componente. A torcida é uma paixão. A gente, a gente tá lá. A gente sai de si naquele momento. É uma alegria está jogando com o time. É bom demais... É inexplicável.

A.F. E pra vocês isso ajuda ou atrapalha no cotidiano de vocês? Ou não faz muita diferença?

Y. Depende. Cada um tem que ocupar o espaço da melhor forma possível. Tem gente que, como o caso dele, ele é presidente da torcida, então vive em função da torcida. Mas tem outros componentes que, o cara trabalha, o cara estuda, o cara que se dedica à torcida no lazer. É na medida do que é possível pra ele, né? Porque ele tem outras coisas pra fazer, né? Eu por exemplo, num dia estudo... então... Quando tem tempo de dedicar à torcida, vai no jogo. Vai com o (nome do entrevistado), vai com o (outro componente). Junta tudo, faz uma festinha fim de semana, um churrasco. Diversão. Torcida organizada é diversão.

A.F. É, mas para alguns, por exemplo, algumas pessoas estudam e trabalham, mas existem outras que vivem só pra torcida? Pra administrar, pra resolver?

X. Tem gente que vive 24 horas pra torcida. No caso, questão... Ele (torcedor que assistia à entrevista) trabalha numa loja de torcida. É 24 horas na torcida. Quem, agora a gente ta abrindo uma Lan House, vai ter uma pessoa pra só tá na Lan House. Tem vários diretores quem vivem em função da torcida. Quem vive em função disso muito é ele (torcedor que assistia à entrevista). Ele mora aqui, ele que vê, chega um, chega outro. Vende um material, vende... acaba um ingresso.

X. Quem mexe com torcida tanto mexe com o lado de arquibancada tanto mexe com o lado pessoal de cada componente. Chega aqui desempregado, a gente já procura uma pessoa que possa arranjar um emprego pra ele. Chega um componente aqui precisando de uma feira, a gente consegue a feira.

A.F. vocês estão sempre procurando um jeito de ajudar... De alguma forma?

X. De alguma forma.

Y. Aqui a gente recebe todo mundo. É igual a coração de mãe.

A.F. É como uma família...

X. Com certeza, torcida organizada é uma família.

Y. Na hora que o time ta bom, um abraça o outro. É uma família, a convivência, né?

A.F. É uma forma até para desmistificar... Eu lembro que eu trabalhei na Gazeta e nós fizemos um debate sobre violência de torcida... Foram os integrantes da Mancha e da Comando, foi a polícia também... Foi interessante. Vimos que o posicionamento de vocês foi contrário a essa violência. Muito do que se divulga é a violência...

X. É uma questão de mídia, né? É uma questão de mídia. A gente fez uma doação de aproximadamente 450 quilos de alimentos. A gente procurou várias pessoas pra cobrir, só a TV Pajuçara veio cobrir. E mesmo assim, já tem três dias pra fazer... O lançamento da, da, da campanha. Mas não, porque, porque é morte, é crime. Porque morte, crime,

briga dá audiência. Campanha, solidariedade não dá audiência. Viu? Conseguiram extinguir a Comando e a Mancha em 30 dias. A gente teve uma briga, por falta de capacidade da Polícia. Porque tinha dois anos sem ter clássico. Pegaram um jogo de coroa aí divulgaram pra passar na televisão o jogo. Não colocaram policiamento capacitado no momento, ao aconteceu aquele confronto entre as torcidas. Aí quem pagou foi quem? Quem pagou foi as torcidas.

A.F. Pra vocês aquilo foi o quê?

X. Ninguém bota culpa em cima de Polícia. Ninguém bota culpa em cima de televisão. A corda só arrebenta para o lado mais fraco. E naquele momento foram as torcidas organizadas. Em 30 dias a reportagem em Rádio, televisão e jornal. Uma atrás da outra. Três, quatro reportagens por dia. Fizeram um julgamento sem defesa. A gente não teve tempo nem de se defender. Em 30 dias arranjaram um juiz e o cara extinguiu as torcidas até hoje, né? Aí a gente fez o quê? A gente veio com outra formação, outro padrão, outro instituto. Aí foi, e tamo aqui novamente. Porquê, porque é uma paixão. Torcida é uma paixão.

A.F. E essa briga de 2005, o que aconteceu ali?

X. O que aconteceu foi o quê? Foi dois anos sem haver clássico, que nossos rivais estavam na 2ª divisão do alagoano. Aí dois anos sem haver clássico. A rivalidade já existia, não teve policiamento. Aí o que acontece? Outro confronto. Não é uma coisa certa haver confronto. Mas...

A.F. Mas ali participaram tanto integrantes quanto não integrantes?

X. Com certeza. Não eram todos integrantes. Com certeza.

A.F. Vocês querem acrescentar mais alguma coisa. Podem falar se quiserem.

A.F. Outra coisa, como é o relacionamento de vocês com as outras torcidas?

X. Olha, hoje a gente tem uma amizade praticamente no Brasil inteiro. Mas mais no nordeste. Aqui tem um menino que é de Aracajú. Ele é da torcida do Sergipe e outro também que é da torcida do Sergipe. Vieram para um jogo, pra prestigiar o nosso CRB e já estão aqui já há 30 dias. A gente tem amizade com a do Sergipe, com o pessoal do Esquadrão Colorado, em Recife, amizade com o pessoal da Fanáticos, na Paraíba, com o pessoal do... Botafogo. Em natal com o ABC de Natal, da Garra Alvinegra, no Ceará, Cearamor, e assim sucessivamente, né?

A.F. E aqui em Alagoas, com o CSA, com o ASA?

X. Não, aqui em Alagoas agente não tem amizade com ninguém.

A.F. E especificamente com a do CSA?

X. Com o CSA, é como eu falei pra você, eu tenho um contato com o Marcelo que é presidente da Mancha, no caso pra evitar o confronto.

A.F. Mas a relação é boa de vocês?

X. Nem eu nem ele quer que haja o confronto. A gente já sentou pra almoçar, pra discutir sobre torcida. A gente procura o quê, evitar o máximo possível o confronto.

A.F. Deve haver uma relação boa até pra conseguir o intuito de vocês, não é?

A.F. Vocês acham então que a Polícia não está preparada pra esse tipo de evento?

X. Eu acho que eles deviam ter um batalhão formado só pra eventos.

Y. Campo de futebol, shows, né?

A.F. Tem Estados que já tem, não é?

X. Não. Com certeza, eu acho que só aqui em Alagoas que não existe ainda.

Y. De onde eu vim, por exemplo... tem esse Batalhão como ele falou, a Polícia só pra eventos.

X. Porque tem que trabalhar a questão do psicológico da pessoa. Tem gente que a pessoa sente lá no Estádio, você tá vendo que aquele policial não quer está trabalhando naquele sábado, naquele domingo. Ele sai pra trabalhar com ódio, com raiva. Não tá fazendo aquilo com amor. E quando a pessoa trabalha a pessoa tem que tá fazendo com amor. Ainda mais hoje em dia com a questão do desemprego. Tanta gente desempregada, sabe? Fazendo as coisas com má vontade.

A.F. Sem contar que se não existe um Batalhão específicos pra esses jogos, muitos não têm as técnicas pra evitar o confronto.

Y. Com certeza, várias vezes a gente tá na arquibancada a polícia invade já batendo.

X. A gente tá comemorando um gol e o policial não tá vendo que a gente tá comemorando um gol e vai lá pra querer bater na pessoa, a gente tá comemorando uma paixão da gente. Aí eles vão e batem. E muita gente é o quê?... tem crianças, mulheres na arquibancada e eles saem colocando pânico...

A.F. É, acho que é muito da idéia que eles têm preconcebida da coisa...

A.F. outra coisa, vocês tem relação com partido?

X. Não.

A.F. Nada. Vocês são independentes, não é isso?

X. Somos independentes.

Y. Mas temos a idéia de termos na Câmara alguém lutando pela torcida. Essa idéia ainda está nos bastidores, mas ainda vai ser colocada em prática.

X. Já pintou até aquele menino que eu falei, Arimatéia, ele saiu candidato a Deputado Federal. Mas é complicado. Ele tem que ter mil e trezentos, mil e quatrocentos votos. É uma campanha que tem que ter dinheiro, né? E hoje em dia para fazer campanha nesse Estado tem que ter dinheiro, né?

Y. O interessante pra gente aqui é um vereador mesmo. Um vereador pra lutar pela gente na Câmara.. Propor até projeto de lei.

A.F. Mas isso já seria para as próximas eleições?

X. Não, agora não.

X. Eu acredito... que a gente deve fechar um pra essas eleições. Pra eleição de 2008? 2008 é a eleição de vereador. Eu falo isso porque existe candidato procurando a gente, né? A gente tava no CRB, o cara procurou a gente, deu telefone, depois disse obrigado e tudo.

A.F. Qual era a proposta dele?

Y. A proposta dele ela de ajudar a torcida e a gente ajudar a ele, né?

A.F. E vocês disseram o quê?

Y. Mas não ficou nada definido não. Foi só naquele bate-papo meio informal, assim, de jogo mesmo, né?

A.F. Mas vocês têm essa intenção, então?

X. Com certeza.

Y. Em todos os Estados do Brasil. Em todos não, mas na grande maioria tem pelo menos dois, três vereadores que a torcida colocou lá. Que a torcida elege. Devido ao número de componentes. A torcida tem pelo menos dois ou três vereadores, tem Deputado Estadual, né?

A.F. Aqui vocês até agora não fizeram isso, né?

Y. Pelo que eu pude perceber não, mas, daqui a uns tempos, com certeza... Porque é importante, acho que é importante. Porque tem muita gente que fala na mídia, fala mal. A Torcida não é isso. Tem muita gente boa, muita gente honesta, né? Gente que corre atrás de um futuro na vida.

A.F. Com certeza. É de 93 a Comando?

X. É, 11 do 08 de 93.

Y. Se você quiser comparecer na nossa festa...

A.F. Qual é a festa? Essa que você falou antes...?

Y. A de 14 anos...

X. Vai ser comemorada dia 15 de setembro.

Y. Não, a gente falou do arrastão que vai ter no dia do jogo.

A.F. Esse é no jogo contra o Santa Cruz?

Y. Estou te falando da festa de 15 de, não de 14 anos dia 15 de setembro.

A.F. Vai ser onde?

X A gente tá providenciando o local, mas eu creio que seja no ginásio do CRB.

A.F. Eu vou...

Y. Com mais tempo a gente vai divulgar nas rádios, as rádios todas, vamos sair divulgando. É só a gente definir o local e a gente já começa a divulgar. A gente entra em contato.

## ANEXO V –

Entrevista realizada com três integrantes da Torcida Cearamor, da equipe do Ceará: integrante C, D e E, na festa de 14 anos da Torcida Comando Alvi Rubro / Maceió, 15 de setembro de 2007, no Campo Severiano Gomes Filho (CRB), Pajuçara.

A.F. Nome e idade por favor.

C. tenho 27 anos.

D. 25.

E. 23.

A.F. Vocês são da Torcida Cearamor, não é isso?

C. Com certeza.

A.F. Me falem um pouquinho sobre a torcida. Objetivo. Há quando tempo existe a torcida de vocês.

C. A nossa torcida ela foi fundada em 26 de outubro de 1982. Ela vai fazer 25 anos agora. O nosso objetivo é acompanhar o Ceará onde quer que ele esteja. Como você pode ver, ontem a gente chegou aqui com 25 minutos do 2º tempo. A nossa meta é essa, acompanhar o Ceará aonde ele for, com muita vibração. A gente é um grupo muito unido a gente lá. E a gente procura fazer qualquer tipo de amizade, assim num encontro de torcidas também dos outros times.

A.F. Como vocês compreendem esse ato de torcer? É torcer pela Cearamor a todo custo ou existem momentos em que vocês não comungam com as mesmas idéias?

C. Tipo assim. O fato, a Cearamor não existiria se não existisse Ceará, certo? O nosso amor maior é pelo Ceará. Justamente... Em comum acordo, nos se juntamos por causa disso, devido ao nosso amor muito grande pelo clube, por causa disso. Aí fica aquele grupo grande de torcedor, a gente gosta de fazer festa de fazer animação na arquibancada e justamente, é com esse intuito que nós fizemos a Cearamor. Pra incentivar o clube, entende? Eu sei que cada um tem sua maneira de pensar. Minha maneira de pensar é essa: incentivar o Ceará onde quer que ele esteja, entende?

Procurar a melhora do clube cada vez mais, como as torcida de outros estados, até mesmo da capital, procurando assim, a união pra evitar confrontos... Confronto de torcida sempre houve, mas quando a gente procura ter essa união em outros estados é pra evitar certos tipos de confrontos, né? Pra formar um ciclo de amizades, ou seja como o seguinte, a Cearamor é uma família, ta entendendo? Tudo o que a gente faz em prol ao Ceará e pra ajudar a Cearamor, pra cada vez levantar o nome dela e está conhecido em toda a capital e em todo o mundo. O que a gente gosta de fazer que é ajudar ao clube, a gente traz benefícios até mesmo pra si próprio. Como no caso dele, por exemplo, ele tem uma loja da Cearamor, ele tem uma loja que é dele. Como a gente

chama lá, sub-sede, a gente tem uma loja matriz, certo? Tem uma sede social, com espaço pra festa, academia, Lan House, tudo dentro do nosso estabelecimento e temos cerca de 15 a 20 sub-sedes, são lojas espalhadas pela cidade. Mais lojas do que a Rabelo, que o patrocinador do Ceará, a gente tem. Já foi até botado em questão, por um radialista lá, o fato de a Cearamor administrar o Ceará. Devido a nossa organização. Isso foi dito em rádio, televisão lá. Por isso que eu digo, a gente, o fato da gente amar tanto, a gente se dedica tanto a isso, a gente não vai morrer de fome por causa disso. A gente usa, não que a gente use, a gente usa nosso amor, e a gente vive através disso. O Ceará é nossa vida.

D. Em prol ao clube, tanto como a gente ajuda o clube, o clube no momento está nos ajudando, por exemplo, no caso das nossas sub-sedes. É uma fonte de renda, de emprego, pra alguns torcedores e uma melhora pra torcida, porque a gente não conta com nenhum patrocínio, como certas torcidas de outros Estados têm. Tudo o que a gente consegue, de material, de bandeira, de faixa, tudo a gente tá batalhando, fazendo festas, criando eventos. No caso agora, a gente confeccionou o maior bandeirão agora do mundo, não sei de vocês estão sabendo. O maior bandeirão do mundo agora, de 210 por 36,5, o maior bandeirão do mundo, que antes era da torcida Máfia Azul do Cruzeiro, que tinha um bandeirão de 200 por 40, se não me engano. Aí a gente confeccionou agora um 10 metros maior. 210 por 36,5. Foi inaugurado. Brevemente a gente vai atrás do Guines Book, a gente vai botar isso até no Guines Book. A gente vai botar isso, que foi com muito esforço... foi quase 40 mil reais.

D. É muito suor da torcida, né cara? Porque muita gente depende de patrocínio, depende de um político, depende de uma empresa forte...

A.F. Vocês não têm esse apoio?

D. Não, a gente vai na cara e na coragem.

A.F. E a renda de vocês advém com adesão dos torcedores?

D. Da venda de material, eventos, programar festas... tudo a gente... O dinheiro que a Cearamor tem hoje em dia, nunca foi dessas coisas, de patrocínio, pra comprar material. Porque o nosso time podia até ajudar melhor a gente, mas a gente não quer ajuda. Se a gente tivesse um pouco mais do nosso clube, a Cearamor seria melhor, seria mais que isso. Mas só com a gente no sangue, na raça mesmo. Uma viagem dessa é tudo com a gente. Ninguém dá nada, a gente tem que tirar do sangue da gente. Viajamos o quê, 1.200 km pra cá?

E. 1.100.

E. 1.100 km pra cá.

A.F. É muito amor mesmo.

D. Só e com a cara e a coragem e o dinheiro do bolso da gente mesmo. Da torcida mesmo. Do próprio torcedor.

C. No caso o dinheiro individualmente, né? Eu cobrei 100 reais de cada pessoa. São 20 pessoas, são 2.000.

A.F. No caso do caixa da torcida, vocês pegam do bolso e viajam?

C. No caso do caixa a gente investe em benfeitoria pra nossa sede. Assim, que a gente tem nossas coisas pra pagar, que é conta de água, de luz, aluguel, que o aluguel da nossa sede é R\$ 2.500 reais, o aluguel da sede.

D. A gente não tem ajuda de nada, pô.

C. A gente tem a ficha de cadastro também. Todo mundo cadastrado. O último balanço que a gente fez a gente tinha cerca de 8.000 pessoas cadastradas na Cearamor. Tinha 8.000 e a gente inventou essas camisas aqui pra poder trazer o pessoal pra se cadastrarem.

A.F. Era isso o que eu ia perguntar. Ao todo quantos torcedores cadastrados existe na Cearamor, 8 mil?

C. Na faixa de, tem bem mais, mais uma faixa de oito mil que a gente tem as carteiras, a gente tem os cadastros deles. Que a polícia, a gente vem trabalhando de acordo com a polícia. A polícia tem uma parceria com a gente, porque senão a torcida vai se acabara, né? Ela quer que a gente cadastre, saber o endereço desse pessoal tudo. A gente até inventou essa camisa aqui, a camisa oficial, só quem pode usá-la, é quem é sócio, quem é cadastrado. Aí nesse ponto, a gente tenta fazer nossa parte. Cadastrar o pessoal, saber. No momento a gente tá com cerca de 8 mil pessoas cadastrados.

D. Mas nossa meta será de 50 mil pra cima.

A.F. E como que é a adesão? O que precisa para participar da torcida?

C. Uma Xerox da identidade, duas fotos, endereço, e caso, se for de menor tem que ter a autorização dos pais. E é isso mesmo, amar muito o Ceará e ser doido igual a gente. Deixar mulher, escola, trabalho, inventar atestado, inventar doença, pra poder acompanhar o clube.

D. Teve um colega nosso, inclusive, que tá ali, e teve que arrancar um dente pra conseguir um atestado ontem, pra poder vir pra cá hoje.

A.F. Jura?

C. Mas o dente já tava podre, né?

D. É. Aproveitou só a situação.

A.F. E a relação da torcida de vocês com a Comando? Como é, desde quando existe? Como que ela se formou?

C. Não posso precisar ao certo assim, o dia exato assim. Porque a gente já tem uma amizade com várias torcidas daqui da região nordeste, e até mesmo do sul. Existe algumas aliadas, amizades assim, que a comando vermelho tem que não são amizade que a gente tem. Mas não é porque você não gosta de uma pessoa que eu gosto que eu não vou gostar deles. Acho que não tem nada a ver. O que eu posso dizer, eu acho que, 98, 97, acho que é nesse tempo que eu penso, que no meu ponto de vista que começou esse negócio de ter amizade entre uma torcida e outra. Porque antigamente não existia isso.

D. E cada dia cresce mais ainda. Não só com a Comando Vermelho, como a Terror, como Gang Alvinegra. Cada dia vai aumentando a parceria, como eu te falei, é uma irmandade, que a gente não tem só na nossa capital, como em todo o nordeste e até mesmo no sul. A gente tenta cultivar isso. E eu, de antemão, queria parabenizar a todo mundo aqui, porque a gente foi super bem recebido, graças a Deus. O pessoal aqui é gente fina mesmo. Todo mundo com a maior atenção com a gente. A gente virou a noite aqui. Vamo simhora hoje à tarde. Se Deus quiser vamos chegar todo mundo em paz. Um povo muito hospitaleiro daqui. Tão de parabéns mesmo.

A.F. E valeu muito a pena, né?

C. Sem contar também, uma coisa que é bom salientar, que quando o CRB vai jogar em Fortaleza, no caso agora, agente foi com 70, 80 pessoas. A gente foi pro jogo e não foi ninguém do CRB. A gente como torcedor do Ceará, a gente foi prestigiar o CRB lá no (PV). E graças a Deu o CRB chegou à vitória, né? Se tivesse aqui, né? Se o seu Asa fosse jogar com o Ceará eu acho que eles fariam a mesma coisa pela gente.

A.F. É isso, né? Vocês têm, como o CRB, torcida aliada. Agora, qual é a relação de vocês com as torcidas que vocês não são aliados. Como que é a relação?

C. O fato é que não existe relação. O fato é que mesmo não sendo aliada da gente também, não é necessariamente, ser inimiga, né?

A.F. Mas o que faz a torcida ser aliada ou não? No caso, a do CRB ser aliada de vocês e as que não são.

D. Justamente assim, tipo por Estado. No caso aqui é CRB e CSA, né? No caso, por capital, uns são rival do outro. Em outro Estado, como no próprio Ceará, lá é Ceará e Fortaleza, aí já no, são rivais lá nós dois, aí o CRB... Aí o CRB luta com a gente, o Ceará...

A.F. Aí as que são aliadas do Fortaleza...

D. Não são aliadas do Ceará...

C. Isso que ela tá dizendo é o que faz começar uma amizade, mas é assim, tipo assim, eu não posso dizer como foi que começou isso, isso começou, não sei, eu acho que começou com a torcida do Vasco com a torcida do Palmeiras, eu acho, aí, tipo assim começou por intermédio de uma pra outra, assim eu não pode dizer: Ó, e o CRB, eu não vou gostar da torcida do CRB porque, eu não sei lhe afirmar....

A.F. É meio que histórico...

C. É uma coisa histórica, que foi acontecendo e foi criando aos poucos. Eu não posso dizer como começa assim, eu sei que sempre, eu acho que foi por intermédio de alguém, assim. Alguém que veio, por exemplo, a gente veio pra cá a primeira vez aí o Ceará, o CRB, há uns 20 anos atrás, por exemplo, a gente veio pra cá, aí o pessoal do CRB tratou bem, não teve nenhuma confusão, tratou bem, aí o pessoal do CRB vai jogar com o Ceará lá, aí tratou bem do mesmo jeito, aí pronto, aí um pegou o telefone do outro e começa... “Olha tem jogo aqui”. Aí começa um ciclo de amizades dessa forma, entende? Sem contar que, no caso, eles não têm nenhum contato com a torcida do Fortaleza, nem nada, porque cê sabe que rivalidade é ruim mesmo...

A.F. Pois é, eu percebi bem isso quando eu fui pro jogo CRB e Santa Cruz, e assim, Santa Cruz não é de Alagoas, mas a rivalidade é muito grande. Parece que CSA e Santa Cruz que são aliados. Parecia que era CSA e CRB o jogo. Eu achei incrível.

C. É o mesmo caso. O fato da torcida do Santa Cruz ser aliada com a torcida do CSA já transmite aquela sensação de um clássico regional, entende? Porque se eu tô apoiando o time dele, que tá jogando contra você, você vai torcer contra mim do mesmo jeito. Porque você tá vendo a imagem do CSA na frente. Conseqüentemente é a mesma coisa.

E. Representado a nossa aliança, né? Como agora no último jogo aqui do CRB com o Fortaleza. Lá o pessoal não pôde ir a gente foi representar o pessoal da Cearamor, né? Representar o CRB. Mas...

E. Maior sufoco lá... Mas a gente foi.

E. No caso tinha 16 mil pessoas no Estádio, a gente foi com 72 pessoas, mas o que a gente fez.

C. Não dá 0,1%.

E. É, a gente colocou faixa, agitamo mesmo o que a gente pôde fazer e, graças a Deus, a gente saiu de lá com a vitória, né?

A.F. Outra coisa. Com relação à adesão dos torcedores... Cada um tem seu emprego, trabalho e torce nos horários vagos ou tem pessoas que vivem para a torcida?

C. Existem pessoas que são funcionários das torcidas, né? Normal, carteira assinada e tudo. Existem outras pessoas que a gente faz uma política lá de loja, agente faz política franqueada. A gente compra material do preço mais barato pra vender, certo? E essas pessoas, lógico, que se elas têm uma loja ninguém vai fazer uma loja só pra não ter fins

próprios. E existe, tem o presidente, né, que ele ganha, ele ganha pra ser o presidente, que ele vive em função da torcida. Ele tem que ganhar da torcida mesmo, realmente. Existe mais dois, três funcionários, eu, no caso, sou diretor de caravana, eu não... A única coisa que eu posso dizer que a torcida me dá, que eu não quero nada da torcida mesmo, só o amor que eu sinto por ela mesmo, que pra mim já tô bem. Só pra eu viajar que eu não pago, devido a eu ser presidente, não vou pagar pra viajar numa coisa que eu estou sendo responsável. Ingresso, que eu recebo.

A.F. Mas você trabalha normalmente...

C. Não, eu tenho meu emprego. Que lá é a Coece, aqui eu não sei qual é o nome a Companhia de Energia aqui.

A.F. Ceal.

C. Ceal, pronto. Lá é a Coece. Eu trabalho na Coese. Ele tem o emprego dele também, mas ele também tem uma loja (D). Ele aqui vende Caipirinha no Calçadão (E), mas tem uma loja.

A.F. Cada um tem sua ocupação.

C. É, justamente. Mas não é todo mundo que ganha dinheiro em prol do Ceará, né? Porque se todo mundo tentasse ganhar dinheiro a gente não ia conseguir ganhar dinheiro nunca.

A.F. Ia descaracterizar a torcida.

C. Ia descaracterizar, ia virar um comércio. O que não é o que a gente...

D. Fora isso, acho que cada membro tem seu trabalho particularmente. Aí, nas horas vagas, acabou o trabalho é jogo. É concentração, é reunião. Na hora que dá o pessoal sai do trabalho pra lá. Faz tudo o possível.

A.F. E, no caso, trabalho social. Vocês fazem algum tipo de trabalho social?

C. Com certeza. A gente tem diretor social. Porque a gente nesse ano agora, esse ano que ta passando agora, ano de 2007, é um ano de reformulação. Nós tínhamos um presidente que desde a fundação ele tava no poder, né? Ele tava no poder, aí a gente conseguiu tirar ele, graças a Deus, né? Ele tava pensando que aquilo ali era, era, como é que se diz, era um rei, e a gente quer provar que a Cearamor não é de ninguém, a Cearamor é de todo mundo... Aí o que aconteceu, a gente conseguiu ter uma forma de reformulação. A gente tem um diretor disso, a gente, no momento agente pode dizer que a gente está parado com isso, porque a gente ta com esse negócio, investiu muito nesse, no projeto de fazer um bandeirão. De estruturar nossa sede. Se você ver a nossa sede, se você ver, se você tiver a oportunidade de entrar na internet e ver as fotos, você vai ver que é coisa de louco mesmo. Ma a gente tem, a gente já fez projeto de doar sangue, de arrecadar alimentos... No sul a gente vê o pessoal pagando agasalho, mas no Ceará a gente tem que mandar o povo tirar a camisa, de tão quente, né?

A.F. Mas faz parte das ações de vocês?

C. Faz parte. Faz parte. Olha, frequentemente agora, depois que a gente se estruturar, que acabar de montar a sede, a gente vai começar a academia. Depois que estruturar tudo, a gente tem uma meta de ter, no mínimo, no mínimo, um projeto social por mês. Se a gente quisesse fazer um projeto social amanhã, a gente ligava pra imprensa e fazia. Mas a gente não quer fazer um projeto social só pra aparecer pra imprensa. A gente quer fazer porque a gente acha que é, a gente acha que é coisa que toda torcida devia fazer. Devia usar... Porque, ó, muita gente compra material, compra uma camisa de 20 reais, eu costumo fazer a 10, 10 reais é pra tá entrando pra torcida. A gente te que dá uma satisfação do que a gente tá fazendo desse dinheiro... Eu acho tem muito torcedor do Ceará, ou até mesmo no Fortaleza, que necessita de uma sopa, que mora no meio da rua. Eu acho que não custa nada a gente fazer isso, fazer uma campanha, usar o Ceará não só pra bem próprio, como usar pra agradar às outras pessoas.

A.F. Pra coletividade.

C. Pra coletividades, justamente.

A.F. Agora com relação à violência. Vocês como integrantes, como dirigentes, como vocês vêm a questão da violência de torcidas. Não só aqui, na torcida de vocês, mas em todas.

D. Geralmente... é, brigas eu não posso dizer que não existe, porque de vez em quando existe. Todo time, é por estado, não é só o meu. Não é só...

D. E eu acho que não é só no futebol que existe isso não. A mídia, a mídia, ela influi muito sobre a violência. Ela só mostra a parte ruim da torcida, a parte de fora... Ela não enfoca um projeto social que a gente faz. Se ela ver qualquer empurra, empurra, ela tá ali...ver qualquer policial... A mídia faz uma tempestade num copo d'água. Aí só mostra a parte ruim, mas não mostra a parte boa da torcida. É claro que existem pessoas que vão meio alteradas, por causa de discussão, mas isso acontece em qualquer canto, não é só em torcida. Em todo canto do mundo, em todo Brasil, sei lá...

C. A gente também não tem como coibir, impedir. Pessoas de.. a gente não tem como vender material apenas pra pessoas que são cadastradas. A gente tem que se manter, a gente não tem ajuda de ninguém. A gente tem que vender a qualquer... Chaga qualquer um com a camisa da Cearamor ele pode roubar, pode fazer confusão... Ao ver ele com a camisa, ao ver ele com a camisa da Cearamor, lógico que vão pensar que ele é da Cearamor. Ele pode até gritas, torcer, mas... Pô, eu acho que a polícia tem fazer o trabalho dela. Se tá pegando errado, pega e prende. Eu acho que se eles entrarem dentro da sede e verem o trabalho que a gente faz, eles vão ver que realmente não é assim. Não vou dizer que não tem confusão não, que lógico que eu não vou ser hipócrita num negócio desse...

D. Aí onde tá a parte do cadastro dos torcedores. Porque a Polícia às vezes tem uma política errada. Ela vê uma pessoa com... Porque qualquer pessoa pode ter um bracelete

da Cearamor. Aí uma pessoa rouba, ou num assalto, matou, aí a pessoa tava com a camisa, era integrante da Cearamor. Então pra isso existe lá o nosso cadastro. Só é considerado torcedor da Cearamor mesmo quem é cadastrado.

D. Se for preso um indivíduo desse, por exemplo? Um indivíduo desse é preso, comete um delito, é preso. Com a camisa da Cearamor. Você pega a identidade dele... Olha esse nome aqui: Francisco Paes, você chega lá, pode olhar no nosso arquivo lá no computador, você procura: olhe, esse nome não é cadastrado. Cê pode ver aqui. Se ele for cadastrado, olhe, tá aqui o nome dele, endereço, telefone dele é esse. As portas estão abertas.

A.F. E quando vocês descobrem que algum delito, quem cometeu algum ato de violência, de agressão, é da torcida, vocês repreendem, vocês orientam?

C. Se ele for cadastrado, automaticamente, ele é excluído da torcida.

D. Isso também acontece no caso da polícia, né? Como eu te falei, a polícia (não foi captado trecho da fala)... se ela chegar e mostrar essa pessoa aqui, se constar no nosso sistema o cadastro dessa pessoa, aí a polícia vai fazer o quê?

A.F. Denuncia.

D. Isso.

C. A gente não denuncia, quem vai denunciar é a polícia. A gente vai ajudar a polícia. "Olha, tá aqui, o endereço é esse. Tá aqui o cadastro dele aqui. Faça o que você quiser.

D. É pra beneficiar a torcida, não pra prejudicar.

C. Se a gente souber de qualquer coisa que esteja prejudicando a torcida, a gente mete a cara e tira e pronto... Como a gente tirou o ( ) A gente viu que ele tava prejudicando a torcida, não tava ajudando a torcida a crescer, não tava ajudando em nada. E agora, graças a Deus, a torcida tá crescendo muito e se Deus quiser, a tendência é melhorar mais ainda.

A.F. Olha gente, se vocês tiverem mais alguma coisa a acrescentar... Se quiserem falar mais alguma coisa...

C. Eu, por mim, o amor pela Cearamor é o mais forte de tudo. É como eu falo com a minha boca, eu falo com o meu coração. Conversa de torcida, a gente passa seis anos conversando... dez anos, você não vai parar de falar tão cedo. Relembrando... É relembrar mesmo que a gente é a torcida que mais viaja aqui no Nordeste. A gente já foi pra todo canto no ônibus. Eu acho que aqui no Nordeste não tem ninguém que viaje mais que a gente. A gente já foi pra... Esse ano a gente não perdeu um jogo do Ceará. Um jogo em canto nenhum, em todo canto a gente foi. São Paulo, Santa Catarina... São Paulo, Santa Catarina, Curitiba Rio de Janeiro... A gente vai pra todo canto... A gente não deixa de ir pra nenhum canto. A gente tá aqui agora, mas dia 9, a gente vai pra Belo

Horizonte, acompanhar Atlético Mineiro e Cruzeiro, né? Porque a Galoucura é aliada da gente.

A.F. E a relação de vocês como time do Ceará? Ela é boa?

D. A gente quer o quê. Procurar a melhora do time; fazer reclamação na hora que tem que ser feito. Exigir da diretoria jogadores, salários em dia pros jogadores. Cobra no caso dos jogadores. A gente não pode cobrar uma coisa dos jogadores quando a equipe tiver ruim, né? Se o salário ta atrasado, está passando por alguma dificuldade no clube... Sobre a nossa torcida o trabalho é esse. Agora, todo canto apoiando, mas na hora que tiver de falar, de fazer um protesto, alguma coisa, a gente faz...

C. Ninguém vai... Ninguém vai amar... Todo relacionamento tem as suas intrigas e as suas cobranças... No meu caso aqui, não sei como o meu celular não tocou ainda, que tá tocando de meia em meia hora aqui... A mulher de tanto perguntar: Ei, que hora tu vem? Não sei o que... Ela sabe que... Ela já disse faça uma escolha: você quer eu ou quer o Ceará? Eu não, foi bom te conhecer... rrsrrs

A.F. Não se faz... Não se pede pra alguém fazer uma escolha dessas...

C. Mas aí eu tive que mostrar pra ela que não tem nada a ver uma coisa com a outra, não é? O fato de eu gostar do Ceará... Eu abro mão de muita coisa por causa do Ceará... Eu abro mão de muita coisa... Eu acho que é uma coisa... No meu sentimento é uma coisa sadia, como o deles também...

D. Pra muitos, né? Todo mundo pensa que vida de torcida organizada é muito fácil, mas, só quem ta dentro mesmo... É como o pessoal fala, só quem sabe onde o sapato aperta é quem calça... Porque a gente não tem obrigação de nada. A gente só vem por amor mesmo e... O pessoal que vem nessa caravana com a gente empenhou celular, empenhou mobilete...

C. O cara arrancou um dente pra pegar um atestado, pra vim pra cá. Rrsrrs

D. Eu terminei sede meses de namoro... Por telefone ainda... rrsr Sério!

Agradecimentos...

[WWW.torcidacearamor.com](http://WWW.torcidacearamor.com)

## ANEXO VI –

Entrevista com representante da Torcida Esquadrão Colorado – TEC – do Sergipe: Integrante F, de 22 anos / Maceió, 15 de setembro de 2007.

A.F. Primeiramente, quantos integrantes tem a torcida, a TEC, e qual a ideologia... Filosofia da Torcida?

F. Aproximadamente seis mil integrantes. A filosofia torcer pelo Sergipe e tá com ele pro que der e vier...

A.F. Mas, como é que vocês atuam no sentido... Como que os integrantes participam? Primeiro, pra se cadastrar o que é preciso, para entrar na torcida?

F. Primeiramente torcer pelo Sergipe, é óbvio, e também chegar lá na sede e tal, com carteirinha de identidade e tudo... Preencher o formulário e se cadastrar e virar sócio da torcida.

A.F. Qualquer idade?

F. Qualquer idade... Menor tem que ter autorização da mãe ou do responsável, no caso. Maior não, maior pode assinar por si próprio.

A.F. Desde quando existe essa relação, aliança de vocês com a Comanda, como começou...?

F. Aproximadamente eu acho uns nove anos, mais ou menos. Como começou agora, não me recordo não.

A.F. É relativo. Normalmente uma pessoa conhece a outra, normalmente é assim, né? No caso, vocês são aliados. Como que é a relação de vocês, da Esquadrão Colorado, com as torcidas que não são aliadas. Vocês têm algum tipo de relação, ou nenhuma?

F. Nenhuma. Nenhuma relação. A gente simplesmente é a gente, não é? E pronto. A gente só é pelas nossas aliadas só, e pronto. As que não são... Tem algumas que a gente ainda tem uma certa amizade e outras não. Aí essas a gente também não tem contato nenhum.

A.F. Você é presidente ou é diretor...?

F. Diretor. Diretor de Relações Públicas.

A.F. Ok. Como que vocês encaram... Porque não meu caso, a minha pesquisa também vai se basear pela questão do comportamento dos torcedores, né? Como que você encara, como que você vê, tanto como torcedor, como pelo que você percebe dos outros integrantes, a relação dos integrantes com a torcida? O que é a torcida para esses integrantes?

F. A torcida é um meio de lazer pras pessoas... Porque as pessoas querem ir para o estádio, gostam do time, gostam da torcida e acabam entrando na torcida. Essa é a relação.

A.F. Mas assim... É uma relação de amor. As pessoas têm cada uma a sua função, seu trabalho, e vão por lazer... Ou são pessoas que vivem pela torcida, que vivem pra torcida?

F. Existe assim, a diretoria, cada um tem a sua função... E os diretores de cada comando. No caso, cada bairro, esse tipo de coisa. É assim, e os outros são só lazer, são só componentes normais.

A.F. Cada um tem seu trabalho e vai... Quando estão na Cearamor (troca de nomes), é no momento de lazer...

F. Isso mesmo. Momento de lazer.

A.F. E como que vocês encaram a questão da violência? Como você encara a violência praticada por alguns integrantes na torcida?

F. Com certeza nós somos contra a violência porque não é assim que se resolve as coisas em nível nenhum. Como também na guerra, não é assim que se resolve, não é? Somos totalmente contra e tentamos punir aqueles que brigam. Que vão procurar briga com integrantes de torcidas rivais ou até mesmo na mesma torcida.

A.F. Vocês têm cadastro dos torcedores? Têm como identificar?

F. Temos. Temos cadastro de todo mundo. Todo mundo... Todos que entram eles fazem o cadastro pra poder virar sócio da torcida.

A.F. E quando vocês identificam que, eventualmente, uma pessoa que praticou algum tipo de violência, ou um tipo de agressão é da torcida, qual que é a posição de vocês? Você como direção, para com esses torcedores?

F. Ele é punido e procurado... A punição cabe assim a você punir ele de aparecer em estádio em jogos ou até ser expulso da torcida.

A.F. A relação de vocês com o time, no caso o Sergipe, a relação da torcida. Ela tá sempre junta, tem momentos de crítica, como que é...?

F. A torcida tá sempre junta, mas claro que há momento de crítica porque a gente não quer vê nosso time perder, né? Mas se não fosse o time a gente não existiria, então é sempre motivo de amor. A gente tá com o time... é sempre relação de amor pelo time.

A.F. Mas existe o momento da crítica?

F. Existe. Com certeza.

A.F. Como é que vocês agem nesse sentido. Que tipo de ação?

F. Protestando, no caso contra jogadores, dirigentes do clube, assim...

A.F. Vocês têm algum tipo de ajuda do time, ou não, vocês são independentes, como que é?

F. Temos ajuda porque eles fornecem a gente, a gente ingresso, fornecem também uma parte do aluguel da sede... Só isso. Não, só isso.

A,F. E a Polícia lá, lá em Sergipe, você acha que ela é preparada pra esse tipo de evento, normalmente, evento esportivo, no caso Futebol? Quando existem clássicos, existe um batalhão específico para isso? Como você enxerga a Polícia nesse tipo de evento?

F. Não, a Polícia lá não é preparada. Porque lá a Polícia tem que se conscientizar que você não reprime violência com mais violência. E não são todos os integrantes da torcida que são violentos. Então eles têm que aprender a se comportar dessa forma, punindo aqueles que estão praticando a violência.

A.F. E não generalizar...

F. E não generalizar, com certeza.

A.F. Ok, pra fechar, se você quiser comentar mais alguma coisa... Sobre a relação de vocês com essa torcida... Pra finalizar... Como que vocês enxergam a torcida... O que ela é pra sua vida, você como representante... Porque você entrou e como agora é isso pra você ?

F. Eu assim, eu sempre torci pelo Sergipe desde criancinha. Ai, lá, muitos me chamavam para entrar ma torcida rival lá, mas eu mesmo sempre dizia: Não, torço pelo Sergipe. Aí conheci um membro que já era, aí me chamou pra entrar, aí acabei que entrei, acabei gostando e tô até hoje.

A.F. E a torcida pra você?

F. A torcida pra mim, eu posso definir ela como amor mesmo.

A.F Você trabalha ou você vive da Torcida?

F. Não, eu trabalho, estudo... Faço faculdade lá, faço física na Universidade Federal de lá. Faço, como é? Trabalho numa loja, numa loja com a minha mãe, numa loja de roupa. A torcida... Também trabalho pela torcida, sempre...

A.F. Tá administrando?

F. Dá, graças a Deus dá. Tá dando, né? Tá dando, graças a deus.

A.F. Tá bem então... Mais alguma coisa?

F. Não, não. Só isso.

A.F. Tá bom então... Obrigada...

## ANEXO VII -

Entrevista com dois integrantes da Fanáticos, Torcida Organizada do Náutico de Recife: G, de 19 anos e H, de 24 anos / Maceió, 15 de setembro de 2007.

A.F. Primeiramente, quantos integrantes tem a Fanáticos?

G. Em média a gente tá com, dependendo do jogo... No geral a gente tá com 1.800 cadastrados.

A.F. 1.800. Ok e qual a filosofia da torcida, pra vocês?

G. A torcida... Muito se vê ela como violência, pra brigar pra guerra, não... A gente tá na torcida pra ajudar o time. Realiza eventos sociais... (uma parte desta resposta não foi possível transcrever, devido à má qualidade do áudio)

A.F. Vocês costumam fazer eventos sociais?

G. É, também a gente faz... Pede quilo de alimento pra dar pra creche... Toda vez a gente dá uma ajuda pra comunidade...

A.F. Qual que é o ano de fundação da torcida? Quando tempo tem a torcida?

G. Hoje em dia tem 23 anos. Foi fundada em 22, de 1984.

A.F. E qual que é a relação de vocês com as torcidas que não são aliadas? Como é o relacionamento? Porque, no caso, a Fanáticos é aliada da Comando, né? E as que não são, como que? Existe algum contato?

G. Não, contato não existe não. Só com as aliadas. A gente tem amizade com a do Palmeiras, a do Vasco, do Botafogo também. Agora, amizade com outras torcidas que não é... a gente não tem não, contato não.

A.F. Mas em dia de jogo vocês têm alguma... Pra evitar encontro, evitar confronto, alguma coisa assim?

G. Não, não é a gente da diretoria, mas é o componente que faz. A gente não tem como organizar... Dizer tudinho pra não arrumar confusão. A gente da diretoria não tem culpa.

A.F. Ok, mas vocês têm uma conversa com os dirigentes das outras torcidas para as duas torcidas não se encontrarem antes do jogo, nesse sentido?

G. Quando tem clássico lá, toda vez tem uma reunião no quartel, lá o comandante do Policiamento sabe quem são as aliadas da gente... Porque lá é três times, em Recife... Náutico, Esporte e Santa Cruz. Todo mundo sabe que tem lá... O Comandante de Policiamento que tem lá, ele sabe lá. Das aliadas, quem não é das aliadas. Quem sabe lá é o policiamento.

A.F. E a relação de vocês com o time, no caso com o Náutico, como que é? A relação da Torcida Organizada?

H. A gente ta sempre no treino, botando faixa, da diretoria, bandeira... Quando vai ser jogo de fora a gente coloca dois ou um componente pra botar a faixa lá pra puxar o time... A gente ta fazendo uma reunião quinta-feira pra o clássico, que vai ser no domingo. Aquela coisa... Pra liberar a pista de dia e fazer uma festa na pista... (sem captação) ser na série A. Vamos fazer uma biritada, uma feijoada lá na praia. Aí colocar... Arrecadar um quilo de alimento já pra ajudar pra, com uma ajuda a alguma instituição. Isso é pelo time... (sem captação)

A.F. Tem algum tipo de exigência pra integrar a torcida? O que é que precisa, a idade, faixa etária, como que é?

G. Não, a idade não precisa não. O que a gente ta fazendo é... Paga uma taxa de cinco reais, pra fazer a carteirinha. Agora só compra o ingresso se tiver a carteirinha, só... E o cadastro da torcida...

A.F. Tem que ta no cadastro?

G. Tem que ter o cadastro. Só vende o ingresso se tiver a carteirinha... E com a camisa, se tiver... Não vende não.

A.F. E vocês recebem algum tipo de apoio do Náutico?

G. A gente recebe uma ajuda assim de ingresso, dia de jogo. Recebe uns patrocínios... Mas é pouco. Mas a gente tá sempre em pé. Sempre seguindo firme e forte pra ajudar o time...(Trecho sem captação).

A.F. E a Policia lá em Recife, em Pernambuco, ela é preparada pra esse tipo de evento, na opinião de vocês, ou não? Tem batalhão especializado pra jogos? Como que é a Policia lá?

G. La sempre dia de jogo tem policiamento necessário, quando é clássico tem mais ainda... Tem uma lei lá que se for pego brigando dentro do estádio ou fora do jogo é três meses afastado do estádio e paga 120 reais, ou senão faz serviço comunitário...

A.F. Como vocês encaram a questão da violência de torcida? A gente sabe que tem em todo lugar... Mas como é que vocês vêem a questão da violência nas torcidas?

G. A violência é uma coisa triste, né, no futebol? A gente vai ver o jogo, quando pensa que não cai uma bomba em uma pessoa, um tiro, garrafada, coisa assim sempre acontece, mas assim mesmo a gente evita, bota camisa paz no campo, paz no mundo... E fazendo sempre protesto...

A.F. O que vocês acham que motiva isso, esses atos?

G. Assim, no caso de Recife a violência é mais em termo de baile e galera... Pichador, funkeiro... (Parte não captada) Em Natal, quando caso das torcidas lá é morte, tiro... Maceió também, com a Comando e a Mancha que rola muita briga... Tem muita

violência... Acho que tem muita violência... Acho que em Recife é mais calmo... Lá em Recife todo mundo anda normal no canto, jovens... É normal.

A.F. Quando vocês sabem de alguma notificação de violência, quando vocês descobrem... Quando é de algum torcedor, tem algum tipo de repreensão? Ou nunca aconteceu isso, assim?

G. Não, nunca aconteceu não. Toda vez que tem um clássico... Três dias antes o comandante do Batalhão de choque faz uma reunião com a gente, com as três torcidas, pra ver como vai ser porque quando tem jogo fora, o Náutico vai jogar na Ilha, a gente sai escoltado pela policia. Todo jogo quando tem clássico, qualquer torcida vai escoltado, o estádio que vai ficar... O mandante... Ai, só isso só. Ai sai escoltado só, sai e volta escoltado.

A.F. Mas assim, a posição da torcida com essas pessoas que praticam... Porque às vezes tem infiltrados, que se infiltram na torcida para praticar a violência... A posição da torcida com esse tipo de pessoa...

G. (Exemplo de um caso de violência que resultou em prisão) Mas a gente sempre controla assim, pra não brigar... não levar bomba nem nada, a gente sempre fala pra não levar bomba, fogos... A gente não tem como evitar, não pode cortar... Não tem como controlar não.

H. Não tem como controlar a torcida... quem ta entrando... imaginar quem ta brigando... A gente sabe quem é... A gente sabe quem é sócio e não é sócio. Sócio a maioria não é, não tá cadastrado, mas vai ver rouba, faz um bocado de coisa, de besteira, arruaça, vandalismo, a gente num ta sabendo quem e ai vai sobrar pra gente. Mas gente que é da torcida, que ta no dia a dia da torcida...

A.F. Como que vocês vêem no caso a mídia? A cobertura da mídia com relação às torcidas organizadas, a Fanáticos?

G. A gente leva a maior fama de vandalismo, de tudo. Assim, o jornal... metendo bala no time do náutico como se fosse da gente. Rapaz mas a gente tem amor ao clube... Mas eles sempre falam isso, porque eles não tão no dia a dia, na sede...

A.F. Agora, só pra terminar o que é a torcida pra vocês, no caso a Fanáticos? O que significa, o que representa?

G. Pra mim a Fanáticos e a minha vida... Eu moro na sede mesmo, eu gosto da Fanáticos... É o amor ao Náutico, amor a torcida... Não é por causa do time que... Eu sou Náutico até morrer... Eu sou torcida também até morrer... Mas eu sou Náutico e Fanáticos até morrer.

A.F. Uma coisa que eu não perguntei, vocês têm um perfil, assim, uma faixa etária dos integrantes...

G. Toda idade.

A.F. Existem pessoas que vivem, no caso da Fanáticos, só pra torcida, que trabalham nela, que vivem só pra ela, ou cada um tem seu emprego e torce nas horas vagas?

G. Assim, tanto quem trabalha no dia a dia, como quem vive só da torcida, trabalha só na torcida mesmo e tudo.

A.F. É mais os dirigentes, né, eu acho?

G. Tem muito componente mesmo que trabalha assim, às vezes não tem nem como ir pra jogo, não tem como ir pra campo... Assim os dirigentes, alguns, trabalham só na torcida mesmo.

A.F. Tá bom, mais alguma coisa que vocês queiram ressaltar sobre a torcida?

G. Não. Não.

Troca de contatos. [www.fanaticos.com.br](http://www.fanaticos.com.br)

## **ANEXO VIII -**

Entrevista com dois integrantes da Torcida Comando Alvi Rubro: integrante I, de 21 anos e integrante J, de 18 anos /Maceió, 15 de setembro de 2007.

A.F. Há quanto tempo vocês integram a torcida. Faz tempo, não?

J. Faz 5 anos.

I. 5 anos de Torcida Organizada Comando Alvi Rubro.

A.F. O que que é a Comando pra vocês? Quando vocês entraram vocês tinham alguma idéia do que era... O que que significa hoje a Comando na vida de vocês?

J. Meu irmão, a Comando Alvi Rubro na minha vida e tudo, veio. Primeiramente o galo depois a Comando Vermelho.

I. A Comando Vermelho pra mim e um orgulho. Em primeiro lugar a minha Torcida Organizada, primeiramente, e depois...

A.F. Vocês estudam, trabalham... Ou vocês vivem pra torcida?

J. Eu parei de estudar esse ano, no primeiro ano.

A.F. Mas você trabalha?

J. Trabalho não, pro enquanto.

I. Eu também parei de estudar, mas eu trabalho. Nas horas de folga e vou pro jogo e faço minha festa lá.

A.F. E vocês vão sempre pra todos os jogos?

I. E eu não posso ir muito porque eu trabalho, né? Mas sempre que eu to de folga eu vou comparecer ao estádio Rei Pele.

J. Eu, se é possível, eu to lá no Trapichão sempre. Quando eu tenho dinheiro eu vou pro estádio prá ver o CRB jogar.

A.F. E como que e a relação da torcida com o time? Como e que vocês vêem, como o CRB?

J. Rapaz, tem um empecilho, eu acho né? Porque quando o CRB tá bem ai o CRB, a Comando Alvi Rubro lá ajuda. Mas quando tá ruim a gente tem que protestar né? Se não não vai dar em nada.

I. Que nem ontem. Perdeu de 4 x 0 pro Ceará. A torcida tá cobrando... Tem que cobrar pro time pra ganhar. Não e só ficar perdendo, perdendo e perdendo...A gente ta lá pra torcer... Chama nos torcer, mas tem que, quando a gente vai lá, também...

A.F. Como e que vocês lidam com essas fases ruins do time?

J. A gente tenta fazer o possível pra levantar o time, dá uma ajuda... Mas sempre...dá ajuda pra gente... Alegria... e o que a gente pede... A gente tenta compensar assim, da melhor maneira pra que o CRB fique mais forte, né? Pra ajudar a torcida.

A.F. E como é a relação da torcidas de vocês com as outras torcidas? No caso o CSA e com as outras também rivais, como é que vocês vêem isso?

J. Rapaz com as rivais não tem boquinha não, e pau, e pau...

a.F. Mas porque, vocês não conversam? Não tem amizade com ninguém?

J. Porque quando os prego vê quer embaçar, quer tomar a festa... Vai pra porrada... tomar a roupa dos caras. Se tiver com a camisa do CRB os cara quer tomar, então a gente tem que tratar do mesmo jeito, né? Toma de lá toma de cá também. Fazer o que?

I. Quando a gente vê um prego da torcida tem que ir pra cima, porque se deixar eles já vem tomar conta da gente...

A.F. Vocês não tentam se afastar, não?

J. A gente tenta, mas eles sempre vêm, e a gente pra cima. E assim, torcida organizada só entra quem pode, quem não pode, não vai...

A.F. Nos dias de jogo vão não tentam assim, evitar o confronto?

J. A gente tenta fazer com que não tenha contato, mas sempre tem confronto. Toda vez e isso. E sempre assim.

A.F. Como você vê a torcida, a Mancha? Você como integrante?

J. A Mancha não tem nem o que falar veio. Pra mim e vergonha, a nossa e Comando Alvi Rubro, só isso mesmo...

I. Assim, eu vejo a Mancha como uma torcida rival, né? Tem que disputar assim o reino em Maceió... Porque não dá pra ser duas de uma vez só. Tem que ser uma ou outra.

A.F. Mas como vocês vêem essa questão de briga, de violência nas torcidas? Vocês acham que tem que ter briga... ou não, que acontece porque às vezes?

I. Não, não precisa...E acontece porque as vezes bate de frente assim e não tem como evitar... tem que ir pra cima ou apanha... Ou vai pra cima ou apanha...

A.F. Quando eles chegam perto não tem jeito. E briga na certa...?

I. Não tem jeito e briga... Não tem jeito não. Se não der apanha...

A.F. Mas a postura de vocês e de brigar ou se afastar mesmo?

I. Não, a gente anda na da gente, né? A gente anda no percurso da gente. Só porque sempre tem um mais espertinho que tem que vir pra cima, ai... rola madeira...

A.F. Mas você ta indo pra torcer...

J. Pra torcer...e a gente tenta evitar briga, mas só que... teve uma vez era o jogo, clássico Máster do CRB, só que não teve muito policiamento, quando chegou na Pirulito, na praça teve confronto... Ai as torcidas foi extintas... A Comando Vermelho e a Mancha Azul.

A.F. O que e que vocês acham disso?

J. Eu acho que não merecia fazer isso...ser extinta as torcida... Não merecia não... Culpa do policiamento que não tava adequado praquele jogo...

A.F. O que você achou desse confronto?

J. Eu não gostei não... Eu tava na hora mas eu evitei...

A.F. O jogo que não era nem...

J. Amistoso... os torcedores do CSA foram mais porque, não tava jogando mais, teve um clássico depois de três anos ou dois, ai eles já vieram mais pra brigar...Por isso que teve o confronto e o policiamento não foi adequado naquele jogo...

A.F. E como e que você vê essa extinção também das torcidas?

I. Eu acho isso uma besteira porque mesmo se extinguir a torcida, não vai ter outra do mesmo jeito? Pronto a Comando Vermelho e Mancha Azul, teve a Extinção da Comando Vermelho, foi criada a Comando Alvi Rubro agora... E o da Mancha eu não sei... Ai eu acho isso uma besteira por parte das autoridades assim...

A.F.Mas pra vocês torcida não e violência, a violência acontece, não e isso?

J. A violência acontece... E no percurso de ir ao Estádio...

A.F. E só nesse percurso... só nessa hora?

J. E só na ida e na volta...

I. Na ida e na volta de vez em quando tem o confronto nas brigas.

A.F. Mas o que é que eles alegam, o que é que eles falam, o que vocês falam... Como é que começam essas brigas?

I. E fica sempre um dizendo que foi o outro que começou, né? Sempre tão dizendo... Mas, não tem jeito não, um vê o outro e briga.

A.F. E a policia, como e que vocês vem? A Polícia ta preparada pra esse tipo de jogo, esse tipo de evento, ou não?

I. Rapaz eu acho que sim... porque toda vez quando tem um confronto assim mais constante, muita, muita briga, sempre tem a cavalaria, tem a tropa de choque... Eu acho que ta preparada...

A.F. E você?

J. Eu acho que não, que tem dia que a gente na boa chega no Trapichão, a Polícia mete o pau na gente, sem ter mais nem menos...

A.F. Porque você acha?

J. Não, sei... Outro exemplo CRB e Fortaleza, a gente saiu numa boa, chegou lá a polícia meteu o cassetete na gente... Nada a ver... Chegou normal, pra entrar e meteu o cacete, ai não gostei não, gostei não.

A.F. No caso da cobertura da imprensa, da mídia, como é que vocês a vêem com relação à torcida?

J. Ela trata bem. Fala normal. Ela pega essa questão de briga pra falar, mas ta boa... falando...

A.F. Mas quando ela fala da torcida, ela fala o certo ou não?

J. Ela fala o certo. Ela fala o certo.

A.F. Só pra finalizar, se vocês quiserem falar mais alguma coisa sobre a torcida...

J. É isso que eu digo, era Comando Vermelho agora é comando Alvi Rubro... Pra mim é um amor, orgulho ser componente dessa torcida Organizada...

A.F. E você, quer falar alguma coisa...?

I. Rapaz, Comando Vermelho pra minha vida e tudo... Principalmente CRB, né? Apesar de tá... Ele faz que vai pra primeira divisão, ma depois desse um pouquinho, ma não tem jeito não, tem que botar pra frente... Bola pra frente... isso aí...

Agradecimentos...

## ANEXO IX –

Entrevista com integrante da Comando Alvi Rubro que chamaremos de L, de 29 anos, na festa em comemoração aos 14 anos da TOCV / Maceió, 15 de setembro de 2007.

A.F. Quando você entrou na Comando... O que significa na sua vida a Comando... ?

L. Quando eu entrei eu tinha o que... Não quando eu entrei foi em 1993, quando a torcida foi fundada, eu tinha 15 anos ainda... Eu era garotão, era adolescente, não sabia muito da vida... Eu entrava e só queria saber de Comando, Comando, Comando... Eu pensei que essa era a maior coisa, a coisa mais importante da minha vida, porque eu brigava muito e só queria ser o tal, o brabão, tal, coisa de adolescente, né? E agora não, a Comando não é tudo, tudo é o meu trabalho, não é? Eu sou segurança e não é não posso tá mais nesse negócio de briga, essas coisas... Não é porque você... Mas entenda bem, não é porque você é de uma torcida que é obrigado brigar não, que aqui tem muita gente de bem, pai de família, tem meninas, que essas meninas não são maloqueiras, Pavilhão feminino são tudo de bem... Tem muito pai de família como o João Gordo que é um pai de família também... E tem muitos pais de família aqui espalhados no meio... A maioria aqui hoje em dia é garotão, né? Ai quando o CRB está numa situação boa os das antigas volta... como no meu caso, voltei mas o CRB voltou ao que era antes e...

A.F. Mas de qualquer forma você não se afasta?

L. Não, não se afasto não... Eu tô agora naquela, tem que ser na paz, né? Quando eu era pivete eu era meio... Marginal não que eu nunca assim matei, nunca usei drogas nem nada, nunca fui bandido. Mas gostava de brigar, coisa de adolescente. Agora não brigo mais porque não posso, por causa do meu trabalho, que eu sou segurança, sou segurança em banco, trabalho numa empresa aí...

A.F. Trabalha e nas horas vagas...

L. Ai eu vou pro jogo, né? Sou da torcida organizada, agora componente. Agora ultimamente eu sou contra a violência, contra briga, né?

A.F. Mas antes você brigava, como que era?

L. Eu brigava porque eu gostava... pra mim era um esporte, um hobby...

A.F. Mas por quê?

L. Gostava de dar porrada na Mancha Gay, nos manchete... os torcedor normal do CSA não, o torcedor da manchete... Dos gay...Ai eu ia pra cima mesmo, pra quebrar mesmo, rasgar camisa, tomar material dele, dar porrada...

A.F. Mas porque, tinha algum motivo?

L. Não, é rixa... a mesma coisa ele faz com a gente, quando pega um da gente os azulinos faz a mesma coisa... Sem motivo nenhum... basta ver a gente com o material da comando, vai pra cima pra dar na gente e tomar... Ai quando a gente vê desconta, vai

apanhar, é? Se você vem passando numa rua, aí um cachorro vira lata, né? Um pitbul não que um pitbul vai arrancar seu pedaço, se ver um vira lata mesmo, pequenininho e te morde, cê num vai chutar não? Pronto, e a mesma coisa, os menchete são vira lata, eles vem morder a gente, vai revidar também não? Ai se der pra revidar bom, se não der a gente marca num exemplo, se tiver dois clássicos CSA x CRB. Ai CRB x CSA a gente apanhou, no outro clássico a gente vai pra descontar... Ai era assim... o motivo da briga era esse aí...

A.F. Na revanche...

L. Sim, na revanche... Agora, não era briga por causa do time, era briga porque e como se fosse um exemplo, duas gangues, duas gangues que gostam de brigar uma com a outra... de galera... Como trio elétrico, bairro contra bairro... por exemplo a Coréia brigava com os cara do Vergel, quando tinha Festival da Pipoca, lembra? Aí brigava, aí pronto... E a mesma coisa Comando e Mancha, briga, briga como se fossem rivais assim, duas gangues...

A.F. Quer dizer que você acha que as torcidas elas iam pra brigar como gangues mesmo e não pra torcer?

L. Não, ela torce, mas tem alguns que gostam, que tem tara nisso, aí vão brigar mesmo mas só pra pegar a outra torcida, a rival.

A.F. Ta, mas você acha que as pessoas que vão pra brigar, elas são minoria, ou a filosofia da torcida também e essa?

L. Não, é minoria... Nem todo mundo vai não, porque pra você ver, você pode até ir pro jogo do CRB... agora não que o CRB deu uma recaída... Quando o CRB tiver bom, que tá ganhando, que dá um monte de gente mesmo, que fica em cima e em baixo a Comando... Cê pode olhar que ali tem pra mais de mil cara ali... pulando... Na hora do arrastão da rua se você vê 500, 600 e muito... Então não vai nem a metade... Agora os cara que vão com a metade vai com o instinto de brigar mesmo, no meu caso quando eu ia... Agora hoje eu não vou. Se eu tiver com dinheiro sobrando eu pego um táxi, eu pego um ônibus ou vou pra casa de pé... Eu não vou brigar porque também... Primeiro eu não posso por causa do meu trabalho e segundo porque eu já tô um cara maduro, né?

A.F. Quando você fazia... Você acha que esse tipo de violência que ocorre quando você fala de tal gangue ela acontece por causa da torcida ou ela faria em qualquer outro lugar?

L. Não, fazia não... Tem nada a ver... Depende do bairro, né? Porque a torcida mesmo é separada por Pavilhões, né? Tem pavilhão um, pavilhão dois e pavilhão 3, aí tem cara que tem uma turma... Um exemplo, o pavilhão oito e o pavilhão maior que tem, ele é de lá de cima do Tabuleiro... Aqui eu moro aqui... Aqui e o três, né? Ma o maior é lá pra cima... Ai pronto, lá tem mais de 300 caras, aí pronto, aí lá eles podem aprontar na rua mas não como Comando, como a galera de rua... Que são de bairro... Ai quando tem

jogo, se forma, bota a camisa do Pavilhão, ai é que vai pro jogo, ai pega a Mancha e vai brigar com a Mancha...

A.F. Mas às vezes essas torcidas acabam ficando rotuladas pela violência por causa dessas ações, você não acha?

L. Não... Mas vai quem quer, ninguém ensina ninguém não, ninguém manda não... o Cabra vai pela cabeça e cada um é responsável por seus atos... No caso se acontecer algum assassinato, cada um é responsável por seus atos...

A.F. Mas quando as torcidas ficam rotuladas. “Ah, a torcida brigou”... E a gente sabe que, às vezes, não é a torcida, são algumas pessoas, né? O que é que você acha desse rótulo que as pessoas ganham, de violência?

L. Olhe, e também não é nem as torcidas... Tem gente, muitos que gostam. Como te falei pra você... Às vezes a maioria diz que briga mesmo, pra dizer a verdade, pra resumir a historia, pra dizer a verdade, às vezes não é nem da Comando, nem cadastrado é. Às vezes eles se infiltram nas torcidas... Eu falei que é, é. Não adianta escutar, tem cara que gosta de brigar, como eu no caso, eu gostava...

A.F. Só que não e maioria?

L. Só que não é maioria dos componentes... Alguns que gostam e às vezes esse algum que gostam...Um exemplo, se tiver 50, e 50 que tem a carteira e 30 que não é nem cadastrado... Pronto, nesse caso de ônibus, eu falei de briga, mas no caso que apedrejam ônibus... Quem apedreja ônibus não é os cara que e cadastrado, é os cara que não são cadastrados na torcida. Às vezes e maloqueiro que vai ali pra vender alguma coisa, vender alguma droga, roubar e bagunçar, quebrar o vidro do ônibus, mas não é da torcida, não são cadastrado... Às vezes e maloqueiro que vão lá e se infiltram... A camisa ta ali pra vender pra qualquer pessoa, compra quem tem dinheiro.

A.F. Não tem controle, não e?

L. E quem tiver o dinheiro,... Porque a diretoria ta ali pra vender... Tem que vender a camisa, né? Quem tiver dinheiro no bolso compra... Às vezes um marginal compra só pra aprontar... Às vezes nem da torcida e. E vai quem quer também. Ninguém tá obrigado a ir.

A.F. As vezes acontece... São os infiltrados, não e?

L. E, alguns. Alguns são da torcida, alguns são infiltrados. Agora a maioria do pessoal é tudo de bem. Esse grupo agora que fizeram o Pavilhão Feminino. São tudo meninas direitas. Pelo jeito as meninas não bagunçam de jeito nenhum.

A.F. E a Policia, você acha que a Policia preparada?

L. A Policia não é preparada, primeiro porque os marginais se infiltram até na Polícia. Porque torcida depende do Comandante, como é que o Comandante de uma Polícia

Militar da ordem pra espantar os componentes, ainda mais com spray de pimenta... que não fizeram nada, só porque quando o CRB ganhou de 3 x 1, enquanto o Paulista estava fazendo a festa... Mandou a torcida ir embora... Existe não... Vai embora eles do Estádio lógico, que estava gritando o nome do jogador quando acabou o jogo. Não pode... Eles vão embora, a gente vai embora, se fechar o portão a gente pula o muro. A gente pula o muro pra ir embora, né não? Mas não, eles agrediram a gente, queriam que a gente fosse embora, que não pode. É desumano! Agora cheio de... ordem o Comandante. Agredindo a torcida sem ter nada a ver. Vá atrás de marginal. A torcida tava torcendo, eles queriam tomar o material da gente, queria tomar a bateria, que a torcida estava torcendo o tempo o tambor... Ai a torcida se revoltou e foi pra cima pra não deixar tomar o material e não deixou não. E eles não encararam... Aí viram que não ia encarar ai pronto... Ai depois diz que a torcida era violenta... Violenta, porque não que eles queriam levar o material, ai todo mundo se uniu, ate o povão, o povão que e torcedor, chamo povão assim quem é torcedor normal, e não gostou, viu que a gente tava certo e vinha ate pra cima pra ajudarem a gente... Empurraram a Policia e não deixou. E não tomaram o material, o tambor da gente não, não tomou não, a bateria não. Não tomou a bateria porque a gente não deixou. Ai veio a tropa de choque pra que? Pra dispersar os outros, é? A gente não ia fazer nada. Existe não, a gente vai embora se quiser que quem ta responsável ali e o porteiro, né eles não. Eles que vá embora, a gente tava só comemorando. Não existe isso não, em todo canto quando acaba o jogo cê vê na televisão, a torcida fica comemorando. Muitos daqueles quer aparecer... Até bambu de bandeira eles proibem... (parte não captada)

A.F. E com relação à cobertura da mídia sobre as torcidas, o que e que você acha?

L. Às vezes a mídia ta errada. Fica levantando falso testemunho...

A.F. Eles não sabem o que realmente acontece?

L. Não sabe o que é que ta dentro, eles não vem aqui pra saber o que ta dentro agora eles vão na Policia, porque a Policia trata a gente como se fosse marginal e não tem marginal nenhum aqui. Eles ficam... Qual e o ser humano hoje em dia, ainda mais jovem, que não usa uma droga? A maioria usa, eu não, não uso. Minha droga e birita, birita, birita, birita e mais nada. Mas a maioria... Tem alguns que usam droga, mas aqui dentro ate agora eu não vi nada... só se usaram fora daqui, mas a maioria não usa não. Mas eles pensam... e se usar droga, não quer dizer que a pessoa seja marginal não. Mas pra eles a gente somos desordeiros, somos assassinos, somos estuprador, somos bandidos. Esculhambam... E não sabem que os piores marginais são eles...

A.F. Generalizam...

L. Ai pronto, ai a mídia vai na onda... a imprensa, a própria imprensa também e culpada... porque vai na onda deles...Vai na onda do policiamento. Porque quem faz a violência no Estádio Rei Pelé dia de jogos do CRB e do Brasileiro não é a Poli... Não é a Comando Vermelho não e nem a Comando Alvi Rubro não, e nem outras torcidas...

Quem faz a violência, quem comete é a própria Polícia Militar do nosso Estado. E ela que faz a violência, não é a gente não.

A.F. Você acha que eles não estão preparados pra isso?

L. Não... Não e nem pra... (troca de lado da fita) oi, no outro jogo fica policial, policial a paisana nos outros jogos não, dos outros Estados alias, assim, no Rio de Janeiro, São Paulo, fica a polícia a paisana só pra sondar o movimento no estádio e faz um cordão de isolamento. Aqui não, eles querem aparecer... Até quando a torcida ta pulando, cantando, se der uma cotovelada neles eles começam logo a briga. Então quem começa a violência e a Polícia. Ali e um lugar do povo brincar, carnaval ali. Até quando o CRB faz o gol e que todo mundo começa a pular, o cara não pode nem pular, a Polícia já chega empurrando e metendo cassetete. Então quem faz a violência e eles, né a gente não.

A.F. Não pode comemorar...

L. Não pode nem comemorar... Em tudo que e canto e festa, menos aqui. Todo mundo brinca, o povo no Rio de Janeiro fantasia de Super\_Homem, a mulher de Mulher Maravilha, se fantasia até de diabo... Menos aqui. Aqui teve um jogo contra o Fortaleza mesmo passado. Não e do CRB não... No CRB aqui de Maceió contra o Fortaleza, a torcida levou uma plaquinha, pequenininha assim: Comando Alvi Rubro. A Polícia foi lá e quebrou. Então quem faz a violência é a Polícia Militar do nosso estado, não é a Comando. Aí quem tá de fora não vê, vê que são marginais... Agora aquela torcida azul, gay, chamada Mancha Azul, ali só tem ladrão. Eu aconselho vocês, seja de imprensa ou não, que estejam estudando pra fazer... terminar seu cursos, não vá não, fazer reportagem que vocês que vocês vão ser roubados... Vocês podem até fazer reportagem na sede deles, né? Na diretoria, mas assim numa festa deles ou no jogo só tem ladrão. Aqui você pode prestar atenção aqui na festa da Comando Vermelho aqui tem celular com câmera, tem máquina filmadora, tem tudo, ninguém aqui rouba nada de ninguém. Já nessa Mancha gay não rola isso porque cada celular bom os cara roba entre eles mesmo. Não rola. Se você puxar um celular eles roubam. Entre eles mesmo. Eu digo isso porque eu conheço componente lá da rua deles que é meu amigo, de frente comigo, que diz que lá não rola o que rola lá na Comando não, os cara tudo de celular bom. Se puxar um celular na frente os cara robam. Aí você vê como eles são. Se for lá naquela Mancha, mas aí tem perigo não.

A.F. Você tem mais alguma coisa pra ressaltar sobre a torcida... O que que e a torcida, o que e a Comando pra você?

L. A Comando, Comando pra mim e meu hobby. E meu hobby, e meu esporte, e meu esporte. Primeiramente e meu trab... primeiramente e Deus, né? Segundo e meu trab... segundo minha saúde, terceiro e minha família, quarto e meu trabalho, quinto e a minha namorada e sexto e a Comando. Meu hobby, pronto. E isso que e a Comando.

## ANEXO X –

Segunda entrevista com um dos representantes da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, X, na nova sede da TOCV, ainda em reformas / Maceió, novembro de 2007.

A.F. Como é que está o número de componentes, a questão do recadastramento que, da última vez, vocês tinham me falado?

X. Não, a gente continua fazendo o recadastramento ainda, né? Até mesmo porque a gente mudou de cede e tudo, cê tá vendo a gente ainda tá aqui em reforma... Em fase de acabamento aqui na nova sede... Que aqui vai funcionar uma lan house e um barzinho... Uma lan house, a loja e um bar que vai ser... Que a gente vai comprar os jogos do CRB da serie B... Ai quando a gente botar a lan house ai a gente vai ter os computadores a disposição da gente, onde a gente vai cadastrar o pessoal que a gente já tem cadastrado e o pessoal novato no computador.

A.F. Então não foi finalizada ainda?

X. Ainda não.

A.F. Só que agora cadastrados vocês tem quanto, você tem uma idéia?

X. Está em torno de umas 250 pessoas...

A.F. Como relação a questão de comprometimento em relação a bateria, bandeira... Qualquer pessoa pode... Quem e autorizado... ?

X. A gente temos nossa diretoria que e formada por 11 pessoas, onde cada pessoa tem sua determinada função. Aí, existe diretor de bateria, existe diretor de material, patrimônio, diretor de sede, informática, relações publica...

A.F. E a bandeira, quem e responsável pela bandeira, no caso?

X. A bandeira o responsável e o diretor de material, que no momento ele não se encontra na sede...

A.F. Então cada um tem sua função?

X. Humhum. No caso na bandeira e um diretor e são cinco ajudantes.

A.F. E na bateria, quantas pessoas são?

X. A bateria e um diretor e seis na bateria.

A.F. E, tipo assim, na falta de um, outro substitui?

X. Com certeza.

A.F. E como é essa substituição?

X. Existe um ensaio, né? Um ensaio de bateria... E no ensaio sempre tem meninos novos, que ensaiam junto com o pessoal, o diretor de bateria vê a qualidade do menino e já deixa de reserva.

A.F. Outra coisa é com relação à formação da Comando, no início, né? Você lembra que você me disse que ia passar uns documentos do início... Não precisa ser agora não... Só estou lembrando porque depois vai ser interessante pra mim... Então quem fundou, porque quem fundou a torcida...?

X. Olha, a gente tem tudo em documento, como eu já falei a você...

A.F. Você está desde o início?

X. Não, eu tenho oito anos de torcida... A torcida vai para o 15º aniversário mas ela foi fundada aqui no Stela Maris, ali na antiga *Soft Game*, que é o antigo Souza, por Delmiro, Arimateia, tem um pessoal aí...

A.F. Mas assim, além... Teve algum momento especial na época da criação, como um insight, que inspirou vocês a criarem a torcida... ?

X. Os meninos se juntaram, um grupo de pessoas resolveram fundar a torcida... No momento lá eles votaram em três, quatro nomes... Onde foi escolhido Comando Vermelho, né?

A.F. E no caso, porque Comando Vermelho?

X. É um grupo de pessoas, né? Reunidas, comandadas, material vermelho, em prol do CRB, né?

A.F. Mas assim, o nome Comando Vermelho foi por causa da cor, ou o nome representava alguma coisa para vocês?

X. Não. Na história você vai ver bem melhor...

A.F. Outra coisa... No caso dos símbolos, tipo os símbolos da bandeira, porque que os símbolos são aqueles... ? Pra mim é interessante saber....

X. No caso, nosso lema é CRB até a morte, né? Por isso que a gente usa a morte em várias bandeiras, camisas... Por isso usar a morte... Por que o lema é CRB até a morte...

A.F. E os desenhos?

X. Os desenhos, tem vários desenhos... No caso a gente usa Bob Marley, já usou Zumbi dos Palmares...

A.F. Mas na bandeira oficial é o que?

X. E o mapa de Alagoas, o mapa de Alagoas, com o escudo do CRB no meio e a morte em cima, representando que Alagoas tem dono, né?

A.F. Esses símbolos existem desde o começo ou foram criados com o tempo?

X. Ele foi aprimorando...

A.F. Mas foi sempre esse?

X. Com certeza...

A.F. O lema era esse antes com a Comando Vermelho... Porque agora é Alvi Rubro, né?

X. É o mesmo lema...

A.F. Hum...Acho que por enquanto é isso... Mais alguma coisa com relação aos símbolos.... ? Era mais ou menos o que eu queria saber, essa questão dos símbolos, da criação...

## **ANEXO XI –**

Entrevista com integrante **SJ**, de 18 anos. Sede da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, Pajuçara / Maceió, novembro de 2007.

**SJ** afirmou que se associou a TOCV em 2002 e estava há mais de um ano trabalhando na Loja de material da TOF, onde está localizada a sede da Organizada. Segundo ele, esse era um cargo de confiança, consequência de sua longa permanência no grupo e do respeito que adquiriu ali. Se filiou por “amor ao galo”, para torcer mas, principalmente, pelo fator Amizade. As amizades o incentivaram a adentrar na TOCV e, segundo ele, fortaleceram suas relações dentro do grupo.

Ele diz que no início a família era contra sua inserção no grupo, pelo que entende o senso comum sobre as torcidas, ou seja, pela relação que se faz entre Torcida e Violência. “Eu quase abri mão da Comando”, disse ele.

**SJ** afirma que a Comando o influenciou de forma positiva. “Fiquei mais homem, mais responsável, mais adulto. Minha vida é a Comando, foi aqui que eu me formei como ser humano e me transformei no que sou hoje”.

Quando questionado sobre a violência dentro das TOFs, o rapaz pondera:

“Violência existe, mas gente boa também existe. Em todo canto tem violência, veja a situação do senado! Violência não existe só na torcida não, tem no mundo todo”, finaliza.

## ANEXO XII –

Entrevista com Jornalista de um jornal alagoano, que chamaremos de N / Maceió, 26 de março de 2008.

1- Em sua opinião o que as torcidas organizadas representam para o mundo futebolístico e para a sociedade como um todo?

N - Quem acompanha futebol já há algum tempo sabe que no tempo em que as torcidas organizadas foram concebidas havia aquele espírito amador e diria até romântico de levar o seu incentivo ao clube do coração, famílias inteiras se reuniam para curtir o clube do seu coração, uniformizadas, como forma de entretenimento, ponto de encontro, lazer e proporcionavam um espetáculo à parte com os coloridos e as famosas charangas. Uma das torcidas, só para exemplificar, que se notabilizaram e viraram até letra de música foi a "Charanga do Jaime", torcida organizada do Flamengo, nos idos dos anos 60 e 70. Isso em nível nacional. Em nível local, posso citar a organizada do Zé Emílio, do CSA, e a do Waldomiro, do CRB, as duas e outras que não me recordo agora destaques dos anos 70, 80. A bandinha do Emílio existe até hoje, mas todas essas naquele clima de espetáculo. Todas em clima muito romântico, avessas à violência.

Mas dos anos 80 até hoje um fenômeno nacional explodiu a índices alarmantes, em quase todos os níveis na sociedade, e o futebol foi atingido em cheio. E esse fenômeno chegou às "organizadas modernas", repletas de jovens das classes mais pobres à média. E, infelizmente, esses mesmo jovens, boa parte deles, é claro, para não generalizar, levou esse espírito de violência para as organizadas e, podemos afirmar, sem nenhum constrangimento, que as torcidas organizadas viraram uma "boa causa" para eles tornarem as torcidas em facções, termo muito ligado a questões policiais, uma espécie de extravasamento de seus ímpetos bestiais e de uma aparente rebeldia sem causa, revolta, em quais quebrar vidraças de ônibus, brigar com torcidas rivais, apedrejar o patrimônio alheio, confronto com a polícia e até fazer uso de entorpecentes virou espécie de "lugar comum".

Mas devo reconhecer que, quando eles querem, sabem fazer festa, mas isso tem se tornado cada vez menos freqüente, infelizmente.

2- Os espetáculos esportivos seriam os mesmos sem esses grupos?

N - Acredito que hoje em dia, sim. Basta dizer que conjunto de famílias inteiras já não freqüenta mais os estádios, amedrontadas com os espetáculos de terror, patrocinados por membros das organizadas de hoje em dia.

3- O que as torcidas representam para seus integrantes?

N - Isso eles podem responder melhor que eu. Mas em alguns depoimentos que já pude acompanhar passa pela questão do que já abordei anteriormente. Extravasar revoltas na família, escola e outros meios sociais, motivos sem causa aparente, a banalização da violência, motivo para brigar, mesmo sem ter motivo algum e outros fatores que talvez um psicólogo explique melhor, ou talvez um sociólogo.

4- Qual sua visão, como profissional de imprensa, sobre o fenômeno da violência de torcidas organizadas? Essa violência é condição para as torcidas ou ela se manifesta nessa massa da mesma forma que em outros grupos que compõem a sociedade?

N- Na minha opinião, tudo isso misturado. E o mais grave: seus líderes, que normalmente são pessoas mais sensatas e de boa índole, não têm controle sobre a massa de jovens integrantes das organizadas, até porque existe o fator econômico embutido aí também. As organizadas vendem material ligado à sua marca, então acho que a preocupação com quem compra e quem entra é um caso a se pensar, pois a organizada quer lucrar, não importa como. Só sei que eles não têm controle, infelizmente.

## ANEXO XIII –

Entrevista com jornalista de um periódico de circulação no Estado, que chamaremos de O / Maceió, 20 de março de 2008.

1- Em sua opinião o que as torcidas organizadas representam para o mundo futebolístico e para a sociedade como um todo?

O - Para o mundo futebolístico, em parte representam festa, alegria, coreografia nos estádios onde vão. Mas por outro lado, ultimamente, elas têm representado medo e violência, por causa das brigas e mortes que têm causado alguns de seus componentes. Para a sociedade, representam, também, violência. Os atos de vandalismo têm sido muitos e têm preocupado e provocado medo nas pessoas, que até têm deixado de ir aos estádios.

2- Os espetáculos esportivos seriam os mesmos sem esses grupos?

O - Acho uma perda lamentável, se elas forem, realmente, extintas, porque, como falei, fazem coreografias, com bolas, fogos, sinalizadores, bandeiras, músicas, enfim... Os espetáculos iriam perder esse lado, porque os componentes das organizadas tomam a iniciativa de fazer a festa, cantar e incentivar os times.

3- O que as torcidas representam para seus integrantes?

O - Para muitos integrantes, as torcidas representam TUDO! Muitos até idolatram mais a torcida do que o próprio clube por qual torcem. É como uma religião, envolve fanatismo e paixão. Como já fiz parte de uma TO, a Mancha Azul (fui uma das fundadoras), q antes era Força Jovem, eu pude perceber isso em muitos componentes. O q acho errado, porque eles têm que colocar o clube em primeiro lugar, porque sem o clube, a torcida não tem razão de existir.

4- Qual sua visão, como profissional de imprensa, sobre o fenômeno da violência de torcidas organizadas? Essa violência é condição para as torcidas ou ela se manifesta nessa massa da mesma forma que em outros grupos que compõem a sociedade?

O - Infelizmente a violência das torcidas organizadas tem tomado espaço nos noticiários. Acho isso lamentável. Muitos se aproveitam porque estão em grupo para brigar, praticar atos de vandalismo. Na verdade essas pessoas não são torcedores, não são inimigos uns dos outros somente por causa de torcida ou clube. Na minha opinião, isso já faz parte de uma coisa q vai muito além de futebol. São gangues q já têm inimizades fora das torcidas e que praticariam violência mesmo se estivessem em outros

grupos. São galeras de bairros, gangues q podem brigar em shows, eventos q tenham muita gente. Tanto faz sentido o q eu penso q a Mancha e a CV foram extintas pelo M Público, mas a violência não acabou. Então, não é só o fato de você estar vestindo uma camisa de uma facção ou não q vai barrar a violência. Devem-se identificar os brigões, aplicar-lhe penas severas, como qualquer infrator.

## ANEXO XIV –

Entrevista com radialista de uma emissora de rádio de Maceió, que chamaremos de P / Maceió, 19 de março de 2008.

1- Em sua opinião o que as torcidas organizadas representam para o mundo futebolístico e para a sociedade como um todo?

P. Falar sobre violência em estádios de futebol é algo absolutamente novo para mim. Por isso, tenho que me reportar a fatos ocorridos não apenas em nosso país. Tive que pesquisar e buscar as respostas que eu precisava. Nunca tive uma boa relação com integrantes de torcidas organizadas. Boa relação, quando me refiro a ter amizade ou aproximação. Acho que o assunto tem algumas vertentes. A tentativa de embelezar o espetáculo futebol. Onde os integrantes dessas facções buscam ocupar um espaço diferente do torcedor sem organização que vai voluntariamente aos estádios com o intuito de torcer e admirar os seus jogadores preferidos. É da natureza do homem, conviver em sociedade. Tudo começa com um grupo de vizinhos, amigos, colegas de trabalho, etc. Vão aos estádios, torcem juntos e voltam juntos para casa. No entanto, alguns grupos se aprimoram e desenvolvem uniformes, camisas, bandeiras, papel nas cores do clube, gritos de guerra e outras coisas mais. Daí começam a apresentar algo diferente dos demais. Seguindo uma lógica natural, esses grupos passam a serem notados pela verdadeira massa e a conquistarem adeptos.

Algumas torcidas organizadas começam a criar e comercializar produtos buscando com a venda criar lastro para a manutenção dos mesmos. Afinal, nada é de graça. A aproximação dos dirigentes de clubes comprometidos com a política é algo presente. Grupos organizados são um meio de conseguir votos casados e estes tais dirigentes passam a colaborar com esses grupos.

Mas, como é gerada a violência? Naturalmente é jogo, competição Vamos nos reportar ao antigo Coliseu em Roma, onde carnificinas foram promovidas para entretenimento da população. Homens e feras se digladiando, sangue e lágrimas na arena. Lá estavam todos. Ricos e pobres. Nobreza e a plebe. Os estádios de futebol são arenas modernas. Vez por outra surgem ecos desse sentimento de confronto, vitória e derrota. Morte e vida. Por isso, considero que quando o azul e o vermelho se enfrentam, muita coisa está em jogo. O acirramento e a ira afloram. A rivalidade é o combustível. Por causa da onda de violência e dos arrastões promovidos pelas tais organizadas muitas famílias deixaram de frequentar estádios de futebol. Os gritos desafiadores, provocantes. A cólera nos gritos desafiadores e a paixão potencializada pelo álcool e pelas drogas acabam por formar uma combinação explosiva. Ou seja, do jeito que o diabo gosta. Basta um insulto, um olhar, um empurrão desprezioso e o cenário está pronto. Verdadeiras guerras já foram travadas em estádios de futebol. Basta atentar para a chamada “Tragédia de Alceu”, na Bélgica. Muitos morreram.

No Brasil, algo semelhante aconteceu. E foi em um campeonato de juniores. Torcedores de São Paulo e Palmeiras se enfrentaram, se machucaram e se mataram no Pacaembu. A TV mostrou as cenas deploráveis. Por isso, torcida organizada hoje, no meu ponto de vista, é algo assustador. Quando eles chegam qualquer homem de bem se afasta, abre alas para os “da pesada” passarem. Quando não, os de azul encontram um de vermelho

e o lincham e vice-versa. E normalmente esses confrontos geram revanche e mais violência. Daí considero que o futebol vive sem as torcidas organizadas?.

2- Os espetáculos esportivos seriam os mesmos sem esses grupos?

P. O futebol antes tinha torcedores-símbolos. Cabral, Zé Ferreira, Zé Emílio. Zé do rádio, no Recife, dona Enaura. Pedro doido. Vários. Hoje tem grupos descontrolados e que promovem e incitam a violência. Antes era melhor, menos agressivo e ameaçador. Mais ingênuo.

3- O que as torcidas representam para seus integrantes?

P. Sobre o que elas representam para seus integrantes eu posso apenas supor. Nunca fiz parte de uma torcida organizada nem penso em fazer. Imagino que para essas pessoas, as chamadas organizadas são um meio de ganhar algum dinheiro, basta ver a Mancha Verde de São Paulo. Tem sede própria, escola de samba, veículos e muitos processos no MP paulista e na justiça comum. Seus integrantes já foram presos, fichados e acusados de crimes. As de Alagoas muito menos. São hordas de seres humanos sofridos e a maioria sociopatas. Malhados pela injustiça social e pelo desdém das autoridades. Pelo que propagam, são apologistas do terror e da violência. E o pior. Não tem controle dos seus líderes. Quem pode se responsabilizar pelos atos dos outros? A venda indiscriminada de uniformes para gerar receita é um fator de descontrole desses grupos. Afinal, quem é quem?

4- Qual sua visão, como profissional de imprensa, sobre o fenômeno da violência de torcidas organizadas? Essa violência é condição para as torcidas ou ela se manifesta nessa massa da mesma forma que em outros grupos que compõem a sociedade?

P. Essas torcidas organizadas são extensões das galeras de bairros, pessoas que fazem a guerra por nada. Se alimentam da imposição pela força e pelo temor. São meios de afirmação social. Qual a diferença entre os *Hooligans* ingleses? Os *Skinheads* alemães? Os *Punks*, os *Heavy metals*, Os grupos de motoqueiros americanos? Os Verdes, azuis, encarnados, coloridos? Uns mais violentos, claro. Outros menos. Mas todos são filhos do mesmo pai e da mesma mãe. A violência e intolerância.

## ANEXO XV –

Entrevista com ex-integrante da Inferno Coral, torcida que representa a equipe do Santa Cruz, do Recife – de 39 anos - / Maceió, 07 de abril de 2008. O chamaremos de Q.

A.F. Você fez parte da fundação da Inferno Coral, fale um pouco sobre isso.

Q. Na década de 80 existiam a Santa Amante, Santa Amor, Santa Pantera e a Força Jovem. A rivalidade era grande entre a Força Jovem, das classes populares e a Santa Amante, da classe média. Não existia violência. Em Pernambuco de 80 praticamente não existia rivalidade. Existiam também a Bafo de Leão, Esporte Mania e a Torcida Jovem.

A força jovem existiu de 82 a 89. Em 89 tive que sair da Santa Amante, pois passei dois anos no exército. Nesse período a Santa Amante se extinguiu e foi refundada em 90. Eu fui convidado para refundar a torcida.

A.F. Com quantos anos você entrou na Torcida?

Q. Entrei com 14 anos. Entre 90 e 92 houve a fusão da Santa Amante com a Santa Amor e a Guerrilheiros Tricolor, que hoje é a Inferno Coral. Na época, a Santa Amante era oposição a direção do clube e a Força Jovem era de situação.

A.F. Mas porque a fusão?

Q. Pra criar uma torcida mais forte, unir forças. A Inferno Coral tem influências do Sul do País. O Símbolo é uma cobra coral usando boné com duas pistolas atirando.

A.F. E o que aconteceu depois?

Q. Um ano depois sai da Torcida.

A.F. Por quê?

Q. A filosofia mudou, era disputa de poder. O pessoal nem via o jogo mais. Naquela época eu estava desempregado e estudava no interior. Era muita briga, muita confusão, então saía pra torcer de forma individual, viajava só.

As torcidas mudaram. A sociedade tornou-se mais violenta. A Violência no Futebol é concomitante com o processo de violência da sociedade, tráfico e crime organizado.

Eu me sentia constrangido na torcida.

Em dez anos de Força Jovem e Santa Amante nunca vi ninguém fumar maconha. Eu jamais colocaria meu filho em uma Torcida Organizada. São gangues e se comportam como tal. Vi a Força Jovem e a Inferno Coral cantando canções militares.

A.F. O que isso quer dizer, na sua opinião?

Q. Na minha opinião é reflexo do processo de militarização. Eles andam em colunas duplas como um agrupamento militar realmente. Na minha opinião, é a presença do crime organizado. Não adianta extinguir, não resolve. Tem que fazer trabalho de investigação pra extinguir. No caso dos *Hooligans*, a violência acabou com a implantação de câmeras nos estádios. Levantando as fichas das pessoas. Muitos se apóiam na certeza da impunidade.

A.F. O que representa a Torcida Organizada, na sua opinião?

Q. A Torcida Organizada é importante para o clube. Puxa as canções e animam os estádios. Mas muitas não são torcidas, são gangues e têm que ser afastadas. Tem que ter trabalho, judicial, policial e social.

A.F. Existe também a questão das alianças...

Q. As aliadas se correspondem como acontece com o crime organizado. Alguns símbolos de torcidas fazem referencia a elementos criminosos. Eu lembro de um personagem de quadrinhos, o Mancha Negra, que influenciou nas torcidas que se chamam Mancha. Tem a Máfia Azul, do Cruzeiro.

Tem Inferno Coral, Gangue da Ilha, Comando Vermelho, Mancha Azul por exemplo.

As torcidas não eram violentas. Na década de 90 elas florescem quase que análogas ao crime organizado.

A.F. Tem também o nome da Comando Vermelho, não é?

Q. O Comando Vermelho é dissidência da Falange Vermelha, da década de 70. No final de 70 e inicio de 80 ocorre a derrocada da Falange Vermelha que retorna como Comando Vermelho. Como tem também o Terceiro Comando e o PCC em São Paulo.

A.F. Comente o evento em que você foi agredido por torcedores.

Q. Foi em Pernambuco no ano 2000, no jogo entre Santa Cruz e Sport, último jogo do terceiro turno. O Sport já tinha ganho o turno. Não tinha praticamente torcida do Santa Cruz. Eu estava com mais cinco colegas. Quando saímos do estádio não havia policiamento. A provocação era grande. Quando estávamos subindo a ponte ... Eles começaram a nos assaltar. Eu me desvencilhei, mas levei uma pancada e meu dente necrosou, mas eu consegui escapar, diferentemente dos colegas...

A.F. O que é Torcida Organizada..?.

Q. Ela representa amor ao Clube mas é um braço do Crime Organizado. Antigamente era composta por estudantes, a maioria era de estudantes, que iam pra torcer e se divertir. Mas como está hoje é reflexo da sociedade e a impunidade incentiva.

## **ANEXO XVI –**

Pesquisa de campo durante a partida entre CRB x Santo André, no estádio Rei Pelé / Maceió, 25 de agosto de 2007.

**CRB (AL) 1 x 2 Santo André (SP)**

**Campeonato Brasileiro série B – 20ª rodada**

**Local: Estádio Rei Pelé (Maceió)**

**Data: 25 de agosto de 2007**

**Renda: R\$ 85.605.00 / Público: 14.986.00 torcedores (com 12. 194 pagantes)**

**CRB (AL) 2 x 2 Santa Cruz (PE)**

**Campeonato Brasileiro série B, 22ª rodada**

**Local: Estádio Rei Pelé (Maceió)**

**Data: 01 de setembro de 2007 – Sábado às 16 horas**

**Renda: R\$ 92. 784. 00 Público: 16.771 torcedores ( com 13. 976 pagantes) / Placar: 2 x 2**

**Comentário 1.** Logo na chegada ao estádio, cerca de 40 minutos antes do início da partida, nos deparamos com a reclamação do motorista de uma Rádio que lá estava para a transmissão do jogo, de que havia sido atingido com uma pedra por um dos torcedores da Equipe adversária do dia, no caso o Santa Cruz. Agressão era visível, uma vez que fez um corte superficial na testa do motorista. O que se percebia era a revolta da vítima ao se perguntar por que tanta violência gratuita, uma vez que sequer o jogo havia começado. Revoltado com a cena o repórter da mesma rádio fez um relato do acontecido no ar e demonstrou toda a sua indignação com um discurso bastante parcial a favor da total eliminação jurídica das Torcidas organizadas de Futebol. “Isso não pode mais acontecer. A polícia é insuficiente no local. Se não houver mais policiamento, um policiamento reforçado, vai haver mais confusão com certeza. Faço um apelo para o reforço do policiamento. É por isso que sou contra a existência dessas torcidas organizadas. Não concordo com a atuação dessas torcidas nos estádios”, reforçou o radialista, no momento da transmissão da 22ª rodada do Campeonato Brasileiro, série B.

**Comentário 2.** Durante toda a partida estivemos na arquibancada, local onde se concentrava a Torcida Organizada Comando Alvirrubro. O estádio estava lotado. As duas torcidas com locais reservados, tanto a do CRB, como a do time do Santa Cruz, Inferno Coral. Como pudemos perceber, a separação geográfica houvera por fazer efeito contrário, ao invés de acalmar os ânimos dos torcedores, esquentava ainda mais a disputa. As provocações, os xingamentos eram constantes. Os gritos de guerra, as músicas pareciam estar sendo cantadas quase que exclusivamente para provocar o

torcedor adversário. Não bastasse a tradicional rivalidade regional existente entre os times, percebia-se claramente a existência de torcedores da torcida rival do CRB, a Mancha Azul, do CSA. “Aliada” à Inferno Coral, assemelhava-se ao confronto entre CSA x CRB, do que o já citado. Com tantas agressões verbais de ambos os lados e um ambiente favorável ao embate corporal, difícil seria controlar essa massa. Até então o placar era de 1 x 0 para o time do Santa Cruz. Quando a equipe do CRB empatou e depois virou o jogo, os ânimos se alteravam ainda mais. Em meio à euforia das torcidas e tamanha rivalidade, parecia que seria impossível evitar um confronto. O estado era de iminente conflito. A nossa sensação era de que a qualquer momento haveria invasão por parte da torcida Inferno Coral na arquibancada reservada para a Comandante Alvi Rubro. E foi o que aconteceu. Como fazendo parte da torcida do CRB, estivemos bem perto de algumas brigas e das confusões. Não foi uma nem duas, foram vários os momentos de conflitos em que a Polícia Militar teve que atuar. E foram várias as vezes também em que nos sentimos inseguras e achamos que seríamos atingidas por pedras, que eram jogadas, ou pelos arrastões que por vezes acontecia. Foram momentos de forte angústia. Era uma mistura explosiva de contentamento, emoção, entusiasmo e medo constantes, o que nos fez sentir que naquele ambiente existia muito mais do que rivalidade e vontade de vencer, vários outros elementos deveriam ser considerados para a análise de tal fenômeno.

## **ANEXO XVII –**

Pesquisa de campo durante a partida entre CRB x Grêmio Barueri, no estádio Rei Pelé / Maceió, 24 de novembro de 2007.

**Dia 24 de novembro de 2007**

**CRB (AL) 4 x 1 Grêmio Barueri (SP)**

**Campeonato Brasileiro - Série B - 38ª Rodada**

**Local: Estádio Rei Pelé (Maceió)**

**Árbitro: Rogério Lima Rocha (SE)**

**Assistentes: Alan Farias da Silva (SE) e Renisson Nunes Farias (SE)**

**Renda: Público:**

**Cartões Amarelos: Rafael Tavares, Paulão (Barueri)**

A intenção era a de acompanharmos a torcida Comando Alvi Rubro desde sua concentração até a chegada ao Estádio. Era última rodada do Campeonato Brasileiro da Série B. Porém o ocorrido não foi bem o que esperávamos e a Torcida não foi ao estádio de forma organizada, ou seja, foi “cada um por si”. Sendo assim, nós, que já havíamos encontrado um dos integrantes e a pessoa mais próxima dentro da Comando, fomos juntos num carro de uma colega seu. Ao chegarmos nos arredores do Estádio, enquanto ele havia ido negociar alguns ingressos, presenciávamos uma grande multidão de torcedores correndo atrás de alguns azulinos. Não sabíamos quantos. Só notamos as vozes “pega os Mancha”.

Mas pra falar a verdade essa foi a única confusão presenciada por nós naquele dia. Dentro do estádio era só festa. A grande aglomeração de torcedores que lá estavam encarregara-se de fazer uma grande festa, uma vez que aquela era a última partida do campeonato e, diferentemente de outros anos, o CRB não dependia mais de nenhum resultado, estava com sua permanência garantida na 2ª divisão do Brasileirão. Durante quase todo o tempo ficamos entre os torcedores, que faziam muita festa com seus cânticos, quase todos eles referindo-se à torcida adversária com desprezo e xingamentos.

Durante toda a “cantoria” era veementemente atingida a masculinidade do torcedor adversário, como podemos notar nas canções que apresentaremos no texto. É uma forma de inferiorizar e fragilizar o adversário. A alegria e descontração da torcida foi o que mais nos marcou. Pudemos constatar também pessoas, aparentemente de todos os estratos sociais, unidas e num mesmo espaço. O que pode denotar a idéia de heterogeneidade na formação daquela massa. A presença de mulheres é outro aspecto importante.

Certamente não chega ao grande número de integrantes do sexo masculino, porém, a quantidade de mulheres que compunha aquela multidão era significativa. Elas também cantavam e gritavam as mesmas letras proferidas pelos homens.

Trasporte – Neste dia o bandeirão não foi aberto, sequer foi ao estádio. Mas uma bandeira menor esteve presente. A bateria, composta por 4 membros, animava os que ali estavam. O clima era de festa, de confraternização. O time jogava bem e vencia por 4 x 1.

O retorno pra casa normalmente é conflituoso. Não só pela torcida, mas por muitos que esperam o final das partidas para cometerem delitos, como roubos. Como o que presenciamos. Uma corrente de um rapaz foi arrancada de seu pescoço por uma pessoa que, logo depois, correu e acabou entrando na Sede do Corpo de Bombeiros.

## **ANEXO XVIII –**

Matéria veiculada pela imprensa:

### **Torcidas querem paz nos jogos de amanhã**

**Reunião envolvendo torcedores rivais foi cercada de cordialidade e conscientização de que a paz é necessária** – 14 de fevereiro de 2008. [www.esportealagoano.com.br](http://www.esportealagoano.com.br)

Clima de respeito e paz. Assim transcorreu a reunião envolvendo membros das torcidas de CSA e CRB, dirigentes do CSA, CRB e Coruripe, representantes da FAF e da Polícia Militar para definir detalhes relativos a segurança para os jogos de amanhã no Estádio Severiano Gomes Filho (Pajuçara) e no Nelson Peixoto Feijó (Serraria).

Segundo o Tenente Coronel da Polícia Militar Marcos Correia - Sub Comandante do Comando do Policiamento da Capital - informou que haverá uma atenção reforçada na Pajuçara. "Estaremos atentos. Esperamos um comportamento de seres humanos. A PM estará para ofertar a segurança. Mas afirmo que se houver a necessidade tomaremos medidas repressivas", afirmou o oficial militar.

O policiamento será reforçado com 45 homens a pé, dez conjuntos da cavalaria e ainda mais uma considerável quantidade de viaturas. Os integrantes da Torcida Comando Alvirubro citaram a preocupação com a sede da torcida que fica na mesma rua de acesso ao Estádio Severiano Gomes Filho. "Pedimos ao Policiamento um reforço em frente da nossa sede para evitar danos do nosso patrimônio", afirmou João Gordo.

Já os integrantes da torcida do CSA informaram que mesmo contrário ao fato do CSA jogar no campo do CRB, buscaram conscientizar os membros da torcida que não deverá haver nenhum tipo de confronto ou de depredação do patrimônio do CRB. Segundo Otávio Costa, integrante da torcida azulina, é necessário cuidar do patrimônio do CRB como se fosse o próprio patrimônio do CSA. "Alertamos que se houver qualquer problema, só o CSA será prejudicado", afirmou.

Os presidentes de CSA e CRB ressaltaram que os dois clubes são rivais fora de campo, mas parceiros dentro de campo." O CRB tem sido um importante parceiro do CSA no futebol de Alagoas e qualquer problemas que gerarmos no campo do CRB teremos que arcar com os prejuízos", afirmou Ricardo Coelho, presidente do CSA.

## **ANEXO XIX –**

Matéria veiculada pela imprensa:

### **PM invade sede da Comando em busca de arma – 12 de fevereiro de 2008**

**Torcida nega versão da PM e diz que integrantes foram agredidos dentro da sede, objetos foram destruídos e celulares foram levados. [WWW.alagoas24horas.com.br](http://WWW.alagoas24horas.com.br)**

Quem esperava uma guerra entre as torcidas organizadas de CSA e CRB pelo fato do CSA estar jogando no campo do CRB viu um jogo sem "guerra campal" prometida entre as duas torcidas. Apenas dois fatos foram registrados antes, durante e depois da partida. No primeiro deles, alguns azulinos tentaram invadir a sede da Torcida Comando Alvirubro. No entanto, a diretoria do Torcida Mancha Azul e a ação da Rádio Patrulha evitaram a invasão.

O outro problema ocorrido aconteceu durante a partida. Integrantes do Batalhão de Operações Especiais foram até a sede da torcida Comando Alvirubro investigar uma denúncia de que dois tiros foram disparados da sede da torcida regatiana em direção as arquibancadas onde estavam localizados torcedores do CSA. Por sua vez, alguns torcedores do CSA que estavam na arquibancada do "Melaço" promoveram uma chuva de pedras em direção a sede da torcida comando alvirubro.

Com a suspeita dos tiros, o BOPE invadiu a sede da torcida e deteve pelo menos oito torcedores do CRB, entre eles, uma mulher. Todos estavam sem camisa de identificação da torcida, mas dois estavam com uma bermuda da Torcida Comando Alvirubro. Após a invasão da sede, a BOPE não conseguiu encontrar a suposta arma.

Os integrantes da Torcida Comando Alvirubro contestaram a versão da PM. Segundo eles, cerca de oito integrantes da CV estavam dentro da sede, quando integrantes da PM invadiram o local, pularam o muro e arrebentaram o portão de entrada. Procurando uma suposta arma, os policiais reviraram cômodos da casa, destruíram equipamentos musicais, agrediram integrantes da torcida e até teriam levado aparelhos celulares que pertenciam aos torcedores presos. A direção da Torcida Comando Alvirubro demonstrou insatisfação com a invasão, com as agressões e principalmente com a destruição de parte da sede.

A PM nega a versão da torcida e afirma que a invasão se deu em busca da arma que teria sido usada para disparar dois tiros contra a arquibancada onde estavam localizados torcedores do CSA.

## **ANEXO XX -**

Matéria veiculada pela imprensa:

**Promotor quer medidas mais duras contra torcidas 23h06, 19 de março de 2008 - [www.alagoas24horas.com.br](http://www.alagoas24horas.com.br)**

Para tentar apaziguar os ânimos entre as torcidas organizadas, o Ministério Público de São Paulo recorreu, mais uma vez, à proibição da entrada de sócios das agremiações nos estádios paulistas, desde que caracterizados.

O promotor Paulo Castilho admite que a falta de legislação não permite ações mais drásticas. “Faço o possível, mas várias coisas não são atribuição minha. Não aprovo nem sanciono lei”.

O promotor se refere, principalmente, ao anteprojeto de lei enviado ao Executivo em novembro do ano passado, que prevê a tipificação penal de uma série de delitos ligados a eventos esportivos. O texto foi enviado ao Ministério do Esporte, recebeu parecer favorável, e aguarda análise do ministro da Justiça, Tarso Genro.

Além disso, MP e Federação Paulista têm dificuldade na conclusão do processo de cadastramento dos torcedores das organizadas. O Ministério do Esporte já liberou verba de R\$ 1,5 milhão para a compra de equipamentos, mas a dificuldade está no cruzamento de dados dos cadastrados com as informações da Polícia Civil. Para a conclusão do trabalho, as entidades esperam uma resposta da Secretaria Estadual de Segurança Pública.

Fonte: Agência Estado

## **ANEXO XXI –**

Matéria veiculada pela imprensa:

### **Vândalos apedrejam coletivos após jogo do CRB**

01h35, 23 de julho de 2008

**Da Redação** [www.alagoas24horas.com.br](http://www.alagoas24horas.com.br)

Mais uma derrota do CRB no Campeonato Brasileiro da Série B e mais prejuízos para os donos de empresas de ônibus em Maceió. Enquanto as autoridades não tomarem medidas mais drásticas contra os vândalos, casos dessa natureza vão continuar acontecendo em Maceió.

Na noite desta terça-feira, 22, mais dois coletivos foram apedrejados em Maceió. O ônibus da empresa Piedade, placa MUM 4245, que faz a linha Benedito Bentes/Centro, teve portas e janelas quebradas pelos vândalos, que supostamente seriam integrantes da torcida organizada do CRB. O fato aconteceu em frente à garagem da empresa Piedade, no Tabuleiro.

Segundo o motorista, Edmilson Dos Santos Lima, 52, foi uma bagunça muito grande. "Pessoas que estavam do lado de fora começaram a jogar pedras dentro do ônibus. Os de dentro responderam também, o ônibus estava cheio e uma passageira ainda saiu ferida", afirmou. A passageira ferida foi levada para o minipronto-socorro do Tabuleiro.

O outro ônibus foi o da empresa Cidade de Maceió, que faz linha Forene/Trapiche, também apedrejado por integrantes das duas torcidas organizadas. O ônibus de placa MUG 5844 teve o teto quebrado e a porta traseira danificada. Os dois casos foram levados para a Deplan II e ninguém foi preso.

Toda qualquer ação violenta deve ser reprimida nos ditames da lei, sem excessos mas com severidade. **ABAIXO A IMPUNIDADE.**

**Comentário 1 - 23/07/2008 10h55**

Há enganos tanto na matéria como nos comentários, tive o desprazer de presenciar a ação em pauta e não havia nada que identificasse integrantes de nenhuma torcida. Foram gestos gratuitos de vândalos mesmo sem motivação nenhuma. Eram adolescentes descontrolados e incentivados pelo despolicimento e pela impunidade.

**Comentário 2- 23/07/2008 10h50.**